

O FENÓMENO YOUNG ADULT DO MOMENTO

REBECCA ROSS

NENHUM
DEUS.

NENHUMA
AMEAÇA.

NADA OS
PODERÁ SEPARAR

RIVALS
DIVINOS

SECRET
SOCIETY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O FENÔMENO YOUNG ADULT DO MOMENTO
REBECCA ROSS

NENHUM
DEUS.

NENHUMA
AMEAÇA.

NADA OS
PODERÁ SEPARAR

RIVAIS
DIVINOS

SECRET
SOCIETY

REBECCA ROSS

A black and white illustration of a young man and woman. The woman, in the foreground, has dark hair in a braid and freckles, looking slightly to the side while holding a letter. The man, behind her, is looking forward and holding another letter. The background is dark with scattered stars.

RIVAIS
DIVINOS

SECRET
SOCIETY

ÍNDICE

Rivais Divinos

A Borboleta deste livro

Trigger warnings

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo

PARTE UM

Cartas que Chegam Pelo Roupeiro

1 Inimigos Figadais

2 Palavras para Forest

3 Mitos Desaparecidos

4 Revelações do Caixote do Lixo

5 Pena

6 Jantar com Quem se Ama (ou Não)

7 Celestiais *versus* Subterrâneos

8 Uma Sandes com Uma Alma Antiga

9 Uma Peça de Armadura

10 Esquadra Nove

11 A Grande Divisão

12 Uma Sombra a Pairar

13 Uma Vantagem Injusta

14 Adeus aos Fantasmas

PARTE DOIS

Notícias de Terras Longínquas

15 A Terceira Alouette

- 16 Attie
- 17 Três Sirenes
- 18 Um Tiro no Escuro
- 19 Palavras de Saudade
- 20 Música Subterrânea
- 21 Cavaleiro Errante ou Renegado
- 22 Iridescência
- 23 Champanhe e Sangue
- 24 Instrumentos Perigosos
- 25 Colisão
- 26 Ofuscar
- 27 Sete Minutos de Atraso
- 28 Um Rival Divino

PARTE TRÊS

As Palavras Subentendidas

- 29 O Pelotão Plátano
- 30 Notas das Trincheiras
- 31 Vento Ocidental
- 32 Fumo nos Olhos de Iris
- 33 A Neve na Mochila de Kitt
- 34 C.
- 35 A Colina que Quase Venceu Iris
- 36 No Jardim
- 37 O Crime da Alegria
- 38 A Véspera do Dia de Enva
- 39 Votos Trocados na Escuridão
- 40 Acordar Noutro Mundo
- 41 A Tua Mão na Minha
- 42 Tudo Aquilo que Nunca Disse

Epílogo: Dacre

Agradecimentos

Nota editorial

Os Seekers que trabalharam neste livro

Seek the butterfly

O que é a Secret Society?

Sobre este livro

Sobre a autora

Butterfly^{en}
'bʌtəflaɪ



Catocala fraxin

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Alcoolismo

Conteúdo sexual

Guerra

Hospitais

Luto

Morte e perda

Trauma

Violência



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: abril de 2024

RIVAIS DIVINOS

Título original: *Divine Rivals*

© 2023, Rebecca Ross LLC

Publicado por Wednesday Books,
uma chancela de St. Martin's Publishing Group, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Secret Society é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º andar, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Rodrigo Manhita

Coordenação Editorial: Inês Martins

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Manuela Duarte

Adaptação de capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Design da capa: © HarperCollinsPublishers Ltd 2023

Ilustração da capa: © Kelley McMorris / Shannon Associates

ISBN: 978-989-787-959-3

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Seek the butterfly: seekthebutterfly.pt

Instagram: [boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)

Instagram: [@secretssocietypt](https://www.instagram.com/secretssocietypt)

Dedicado a Isabel Ibañez, que leu este livro enquanto eu o escrevia, que me convenceu a acrescentar o ponto de vista do Roman e que, de vez em quando, fecha os olhos a algumas coisas que faço.

P.S. Estou a falar do capítulo 34.

*Escreve-me palavras que falem de amor e esperança; e de
corações que resistiram.*

EMILY DICKINSON



PRÓLOGO

Um nevoeiro gélido abatera-se sobre a estação de comboios como uma mortalha, e Iris Winnow pensou que as condições atmosféricas não podiam ser mais adequadas. Mal distinguia o comboio através da bruma, mas sentia-lhe o sabor no ar da noite: metal, fumo e carvão em brasa, tudo rematado com um toque a terra molhada. Sentiu a plataforma de madeira escorregadia sob os seus sapatos, refulgente com as poças de água da chuva e pilhas de folhas em decomposição.

Quando Forest parou ao seu lado, ela parou também, como se fosse o seu reflexo plasmado num espelho. Os dois passavam muitas vezes por gémeos, com os seus olhos cor de avelã, o cabelo castanho ondulado e os narizes salpicados de sardas. Contudo, Forest era alto, Iris era baixa. Ele era cinco anos mais velho, e pela primeira vez na vida, Iris desejou suplantá-lo em idade.

— Não vou estar fora durante muito tempo — disse ele. — Só uns meses, acho eu.

O irmão olhou para ela na luz que se desvanecia, à espera da reação de Iris. O dia estava a chegar ao fim, àquele momento entre a luz e as trevas em que as constelações começam a surgir no céu e as ruas se iluminam em resposta. Iris conseguia sentir a atração — o olhar preocupado de Forest e a luz dourada que iluminava as nuvens baixas — e, no entanto, os seus olhos vagueavam, desesperados em busca de uma distração; de um instante que lhe permitisse piscar os olhos e afastar as lágrimas antes de Forest reparar que estava a chorar.

Havia uma jovem, com a farda perfeitamente engomada, à sua direita. Iris foi invadida por uma ideia insana. Uma ideia que terá transparecido no seu rosto, porque Forest pigarreou.

— Eu devia ir contigo — disse ela, fixando o seu olhar. — Ainda vou a tempo de me alistar...

— Não, Iris — respondeu Forest, perentório. — Fizeste-me duas promessas, lembras-te?

Duas promessas, feitas há pouco mais de um dia. Iris franziu o sobrolho.

— Como querias que me esquecesse?

— Então, repete.

Ela cruzou os braços ao frio do outono e à estranha cadência da voz de Forest. Havia um indício de desespero que ela ainda não tinha ouvido e que lhe arrepiou os braços, debaixo da camisola fina.

— *Tomar conta da mãe* — disse ela, imitando o seu tom de barítono, o que o fez sorrir. — *Ir às aulas*.

— Acho que foi mais do que um seco «ir às aulas» — corrigiu Forest, dando-lhe um pequeno pontapé —, sua académica brilhante que nunca faltou um dia. Dão prémios por isso, sabias?

— Pronto, está bem — concedeu ela, já corada. — Disseste: «Promete-me que vais desfrutar do teu último ano escolar, que eu volto a tempo para a tua formatura.»

— Isso mesmo — disse Forest, mas o sorriso começava a desvanecer-se.

Ele não sabia quando voltaria. Era uma promessa que ele próprio não poderia cumprir, embora continuasse a tentar convencê-la de que a guerra terminaria dali a poucos meses. Uma guerra que mal tinha começado.

E se tivesse sido eu a ouvir a canção? pensou Iris, com o coração tão pesado que parecia fazer-lhe mozza nas costelas. *Se tivesse sido eu a encontrar a deusa e não ele... será que ele me deixaria ir?*

O seu olhar fixou-se no peito de Forest; no lugar onde o seu coração batia por baixo da farda verde-azeitona. Uma bala poderia perfurá-lo numa fração de segundos. Uma bala poderia impedi-lo de voltar para casa.

— Forest, eu...

A frase foi interrompida por um silvo estridente que a fez saltar. Era a última chamada para o embarque, e de repente todos se precipitaram para as portas das carruagens do comboio. Iris voltou a sentir um calafrio.

— Toma — disse Forest, pousando a sua mochila de couro. — Fica com isto.

Iris observou o irmão a abrir o fecho e a tirar a gabardina acobreada. Estendeu-lha, arqueando o sobrolho quando ela se limitou a encará-la.

— Mas tu vais precisar dela — argumentou.

— Eles vão dar-me uma — contrapôs. — Algo apropriado para a

guerra. Vá, aceita, minha Pequena Flor.

Iris engoliu em seco e aceitou a gabardina. Enfiou os braços nas mangas e atou o tecido gasto à cintura. Ficava-lhe a nadar, mas era reconfortante. Parecia uma armadura. Ela suspirou.

— Esta gabardina cheira a relojoaria — disse ela. Forest riu-se.

— E a que cheira ao certo uma relojoaria?

— A relógios empoeirados com meia corda, a óleos caros e àqueles instrumentos de metal minúsculos que os relojoeiros usam para reparar as peças partidas. — Mas não era só isso. A gabardina também cheirava ao Revel Diner, onde ela e Forest jantavam pelo menos duas vezes por semana enquanto a mãe servia às mesas. Cheirava ao parque junto ao rio, a musgo, a pedras húmidas e a longas caminhadas, e também ao aftershave de sândalo de Forest, porque, por mais que ele quisesse, não conseguia deixar crescer a barba.

— Então, vai fazer-te companhia — disse ele, colocando a mochila ao ombro. — E agora podes ficar com o roupeiro só para ti.

Embora ciente de que ele estava apenas a tentar aligeirar o ambiente, Iris sentiu um aperto no estômago ao pensar no pequeno guarda-roupa que partilhavam no apartamento. Como se ela alguma vez fosse capaz de tirar de lá as roupas dele na sua ausência.

— Tenho a certeza de que vou precisar dos cabides extra, uma vez que, como tu bem sabes, estou sempre em cima das últimas tendências da moda — retorquiu Iris, na esperança de que ele não detetasse a tristeza na sua voz.

Ele limitou-se a sorrir.

Era chegada a hora. A plataforma estava quase despida de soldados e o comboio sibilava na escuridão. Iris tinha um nó na garganta; mordeu o interior da bochecha quando Forest lhe deu um último abraço. Fechou os olhos ao sentir o tecido da farda de linho a arranhar-lhe a cara e reprimiu as palavras que queria dizer: *Como podes amar esta deusa mais do que a mim? Como podes deixar-me assim?*

A mãe já tinha expressado tais sentimentos, zangada e transtornada como ficou quando soube que Forest se tinha alistado. Aster Winnow recusara ir despedir-se do filho na estação. Iris imaginou-a em casa, a chorar enquanto o sentimento de negação se ia desvanecendo.

O comboio começou a andar, avançando lentamente pelos carris.

Forest soltou-se dos braços de Iris.

— Escreve-me — sussurrou ela.

— Prometo.

Recuou alguns passos, sem desviar o olhar do dela. Não havia medo nos seus olhos. Apenas uma determinação sombria e febril. Foi então que Forest se virou e correu para embarcar no comboio.

Iris seguiu-o até ele desaparecer na carruagem mais próxima. Levantou a mão e acenou, mesmo com a visão turva pelas lágrimas, e deixou-se ficar na plataforma até muito depois de o comboio ter desaparecido no nevoeiro. Tinha os sapatos encharcados pela água da chuva. As luzes dos candeeiros bruxuleavam por cima da sua cabeça, zumbindo como vespas. A multidão tinha-se dispersado, e Iris sentiu-se vazia — *sozinha* — enquanto caminhava para casa.

Enfiou as mãos frias nos bolsos do casaco e palpou um papel amarrotado. Franziu o sobrolho, certa de que se tratava de um papel de rebuçado esquecido por Forest, até que o tirou para fora e examinou à luz ténue.

Era um pedaço de papel, mal dobrado, com uma fileira de palavras datilografadas. Iris não conseguiu deixar de sorrir, mesmo com o coração partido. Leu:

Caso não saibas... és de longe a melhor irmã que já tive.
Estou muito orgulhoso de ti.

Não tarda estarei de volta, minha Pequena Flor.

PARTE I

CARTAS
QUE CHEGAM
PELO
ROUPEIRO

INIMIGOS FIGADAIS

CINCO MESES DEPOIS

Iris corria debaixo de chuva com um salto alto partido e uma gabardina esfarrapada. A esperança batia-lhe selvaticamente no peito, conferindo-lhe velocidade e sorte na sua travessia dos carris do eléctrico no centro da cidade. Há semanas que esperava por este dia e sabia que estava pronta. Apesar de estar encharcada, a coxear e cheia de fome.

A primeira pontada de inquietação surgiu quando chegou ao átrio. Era um edifício antigo, construído antes de os deuses serem derrotados. Algumas dessas divindades mortas estavam pintadas no teto e, apesar das fendas e da luz fraca dos candelabros baixos, Iris olhava sempre para elas quando ali passava. Deuses e deusas que dançavam por entre as nuvens, vestidos com longas túnicas douradas, com estrelas a refulgir nos seus cabelos, os olhares a varrer o chão. Por vezes, parecia que aqueles olhos pintados a observavam. Iris estremeceu com um arrepio. Descalçou o sapato direito sem salto e dirigiu-se para o elevador com uma passada hesitante. Esqueceu rapidamente os deuses quando pensou *nele*. Talvez a chuva também tivesse abrandado Roman, e ela ainda tivesse uma hipótese.

Ficou um minuto à espera. O maldito elevador devia estar preso, por isso decidiu ir pelas escadas, subindo apressadamente até ao quinto andar. Estava a tremer e a transpirar quando finalmente atravessou as pesadas portas do *Oath Gazette*, sendo saudada por uma luz amarela, pelo cheiro a chá forte e pela roda-viva matinal da redacção do jornal.

Estava quatro minutos atrasada.

Iris parou no meio da azáfama, com o olhar fixo na secretária de Roman.

Estava vazia. Regozijou-se até olhar para o quadro de tarefas, onde o descobriu à sua espera. Assim que os olhares se cruzaram, ele lançou-lhe um sorriso lânguido e estendeu a mão para o quadro, de onde arrancou um pedaço de papel preso por um pionês.

O último trabalho por atribuir.

Iris não se mexeu, nem mesmo quando Roman Kitt contornou os

cubículos para a cumprimentar. Ele era alto e ágil, com maçãs do rosto cinzeladas, e acenou com o pedaço de papel no ar, fora do alcance dela. O pedaço de papel que ela tanto queria.

— Chegaste atrasada outra vez, Winnow — atirou-lhe. — É a segunda vez esta semana.

— Não sabia que estavas atento aos meus horários, Kitt.

O sorriso dele desfez-se quando o olhar desceu para as mãos dela, que seguravam o sapato partido.

— Parece que tiveste um problema desta vez.

— Nada disso — respondeu ela, com o queixo empinado. — Foi de propósito.

— Teres partido o salto do sapato?

— Para ficares com último trabalho.

— Estás a dar-me uma abébia? — disse ele, arqueando uma sobrancelha. — Quem diria? Pensava que a ideia era estarmos num duelo até à morte.

— Aí está uma frase hiperbólica, Kitt. — Ela resfolegou. — Como aquelas que usas e abusas nos teus artigos. Devias ter cuidado com essa tua tendência, se chegares a ser colunista.

Uma mentira. Iris raramente lia o que ele escrevia. Mas ele não sabia disso.

Roman afilou o olhar.

— Vês alguma *hipérbole* no facto de haver soldados desaparecidos na frente?

Iris sentiu um aperto no estômago, mas escondeu a reação com um ligeiro sorriso.

— É esse o tema da última peça? Obrigada pela dica.

Virou costas e começou a contornar os cubículos até chegar à sua secretária.

— Pouco importa que saibas qual é o tema — disse-lhe ele, seguindo no seu encalço. — Fui eu que fiquei com a peça.

Ela chegou à secretária e acendeu o candeeiro.

— Claro, Kitt. — Ele não arredou pé. Manteve-se junto ao cubículo dela, enquanto ela pousava o saco de pano e o salto alto danificado como se fosse uma medalha de honra. Ela despiu a gabardina. Roman raramente a observava com tanta atenção, e Iris derrubou a lata dos lápis. — Posso ajudar-te com alguma coisa? — perguntou ela,

tentando impedir que os lápis resvassem da secretária. Claro que um deles caiu e foi parar mesmo à frente dos sapatos de pele de Roman. Ele não se deu ao trabalho de lhe pegar, e ela conteve um impropério quando se baixou para o apanhar, reparando no brilho dos sapatos dele.

— Vais escrever um artigo sobre soldados desaparecidos — constatou ele. — Mesmo que não tenhas todas as informações sobre a peça.

— E isso preocupa-te, Kitt?

— Não. Claro que não.

Ela observou-lhe atentamente o rosto. Assentou a lata com os lápis ao fundo da secretária, onde não corria o risco de voltar a derrubá-la.

— Já te disseram que semicerras os olhos quando mentes?

Ele franziu ainda mais o sobrolho.

— Não, mas só porque ninguém passou tanto tempo a olhar para mim como tu, Winnow.

Alguém se riu numa secretária próxima. Iris corou e sentou-se na cadeira. Tentou retorquir de forma mordaz, mas não conseguiu porque infelizmente ele era bonito e atraía com frequência o seu olhar.

Fez a única coisa que podia fazer: recostou-se na cadeira e esboçou-lhe um sorriso rasgado. Um sorriso que lhe chegou aos olhos, enrugando os cantos da boca. O rosto dele fechou-se imediatamente, tal como ela esperava. Roman detestava quando ela lhe sorria assim. Deixava-o sempre de pé atrás.

— Boa sorte com a tua peça — atirou ela, de forma animada.

— E tu diverte-te com os obituários — cortou ele, antes de seguir finalmente para o seu cubículo que, para mal dos seus pecados, ficava a apenas duas secretárias de distância.

O sorriso de Iris esmoreceu assim que ele virou costas. Ainda olhava distraidamente naquela direção quando Sarah Prindle entrou no seu campo de visão.

— Chá? — perguntou Sarah, erguendo uma chávena. — Parece que estás a precisar, Winnow.

Iris suspirou.

— Sim, obrigada, Prindle.

Aceitou a oferta, mas pousou a chávena com força na secretária, mesmo ao lado da pilha de obituários manuscritos que estavam à espera de serem revistos, editados e datilografados. Se ela tivesse

chegado a tempo de ficar com a peça, neste momento seria Roman a ter de lidar com aquele conjunto de corações partidos em forma de montes de papel.

Iris olhou para a pilha e lembrou-se do seu primeiro dia de trabalho, há três meses. Roman Kitt tinha sido o último a cumprimentá-la e a apresentar-se, aproximando-se dela com os lábios cerrados e um olhar frio e acutilante. Como se estivesse a avaliar o grau de ameaça que ela representava para ele e para a sua posição no *Gazette*.

Iris não demorou muito a perceber o que ele pensava dela. Na verdade, demorou apenas meia hora após as apresentações. Ouvira-o dizer a um dos editores:

— Ela não está à minha altura. De todo. Abandonou os estudos em Windy Grove no último ano.

Aquelas palavras ainda lhe doíam. Ela não estava à espera que fossem amigos. Nem podiam, tendo em conta que ambos competiam pelo mesmo cargo de colunista. Mas aquela atitude arrogante só tinha aumentado o seu desejo de o derrotar. E também não lhe agradara nada que Roman Kitt soubesse mais sobre ela do que ela sobre ele.

O que significava que Iris teria de tentar desenterrar alguns dos seus segredos.

No segundo dia de trabalho, ela foi ter com a pessoa mais simpática da equipa: Sarah.

— Há quanto tempo é que o Kitt trabalha no jornal? — perguntou-lhe.

— Há quase um mês — respondeu Sarah. — Por isso, não penses que ele é teu superior por ter mais tempo de serviço. Estão os dois em pé de igualdade para serem promovidos.

— E o que faz a família dele?

— O avô dele foi pioneiro nos caminhos de ferro.

— Então, é gente com dinheiro.

— Carradas dele — anuiu Sarah.

— Onde é que ele estudou?

— Acho que foi em Devan Hall, mas não tenho a certeza.

Uma escola de prestígio para onde quase todos os pais ricos de Oath mandavam os filhos mimados. Muito diferente da humilde escola de Windy Grove de Iris. Quase estremeceu ao ouvir aquilo, mas não desarmou.

— Ele namora com alguém?

— Que eu saiba, não — respondeu Sarah com um encolher de ombros. — Mas ele não partilha muito da sua vida connosco. Na verdade, não sei muito sobre ele, apenas que não gosta que toquem nas coisas na sua secretária.

Parcialmente satisfeita com aquelas informações, Iris decidiu que a melhor atitude a tomar seria ignorar a concorrência. Podia fingir que ele não existia na maior parte do tempo. Mas depressa descobriu que isso seria cada vez mais difícil, uma vez que tinham de competir um com o outro pelas peças afixadas semanalmente no quadro.

Iris tinha conseguido ficar com a primeira.

Roman tinha conseguido a segunda, mas só porque ela tinha permitido.

Foi assim que teve a oportunidade de ler um artigo escrito por ele. Iris sentara-se curvada à secretária, a ler o que Roman escrevera sobre um jogador de baseball reformado — um desporto que nunca lhe interessara, mas pelo qual, de repente, se viu encantada, tudo devido ao tom acutilante e espirituoso da escrita de Roman. Bebeu cada palavra, sentindo os pontos da bola de baseball na sua mão, a noite quente de verão, a emoção da multidão no estádio.

— Estás a ler alguma coisa de interessante?

A voz arrogante de Roman quebrou o feitiço. Iris tinha-se assustado e amarrotado o papel nas mãos. Mas ele sabia *exatamente* o que ela tinha estado a ler, e ficou cheio de si mesmo.

— Nem por isso — respondeu. E como estava desesperada para ter algo que a distraísse do embaraço que sentia, reparou no nome dele, impresso em letra preta pequena por baixo do título da peça.

ROMAN C. KITT

— O que significa o C.? — perguntou, encarando-o.

Ele limitou-se a levantar a chávena de chá e a beber um gole, sem responder. Mas não desviou o olhar por cima da borda lascada da chávena de porcelana.

— Roman *Chato* Kitt? — aventara Iris. — Ou talvez Roman *Caprichoso* Kitt? — A bazófia dele esmoreceu. Roman não gostava de ser gozado, e o sorriso de Iris alargou-se enquanto se recostou na cadeira. — Ou talvez Roman *Cabotino* Kitt?

Ele virou-se e saiu sem uma palavra, mas tinha o maxilar cerrado.

Depois de se ver livre dele, ela terminou de ler o artigo em paz.

Sentiu uma pontada no coração — a escrita dele era extraordinária — e nessa noite sonhou com ele. Na manhã seguinte rasgou o papel em pedacinhos e jurou nunca mais ler um dos seus artigos. Se o fizesse, o mais certo era perder o cargo para ele.

Mas começava a reconsiderar agora, enquanto o seu chá arrefecia. Se ele escrevesse um artigo sobre soldados desaparecidos, *talvez* ela se sentisse na disposição de o ler.

Iris pegou numa folha de papel em branco da pilha sobre a secretária e colocou-a na máquina de escrever. Mas os seus dedos ficaram a pairar sobre as teclas enquanto ouvia Roman a arrumar a mochila. Ouviu-o sair da redação, certamente para recolher informações para o artigo, com os passos abafados pelo ruído das máquinas de escrever, pelo murmúrio das vozes e pelo fumo dos cigarros.

Iris cerrou os dentes enquanto começava a datilografar o primeiro obituário.

*

Prestes a terminar o seu dia de trabalho, Iris sentia-se vergada pelo peso dos obituários. Perguntava-se sempre qual teria sido a causa da morte e, embora isso nunca fosse incluído, acreditava que as pessoas se interessariam mais pelos elogios fúnebres se tivessem acesso a essa informação.

Roeu uma unha encravada e sentiu os vestígios de metal das teclas da máquina. Quando não estava a trabalhar num artigo, estava atolada em classificados ou obituários. Nos últimos três meses no *Gazette*, tinha feito os três trabalhos. Cada um deles suscitava palavras e emoções diferentes.

— Vem ao meu gabinete, Winnow — disse uma voz familiar. Zeb Autry, o seu chefe, aproximou-se e bateu na borda do cubículo com os dedos onde luziam anéis de ouro. — *Agora*.

Iris largou o obituário e seguiu-o até uma divisão envidraçada. Tinha sempre o mesmo cheiro opressivo: cabedal oleado, tabaco e aftershave pungente. Quando Zeb se sentou à secretária, Iris instalou-se na cadeira de espaldas em frente, resistindo à vontade de estalar os nós dos dedos.

Zeb fixou-a durante um longo minuto. Era um homem de meia-idade, com cabelo louro ralo, olhos azuis pálidos e uma fenda no queixo. Às vezes, Iris acreditava que ele lia mentes, e isso deixava-a inquieta.

— Chegaste atrasada esta manhã — atirou ele.

— Sim, senhor. Peço desculpa. Adormeci e perdi o elétrico.

Pela forma como o seu sobrolho se tornou mais vincado... ela temeu que ele também conseguisse detetar mentiras.

— O Kitt ficou com a última peça, mas só porque te atrasaste, Winnow. Afixei-a no quadro às 8 horas em ponto, como todas as outras. — Zeb arrastou a voz. — Chegaste atrasada *duas* vezes esta semana. Coisa que o Kitt nunca fez.

— Eu compreendo, Mr. Autry. Mas não voltará a acontecer.

O seu chefe ficou em silêncio durante alguns instantes.

— Nos últimos meses, publiquei 11 artigos do Kitt. E publiquei 10 dos teus, Winnow. — Iris preparou-se para o embate. Seria possível que a decisão fosse baseada nos números? No facto de Roman ter escrito mais artigos do que ela? — Sabias que a minha ideia era *dar* o cargo ao Kitt assim que ele começou a trabalhar aqui? — prosseguiu Zeb. — Até que o teu trabalho ganhou o Concurso de Inverno do *Gazette*. Das centenas de trabalhos que li, o teu captou a minha atenção. E pensei: «Aqui está uma rapariga que tem um talento em bruto e que só um idiota deixaria escapar.»

Iris adivinhou o que vinha a seguir. Tinha trabalhado no restaurante, a lavar pratos, os seus sonhos adiados e desfeitos. Nunca pensou que o trabalho que enviara para o concurso anual do *Gazette* tivesse alguma consequência, até ter chegado a casa e encontrado uma carta de Zeb endereçada a ela. Era uma proposta para trabalhar no jornal, com a tentadora promessa de ser colunista se continuasse a provar o seu valor.

Um momento que tinha virado a vida de Iris do avesso.

Zeb acendeu um cigarro.

— Tenho reparado que a tua escrita está menos incisiva ultimamente. Na verdade, está até bastante confusa. Passa-se alguma coisa em casa, Winnow?

— Não, senhor — respondeu ela, demasiado depressa.

Ele encarou-a, semicerrando um olho.

— Quantos anos tens?

— Dezoito.

— Abandonaste os estudos no inverno, não foi? — Custava-lhe pensar na promessa quebrada que fizera a Forest. Mas acenou com a cabeça, sentindo o olhar perscrutante de Zeb. Queria saber mais sobre a vida pessoal dela, o que a deixou tensa. — Tens irmãos?

— Um irmão mais velho, senhor.

— E onde é que ele está? O que faz na vida? — insistiu o seu chefe.

Iris desviou o olhar, fixando o quadriculado preto e branco do chão.

— Ele era aprendiz de relojoeiro. Mas partiu para lutar na guerra.

— Por Enva, presumo? — Ela voltou a acenar com a cabeça. — Foi por isso que saíste de Windy Grove? Porque o teu irmão partiu para a guerra? — Iris não respondeu. — É uma pena. — Ele suspirou, soltando uma baforada de fumo. Iris conhecia a opinião de Zeb sobre a guerra, e isso não deixava de a irritar. — E os teus pais?

— Vivo com a minha mãe — respondeu ela, num tom brusco.

Zeb tirou um pequeno cantil do casaco e deitou algumas gotas de uma bebida alcoólica no chá.

— Estou a pensar em dar-te outra peça, embora não costume fazer isso. Pois bem, quero aqueles obituários na minha secretária até às 15 horas desta tarde.

Ela saiu sem dizer palavra.

*

Iris depositou os obituários terminados na secretária do chefe uma hora mais cedo, mas não saiu da redação. Ficou mais tempo no cubículo e começou a pensar num ensaio para escrever, caso Zeb lhe desse a oportunidade de apresentar uma alternativa à peça de Roman.

Mas as palavras pareciam ter congelado no seu âmago. Decidiu ir até ao balcão para se servir de um chá acabado de fazer, quando viu Roman *Convencido* Kitt a entrar na redação.

Tinha passado o dia fora, para alívio dela, mas voltava agora com uma ginga no passo, como se estivesse a transbordar de palavras que precisava de derramar na página. Tinha as faces coradas do frio dos primeiros dias de primavera, o casaco salpicado de pingos de chuva. Sentou-se à secretária e remexeu na sacola à procura do bloco de notas.

Iris ficou a observá-lo enquanto ele inseria uma folha na máquina de escrever e começava a datilografar furiosamente. Estava perdido para o mundo, perdido nas suas palavras, por isso ela não tomou o caminho mais longo de volta à secretária, como fazia frequentemente, para evitar passar junto a ele. Roman nem deu por ela. Iris bebeu o seu chá excessivamente doce e pôs-se a contemplar a página em branco.

Pouco depois, todos começaram a sair, exceto ela e Roman. Os candeeiros das secretárias foram sendo desligados, um a um, mas Iris continuou a escrever, lenta e penosamente, como se cada palavra tivesse de lhe ser arrancada da medula, enquanto Roman, a dois cubículos de distância, batia febrilmente nas teclas.

Os seus pensamentos desviaram-se para a guerra dos deuses.

Era inevitável. A guerra parecia estar *sempre* a ferver no fundo da sua mente, mesmo que as batalhas estivessem a ser travadas 600 quilómetros a oeste de Oath.

Como é que vai acabar? ponderava. *Com a destruição de um deus, ou dos dois?*

O final é muitas vezes revelado no início, por isso Iris começou a escrever o que sabia. Fragmentos de notícias que se espalhavam pelo território e chegavam a Oath semanas depois de terem ocorrido.

Tudo começou numa pequena e pacata vila rodeada de campos dourados. Há sete meses, as searas de trigo estavam prontas para a ceifa, e quase engoliam uma povoação chamada Sparrow, onde as ovelhas são quatro vezes mais numerosas do que as pessoas, e onde chove apenas duas vezes por ano devido a um feitiço lançado há séculos por um deus zangado — e agora morto.

Esta idílica vila no Distrito Ocidental é o local onde Dacre, um deus Subterrâneo que havia sido derrotado, foi a sepultar. E ali ficou durante 234 anos, até que um dia, por altura das colheitas, acordou inesperadamente e se ergueu, irrompendo através do solo, a arder de fúria.

Encontrou um agricultor no campo, e as suas primeiras palavras foram um sussurro frio e áspero.

— Onde está Enva?

Enva, uma deusa Celestial e a principal inimiga de Dacre. Enva, também ela derrotada há dois séculos, quando os cinco deuses restantes foram vergados ao poder dos mortais.

Cheio de medo, o agricultor encolheu-se.

— Está enterrada no Distrito Oriental — respondeu por fim. — Numa sepultura não muito diferente da vossa.

— Não — contrapôs Dacre. — Ela está acordada. E se ela se recusa a vir ter comigo... se preferir ser uma cobarde, vou atraí-la até mim.

— Como, meu senhor? — perguntou o agricultor.

Dacre olhou fixamente para o homem. Como é que um deus atrai outro? Começou a...

— O que é isto?

Iris sobressaltou-se ao ouvir a voz de Zeb. Virou-se e deu com ele ao seu lado, a semicerrar os olhos enquanto tentava ler o que ela tinha escrito.

— É só uma ideia — respondeu ela, um pouco na defensiva.

— Não é um texto sobre a origem da guerra dos deuses, pois não? Isso já não é notícia, Winnow, as gentes de Oath estão fartas de ler sobre isso. A não ser que tenhas uma nova perspetiva sobre Enva.

Iris pensou nas manchetes que Zeb havia publicado sobre a guerra. Parangonas como OS PERIGOS DA MÚSICA DE ENVA: A DEUSA CELESTIAL REGRESSOU E OS SEUS CÂNTICOS ATRAEM OS NOSSOS FILHOS E FILHAS PARA A GUERRA ou RESISTAM AO CANTO DA SEREIA PARA A GUERRA: ENVA É A NOSSA AMEAÇA MAIS PERIGOSA. TODOS OS INSTRUMENTOS DE CORDA FORAM BANIDOS DE OATH.

Todos os seus artigos responsabilizavam Enva pela guerra, e poucos mencionavam o envolvimento de Dacre. Às vezes, Iris ponderava se aquilo se devia ao facto de Zeb ter medo da deusa e da facilidade com que ela recrutava soldados, ou se ele teria sido instruído a publicar apenas determinadas coisas — se o chanceler de Oath controlava o que era publicado no jornal, disseminando subrepticiamente a sua propaganda.

— Eu... sim, eu sei, senhor, mas pensei...

— Pensaste o quê, Winnow?

Ela hesitou.

— O chanceler colocou restrições?

— Restrições? — Zeb riu-se como se ela estivesse a ser ridícula. — Em relação a quê?

— Em relação ao que pode e não pode ser publicado no jornal.

O rosto corado de Zeb contorceu-se num esgar. Os seus olhos refulgiam — Iris não sabia se indiciavam medo ou irritação — mas ele preferiu dizer:

— Não desperdices o meu papel e as minhas fitas de tinta numa guerra que nunca chegará a Oath. É um problema ocidental, e nós devemos levar a nossa vida normalmente. Arranja um tema em condições e talvez eu considere a hipótese de o publicar na coluna da

próxima semana. — Com isto, bateu com os nós dos dedos na madeira e virou costas. À saída, pegou no casaco e no chapéu.

Iris suspirou. Chegava até si o matraquear da máquina de Roman, como um batimento cardíaco que se espalhava pela vasta sala. As pontas dos dedos a bater nas teclas, as teclas a bater no papel. Um estímulo para ela lhe levar a melhor; para ficar com o lugar em disputa.

Tinha a cabeça feita em água. Decidiu arrancar a folha da máquina de escrever. Dobrou-a e guardou-a no seu saco de pano. Deu um nó nos cordões e pegou no sapato com o salto partido. Apagou o candeeiro e levantou-se, esfregando o pescoço. Lá fora já tinha escurecido; a noite tinha descido sobre a cidade e as luzes mais ao longe brilhavam como estrelas caídas.

Quando voltou a passar pela secretária de Roman, ele reparou nela.

Não tinha despido a gabardina e uma madeixa de cabelo preto descaíra-lhe para a testa franzida. Os seus dedos abrandaram o ritmo, mas continuou calado.

Iris ponderou se ele teria intenção de falar com ela e, se quisesse, o que lhe diria num momento em que tinham a redação só para si, sem ninguém a observá-los. Lembrou-se de um provérbio antigo que Forest costumava invocar: *Faz de um inimigo um amigo, e terás menos um inimigo.*

Uma tarefa desmotivante, mas Iris decidiu parar e recuar até ao cubículo de Roman.

— Queres ir comer uma sandes? — perguntou, sem se aperceber das palavras que lhe saíam da boca. Só sabia que não tinha comido nada todo o dia, e que estava faminta de comida e de uma conversa animada com alguém. Mesmo que esse alguém fosse *ele*. — Há uma casa de sandes aqui perto que fica aberta até tarde. Têm os melhores pickles da cidade.

Roman nem sequer abrandou o ritmo da escrita.

— Não posso. Desculpa.

Iris acenou com a cabeça e arrepiou caminho. Era ridículo ter sequer *pensado* que ele queria jantar com ela.

Afastou-se com o olhar brilhante, atirando o salto partido para o caixote do lixo à saída.

PALAVRAS PARA FOREST

Ainda bem que Roman tinha recusado o convite para comer uma sandes.

Iris parou numa mercearia de esquina ao sentir o saco muito leve. Só se apercebeu de que tinha entrado num dos edifícios encantados de Oath quando a comida nas prateleiras começou a trocar de lugar. Apenas os artigos que ela tinha dinheiro para comprar se aproximavam, disputando a sua atenção.

Iris estacou no corredor, com a cara a arder. Cerrou os dentes quando reparou na quantidade de coisas que *não* podia comprar e pegou apressadamente num pão e em meia dúzia de ovos cozidos, na esperança de que a loja a deixasse em paz e parasse de pesar as moedas que tinha na carteira.

Era por *isto* que ela desconfiava dos edifícios encantados da cidade. Podiam ter vantagens interessantes, mas também podiam ser intrometidos e imprevisíveis. Tinha o hábito de evitar os que não lhe eram familiares, apesar de serem poucos e muito espaçados.

Iris avançou rapidamente para a caixa para pagar, reparando subitamente nas prateleiras vazias. Só restavam algumas latas de conservas: milho, feijão e pickles de cebola.

— Presumo que a sua loja esteja apostada em vender legumes enlatados — atirou ela, num tom seco, enquanto pagava ao merceeiro.

— Nem por isso. Está tudo a ser enviado para oeste, para a frente de batalha — esclareceu o homem. — A minha filha está a lutar por Enva e quero ter a certeza de que a companhia dela tem comida suficiente. Não é fácil alimentar um exército.

Iris pestanejou, surpreendida com a resposta.

— O chanceler ordenou que enviasse ajuda?

O merceeiro resfolegou.

— Não. O chanceler Verlice só vai declarar guerra a Dacre quando o deus nos vier bater à porta, embora tente fazer *parecer* que apoiamos os nossos irmãos e irmãs que lutam no Ocidente.

O merceeiro colocou o pão e os ovos num saco castanho, fazendo-o deslizar pelo balcão.

Mentalmente, Iris elogiou-lhe a coragem, por dizer aquelas coisas. Primeiro, por sugerir que o chanceler do Oriente era um cobarde ou um simpatizante de Dacre. Segundo, por revelar por qual dos deuses a sua filha estava a lutar. Ela própria tinha aprendido a lição com o seu irmão, Forest. Havia muitas pessoas em Oath que apoiavam Enva e o seu recrutamento, e que consideravam os soldados corajosos, mas havia outras que não. Mas essas pessoas tendiam a ser as que achavam que a guerra nunca as afetaria. Ou indivíduos que veneravam e apoiavam Dacre.

— Espero que a sua filha esteja bem e em segurança na frente de batalha — disse, quando se despediu do merceeiro. Ficou contente por deixar aquela loja introneteada para trás, mas escorregou num jornal molhado assim que pôs os pés na rua. — Não chega já por hoje? — rosnou, enquanto se curvava para o apanhar, convencida de que era um exemplar do *Gazette*.

Não era.

Os olhos de Iris arregalaram-se quando reconheceu o logótipo do tinteiro e da pena do *Inkridden Tribune*, o rival do *Gazette*. Havia cinco jornais a circular em Oath, mas o *Gazette* e o *Tribune* eram os mais antigos e os mais lidos. E se Zeb a visse com o rival nas mãos, certamente daria a promoção a Roman.

Estudou a primeira página, curiosa.

MONSTROS AVISTADOS A 30 QUILÓMETROS DA FRENTE DE BATALHA, anunciava a manchete em letras borradas. Por baixo, a ilustração de uma criatura com grandes asas membranosas, duas pernas finas rematadas por garras e uma fileira de dentes afiados como agulhas. Iris estremeceu, esforçando-se por ler as palavras, mas eram indecifráveis, derretidas que estavam pela água.

Ficou a olhar para o papel durante mais algum tempo, paralisada na esquina da rua. A chuva pingava-lhe do queixo e ia cair, como lágrimas, sobre a ilustração monstruosa.

Criaturas como aquela não existiam desde que os deuses tinham sido derrotados, há séculos. Mas claro, se Dacre e Enva tinham regressado, as criaturas de outrora tinham vindo com eles. Criaturas que há muito só viviam nos mitos.

Iris tentou atirar o papel desintegrado para o caixote do lixo, mas foi atravessada por um pensamento aterrador.

É por isso que estão a desaparecer tantos soldados na frente? Porque

Dacre está a lutar com monstros?

Ela precisava de saber a resposta. Dobrou cuidadosamente o *Inkridden Tribune* e meteu-o no bolso interior do casaco.

Demorou mais do que gostaria à chuva, sobretudo sem calçado adequado, mas Oath não era um local fácil de percorrer a pé. A cidade era antiga, erguida há séculos sobre o túmulo de um deus derrotado. O desenho das ruas mais parecia o rasto de uma serpente — algumas eram de terra batida e estreitas, outras largas e pavimentadas, e outras ainda eivadas de magia. No entanto, nas últimas décadas tinham surgido construções novas e, por vezes, Iris ficava chocada ao ver edifícios de tijolo e janelas brilhantes ao lado de casas com telhados de colmo, paraquitos em ruínas e torres de castelos de uma era esquecida. Ao ver ruas antigas e sinuosas a serem percorridas por elétricos. Como se o presente estivesse a tentar remendar o passado.

Volvida uma hora, Iris chegou finalmente ao seu apartamento, ofegante e encharcada pela chuva. Vivia com a mãe no segundo andar e parou à porta, sem saber o que a esperava.

Não ficou surpreendida com o que viu.

Aster estava deitada no sofá, embrulhada no seu casaco roxo preferido, com um cigarro aceso entre os dedos. Havia garrafas vazias espalhadas pela sala de estar. Há semanas que a luz tinha sido cortada. Em cima do aparador, ardiam velas há tanto tempo que a cera tinha derretido e formado uma poça na madeira.

Iris ficou parada na soleira da porta a olhar para a mãe, até que o mundo à volta de ambas se tornou um borrão.

— Pequena Flor — chamou Aster, embriagada, quando finalmente reparou nela. — Até que enfim que vieste ver-me.

Iris respirou fundo. Queria soltar uma torrente de palavras. Palavras amargas. Mas então reparou no silêncio — um silêncio estrondoso e terrível — e na forma como o fumo se enrolava nele, e não se conteve. Olhou para o aparador, onde as velas tremeluziam, e reparou no que faltava.

— Onde está o rádio, mãe?

A mãe arqueou uma sobrancelha.

— O rádio? Vendi-o, querida.

Iris sentiu o coração cair-lhe aos pés doridos.

— Porquê? Era o rádio da avó.

— Já mal conseguíamos sintonizá-lo, querida. Estava na altura de

o vender.

Não, pensou Iris, piscando os olhos para afastar as lágrimas. Só precisavas de dinheiro para comprar mais álcool.

Bateu com a porta da rua e atravessou a sala de estar, contornando as garrafas e avançando para a cozinha pequena e suja. Não havia nenhuma vela acesa, mas Iris tinha a divisão memorizada. Pousou o pão amassado e a meia dúzia de ovos na bancada antes de pegar num saco de papel e voltar à sala de estar. Recolheu as garrafas — *tantas garrafas* — e isso fê-la lembrar-se daquela manhã, e do motivo para se ter atrasado. Porque a mãe estava deitada no chão junto a uma poça de vômito, num caleidoscópio de vidros partidos, e aquilo tinha-a deixado aterrorizada.

— Deixa estar — disse Aster, acenando com a mão, enquanto as cinzas caíam do cigarro. — Eu depois limpo.

— Não, mãe. Amanhã tenho de chegar a horas ao trabalho.

— Eu disse para *deixares estar*.

Iris deixou cair o saco. As garrafas tilintaram no interior, mas ela estava demasiado cansada para discutir. Fez a vontade à mãe.

Foi para o seu quarto escuro e procurou os fósforos, acendendo as velas que estavam na mesa de cabeceira. Mas tinha fome e acabou por ter de voltar à cozinha para fazer uma sandes com marmelada, enquanto a mãe se deitava no sofá a beber de uma garrafa, a fumar e a cantarolar as suas canções preferidas, que já não podia ouvir, visto que o rádio tinha sido *vendido*.

De volta ao silêncio do quarto, Iris abriu a janela e pôs-se a ouvir a chuva. A noite estava fria, límpida. O inverno teimava em perdurar, mas Iris gostava daquele frio revigorante e dos arrepios que lhe causava na pele. Lembrava-a de que estava viva.

Comeu a sandes e os ovos e trocou a roupa molhada por uma camisa de dormir. Abriu cuidadosamente o *Inkridden Tribune* ensopado no chão para secar, com a ilustração do monstro ainda mais esbatida depois de ter estado no seu bolso. Ficou a olhar para ela até sentir um aperto no peito. Estendeu as mãos por baixo da cama e retirou a máquina de escrever da avó.

Iris puxou-a para a luz da lareira, aliviada por ainda a ter nas mãos depois do súbito desaparecimento do rádio.

Sentou-se no chão e abriu o saco de pano, de onde retirou o início do artigo, amarrotado e húmido da chuva. *Arranja um tema em condições e talvez eu considere a hipótese de o publicar na coluna da próxima semana*, dissera Zeb. Iris respirou fundo e inseriu uma folha

em branco na máquina de escrever da avó, pousando os dedos sobre as teclas. Mas depois voltou a olhar para o monstro manchado de tinta, e deu por si a escrever algo completamente diferente do seu artigo.

Há dias que não escrevia a Forest. No entanto, decidiu fazê-lo naquele momento. As palavras saíram em catadupa. Não se preocupou em colocar a data ou um *Querido Forest*, como tinha feito em todas as outras cartas que lhe tinha escrito. Não queria escrever o nome dele, nem vê-lo na página. Com o coração dilacerado, escreveu sem rodeios:

Todas as manhãs, quando atravesso o mar de garrafas verdes da mãe, penso em ti. Todas as manhãs, quando visto a gabardina que me deste, pergunto-me se pensaste em mim, nem que fosse por um instante; se imaginaste o que a tua partida nos faria, a mim e à mãe.

Pergunto-me se lutar por Enva é tudo aquilo que imaginaste que seria. Pergunto-me se foste morto por uma bala ou uma baioneta. Se foste ferido por um monstro. Pergunto-me se estarás deitado numa vala comum, coberto de terra encharcada de sangue, onde nunca poderei ajoelhar-me, por mais desesperada que a minha alma esteja por te encontrar.

Odeio-te por me deixares assim.

Odeio-te e amo-te ainda mais, porque és corajoso e irradias uma luz que julgo que nunca vou encontrar ou compreender; o chamamento para lutar por algo com um fervor tal que te faz esquecer todo e qualquer medo da morte.

Há alturas em que nem consigo respirar fundo. Entre a preocupação e o medo... os meus pulmões tornam-se pequenos porque não sei onde estás. Já passaram cinco meses desde que nos despedimos com um abraço na estação. Cinco meses. O que me leva a crer que estás desaparecido na frente ou que estás demasiado ocupado para me escrever. Porque acho que não me conseguiria levantar de manhã — acho que não me conseguiria levantar da cama — se recebesse a notícia da tua morte.

Oxalá fosses um cobarde por mim, pela mãe. Oxalá pousasses a arma e renegasses a lealdade à deusa que te tem cativo. Oxalá pudesses parar o tempo e voltar para nós.

Iris tirou o papel da máquina de escrever, dobrou-o duas vezes, levantou-se e caminhou para o roupeiro.

Há muito tempo, a avó escondia bilhetes para Iris encontrar no seu quarto, por vezes enfiando-os debaixo da porta ou da almofada, ou escondendo-os no bolso da saia para ela os encontrar mais tarde na escola. Palavras de ânimo ou um verso de um poema que sempre lhe davam prazer em descobrir. Era uma tradição delas. Iris aprendera a ler e a escrever graças aos bilhetes que trocava com a avó.

Por isso, parecia-lhe natural enfiar as cartas que escrevia a Forest por baixo da porta do roupeiro. O irmão não tinha um quarto no apartamento; dormia no sofá para Aster e Iris terem quartos individuais. Mas há anos que ele e Iris partilhavam o roupeiro.

O roupeiro era uma pequena reentrância na parede de pedra, com uma porta em arco que deixara um risco permanente no chão. As roupas de Forest estavam penduradas à direita, as de Iris à esquerda. Ele não tinha muita roupa — algumas camisas, calças, suspensórios de couro e um par de sapatos rotos. Mas o guarda-roupa de Iris também não era abundante. Ambos aproveitavam ao máximo o que tinham, remendavam buracos e bainhas desgastadas e usavam cada peça até ficar puída.

Iris mantivera as roupas do irmão no roupeiro, apesar da graça que este fizera de que podia ficar com todo aquele espaço enquanto ele estivesse fora. Nos primeiros dois meses após a partida do irmão, esperara pacientemente que ele lhe escrevesse, como tinha prometido. Mas depois a mãe começou a beber, a ponto de ser despedida do Revel Diner. As contas deixaram de ser pagas e já não havia comida na despensa. Iris não teve outra alternativa senão desistir da escola e procurar trabalho, enquanto esperava que Forest lhe escrevesse.

Ele nunca o fez.

E Iris já não conseguia suportar o silêncio. Não tinha morada, não tinha informações sobre o local onde o irmão estava destacado. Não tinha nada a não ser uma tradição que lhe era muito querida, por isso fez como a sua avó teria feito — Iris entregou o papel dobrado ao roupeiro.

No dia seguinte, para seu espanto, percebera que a carta tinha desaparecido, como se tivesse sido devorada pelas sombras.

Inquieta, Iris tinha datilografado outra carta para Forest, que passou por baixo da porta do roupeiro. Também esta tinha desaparecido. Incrédula, a jovem estudou atentamente aquele pequeno móvel. Reparou nas pedras da parede, como se alguém, há séculos, tivesse decidido fechar uma passagem antiga. Ponderou se a magia presente nos ossos do deus derrotado, depositados nas profundezas da cidade, não se teria erguido para atender à sua angústia; se a magia

não teria, de alguma forma, transportado a sua carta no vento do Oeste, entregando-a onde quer que o irmão estivesse a lutar na guerra.

Até então, sempre odiara os edifícios encantados.

Ajoelhou-se e passou mais esta carta por baixo da porta do guarda-roupa.

Era um alívio ver as palavras partirem. A pressão que sentia no peito diminuiu.

Iris voltou à máquina de escrever. Quando a levantou, os seus dedos tocaram num relevo de metal frio, aparafusado no interior da estrutura. A placa tinha o comprimento do seu dedo mais pequeno e passava facilmente despercebida, mas ela lembrava-se vivamente do dia em que a tinha descoberto. A primeira vez que lera estas palavras na placa prateada. A TERCEIRA ALOUETTE. FEITA ESPECIALMENTE PARA D.E.W.

Daisy Elizabeth Winnow.

O nome da sua avó.

Iris tinha estudado muitas vezes aquelas palavras, interrogando-se sobre o seu significado. Quem tinha feito aquela máquina de escrever para a avó? Oxalá tivesse reparado na gravação antes de a avó ter falecido. Agora, Iris tinha de se conformar com o mistério.

Voltou a guardar a máquina de escrever no seu esconderijo e deitou-se na cama. Puxou os cobertores até ao queixo, mas deixou a vela acesa, apesar de saber que não devia fazê-lo. *Devia apagá-la, poupá-la para amanhã à noite*, pensou, sem saber quando poderia voltar a pagar a conta da luz. Mas por ora queria descansar na luz, não na escuridão.

Os seus olhos fecharam-se, pesados após um longo dia. Ainda sentia o cheiro da chuva e do fumo do cigarro no cabelo. Ainda tinha tinta nas pontas dos dedos, marmelada entre os dentes.

Estava quase a dormir quando ouviu o som de papel a farfalhar.

Iris franziu o sobrolho e sentou-se na cama.

Olhou para o roupeiro. No chão, diante dela, estava um pedaço de papel.

Ficou boquiaberta, mas pensou que devia ser a carta que tinha acabado de enviar. Uma corrente de ar devia tê-la empurrado para fora do roupeiro. Contudo, quando se levantou da cama, percebeu que não era a sua carta. Aquele pedaço de papel estava dobrado de forma diferente.

Hesitou, mas depois levantou-se e estendeu a mão para lhe pegar.

O papel estremeceu e, quando a luz da lareira incidiu sobre ele, Iris conseguiu distinguir palavras datilografadas. Poucas palavras, mas pretas e nítidas.

Abriu a carta e leu. A respiração ficou presa na sua garganta.

Não sou o Forest.

MITOS DESAPARECIDOS

*N*ão sou o Forrest.

As palavras faziam eco em Iris enquanto percorria a Broad Street na manhã seguinte. No coração da cidade, os prédios erguiam-se bem alto à sua volta, prendendo o ar frio, as últimas sombras da madrugada e o som distante dos elétricos no seu interior. Estava quase a chegar ao jornal, seguindo a sua rotina normal como se nada de estranho tivesse acontecido na noite anterior.

Não sou o Forest.

— Então, quem és tu? — sussurrou ela, com as mãos enfiadas nos bolsos. Desacelerou os passos até se deter completamente no meio da rua.

A verdade é que se sentira demasiado intimidada para responder ao bilhete. Em vez disso, passara as horas escuras num turbilhão de preocupações, recordando tudo o que tinha dito nas cartas anteriores. Contara a Forest que tinha desistido da escola. Seria um duro golpe para ele — uma promessa quebrada — por isso, tratou de acrescentar rapidamente que tinha conseguido um emprego no *Gazette*, onde, muito provavelmente, seria promovida a colunista. Apesar dessa informação pessoal, nunca tinha revelado o seu verdadeiro nome; todas as cartas que escrevera a Forest terminavam com a sua alcunha. Pequena Flor. E era um alívio para ela saber...

— Winnow? *Winnow!*

Uma mão agarrou-lhe o braço com a violência de um tornio. De repente, foi puxada para trás com tanta força que os seus dentes se cravaram no lábio inferior. Aos tropeções, Iris conseguiu equilibrar-se no momento em que o ruído oleado de um elétrico passou por ela, tão perto que lhe chegou à boca o sabor do metal.

Quase fora atropelada.

Essa constatação fez-lhe tremer os joelhos.

E alguém continuava a prender-lhe o braço.

Olhou para cima e viu Roman Kitt, com o seu elegante casaco creme, sapatos de pele engraxados e cabelo penteado para trás. Estava

a olhar para ela como se tivesse duas cabeças.

— Devias prestar mais atenção a por onde andas! — gritou ele, soltando-a como se o contacto o tivesse queimado. — Estive quase a ver-te ser esmagada contra as pedras da calçada.

— Eu vi o elétrico — respondeu ela, ajeitando a gabardina. Ele quase a rasgara, o que para ela teria sido um grande desgosto.

— Mentira — contrapôs Roman.

Iris fingiu que não ouviu. Passou *cuidadosamente* por cima dos carris do elétrico e subiu a correr as escadas até ao átrio, com bolhas nos calcanhares. Tinha trazido os botins da mãe, que eram um tamanho abaixo do seu, mas que teriam de servir até Iris poder mandar pôr saltos novos nos seus sapatos. E como tinha os pés a latejar... decidiu que tinha de apanhar o elevador.

Infelizmente, Roman estava no seu encalço, e ela percebeu, com um gemido interior, que teriam de apanhar o elevador juntos.

Aguardaram pela sua chegada, ombro a ombro.

— Chegaste cedo — constatou Roman, por fim.

Iris levou a mão ao lábio inferior dorido.

— Tu também.

— O Autry entregou-te alguma peça que desconheço?

As portas do elevador abriram-se. Iris limitou-se a sorrir ao entrar, posicionando-se o mais longe possível de Roman quando ele entrou também. Mas o perfume dele preencheu o pequeno espaço; ela tentou não inspirar muito fundo.

— Ficavas chateado se o tivesse feito? — atirou-lhe, quando o elevador começou a subir.

— Ontem, ficaste até tarde a trabalhar em alguma coisa. — A voz de Roman era ponderada, mas ela seria capaz de jurar ter detetado alguma preocupação. Encostou-se ao painel de madeira e olhou para ela. Iris não o encarou, mas de repente ficou consciente dos arranhões nos sapatos da mãe, das rugas na saia axadrezada, dos cabelos soltos que teimavam em escapar do carrapito apertado, das nódoas no velho casaco de Forest que usava todos os dias como uma armadura. — Não trabalhaste a noite toda no escritório, pois não, Winnow?

Aquela pergunta deixou-a atónita. Voltou-se para ele e olhou-o fixamente.

— *O quê?* Claro que não! Viste-me sair, pouco depois de me ter oferecido para te pagar uma sandes.

— Eu estava ocupado — desculpou-se ele.

Ela suspirou, desviando o olhar.

Estavam a chegar ao terceiro andar. O elevador era lento, fez uma pausa, como se sentisse a angústia de Iris, e soltou um clangor ao abrir as portas. Um homem de fato e pasta na mão alternou o seu olhar entre Iris e Roman e avaliou o vasto espaço entre eles, antes de entrar cautelosamente.

Iris relaxou por instantes. O facto de um estranho se juntar a eles faria com que Roman se calasse. Pelo menos, era o que ela pensava. O elevador continuou a sua laboriosa subida. E Roman quebrou a etiqueta do elevador, ao perguntar:

— Que peça é que ele te deu, Winnow?

— Não é da tua conta, Kitt.

— Por acaso, é. Não sei se te lembras, mas ambos queremos a mesma coisa.

— Lembro, sim — confirmou ela, com firmeza.

O homem de fato agitou-se, apanhado no meio da discussão. Pigarreou e levou a mão ao relógio de bolso. Ao ver o relógio, Iris pensou em Forest e no dilema com o correspondente misterioso.

— Não me parece muito justo que o Autry te dê trabalho sem o meu conhecimento — prosseguiu Roman. — A ideia é estarmos em pé de igualdade. Há regras a cumprir. Não deveria haver favores especiais.

Favores especiais?

Estavam quase a chegar ao quinto andar. Iris tamborilou com os dedos na coxa.

— Se tu tens algum problema com isso, então vai falar com o Autry — disse-lhe, assim que as portas se abriram. — Mas não sei porque estás tão preocupado. Caso não te lembres... *Ela não está à minha altura. De todo. Abandonou os estudos em Windy Grove no último ano.*

— Perdão? — interrogou Roman, mas Iris já ia três passos à frente.

Ela estugou o passo pelo corredor até à redação, aliviada por ver que Sarah já lá estava a preparar o chá e a despejar os caixotes do lixo. Iris deixou a pesada porta de vidro fechar-se atrás de si, mesmo na cara de Roman, e ouviu o ranger dos seus sapatos e o grunhido de irritação.

Não voltou a olhar para ele enquanto se instalava na sua

secretária. O dia tinha-lhe trazido problemas muito maiores do que Roman Kitt.

*

— És feliz aqui?

Sarah Prindle pareceu espantada com a pergunta de Iris. Era meio-dia, e as duas raparigas desfrutavam da pausa para o almoço na pequena copa. Sarah estava sentada à mesa, a comer uma sandes de queijo e pickles, e Iris estava encostada à bancada, a beber a sua quinta chávena de chá.

— Claro que sou feliz — disse Sarah. — Não o são todos os que trabalham aqui? O *Oath Gazette* é o jornal mais prestigiado da cidade. Paga bem e temos direito a gozar os feriados. Queres metade da minha sandes, Winnow?

Iris abanou a cabeça. Sarah limpava, fazia tarefas e anotava recados para Zeb. Organizava os obituários, os classificados e os anúncios que chegavam, colocando-os na mesa de Iris ou de Roman para serem editados e datilografados.

— Não me expliquei bem... Foi *isto* que imaginaste para ti, Prindle? Quando eras mais nova e tudo parecia possível?

Sarah engoliu em seco, pensativa.

— Não sei. Acho que não.

— Qual era o teu sonho, então?

— Bem, eu sempre quis trabalhar no museu. O meu pai costumava levar-me lá aos fins de semana. Lembro-me de adorar todos os artefactos antigos e as placas de pedra, cheias de história. Os deuses eram muito cruéis no seu tempo. Havia os deuses Celestiais — a família de Enva — e depois os deuses Subterrâneos — a família de Dacre. Sempre se odiaram uns aos outros. Sabias disso?

— Infelizmente, não sei muito sobre os deuses — disse Iris, pegando na chaleira. — Só nos ensinaram algumas lendas na escola. Sobre tudo sobre os deuses que matámos, há séculos. Mas ainda podes fazer isso, sabias?

— Matar deuses? — perguntou Sarah, numa voz sumida.

— Não — esclareceu Iris, com um sorriso. — Mas olha que até seria um fim emocionante para esta maldita guerra. Ainda podes trabalhar num museu, quero eu dizer. Fazer o que gostas.

Sarah suspirou quando um pedaço de chutney caiu da sua sandes.

— É preciso ter nascido nessa profissão, ou ser muito, muito velho.

Mas e tu, Winnow? Qual é o teu sonho?

Iris hesitou. Há muito tempo que não lhe perguntavam uma coisa dessas.

— Acho que estou a vivê-lo — respondeu, passando o dedo pela borda lascada da sua chávena de chá. — Sempre quis escrever sobre coisas importantes. Escrever coisas que inspirem ou informem as pessoas. — De repente, sentiu-se tímida e riu-se. — Mas não sei bem.

— Isso é ótimo — disse-lhe Sarah. — E estás no sítio certo.

Instalou-se um silêncio confortável entre as jovens. Sarah continuou a comer a sua sandes e Iris afagou a chávena de chá nas suas mãos, enquanto consultava o relógio na parede. Estava quase na hora de voltar para a secretária quando se atreveu a aproximar-se de Sarah e sussurrar:

— Alguma vez lêes o que o *Inkridden Tribune* publica?

Sarah soergueu as sobranceiras.

— O *Inkridden Tribune*? Por que raio é que tu...? — Iris levou um dedo aos lábios, com o coração acelerado. Só faltava que Zeb passasse por ali naquele momento e as ouvisse. Sarah baixou a voz, envergonhada. — Bem, não. Porque não quero ser despedida.

— Eu vi o jornal ontem — prosseguiu Iris. — Na rua. Falavam de monstros, na primeira página.

— Monstros?

Iris começou a descrever a ilustração do jornal — as asas, as garras, os dentes. Não conseguiu deixar de estremecer quando o fez, nem dissociar a imagem de Forest do monstro.

— Já ouviste falar deles? — perguntou Iris.

— Chamam-se *eithrals* — elucidou Sarah. — Falámos sobre eles de passagem na minha aula de Mitologia, há vários anos. Há histórias sobre esses monstros em alguns dos tomos mais antigos da biblioteca... — Fez uma pausa, com uma expressão de sobressalto no rosto. — Não estás a pensar em escrever uma peça sobre eles, pois não, Winnow?

— Estou a ponderar. Mas porque estás a olhar para mim dessa maneira, Prindle?

— Porque acho que o Autry não ia gostar.

Estou-me a borrifar para o que ele pensa! queria Iris dizer, mas isso não era totalmente verdade. Não se estava a borrifar, mas só porque não podia perder para Roman. Precisava de pagar a conta da luz.

Precisava de comprar um bom par de sapatos que lhe servisse. Precisava de comer como deve ser. Precisava de arranjar *ajuda* para a mãe.

E no entanto, queria escrever sobre o que se estava a passar no Ocidente. Queria escrever a verdade.

Queria saber o que Forest estava a enfrentar na frente de batalha.

— Não achas que Oath tem de saber o que se passa? — sussurrou.

— Claro — respondeu Sarah, ajeitando os óculos no nariz. — Mas não sabemos se há *eithrals* na linha da frente. E se... — Calou-se de repente, com o olhar a passar para lá de Iris.

Iris endireitou-se e virou-se para trás. Encolheu-se quando viu Roman parado na soleira da porta. Estava encostado à ombreira da porta, e observava-a com olhos semicerrados. Ela não sabia o que ele tinha ouvido, e tentou sorrir, apesar do nó no estômago.

— Estamos a conspirar, não é? — disse ele.

— Claro que sim — atirou Iris, chávina de chá erguida num brinde. — Obrigada pela dica, Prindle. Agora, preciso de voltar ao trabalho.

— Mas tu não comeste nada, Winnow! — protestou Sarah.

— Não tenho fome — disse-lhe ela quando se aproximou da porta. — Com licença, Kitt.

Roman não se mexeu. Tinha o olhar fixo nela, como se quisesse ler-lhe o pensamento, e Iris lutou contra a tentação de arrumar os fiapos rebeldes do seu cabelo, de apertar ansiosamente os lábios.

Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas pensou melhor, cerrou os dentes e desviou-se para o lado.

Iris atravessou a soleira da porta. O seu braço roçou o peito dele; ouviu-o expirar num silvo, como se ela o tivesse queimado, e teve vontade de rir. Quis troçar dele, mas sentiu que as palavras lhe faltavam.

Iris voltou para a sua secretária e pousou o chá morno. Vestiu o casaco e pegou no bloco de notas e no lápis, sentindo o olhar desconfiado de Roman do outro lado da sala.

Ele que fique a matutar onde vou, pensou ela com um resfolegar, e saiu da redação.

*

Iris entrou na biblioteca, onde os livros mais antigos se encontravam em prateleiras bem guardadas. Nenhum daqueles tomos

podia ser requisitado, mas todos podiam ser lidos numa das secretárias da biblioteca. Iris escolheu um volume promissor e levou-o para uma mesa.

Acendeu o candeeiro de secretária e folheou cuidadosamente o livro, cujas páginas antigas estavam salpicadas de bolor e pareciam seda sob a ponta dos seus dedos. Páginas que cheiravam a poeira, a túmulos e a lugares que só podiam ser alcançados nas trevas. Páginas cheias de histórias de deuses e deusas de um tempo antigo; antes de os humanos os matarem ou prenderem nas profundezas da terra; antes de a magia ter começado a florescer do solo, a emanar dos ossos divinos, a contagiar certas portas, edifícios e objetos.

Mas agora Enva e Dacre tinham acordado das suas prisões e os *eithrals* tinham sido avistados na linha da frente.

Iris queria saber mais sobre eles.

Começou a apontar as tradições que não lhe tinham sido ensinadas na escola. Os Celestiais, que tinham governado Cambria desde os céus, e os Subterrâneos, que tinham reinado cá em baixo. Tempos houve em que se contavam uns cem deuses entre as duas famílias, espalhando os seus poderes individuais pelo firmamento, a terra e a água. Contudo, com o passar do tempo, foram-se matando uns aos outros, até restarem apenas cinco. E esses cinco tinham sido subjugados pela humanidade e entregues como despojos aos distritos de Cambria. Dacre foi enterrado no Distrito Ocidental, Enva no Distrito Oriental, Mir no Distrito Setentrional, Alva no Distrito Meridional e Luz no Distrito Central. Não voltariam a acordar do seu sono encantado; as suas sepulturas eram símbolos da força e resistência dos mortais, mas eram acima de tudo locais de grandes encantamentos, atraindo os enfermos, os fiéis e os curiosos.

Iris nunca tinha visitado o túmulo de Enva, no Leste. Ficava a quilómetros de Oath, num vale remoto. «Havemos de lá ir um dia, Pequena Flor», dissera-lhe Forest no ano passado, apesar de nunca terem sido uma família devota. «Talvez consigamos sentir a magia de Enva no ar.»

Iris debruçou-se sobre o livro, em busca das respostas que procurava.

Como é que um deus atrai outro?

Dacre tinha incendiado a vila de Sparrow, chacinando agricultores e respetivas famílias, dando início à guerra. No entanto, tal devastação não tinha conseguido atrair Enva, como ele esperava. Mesmo após sete meses de conflito, ela permaneceu escondida em Oath, à exceção das ocasiões em que dedilhava a sua harpa, inspirando os jovens a

alistarem-se e a lutarem contra o seu inimigo.

Porque é que vocês se odeiam? Indagou Iris. O que se tinha passado entre Dacre e Enva?

Folheou as páginas do livro, mas muitas haviam sido removidas, arrancadas do tomo. Havia alguns mitos sobre Enva e Alva, mas nenhum relato detalhado sobre Dacre. O seu nome era mencionado apenas de passagem, em algumas lendas, e nunca ligado a Enva. Também não havia nada sobre os *eithrals* — a sua origem, o que os controlava, até que ponto eram perigosos para os seres humanos.

Iris recostou-se na cadeira e esfregou o ombro.

Era como se alguém quisesse sonegar o conhecimento do passado. Todos os mitos sobre Dacre, a sua magia e poder. O porquê de estar tão furioso com Enva, de instigar uma guerra contra ela, arrastando os mortais para uma chacina.

Tudo aquilo deixou Iris profundamente desanimada.

REVELAÇÕES DO CAIXOTE DO LIXO

A mãe estava a dormir no sofá quando Iris chegou a casa nessa noite. Um cigarro tinha feito um buraco na almofada puída e as velas no aparador estavam quase derretidas.

Iris suspirou, mas começou a recolher as garrafas vazias e a limpar os cinzeiros. Descalçou os botins e estremeceu ao ver que as bolhas tinham sangrado através das meias. Descalça, tirou os lençóis manchados de vinho da cama da mãe, juntou algumas peças de roupa para lavar e levou tudo para a área de serviço. Deu algumas moedas por água e sabão em pó, escolheu uma tábua de lavar e uma tina e começou a esfregar.

A água era fria, bombeada da cisterna da cidade, e o sabão deixava-lhe as mãos em carne viva. Mas ela esfregou as nódoas e espremeu peça após peça, alimentada pela raiva muito depois de o estômago parar de roncar de fome.

Depois de lavar a roupa, Iris sentiu-se pronta para responder ao *Não sou o Forest*. Voltou para o apartamento e deixou a roupa a secar na cozinha. Seria melhor comer qualquer coisa antes de começar a escrever, ou não seria responsável pelo que pudesse sair dos seus dedos. Encontrou uma lata de feijão-verde num dos armários, e comeu com um garfo, sentada no chão do quarto. As mãos doíam-lhe, mas retirou a máquina de escrever da avó de debaixo do colchão.

Tinha guardado o bilhete que recebera na noite anterior, que mantinha junto ao joelho, enquanto escrevia furiosamente uma resposta:

Disseste quem não és, mas não te apresentaste. Quantas cartas minhas recebeste? Tens o hábito de ler o correio dos outros?

Dobrou o papel e meteu-o debaixo da porta do roupeiro.

*

Roman estava deitado na cama, a ler, quando o papel chegou.

Já conhecia bem o som das cartas de Iris; a entrada no seu quarto anunciada como um sussurro. Decidiu que iria ignorar aquela durante

pelo menos uma hora, mantendo os seus longos dedos escondidos nas páginas do livro que estava a ler. Mas pelo canto do olho conseguia ver a mancha branca no chão, e isso acabou por incomodá-lo a ponto de o fazer levantar-se da cama e fechar o livro com um suspiro.

Olhou para o relógio de pulso e percebeu que já era tarde. Ela não devia estar na cama? Mas, para ser sincero... ele tinha estado à espera da resposta dela. Esperava-a desde ontem à noite e, quando não aparecera, Roman pensou que ela deixaria de enviar cartas.

Não sabia se seria mais um alívio ou um pesar, deixar de ver as cartas dela a chegarem misteriosamente ao seu quarto. Para ele, a culpa era da propriedade — era uma casa grande e antiga, que se dizia ter sido construída sobre uma linha ley de magia. Que era o mesmo que dizer que o solar Kitt tinha vontade própria. As portas abriam-se e fechavam-se sem explicação aparente, as cortinas abriam-se ao nascer do sol e o chão polia-se até ficar a brilhar como gelo. Às vezes, quando chovia desabrochavam flores nos locais mais inesperados — chávenas, jarras e até velhos sapatos.

Quando tinha 15 anos — uma altura que detestava rememorar — Roman debatera-se com insónias. Quase todas as noites deambulava pelos corredores escuros da casa numa angústia, até chegar à cozinha. Havia sempre uma vela acesa na bancada, ao lado de um copo de leite quente e de um prato com as suas bolachas preferidas. Durante todo aquele ano, pensou que era a cozinheira que lhe deixava as iguarias ali, até que percebeu que era a casa, que pressentia os seus problemas e procurava confortá-lo.

Roman olhou fixamente para a carta de Iris no chão.

— Continuas a tentar entreter-me? — perguntou ele à porta do roupeiro. Claro que a casa não só procurava consolá-lo nos seus piores momentos, como também gostava de fazer travessuras.

Percebera imediatamente que as cartas eram de Iris. Ela tinha-se revelado, não pelo nome, mas por outras formas. O emprego no *Oath Gazette* era a principal, o estilo de escrita requintado e visceral era outra. No início, Roman pensou que as cartas eram uma partida; que ela tinha encontrado uma forma inteligente de enfeitiçar a casa, de entrar na sua cabeça e de o perturbar.

O que significava que iria ignorar as duas coisas: Iris e as suas cartas. Tinha deitado a primeira carta no caixote do lixo. Ficou lá durante algumas horas enquanto ele datilografava na secretária, mas à meia-noite, quando já estava exausto e com os olhos raiados de sangue e claramente sem capacidade para raciocinar, foi buscar a carta e guardou-a numa velha caixa de sapatos.

Forest devia ser o amante dela, que tinha partido para a guerra.

Mas Roman depressa percebeu que não. Forest era o seu irmão mais velho, e custou-lhe muito ler o quanto ela estava zangada, triste e preocupada. O quanto sentia a falta dele. Pela vulnerabilidade das cartas, Roman percebeu que Iris não fazia ideia de que as suas palavras tinham chegado às mãos do rival.

Tinha passado uma semana inteira a refletir sobre este dilema. O melhor seria contar-lhe. Talvez pessoalmente, na redação? Mas Roman perdia a coragem sempre que imaginava a situação. Talvez fosse melhor fazê-lo por carta? Podia escrever algo do género: *Olá, obrigado pelas palavras, mas acho que devias saber que as tuas cartas vieram parar às minhas mãos. A propósito, é o Roman C. Kitt que te escreve. Sim, o Roman C. Kitt do trabalho. O teu adversário.*

Ela ficaria mortificada. Não queria envergonhá-la, nem sofrer uma morte lenta e dolorosa às mãos dela.

Decidiu que não diria nada, que pegaria nas cartas assim que chegassem e que as guardaria na caixa de sapatos. Por fim, ela deixaria de escrever ou ele acabaria por sair daquele quarto, e aquilo deixaria de ser um problema.

Até receber a carta de ontem à noite.

Não era endereçada a Forest, o que despertou imediatamente o interesse de Roman.

Leu-a, como tinha lido todas as outras. Por vezes, lia-as várias vezes. No início, era uma «tática», porque ela era sua rival e ele queria saber o máximo possível sobre ela. Mas depois apercebeu-se de que as lia porque ficava profundamente comovido com a sua escrita e com as memórias que ela partilhava. Por vezes, estudava a forma como ela manipulava as palavras e a linguagem, e isso causava-lhe inveja e admiração. Ela sabia como despertar sentimentos num leitor, o que Roman achava bastante perigoso.

Se não tivesse cuidado, ela levaria a melhor e ficaria com o cargo de colunista.

Estava na altura de lhe escrever de volta. Estava na altura de ser ele a entrar na cabeça dela, para variar.

Não sou o Forest fora tudo o que escrevera na noite anterior; uma confissão que lhe tirou um peso de cima.

Silenciara o lado lógico do seu cérebro ao enfiar as palavras por baixo da porta do roupeiro. *Isto é ridículo. Porque estou a fazer isto?* Pensou ele, mas quando abriu o roupeiro, o papel tinha desaparecido.

Ficou chocado, mas imaginou que Iris ficaria ainda mais. Finalmente, tinha alguém que respondia às suas cartas volvidos três meses. Alguém que não era Forest.

Roman dobrou-se para apanhar a carta. Leu-a e sentiu o insulto que ela continha, sobretudo a frase «Tens o hábito de ler as cartas dos outros?». Com um ar carrancudo, dirigiu-se à secretária e colocou uma folha na máquina de escrever. Escreveu:

Tenho o hábito de apanhar os papéis perdidos que, de alguma forma, aparecem no meu quarto em intervalos aleatórios. Preferes que os deixe no chão?

E depois enviou a mensagem pelo roupeiro.

Andou de um lado para o outro, impaciente, à espera que ela respondesse. *Devia contar-lhe agora*, pensou, enquanto passava a mão pelo cabelo. *Devia contar-lhe quem sou. Este é o ponto sem retorno. Se não lhe contar agora, nunca o farei.*

Mas quanto mais pensava nisso, mais se apercebia de que *não* queria fazê-lo. Se lhe contasse, ela deixaria de escrever. Perderia a sua vantagem tática. A resposta dela chegou por fim. Roman sentiu-se estranhamente aliviado ao ler:

Podias ser um querido e devolver as minhas cartas anteriores. Não quero causar incómodos ao teu chão. Ou ao teu caixote do lixo.

Era como se ela *soubesse* que ele tinha deitado a primeira carta para o lixo. Roman corou quando se sentou à secretária. Abriu uma das gavetas, onde guardava a caixa de sapatos. Levantou a tampa e olhou para a quantidade de cartas que ali estava. Folhas e mais folhas. Palavras escritas para Forest. Palavras que ele tinha lido várias vezes.

Roman deveria devolver-lhas. No entanto...

Receio não poder devolvê-las.

Enviou-lhe aquela mensagem concisa. Voltou a andar de um lado para o outro enquanto esperava, e quando Iris manteve o silêncio, Roman franziu o sobrolho. Era o fim. Ela fartara-se.

Até que outra página veio aterrar no chão.

Nesse caso, escusas de agradecer pelas gargalhadas. Tenho a certeza de que as minhas cartas foram muito divertidas enquanto duraram, mas não voltarei a incomodarte nem ao teu soaço.

Bem hajás!

Roman leu aquela mensagem três vezes.

Ali estava a sua saída. Acabavam-se os papéis irritantes no chão e as oportunidades para a escrita de Iris o assombrar. Aquilo era bom. Era ótimo. Tinha posto fim àquilo sem ter de a envergonhar ou de se revelar. Devia estar satisfeito.

Mas, em vez disso, sentou-se à secretária.

Escreveu, deixando as palavras derramarem-se como uma confissão à luz das velas. Enviou a carta antes de ter tempo de se começar a arrepender.

Por favor, não pares por mim ou pelo meu soalho. Disse-te quem não era, e tu, naturalmente, perguntaste quem eu era, mas acho que é melhor assim. Podemos manter as nossas identidades em segredo e deixar que uma qualquer magia antiga una as nossas portas.

Mas para que não haja dúvidas... lerei de bom grado tudo aquilo que escreveres.

PENA

— Se algum de vocês receber uma oferta como esta, quero saber imediatamente — disse Zeb na manhã seguinte, brandindo um pedaço de papel pela redação. — É reles, e não quero que nenhum de vocês se perca numa missão perigosa e fútil.

— Que missão, senhor? — perguntou Roman.

— Lê e passa aos outros — disse Zeb, enquanto lhe entregava o papel.

A folha demorou algum tempo a chegar à secretária de Iris. O papel já estava amarrotado, e ela sentiu a presença de Zeb a pairar sobre ela enquanto lia:

PROCURA-SE PARA ENTRADA IMEDIATA:

Correspondentes de Guerra

O *Inkridden Tribune* pretende contratar jornalistas que estejam dispostos a viajar para a zona de guerra a fim de redigir artigos sobre o estado atual da guerra dos deuses. Os artigos serão publicados no *Inkridden Tribune*. Trata-se de uma posição neutra e, como tal, garante proteção de ambos os lados do conflito, mesmo que haja algum risco envolvido. Os interessados deverão contactar Ms. Helena Hammond.

A remuneração é de 50 notas por mês.

Cinquenta notas? Era o dobro do que ela ganhava por mês no *Gazette*.

Iris deve ter demorado muito tempo a ler, porque Zeb pigarreou. Ela passou o papel para a secretária atrás de si.

— O *Inkridden Tribune* quer vender mais jornais do que nós, *assustando* os nossos leitores — declarou Zeb. — Esta guerra é um problema do Distrito Ocidental e do seu chanceler. Foram eles que enterraram Dacre; devem ser eles a lidar com ele e com a sua raiva, em vez de *nos* exaurirem de soldados e recursos.

— Então e Enva, Mr. Autry? — perguntou Sarah.

Zeb foi apanhado de surpresa pelas palavras de Sarah. Iris ficou satisfeita com a coragem da amiga, mesmo que Sarah se tenha

encolhido mal sentiu o escrutínio, ajeitando os óculos no nariz como se quisesse desaparecer.

— O que tem *Enva*? — contrapôs Zeb, com a cara muito vermelha. — Tínhamos a obrigação de a manter enterrada e subjugada no Leste, mas fizemos um mau trabalho, verdade? — Ficou em silêncio durante algum momento, e Iris preparou-se para o que aí vinha. — Embora Enva e a sua música tenham conseguido convencer alguns indivíduos mais ingênuos a alistarem-se, a maioria de nós quer concentrar-se noutros assuntos. Por isso, não se deixem enganar por esta conversa de guerra. Tudo vai acabar em breve. Continuem a fazer um bom trabalho e falem imediatamente comigo se alguém do *Inkridden Tribune* vos abordar.

Iris cerrou os punhos debaixo da secretária até sentir as unhas cravadas na carne.

Forest era tudo menos *ingênuo*.

Quando Dacre começara a atacar cidade após cidade, no verão passado, o chanceler e os habitantes do Distrito Ocidental fizeram um pedido de ajuda. *Ele está a dizimar-nos!* As suas súplicas viajaram entrecortadas através das linhas telefónicas. *Mata-nos se não aceitarmos submeter-nos e combater por ele. Precisamos de ajuda!*

Por vezes, Iris ainda sentia vergonha quando pensava na lentidão com que as pessoas do Ocidente tinham respondido a esse pedido de ajuda. Mas a verdade é que os habitantes de Oath só acreditaram que Dacre tinha voltado quando a música de Enva começou a ecoar pelas ruas. Os distritos Meridional e Central tinham sido os primeiros a responder, partindo do princípio de que, se enviassem algumas forças auxiliares, Dacre seria derrotado antes de arrasar totalmente o Ocidente.

Subestimaram-no. Subestimaram o número de devotos que decidiram lutar *por* Dacre.

Foi o início da guerra. Progrediu rapidamente, sem piedade. Enquanto Oath dormia, o Ocidente ardia. E apesar dos infundáveis quilómetros escuros que se estendiam entre o Oriente e o Ocidente, Forest fora um dos primeiros a alistar-se.

Iris imaginou onde ele estaria naquele momento. A dormir numa gruta, escondido numa trincheira, ferido num hospital, algemado no campo inimigo. Tudo isto enquanto ela estava sentada em segurança à secretária, a datilografar classificados, obituários e artigos.

Sem saber se ele ainda respirava.

Zeb chamou-a ao seu gabinete uma hora depois.

— Tens três dias, Winnow — anunciou, com os dedos cruzados sobre a secretária. — Três dias para escrever um artigo sobre um tema à tua escolha. Se for melhor do que o do Kitt, tenciono publicá-lo e ponderar seriamente dar-te o cargo de colunista.

Ela mal podia acreditar. Um artigo em aberto. Ele raramente fazia isso. Mas lembrou-se do que ele tinha dito e quase expressou o que lhe ia na alma.

Tenciono escrever sobre os tais indivíduos ingénuos.

— Winnow?

Iris percebeu que estava a franzir a testa e que tinha os dentes cerrados.

— Sim, obrigada, senhor. — Esboçou um sorriso forçado e voltou para a sua secretária.

Não podia dar-se ao luxo de perder aquela promoção. O que significava que não podia dar-se ao luxo de irritar Zeb com o tema do seu artigo. Tinha de escrever algo que ele quisesse publicar.

Subitamente, aquele artigo aberto pareceu-lhe muito restritivo.

*

— Até que enfim que te encontro.

A voz de Roman apanhou-a à saída do átrio, ao cair da noite. Iris assustou-se quando ele se pôs ao seu lado.

— O que queres, Kitt? — perguntou, com um suspiro.

— Estás magoada?

— Desculpa?

— Passaste o dia a coxear.

Ela resistiu à vontade de olhar para os pés, para aqueles botins hediondos da mãe.

— Não, estou bem. O que queres? — insistiu.

— Falar contigo sobre o Autry. Ele deu-te um artigo aberto, verdade? — sondou ele, abrindo caminho para eles na calçada cheia de gente. Iris achou que era justo informá-lo.

— Sim. E não é nenhum *favor especial*.

— Ai, não é?

Ela estancou, o que suscitou uma enxurrada de insultos, visto que

obrigou as pessoas a contorná-los, a ela e a Roman.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ela, num tom incisivo.

— Quero dizer aquilo que ouviste — respondeu Roman. Os candeeiros de rua começavam a ganhar vida, iluminando o rosto dele com uma luz âmbar. Iris odiava que ele fosse tão bonito. Odiava que o seu coração amolecasse quando ele olhava para ela. — O Autry está a fazer-te um favor especial para te promover e não a mim.

E a moleza foi ao ar, deixando uma nódoa negra no seu lugar.

— *O quê?!* — A pergunta saiu disparada, com sabor a cobre, e ela percebeu que tinha reaberto o corte no lábio. — Como te atreves a dizer-me isso?

Roman franziu o sobrolho. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Pensei que a competição seria ganha de forma justa, e eu não...

— O que queres dizer com «favor»?

— Ele tem pena de ti! — gritou Roman, exasperado.

Iris ficou paralisada. As palavras dele atingiram-na profundamente. Sentiu o gelo no peito a espalhar-se pelas mãos. Estava a tremer, e só esperava que ele não reparasse.

— O Autry tem *pena* de mim — repetiu. — Porquê? Porque sou uma rapariga de classe baixa que não tem lugar num jornal?

— Winnow, eu...

— Para ti, devia estar a lavar pratos na cozinha de um restaurante, não era? Ou a limpar casas, de gatas, a polir o soalho que seria pisado por pessoas como tu.

Os olhos dele refulgiram.

— Eu nunca disse que não merecias estar no *Gazette*. És uma excelente escritora, mas deixaste a escola no último ano e...

— O que é que isso interessa? — exclamou ela. — És daqueles que gostam de julgar as pessoas pelo seu passado? Pela escola que frequentaram? É só isso que consegues ver?

Roman estava tão quieto, tão calado, que Iris pensou tê-lo transformado em pedra.

— Não — disse ele, por fim, mas a sua voz estava estranha. — Mas és pouco fiável. Tens chegado atrasada, perdes artigos, tornaste-te desleixada.

Ela deu um passo atrás. Não queria que Roman sentisse o quanto

as suas palavras a magoavam.

— Compreendo. Bem, é reconfortante saber que se conseguir o cargo, será só por pena. E se fores tu o escolhido, será apenas porque o teu paizinho rico conseguiu subornar o Autry.

Ela virou costas e afastou-se, contra o caudal de transeuntes. Por instantes, o mundo ficou desfocado; Iris percebeu que os seus olhos ardiam com lágrimas.

Odeio-o.

Por cima do barulho das conversas, do sino do elétrico e dos encontrões de estranhos, ela ouvia os seus gritos, a chamá-la.

— Espera, Winnow. Não fujas de mim!

Fundiu-se na multidão antes que Roman conseguisse alcançá-la.

JANTAR COM QUEM SE AMA (OU NÃO)

Iris ainda estava a matutar naquilo que Roman lhe tinha dito quando entrou em casa, cabisbaixa. Só reparou que todas as velas estavam acesas e no cheirinho que vinha da cozinha quando a mãe apareceu com o seu melhor vestido, o cabelo encaracolado e os lábios pintados de vermelho.

— Até que enfim, filha. Estava a ficar preocupada. Já devias estar em casa há uma hora!

Iris ficou boquiaberta por instantes, com os olhos a desviarem-se da mãe para o jantar que estava na mesa da cozinha.

— Estamos à espera de visitas?

— Não. Somos só nós as duas — informou Aster, enquanto avançava para ajudar Iris a tirar o casaco. — Pensei que podíamos ter um jantar especial. Como costumávamos fazer.

Quando Forest ainda estava com elas.

Iris acenou com a cabeça, com a barriga a dar horas, quando se apercebeu de que a mãe tinha comprado o jantar no seu restaurante preferido. Numa travessa, estava disposto um assado com legumes, acompanhado de pãozinhos que brilhavam com manteiga. Ficou com água na boca quando se sentou, enquanto Aster lhe preparava o prato.

Há muito tempo que a mãe não cozinhava ou comprava o jantar. E embora Iris quisesse ser cautelosa, estava faminta. De comida quente e nutritiva. De conversas sóbrias com a mãe. Dos dias de antanho, antes de Forest ter partido para a guerra e a mãe se ter refugiado no álcool.

— Conta-me como foi o teu dia, querida — disse a mãe, sentando-se do outro lado da mesa.

Iris levou uma garfada à boca. Como é que a mãe tinha conseguido pagar um banquete daqueles? E depois percebeu: o dinheiro do rádio da avó devia ter servido para comprar aquela refeição, assim como o álcool, muito provavelmente. De repente, a comida soube-lhe a cinzas.

— Ultimamente, tenho-me dedicado aos obituários — revelou.

— Isso é ótimo, querida.

Ótimo não seria a melhor descrição do seu trabalho nos obituários. Iris fez uma pausa para observar Aster.

Sempre achara a mãe bonita, com o rosto em forma de coração, o cabelo acobreado e um sorriso largo e encantador. Mas havia um brilho nos seus olhos naquela noite, como se ela olhasse para as coisas sem as ver verdadeiramente. Iris estremeceu ao perceber que Aster não estava sóbria.

— Fala-me mais sobre o *Tribune* — instou Aster.

— Eu trabalho no *Gazette*, mãe.

— Isso, isso. O *Gazette*.

Iris começou a contar-lhe ocorrências aleatórias, deixando Roman de fora. Como se ele não existisse, embora as suas palavras continuassem a assombrá-la. *Tornaste-te desleixada*.

— Mãe? — disse Iris, hesitando logo a seguir quando Aster a fitou.
— Achas que hoje me podes ajudar a encaracolar o cabelo?

— Com muito gosto — acedeu a mãe, levantando-se da mesa. — Na verdade, comprei um champô novo para o meu cabelo. Vou lavar-te a cabeça e colocar-te os rolos. Vamos para a casa de banho.

Iris pegou numa das velas e seguiu-a. Foi preciso algum esforço, mas Aster conseguiu lavar-lhe o cabelo na banheira com o balde de água da chuva que tinham guardado. Em seguida, foram para o quarto da mãe, onde Iris se sentou diante do espelho.

Fechou os olhos enquanto Aster lhe penteava os cabelos emaranhados. Por instantes, esqueceu as bolhas nos calcanhares e as mágoas que lhe pesavam no coração. Forest chegaria em breve da relojoaria, e a mãe ligaria o rádio para ouvirem programas de entrevistas e música até altas horas da noite.

— Gostas de algum rapaz do trabalho? — perguntou Aster, enquanto aplicava os rolos no cabelo comprido de Iris. Os olhos da filha abriram-se.

— Não. Porque perguntas, mãe?

Aster encolheu os ombros.

— Só queria saber para que queres encaracolar o cabelo.

— É para *mim* — respondeu Iris. — Estou farta de parecer uma desmazelada.

— Nunca me pareceste uma desmazelada, Iris. Nunca. — Prendeu o primeiro rolo no sítio certo. — Foi algum rapaz que te disse isso?

Iris suspirou, e olhou fixamente para o reflexo de Aster no espelho

manchado.

— Talvez — confessou por fim. — É o meu rival. Queremos os dois o mesmo cargo.

— Deixa-me adivinhar. Ele é jovem, bonito, encantador, e sabe que tu escribes melhor do que ele, por isso está a fazer tudo o que pode para te desconcentrar.

Iris quase se riu.

— Como é que sabes isso, mãe?

— As mães sabem tudo, querida — disse Aster piscando-lhe um olho. — Além disso, se fosse eu, apostava em ti. — Iris sorriu, surpreendida com a segurança que a mãe lhe transmitia. — Se o teu irmão soubesse que um rapaz te disse uma coisa dessas... — Aster estalou a língua. — Coitado do rapaz. O Forest sempre foi muito protetor em relação a ti.

Iris pestanejou para afastar as lágrimas. Talvez porque aquela fosse a sua primeira conversa séria com a mãe desde há muito tempo. Talvez porque sentia a gentileza dos dedos de Aster, que lhe avivavam memórias recalcadas. Talvez porque Iris tinha finalmente a barriga cheia e o cabelo lavado. A verdade é que quase conseguia ver o irmão, como se o espelho tivesse captado um vislumbre de Forest.

Por vezes, revivia o momento que tinha mudado tudo. O momento em que Enva o deteve quando regressava a casa. Uma deusa disfarçada. Ele tinha optado por ouvir a música dela; uma música que brotou no seu coração e que o impeliu a alistar-se nessa noite.

Tinha sido tudo muito rápido. Iris mal tinha conseguido recuperar o fôlego enquanto Forest explicava a sua decisão precipitada. Logo a seguir, já estava a fazer as malas, com os olhos brilhantes e febris. Iris nunca o tinha visto tão entusiasmado.

«Tenho de ir, Pequena Flor», dissera ele, tocando-lhe no cabelo. «Tenho de responder ao meu chamamento.»

Ao que ela quisera retrucar: *E eu? E a mãe? Como podes amar esta deusa mais do que a nós?* Mas não o fizera. Estava demasiado assustada para lhe fazer tais perguntas.

— Mãe? — perguntou Iris, trémula. — Mãe, achas que o Forest está...?

— Ele está vivo, querida — cortou Aster, ajeitando o último rolo. — Sou mãe dele. Eu saberia se ele tivesse deixado este mundo. — Iris soltou um suspiro entrecortado. Fixou o olhar da mãe no espelho. — Vai ficar tudo bem, Iris — afiançou-lhe ela, pousando as mãos nos

ombros da filha. — E eu também vou ficar melhor, a partir de agora. Prometo. E tenho a certeza de que o Forest vai regressar no próximo mês, mais coisa, menos coisa. Tudo vai melhorar em breve.

Iris acenou com a cabeça. Apesar de os olhos da mãe estarem turvos devido ao álcool que distorcia a sua realidade, acreditou nela.

*

Roman entrou em casa de rompante. Tinha a mente tão ocupada com o quão horrivelmente mal a conversa com Iris tinha corrido que nem se apercebeu de que havia visitas na sala de estar. Pelo menos, não antes de ter batido com a porta da rua e de já estar no hall de entrada, a meio caminho da grande escadaria. Foi quando ouviu a voz delicada da mãe.

— Roman? Roman, meu querido, vem cumprimentar os nossos convidados.

Abafando um gemido, imobilizou-se no primeiro degrau. Só esperava conseguir cumprimentar quem quer que fosse e depois retirar-se para o seu quarto para rever o artigo sobre os soldados desaparecidos. *Um artigo que devia ter sido confiado à Iris*, pensou, enquanto entrava na sala de estar dourada.

O seu olhar dirigiu-se primeiro para o pai, como se toda a gravidade da sala estivesse centrada nele. Mr. Ronald Kitt tinha sido um homem belo no seu tempo, mas anos de sofrimento, preocupações, charutos e brandy tinham deixado a sua marca. Era alto, mas encurvado, de faces rosadas e olhos implacáveis que refulgiam como pedras preciosas azuis. O seu cabelo negro estava agora eivado de grossas madeixas grisalhas. Os seus lábios estavam sempre contraídos, como se nada lhe pudesse agradar ou fazer sequer esboçar um sorriso.

Alturas havia em que Roman tinha medo de um dia ficar igual ao pai.

Mr. Kitt estava posicionado ao lado da lareira, atrás da cadeira onde estava sentada a mãe de Roman. E se a presença do pai era intimidante, a mãe espalhava doçura por qualquer divisão. Apesar disso, tornara-se cada vez mais distraída com o passar dos anos, desde a morte de Del. Era normal as conversas com ela não fazerem sentido, como se Mrs. Kitt pertencesse mais ao mundo dos fantasmas do que ao dos vivos.

Roman engoliu em seco quando cruzou olhares com o pai.

— Roman, este é o Dr. Herman Little, um químico da Universidade de Oath, e esta é a sua filha, Elinor — apresentou Mr. Kitt, apontando com o copo de brandy para a sua esquerda.

Os olhos de Roman percorreram relutantemente a sala, e foram pousar num cavalheiro com alguma idade, com cabelo castanho e óculos demasiado grandes para o seu nariz pequeno e torto. Ao seu lado, no sofá, estava a filha, uma rapariga pálida com cabelo louro encaracolado. Veias azuis pulsavam-lhe nas têmporas e nas costas das mãos entrelaçadas. Pareceu-lhe frágil, até encontrar o seu olhar e ver nele apenas gelo.

— Dr. Little, Miss Elinor — continuou Mr. Kitt. — Este é o meu filho, Roman Kitt. Está prestes a ser promovido a colunista no *Oath Gazette*.

— Que maravilha! — regozijou-se o Dr. Little com um sorriso amarelo. — Ser colunista no jornal mais prestigiado de Oath é um feito raro. Terá uma grande influência nos seus leitores. É uma grande conquista para alguém da sua idade...

— Tenho 19 anos, senhor — respondeu Roman. O tom terá sido demasiado brusco, porque o pai fez uma careta. — É um prazer conhecer-vos, mas se me dão licença, ainda tenho de ir terminar um arti...

— Vai preparar-te para o jantar — cortou Mr. Kitt. — Encontramo-nos na sala de jantar daqui a meia hora. Não te atrases, filho.

Não. Roman sabia que não devia atrasar-se para nada que envolvesse o pai. A mãe sorriu-lhe quando ele virou costas e saiu.

Na segurança do seu quarto, Roman descartou a sacola e a máscara de filho obediente. Passou os dedos pelo cabelo e atirou o casaco para o outro lado do quarto. Estranhou que o seu olhar se dirigisse para o roupeiro. Não havia nenhum papel no chão. Nenhuma carta de Iris. Mas, claro, provavelmente ainda não estava em casa. Roman tinha quase a certeza de que ela não apanhava o elétrico, mas que ia e vinha a pé para o trabalho, e era por isso que às vezes chegava atrasada.

Não era problema dele, mas só conseguia imaginá-la a coxear. Como se houvesse algo de errado com aqueles botins horríveis que ela usava.

— Para de pensar nela! — sibilou, apertando a cana do nariz.

Afastou Iris dos seus pensamentos. Lavou-se e vestiu um fato escuro, antes de descer para a sala de jantar. Chegou dois minutos adiantado, mas isso não importava. Os pais e os Little estavam à espera dele. Infelizmente, viu que tinha de ocupar a cadeira mesmo em frente à de Elinor. O olhar frio da rapariga trespassou-o assim que ele se sentou.

Foi então que Roman teve a primeira sensação de pavor.

Não seria um jantar agradável.

A avó também não estava à mesa, o que significava que o pai estava a tentar controlar tudo o que seria dito naquela noite. A avó de Roman vivia na ala leste da mansão. A senhora tinha um temperamento explosivo e não media as palavras, e Roman desejou ardentemente que ela estivesse presente.

Ficou em silêncio durante os dois primeiros pratos. Elinor também. Os pais falaram a maior parte do tempo sobre o custo de certos produtos químicos, o método de extração, a velocidade e os catalisadores das reações, a razão pela qual um elemento designado praxina se tornava verde quando era combinado com um sal e sobre como era necessário um determinado tipo de metal para ser armazenado em segurança.

Roman observava o pai, que acenava com a cabeça e agia como se soubesse exatamente do que o Dr. Little estava a falar. Rapidamente, a conversa foi desviada para os caminhos de ferro.

— O meu avô fundou o primeiro caminho de ferro a partir de Oath — anunciou Mr. Kitt. — Antes disso, eram os cavalos, as carroças e as diligências que nos levavam a todo o lado.

— Mas que visão de futuro tiveram os seus antepassados — congratulou o Dr. Little.

Roman bloqueou o resto da conversa do pai e os elogios do Dr. Little, farto de ouvir a história de como a sua família tinha feito isto e aquilo para construir a sua fortuna. Tudo coisas irrelevantes para os verdadeiros pares de Cambria, titulares de fortunas antigas e muitas vezes críticos em relação a pessoas como os Kitt, que se destacaram graças ao seu dinheiro recente e fruto da inovação. Roman sabia que isso incomodava o pai — o facto de a sua família ser amiúde ignorada em eventos sociais — e Mr. Kitt teimava em gizar planos para mudar a opinião das pessoas. Um desses planos passava por Roman se tornar colonista em vez de ir para a universidade estudar Literatura, a sua verdadeira paixão. Se não fosse o dinheiro a garantir a dignidade e o respeito pelos Kitt, seriam as posições de poder e estima a fazê-lo.

Roman contava poder sair da mesa antes do último prato, mas foi então que a mãe se virou para Elinor.

— O seu pai deixou escapar que é uma excelente pianista — disse Mrs. Kitt. — O Roman *adora* ouvir piano.

Ah sim? Roman teve de conter uma réplica. Elinor nem se dignou olhar para ele.

— Sim, era, mas agora prefiro passar o meu tempo no laboratório

do meu pai. Na verdade, já não toco.

— Oh. Lamento muito.

— Não é caso para isso, Mrs. Kitt. O meu pai pediu-me para parar. Nos dias que correm, a música está associada a Enva — explicou Elinor. A sua voz era monótona e desprovida de sentimentalismo.

Roman observou-a a empurrar a comida no prato. De repente, teve a percepção de que os Little eram simpatizantes de Dacre, e o seu estômago contorceu-se. Os apoiantes de Dacre na guerra tinham tendência a ser uma de três coisas: devotos zelosos, ignorantes da mitologia que retratava a verdadeira natureza aterradora de Dacre ou, tal como Zeb Autry, receosos dos poderes musicais de Enva.

— A música de Enva nunca foi algo a temer — disse Roman, incapaz de se conter. — Rezam os mitos que ela dedilhava a sua harpa sobre as campas dos mortais e que a sua música guiava as almas dos seus corpos para o reino seguinte, fosse para viver no reino dos Celestiais ou no reino dos Subterrâneos. As suas canções estão entretecidas com verdade e conhecimento.

À mesa, fez-se um silêncio sepulcral. Roman não se atreveu a relançar o pai, que o fulminava com o olhar.

— Perdoem o meu filho — disse Mr. Kitt com um riso nervoso. — Leu demasiados mitos quando era pequeno.

— Porque não nos fala mais sobre o *Gazette*, Roman? — sugeriu o Dr. Little. — Ouvi dizer que o chanceler Verlice limitou as informações que os jornais de Oath podem divulgar sobre a guerra. É verdade?

Roman ficou paralisado. Não tinha a certeza. Ultimamente, concentrava-se sobretudo em tentar escrever mais do que Iris. Mas depois percebeu que tinha escrito muito pouco sobre a guerra, visto que Zeb o tinha incumbido de outras tarefas. O facto de estar a escrever sobre soldados desaparecidos era surpreendente, embora talvez até isso fosse uma manobra para virar as pessoas contra Enva.

— Não ouvi falar de nenhuma restrição — respondeu Roman. Mas de repente aquilo pareceu-lhe possível, e conseguia imaginar o chanceler de Oath, um homem alto, de olhos miúdos e semblante carregado, a impor discretamente tais restrições, de modo a manter o Oriente longe da destruição da guerra.

— Para quando essa promoção a colunista? — perguntou o Dr. Little. — Quero comprar o jornal nesse dia.

— Não tenho a certeza — confessou Roman. — Ainda estou a ser considerado para o cargo.

— Mas ele *vai* conseguir a promoção — insistiu Mr. Kitt. — Nem que eu tenha de subornar o velho que dirige o jornal.

Os homens riram-se. Roman ficou rígido. Sentiu novamente as palavras de Iris como uma bofetada na cara. *E se fores tu o escolhido, será apenas porque o teu paizinho rico conseguiu subornar o Autry.*

Levantou-se, embatendo na mesa com a pressa. Os pratos chocalharam e as luzes das velas tremeluziram.

— Com a vossa licença — começou por dizer, mas a voz do pai sobrepôs-se à sua.

— Senta-te, Roman. Há um assunto importante que temos de discutir.

Lentamente, Roman voltou a sentar-se. O silêncio parecia pesado. Só lhe apetecia enfiar-se num buraco no chão.

— Oh, meu querido — exclamou a mãe. — Vai ser tão emocionante! Finalmente, temos motivos para festejar.

Roman olhou para ela, com as sobranceiras arqueadas.

— Como assim, mãe?

Mrs. Kitt encarou Elinor, que estudava as suas próprias mãos com uma expressão vazia.

— Acertámos o casamento entre ti e Miss Little — anunciou Mr. Kitt. — Esta união das nossas famílias não só será benéfica para o nosso próximo projeto, como também será como disse a tua mãe: um motivo para festejar. Estamos de luto há demasiado tempo. É altura de celebrar.

Roman exalou um suspiro por entre os dentes. Sentia que tinha fraturado uma costela enquanto se esforçava por compreender o que os seus pais tinham feito. Os casamentos combinados ainda eram comuns na classe alta, entre viscondes e condessas e todos aqueles que ainda estavam agarrados a títulos empoeirados. Mas os Kitt não eram esse tipo de pessoas, por muito determinado que o pai estivesse em elevá-los à alta sociedade.

Também lhe pareceu estranho que o pai estivesse a acertar um casamento com a filha de um *professor* e não com a filha de um lorde. Pressentiu que havia algo mais por detrás daquela conversa, e que Roman era um mero peão num jogo de maior dimensão.

Calmamente, disse:

— Lamento informar que não posso...

— Não sejas infantil, Roman — disse Mr. Kitt. — Casarás com esta

jovem encantadora e unirás as nossas famílias. É esse o teu *dever* como meu único herdeiro. Entendido?

Roman olhou fixamente para o prato. A carne e as batatas por comer, agora frias. Percebeu que todos na mesa estavam a par da novidade, menos ele. Até Elinor devia saber, porque o observava atentamente, como se estivesse a avaliar a sua reação a ela.

Engoliu as suas emoções, ocultando-as no mais profundo do seu ser. Tudo aquilo que ele queria, a raiva latente. A mágoa que ainda estava crua, como uma ferida por sarar. Pensou na pequena campa no jardim, na lápide que lhe custava visitar. Pensou nos últimos quatro anos, em como tinham sido sombrios, frios e infelizes. E a culpa sussurrou-lhe ao ouvido. *É claro que tens de fazer isto. Já uma vez falhaste no teu dever mais importante e, se isto é para o bem da família, como poderias recusar?*

— Sim, senhor — disse ele, num tom monocórdico.

— Excelente! — O Dr. Little bateu palmas com as suas mãos magras. — Vamos fazer um brinde?

Roman observou, dormente, um criado a encher uma taça de champanhe que lhe entregou. Sentiu que a mão tinha vida própria quando pegou no copo; foi o último a erguê-la num brinde que nem sequer ouviu, porque se sentiu invadido por um pânico entorpecedor.

Mas mesmo antes de se dignar a sorver a bebida, cruzou o seu olhar com o de Elinor. Viu nele uma centelha de medo e compreendeu que ela estava tão encurralada como ele.

CELESTIAIS VERSUS SUBTERRÂNEOS

Já era tarde quando Roman regressou ao quarto depois do jantar. O suor brotava-lhe na testa e cobria-lhe as palmas das mãos.

Estava prestes a casar com uma estranha. Uma rapariga que o olhava com desdém.

Despiu o casaco e arrancou o laço que tinha ao pescoço. Descalçou os sapatos, desabotoou a camisa e caiu de joelhos no chão, enrolando-se sobre si mesmo como se pudesse aliviar a dor no estômago.

Mas ele merecia aquilo. A culpa de ser o único herdeiro do pai era dele.

Merecia ser infeliz.

A sua respiração era irregular. Fechou os olhos e disse a si próprio para *inspirar, expirar, inspirar*.

O tiquetaque do relógio de pulso era audível. Os minutos sucediam-se, uns atrás dos outros. Sentia o cheiro do tapete debaixo de si. Lã com cheiro a mofo e um ligeiro vestígio de graxa de sapato.

Quando voltou a abrir os olhos, reparou no pedaço de papel que estava no chão.

Iris tinha escrito.

Rastejou até ele. As suas mãos tremiam quando abriu o papel dobrado, surpreendido por encontrar uma mensagem muito curta, mas intrigante:

O que sabes sobre Dacre e Enva?

Por instantes, ficou pasmado a olhar para aquela pergunta aparentemente inocente. Mas depois a sua mente começou a percorrer os mitos que conhecia. As histórias nos velhos tomos que tinha herdado do avô.

Era a distração de que precisava. Podia perder-se naquilo; podia responder-lhe por escrito, porque eram factos que ela queria, nada mais.

Roman levantou-se e sussurrou:

— Por favor, acende o candeeiro.

A velha mansão respondeu, acendendo o candeeiro da secretária. A lâmpada iluminou o quarto com um brilho dourado suave quando Roman se aproximou das estantes cheias de livros. Começou a folhear os seus tomos de mitologia, manuseando-os com cuidado, pois a maior parte deles estava a desfazer-se. Estava a tentar decidir que mito partilhar com Iris, quando algumas folhas soltas caíram de um dos volumes, indo parar aos seus pés.

Roman estancou. Sucessivas páginas, tingidas de castanho pelo tempo e preenchidas com a caligrafia do avô. Pegou-lhes e folheou-as, percebendo que o texto era um relato sobre Enva e Dacre. Um mito que hoje em dia poucos conheciam.

O avô devia tê-lo anotado e guardado as folhas num dos seus livros. Fazia isso muitas vezes, esquecendo-se de onde tinha colocado os seus escritos. Roman já tinha encontrado de tudo, anos após a sua morte, desde cartas a ideias soltas e capítulos de histórias ao acaso.

E quando Roman leu o mito manuscrito, soube que era aquele que partilharia com Iris.

Levou-o para a sua secretária e sentou-se a transcrevê-lo na máquina de escrever.

Estás com sorte. Por acaso, sei uma coisa ou outra sobre Dacre e Enva. Conheço um mito que vou agora partilhar contigo. Encontrei-o escondido num velho tomo, escrito à mão e incompleto. Por isso, lembra-te de que falta a última parte, que ainda não encontrei.

Os deuses de antanho dividiam-se em duas famílias: os Celestiais e os Subterrâneos. Os Celestiais governavam o reino superior, e os Subterrâneos o reino inferior. Odiavam-se mutuamente — como os imortais são propensos a fazer — e muitas vezes participavam em desafios, para provar quem era mais digno de ser temido, amado ou venerado entre os mortais.

Dacre, um deus Subterrâneo, esculpido em calcário branco e com veias de fogo azulado, decidiu que capturaria um dos seus inimigos porque estava farto de viver dia após dia, estação após estação, ano após ano. Tal é o peso da imortalidade. Sendo o deus da vitalidade e da cura, ansiava por um desafio, por isso perguntou a um ser humano qual era o nome da divindade Celestial mais amada. Um deus ou deusa que os mortais louvassem e amassem.

— Oh, sim, senhor — disse o mortal. — A música que esta deusa dedilha na sua harpa seria capaz de derreter o mais frio dos corações. Ela transporta as almas mortais após a morte, e não há ninguém tão justo quanto ela no reino superior ou inferior.

Dacre decidiu que teria de capturar essa deusa.

Viajou pelo mundo, calcorreando quilômetros de pedra, raízes nodosas e solo agreste. Quando chegou ao reino superior, foi esmagado pelo poder do sol e teve de permanecer numa gruta durante três dias e três noites, para habituar os olhos à luz dos seus inimigos. Mesmo assim, preferia vaguear à noite, quando a lua era mais suave.

— Onde está Enva? — perguntava aos mortais com quem se cruzava. — Onde posso encontrar a mais bela das deusas Celestiais?

— Podeis encontrá-la no último sítio onde pensaríeis que estaria — respondiam sempre.

E Dacre, que estava demasiado impaciente e zangado para revirar todas as pedras à procura dela, decidiu chamar os seus mastins do reino inferior. Feras musculadas e fogosas, com pele translúcida e dentes que causavam pesadelos durante o sono, os mastins vaguearam pela noite, em busca da beleza e devorando quem se atravessasse no seu caminho. Dacre presumiu que Enva fosse uma beldade sem rival. Mas quando o sol nasceu, os mastins foram obrigados a voltar para o reino das sombras, não tendo encontrado aquela que Dacre procurava.

Em seguida, convocou os eithrals das grutas profundas do reino inferior. Grandes wyverns com olhos baços, asas com membranas e garras venenosas. Suportavam a luz do sol e cruzavam os céus, em busca de beleza e destruindo tudo o que se movia. Mas depressa desabou uma tempestade, e as asas dos eithrals ameaçaram rasgar-se com os ventos ferozes. Dacre mandou-os de volta, apesar de também eles não terem encontrado aquela que ele procurava.

Só quando ele próprio pôs pés ao caminho é que se deparou com um cemitério. E no cemitério estava uma mulher magra, vulgar pelos padrões de Dacre, com longos cabelos negros e olhos verdes. Vestia roupas artesanais e andava descalça, e ele decidiu que não ia perder tempo a

perguntar-lhe por Enva.

Passou por ela sem olhar duas vezes, mas enquanto se afastava... escutou a música de uma harpa, melíflua e dourada, apesar de o céu estar plúmbeo e a brisa gelada. Ouviu a mulher cantar, e aquela voz penetrou-o. Ficou atordoado com a beleza dela; uma beleza que não devia ser vista, mas sentida, e rastejou até Enva, por cima dos túmulos dos humanos.

— Enva — disse-lhe. — Enva, vem comigo.

Ela não parou de tocar por ele. Dacre teve de esperar que ela cantasse por cima de cada campa, e reparou que o solo estava revolvido, como se aqueles humanos tivessem acabado de ser enterrados.

Depois de terminar a última canção, ela encarou Dacre.

— Dacre do reino inferior, porque causaste tamanho caos entre os inocentes?

— Como assim?

Ela apontou para as sepulturas.

— Os teus mastins e os teus eithrals mataram estas pessoas. Com o teu poder, podias ter sarado as suas feridas. Mas não o fizeste, e agora tenho de entoar cânticos que acompanhem as suas almas para a eternidade, pois as suas vidas foram ceifadas antes de tempo pelas tuas criaturas.

Dacre encontrou finalmente forças para se levantar. Quando Enva o encarou, sentiu-se insignificante e indigno, e desejou que ela o contemplasse de outra forma, que não com tristeza e raiva.

— Tudo o que fiz foi para te encontrar — disse ele.

— Podias ter-me encontrado sozinho, se tivesses despendido tempo para me procurar.

— E agora que te encontrei, vens comigo para o reino inferior? Viverás onde eu vivo, respirarás o ar que eu respiro? Juntar-te-ás a mim para reinarmos no mundo inferior?

Enva ficou emudecida. Dacre pensou que morreria com aquele silêncio incerto.

— Sou feliz aqui — disse ela. — Porque haveria de ir contigo?

— Para que haja paz entre as nossas duas famílias —

respondeu ele, embora a paz fosse, de facto, a última coisa que lhe passava pela cabeça.

— Não me parece — retorquiu ela, desfazendo-se no vento antes que Dacre pudesse agarrar a bainha do seu vestido.

Ele ardeu de fúria; ela tinha escapado. Tinha-o rejeitado. Decidiu descarregar o peso da sua ira nos inocentes; recusar-se-ia a curá-los por despeito, sabendo que Enva não teria outra escolha senão entregar-se a ele.

Os seus mastins varreram a terra. Os eithrals assombraram os céus. A sua raiva fazia tremer o chão, abrindo novos abismos e fendas.

Mas ele estava certo. Assim que os inocentes começaram a sofrer, Enva veio ter com ele.

— Seguir-te-ei até ao teu reino inferior. Viverei contigo nas sombras com duas condições: manterás a paz e permitirás que eu cante e toque o meu instrumento sempre que quiser.

Dacre, que estava encantado com ela, concordou prontamente. Levou Enva para o submundo. Mas mal sabia ele o que a sua música faria quando fosse tocada nas profundezas da terra.

Roman parou de escrever. Doíam-lhe as omoplatas; o seu olhar estava turvo. Olhou para o relógio, tão exausto que foi com esforço que viu as horas.

Pareciam ser 2h30. Tinha de se levantar às 6h30.

Fechou os olhos por instantes e refletiu. A sua alma estava tranquila; já não se sentia tomado por aquele pânico sufocante.

Juntou as folhas de papel, dobrou-as perfeitamente em três e enviou o mito a Iris.

UMA SANDES COM UMA ALMA ANTIGA

Roman Kitt estava atrasado.

Iris trabalhava no *Gazette* há três meses e era a primeira vez que ele estava atrasado. De repente, sentiu curiosidade de saber porquê.

Demorou-se a preparar uma chávena de chá na bancada, à espera da sua chegada a qualquer momento. Quando ele não apareceu, Iris fez o percurso até ao seu cubículo, passando pelo de Roman. Parou para desarrumar a lata de lápis, o pequeno globo terrestre e os três dicionários e dois glossários que ele tinha na secretária, ciente de que isso o irritaria.

Voltou para a sua secretária. À sua volta, o *Gazette* ganhava vida. Candeeiros que eram acesos, cigarros que ardiam, chá que era servido, chamadas atendidas, papéis a serem amarrotados e o matraquear das máquinas de escrever.

Parecia que ia ser um bom dia.

— Adoro o teu penteado, Winnow — disse Sarah, quando parou junto à secretária de Iris. — Devias usá-lo assim mais vezes.

— Oh. — Iris tocou conscientemente nos caracóis soltos que lhe emolduravam os ombros. — Obrigada, Prindle. O Kitt meteu baixa hoje?

— Não — respondeu Sarah. — Mas acabei de receber isto, que Mr. Kitt gostaria de ver publicado no jornal de amanhã, no centro da página dos anúncios. — Sarah entregou um bilhete à amiga.

— Mr. Kitt? — repetiu Iris.

— O pai do Roman.

— Ah. Espera aí, isto é um...?

— Sim — confirmou Sarah, inclinando-se para acrescentar — Espero que não fiques chateada, Winnow. Juro que não sabia que ele tinha namorada.

Iris tentou sorrir, mas o sorriso não chegou aos seus olhos.

— Porque haveria de ficar chateada, Prindle?

— Sempre achei que vocês os dois faziam um par muito atraente. Alguns dos editores — não *eu*, claro — apostaram que vocês acabariam juntos.

— Eu e o *Kitt*? — Sarah acenou com a cabeça, mordendo o lábio como se temesse a reação de Iris. — Não sejas tola — disse Iris, com uma gargalhada pouco convicta, mas sentindo-se corar. — Eu e o Kitt somos como o fogo e o gelo. O mais certo era matarmo-nos um ao outro se tivéssemos de estar na mesma divisão durante muito tempo. Além disso, ele nunca olhou para mim *assim*. Percebes?

Pelos deuses, cala a boca, Iris!, disse para si própria, percebendo que estava a divagar.

— Como assim, Winnow? Uma vez, vi-o...

O que quer que Sarah estivesse prestes a revelar foi interrompido quando Zeb gritou por ela. Lançou um olhar preocupado a Iris antes de sair a correr.

Iris afundou-se mais na cadeira enquanto lia:

Mr. e Mrs. Ronald M. Kitt têm o prazer de anunciar o noivado de seu filho, Roman C. Kitt, com Miss Elinor A. Little, a filha mais nova de Dr. Herman O. Little e de Mrs. Thora L. Little. O casamento realizar-se-á daqui a um mês, na Catedral de Alva, no centro de Oath. Mais pormenores e uma fotografia em breve.

Iris tapou a boca, mas depressa se arrependeu quando se lembrou que tinha batom. Limpou a mancha vermelha da palma da mão e pousou o bilhete como se este a tivesse escaldado.

Roman *Caprichoso* Kitt estava noivo. O que não fazia mal nenhum. As pessoas ficavam noivas todos os dias. Iris não estava minimamente interessada no que ele fazia com a sua vida.

Talvez tivesse ficado acordado até tarde com a noiva, e fosse *ela* o motivo do atraso.

Assim que imaginou a cena, Iris encolheu-se com uma careta e voltou a debruçar-se sobre a máquina de escrever.

Nem cinco minutos depois, Roman entrou na redação. Estava impecavelmente vestido, como de costume, com uma camisa engomada, suspensórios de couro e calças pretas sem ponta de cotão no tecido imaculadamente passado a ferro. O cabelo escuro estava penteado para trás, mas o rosto estava pálido.

Iris olhou para ele por baixo das pestanas, quando Roman pousou a sacola com um baque no seu cubículo. Esperou que ele reparasse na

desordem na sua secretária, que franzisse o sobrolho e lhe lançasse um olhar fulminante. Porque ela era a única pessoa que despendia tempo a irritá-lo daquela maneira.

Ela esperou, mas Roman não reagiu. Estava a olhar para a secretária, sem expressão. Quase não havia luz nos seus olhos, e Iris percebeu que havia algo de errado. Mesmo vestido a rigor e apenas alguns minutos atrasado, Roman estava perturbado.

Ele foi até à bancada, escolheu uma das chaleiras — havia sempre pelo menos cinco a fazer chá em permanência — e serviu-se da maior chávena que encontrou, levando-a de volta para o cubículo. Quando se sentou, ela deixou de o ver e, apesar do bulício da redação, Iris sabia que Roman Kitt estava ali sentado, a olhar fixamente para a sua máquina de escrever. Como se todas as palavras tivessem desaparecido dentro de si.

Ao meio-dia, Iris terminou de passar os anúncios e classificados à máquina. Foi colocá-los no canto da secretária de Zeb. Depois pegou no seu saco e parou no cubículo de Roman.

Reparou em dois pormenores. Primeiro, a folha de papel que estava na máquina de escrever continuava desoladoramente em branco, apesar de as notas escritas à mão estarem espalhadas pela secretária. Segundo, ele estava a bebericar chá e a olhar com um ar totalmente derrotado para aquele pedaço de papel em branco.

— Parabéns, Kitt — disse Iris.

Roman assustou-se. Cuspiu o chá ao tossir e levantou os olhos azuis para ela, fixando-a com um brilho furioso. Mas a raiva depressa deu lugar ao choque. O seu olhar percorreu-lhe o cabelo comprido e solto, e depois o corpo, apesar de estar a usar a mesma triste indumentária, voltando a subir até aos lábios cor de carmim.

— Winnow — disse ele, cauteloso. — Porque me estás a felicitar?

— Pelo teu *noivado*, Kitt.

Roman estremeceu, como se ela tivesse acertado numa nódoa negra.

— Como é que sabes?

— O teu pai quer que seja anunciado na edição de amanhã — respondeu ela. — No centro da página.

Roman desviou o olhar, de volta para a página em branco.

— Maravilha — disse ele, desanimado. — Mal posso *esperar*.

Não era a reação que ela esperava dele. Isso só aumentou a sua

curiosidade.

— Precisas de ajuda com o teu artigo sobre o soldado desaparecido? — perguntou ela por capricho. — Posso ajudar-te com isso.

— Como? — inquiriu, desconfiado.

— O meu irmão está desaparecido em combate. — Roman pestanejou, como se não conseguisse acreditar que aquelas palavras tinham saído da sua boca. Ela também não acreditava. Pensou que se arrependeria imediatamente de ter contado algo tão íntimo, mas descobriu o contrário. Era um alívio poder finalmente dizer as palavras que a assombravam constantemente. — Sei que detestas sandes — acrescentou, ajeitando um caracol atrás da orelha —, mas vou a uma casa de sandes comprar duas, para comer no banco do jardim. Se quiseses a minha ajuda, saberás onde me encontrar. Vou tentar resistir a comer a segunda sandes, caso decidas aparecer, mas não prometo nada.

Começou a dirigir-se para a porta antes mesmo de ter terminado a frase. Sentiu que tinha um carvão a arder no seu peito enquanto esperava pelo elevador lento como um caracol. Estava quase a arrepender-se quando sentiu a deslocação do ar junto ao seu cotovelo. Iris soube que era Roman sem precisar de olhar para ele. Reconheceu o aroma do seu perfume — uma mistura inebriante de especiarias e perenifólia.

— Eu não *detesto* sandes — disse-lhe, já mais parecido com o seu antigo eu.

— Mas também não aprecias — tornou Iris.

— Estou apenas demasiado ocupado para isso. São uma distração. E as distrações podem ser perigosas.

As portas do elevador abriram-se. Iris entrou e virou-se para o encarar. Um sorriso assomou-lhe aos lábios.

— Ouvi dizer que sim, Kitt. As sandes são um verdadeiro terror nos dias que correm.

De repente, Iris ficou sem saber de *que* estavam a falar — se das sandes ou se dela, se da forma como ele a via ou se deste momento de tentativa de partilha.

Ele hesitou tanto tempo que o sorriso dela acabou por se desvanecer e a tensão voltou a tomar conta de si.

És uma tola, Iris, pensou. Ele está noivo! Está apaixonado por alguém. Não quer almoçar contigo. Só quer a tua ajuda para o artigo dele. O que...

Mas por que raio estás a ajudá-lo?

Voltou a sua atenção para o quadro e pressionou repetidamente o botão, como se assim o elevador a levasse mais depressa para longe daquela situação.

Roman juntou-se a ela mesmo antes de as portas se fecharem.

*

— Acho que te ouvi garantir que este sítio tinha os melhores picles — disse Roman, vinte minutos depois. Estava sentado num banco de jardim, ao lado de Iris, a desembrulhar o papel de jornal com a sua sandes. Um picle fino e triste repousava em cima do pão.

— Não, esse é o *outro* sítio — esclareceu Iris. — Fazem tudo melhor, mas estão fechados no Dia de Mir.

Pensar nos deuses e nos dias da semana fê-la pensar na carta que estava escondida no saco pousado no banco entre ela e Roman. Fora um choque tê-la encontrado ao acordar. Uma pilha de papel, literalmente, com a descrição de um mito que ela estava ansiosa por aprender. Um mito onde os *eithrals* eram mencionados.

Quem seria o seu correspondente. Que idade teria? Que género? Que altura?

— Hmm. — Roman pôs de lado o picle e deu uma dentada na sua sandes.

— E então? — perguntou Iris.

— Então, o quê?

— Gostas da sandes?

— É boa — disse Roman, dando outra dentada. — Seria ainda melhor se aquele picle triste não tivesse deixado o pão encharcado.

— Isso é um grande elogio, vindo de ti.

— O que estás a insinuar, Winnow? — contrapôs ele, com alguma irritação.

— Que sabes exatamente o que queres. O que não é *mau* de todo, Kitt.

Continuaram a comer num silêncio que se tornou constrangedor. Iris começava a arrepender-se de o ter convidado, até que ele quebrou o silêncio com uma confissão chocante.

— Pois bem — disse ele, com um suspiro. — Sinto-me na obrigação de pedir desculpa por algo que disse há uns meses. Quando entraste na redação pela primeira vez, deixei-me levar pelo

preconceito quando pensei que, só por não teres terminado os estudos, não estarias à minha altura. — Roman fez uma pausa e abriu a sandes para reorganizar o tomate e o queijo e deitar fora a rodela de cebola roxa. Iris observou-o com um ligeiro fascínio. — Peço desculpa por ter feito juízos de valor a teu respeito. Foi errado da minha parte. — Ela não sabia como responder. Não tinha previsto que Roman *Condescendente* Kitt alguma vez lhe pedisse desculpa. Mas também não imaginava estar sentada ao lado dele no parque, a comer uma sandes. — Winnow? — Ele olhou para ela e, estranhamente, parecia nervoso.

— Estavas a tentar livrar-te de mim? — perguntou ela.

— No início, sim — admitiu, limpando migalhas imaginárias do colo. — Mas depois, quando conseguiste o primeiro trabalho e li o teu artigo... percebi que eras muito mais do que eu tinha imaginado. Que a minha imaginação era muito limitada. E que merecias ser promovida, se te mostrasses à altura.

— Quantos anos tens, Kitt?

— Que idade pareço ter?

Ela estudou-lhe o rosto, a barba rala por fazer no queixo. Agora que estava sentada perto dele, conseguia ver as fissuras na sua aparência «perfeita». Não tinha feito a barba nessa manhã — Iris achou que não tinha tido tempo — e os seus olhos concentraram-se no cabelo preto. Era espesso e ondulado. Percebeu que ele se tinha levantado da cama e corrido para o trabalho, o que a fez imaginá-lo na cama. *Porque* estava ela a pensar nisso?

O seu silêncio tinha sido demasiado longo.

Roman encarou-a e ela desviou o olhar, incapaz de o confrontar.

— Tens 19 anos — aventou. — Mas tens uma alma antiga, não tens? — Ele riu-se. — Presumo que tenha acertado — continuou Iris, resistindo à tentação de se rir com ele. Claro que ele só podia ter *aquele* tipo de riso. Daqueles que ouvimos e sentimos no próprio peito. — Vá lá, fala-me dela.

— De quem? Da minha musa?

— Da tua noiva. Elinor A. Little — esclareceu Iris, embora também estivesse interessada em saber o que o inspirava. — A não ser que seja ela a tua musa, o que seria deveras romântico.

Roman ficou calado, com a sandes por comer no colo.

— Não, não é. Só a vi uma vez. Cumprimentámo-nos cordialmente e sentámo-nos em frente um ao outro ao jantar com as nossas famílias.

— Não a amas?

O seu olhar perdeu-se na distância. Iris pensou que ele não ia responder, até que Roman perguntou:

— É possível amar um estranho?

— Talvez com o tempo — respondeu Iris, sem saber porque lhe estava a dar esperança. — Porque vais casar com ela, se não é por amor?

— É para o bem das nossas famílias. — O seu tom tornou-se frio. — Tiveste a amabilidade de te oferecer para me ajudar com o artigo. Que tipo de ajuda tens para me dar, Winnow?

Iris pôs a sandes de lado.

— Posso ver os apontamentos que tens até agora? — Roman hesitou. — Esquece — disse ela, com um aceno de mão. — Foi indelicado da minha parte pedir tal coisa. Também nunca te mostraria os meus apontamentos.

Sem dizer nada, ele meteu a mão na sacola e entregou-lhe o bloco de notas.

Iris começou a folhear as páginas. Ele era metódico, organizado. Tinha muitos factos, números e datas. Leu algumas linhas do seu primeiro rascunho, e deve ter feito uma expressão sofrida, porque Roman ficou inquieto.

— O que foi? — quis saber. — O que fiz de errado?

Iris fechou o bloco de notas.

— *Ainda* não fizeste nada de errado.

— São anotações textuais, Winnow. Perguntei aos pais sobre a filha desaparecida. E foi isso que eles responderam. Estou a tentar expressá-lo na minha escrita.

— Sim, mas não há *sentimento*. Não há emoção, Kitt — disse Iris. — Perguntaste aos pais coisas como «Quando foi a última vez que tiveram notícias da vossa filha?», «Que idade tem ela?», «Porque quis ela lutar por Enva?», e tens os factos, mas não lhes perguntaste como estão ou que conselhos dariam a alguém que estivesse a viver um pesadelo semelhante. Ou mesmo se há alguma coisa que o jornal ou a comunidade possam fazer por eles. — Entregou-lhe o bloco de notas. — Acho que, para este artigo, as tuas palavras devem ser afiadas como facas. Queres que os leitores sintam esta ferida no peito, mesmo que nunca tenham tido a experiência de ter um ente querido desaparecido em batalha.

Roman abriu o bloco de notas numa página nova. Procurou uma caneta na sacola e depois perguntou:

— Posso? — Iris acenou com a cabeça. Ficou a ver como ele escrevia, a sua mão a transformar as palavras dela numa caligrafia elegante. — Disseste que o teu irmão está desaparecido. Queres falar sobre isso?

— Ele alistou-se há cinco meses — disse Iris. — Eu e o Forest sempre fomos muito próximos. Por isso, quando prometeu escrever-me, eu sabia que o faria. Mas esperei semanas e as cartas dele não chegavam. Depois, fiquei à espera de uma carta do comandante dele, daquelas que são enviadas quando os soldados são mortos ou desaparecem na frente. Também não chegou. Agora, resta-me a esperança ténue de que o Forest esteja a salvo, mas sem conseguir comunicar. Ou talvez esteja envolvido numa missão perigosa e não possa arriscar o contacto. Pelo menos, são essas as coisas que digo a mim própria.

— E como te sentes em relação a isso? — perguntou Roman. — Como descreverias? — Iris ficou em silêncio por um instante. — Não tens de responder — apressou-se a acrescentar.

— É como usar sapatos demasiado pequenos — sussurrou ela. — Sentimos a dor a cada passo que damos. É como ter bolhas nos calcanhares. É como carregar no peito um bloco de gelo que nunca derrete. Só conseguimos dormir algumas horas de cada vez, porque estamos sempre a pensar onde eles estão e essas preocupações infiltram-se nos nossos sonhos. Se estão vivos, ou feridos, ou doentes. Há dias em que só queremos tomar o lugar deles, custe o que custar. Só para podermos ter a paz de saber o que lhes aconteceu.

Ela observou Roman a tomar nota de tudo. Fez uma pausa e olhou para o seu texto.

— Importas-te que te cite para o artigo?

— Podes citar-me, mas preferia manter o anonimato — respondeu Iris. — O Autry sabe que o meu irmão está na frente de batalha, mas mais ninguém no *Gazette* sabe. Prefiro manter as coisas assim.

Roman acenou com a cabeça. E depois disse:

— Sinto muito, Winnow. Em relação ao teu irmão.

Duas demonstrações de empatia de Roman Kitt no espaço de uma hora? Aquele dia estava cheio de surpresas.

Quando começaram a arrumar as coisas para voltar para a redação, uma brisa fria varreu o parque. Iris estremeceu na sua gabardina, enquanto olhava para os ramos nus que se agitavam por cima dela.

Ponderou se, inadvertidamente, não teria entregado a promoção a Roman Kitt.



UMA PEÇA DE ARMADURA

A mãe não estava em casa nessa noite.

Não entres em pânico, disse Iris a si própria dentro do apartamento silencioso. Repetiu essas palavras vezes sem conta. Como um disco a tocar num fonógrafo.

Aster devia estar a chegar. De vez em quando, ficava até tarde num qualquer clube noturno, a beber e a dançar. Mas voltava sempre quando o dinheiro acabava ou o clube fechava à meia-noite. Não valia a pena entrar em pânico. Além disso, ela tinha prometido a Iris que tudo iria melhorar. Talvez não estivesse num clube, mas antes a tentar recuperar o seu antigo emprego no Revel Diner.

Mas a preocupação permanecia, e cingia-lhe os pulmões de cada vez que Iris respirava.

Sabia como acalmar a ansiedade que fervia dentro dela. O remédio estava escondido debaixo da sua cama — a máquina de escrever com que a avó tinha feito poesia. A máquina de escrever que Iris herdara e que, desde então, usava para escrever à pessoa que não era o Forest.

Deixou a porta da rua destrancada para a mãe poder entrar e levou uma vela para o quarto, onde viu com surpresa um papel no chão. O seu correspondente misterioso tinha voltado à carga, apesar de ela ainda não ter respondido à carta que recebera, com o mito.

Começava a perguntar-se se viveriam em tempos diferentes. Talvez a pessoa tivesse vivido naquele mesmo quarto, muito antes dela. Talvez estivesse destinada a viver ali, daqui a muitos anos. Talvez as suas cartas estivessem de alguma forma a escapar por uma fissura no tempo, mas era este *lugar* a causa. Iris pegou no papel e sentou-se na beira da cama, a ler:

Alguma vez sentiste que todos os dias usas uma armadura? Que quando as pessoas olham para ti, só veem o brilho do aço em que te envolveste com tanto desvelo? Veem o que querem ver em ti — o reflexo distorcido do seu próprio rosto, um pedaço do céu, uma sombra projetada entre edifícios. Veem todas as vezes que cometeste erros, todas as vezes que falhaste, todas as vezes que as magoaste ou desiludiste.

Como se aos seus olhos nunca fosses mais do que isso.

Como mudamos isso? Como tomamos as rédeas da nossa própria vida sem nos sentirmos culpados por isso?

Enquanto lia a carta uma segunda vez, absorvendo cada palavra e ponderando numa resposta a algo que parecia tão íntimo que podia ter sido sussurrado pela sua própria boca, chegou outra carta. Iris levantou-se para a ir buscar, e foi a primeira vez que tentou imaginar verdadeiramente quem seria a tal pessoa. Tentou, mas não viu mais do que estrelas, fumo e palavras encarreiradas numa página.

Não sabia absolutamente nada sobre quem lhe escrevia. Mas depois de ler algo assim, algo que parecia ter sido sangrado para o papel... ansiou por saber mais.

Abriu a segunda carta e leu o texto escrito à pressa:

Desculpa ter-te incomodado com tais pensamentos. Espero não te ter acordado. Não precisas de me responder. Acho que já ajuda escrever estas coisas.

Iris ajoelhou-se e pegou na máquina de escrever que estava debaixo da cama. Colocou uma folha de papel nova no rolo e sentou-se a contemplar as possibilidades. Lentamente, começou a dedilhar as teclas. Os pensamentos escorreram para a página:

Penso que todos usamos armadura. Aqueles que não o fazem são tolos; arriscam a dor de serem feridos pelos golpes duros do mundo, uma e outra vez. Mas se aprendi alguma coisa com esses tolos, é que ser vulnerável é uma força que a maioria de nós teme. É preciso coragem para despir a armadura, para deixar que as pessoas nos vejam tal como somos. Por vezes, sinto o mesmo que tu: não posso correr o risco de as pessoas me verem como sou. Mas há também uma vozinha no fundo da minha mente, que diz, «Vais perder muito por seres tão reservada.»

Talvez tudo comece com uma pessoa. Alguém em quem podemos confiar. Tiramos uma peça de armadura por ela; deixamos a luz entrar, mesmo que nos faça estremecer. Talvez seja assim que aprendemos a ser dóceis, mas fortes, mesmo na presença do medo e da incerteza. Uma pessoa, uma peça de armadura.

Digo-te isto ciente das minhas próprias contradições. Como leste nas minhas cartas, adoro a coragem do meu irmão, mas detesto que ele me tenha abandonado para lutar por uma deusa. Adoro a minha mãe, mas detesto o que o

álcool lhe fez, como se a estivesse a afogar e eu não soubesse como a salvar. Adoro as palavras que escrevo, até que me apercebo do quanto as odeio, como se estivesse destinada a estar sempre em guerra consigo mesma.

No entanto, sigo em frente. Há dias em que tenho medo, mas na maioria dos dias quero simplesmente concretizar os meus sonhos: um mundo onde o meu irmão regressa a casa em segurança, onde a minha mãe está bem e onde escrevo palavras que não acabo por desprezar. Palavras que terão significado para alguém, como se tivesse lançado uma linha no escuro e sentido um puxão à distância.

Pronto, já deixei as palavras transbordarem. Suponho que te dei uma peça de armadura. Mas julgo que não te vais importar.

Enfiou a carta por baixo da porta, tentando convencer-se de que não receberia resposta. Pelo menos, durante algum tempo.

Iris começou a trabalhar no seu artigo, à procura de um enquadramento, mas a sua atenção estava concentrada na porta do roupeiro, nas sombras que ladeavam a soleira e na pessoa desconhecida que habitava para lá dela.

Fez uma pausa para ver as horas. Eram 22h30. Pensou em sair de casa para procurar a mãe. A preocupação pesava-lhe no peito, mas Iris não tinha a certeza para onde deveria ir. Se seria seguro andar sozinha àquela hora da noite.

Ela voltará em breve. Como sempre. Quando os clubes fecharem à meia-noite.

Uma carta passou pelo portal, chamando-a de volta ao presente. Iris pegou nela. O papel rangeu nos seus dedos enquanto lia as palavras:

Uma pessoa. Uma peça de armadura. Vou esforçar-me por isso.

Agradeço-te.

ESQUADRA NOVE

No dia seguinte, a redação transbordava de felicitações.

Iris encostou-se à bancada do chá, a ver Roman a ser recebido com sorrisos e palmadinhas nas costas.

— Parabéns, Kitt!

— Ouvi dizer que Miss Little é bonita e talentosa. Um belo partido.

— Quando é o casamento?

Roman sorriu e ouviu tudo com graciosidade, nas suas roupas engomadas e sapatos de pele polidos, o cabelo preto penteado para trás e a cara barbeada. Mais um visual perfeito. Se Iris não soubesse a verdade — se não se tivesse sentado num banco de jardim com ele e não o tivesse ouvido confessar a sua relutância em casar com uma desconhecida — teria pensado que ele estava radiante.

Ainda julgava que talvez aquele momento de partilha com ele tivesse sido um sonho em que quase tinham conversado como velhos amigos; em que ele se tinha rido, ouvido e pedido desculpa. De repente, tudo aquilo parecia fruto da sua imaginação.

Por fim, o rebuliço começou a dissipar-se. Roman deixou cair a sacola, mas deve ter sentido o olhar dela. Encarou-a do outro lado da sala, por cima do mar de secretárias, papéis e conversas.

Por instantes, Iris não se conseguiu mexer. E qualquer que fosse a máscara que ele estava a usar para os outros — o sorriso, os olhos brilhantes e as faces coradas — desvaneceu-se e ela conseguiu perceber como ele estava exausto e triste.

Isso tocou-lhe fundo nos ossos, como uma música que ela conseguia sentir dentro e si. Foi ela a primeira a desviar o olhar.

*

Iris estava a meio de um artigo inspirado no mito que recebera através do roupeiro quando Sarah se aproximou da secretária com um papel na mão.

— O guarda acabou de nos informar — disse ela, pousando o papel na secretária de Iris. — Tinha esperança de que pudéssemos incluir

isto na edição de amanhã.

— O que é isso? — perguntou Iris, ocupada com a sua escrita.

— Não sei bem o que lhe hei de chamar. Mas encontraram um cadáver esta manhã e esperam que alguém o consiga identificar. Tens aí a descrição. É horrível, não é? Morrer assim.

Iris fez uma pausa, com as mãos a pairar sobre o teclado, e olhou para o papel.

— Sim — disse ela, num tom vazio. — Já trato disso. Obrigada, Prindle.

Esperou que Sarah se afastasse. Depois leu o bilhete, e as palavras nadaram-lhe nos olhos, arderam-lhe na mente, até que ela sentiu que estava a ser enfiada num espaço apertado. Um túnel longo e estreito.

Uma mulher morreu atropelada por um elétrico, ontem à noite, por volta das 22h45. Não tinha documentos que a identificassem, mas aparenta ter 40 e alguns anos, cabelo castanho-claro e pele clara. Vestia um casaco roxo e estava descalça. Se tiverem informações que possam ajudar a polícia a identificá-la, dirijam-se ao agente Stratford, na Esquadra Nove.

Iris levantou-se com o bilhete na mão e os joelhos a tremer. O peso que sentia no peito era esmagador. Lembrou-se de ir buscar o saco, mas esqueceu-se da gabardina, que estava pendurada na cadeira. Deixou o candeeiro da secretária aceso e a folha do artigo na máquina de escrever e saiu da redação sem uma palavra, apressando-se a atravessar as portas de vidro.

Carregou no botão do elevador e sentiu o impulso de vomitar.

O elevador estava a demorar demasiado tempo. Correu para as escadas e desceu-as meio a correr, meio a tropeçar, tremendo tão violentamente que, mal saiu pelas portas do átrio, projetou o vômito para um vaso de plantas que estava nos degraus de mármore.

Endireitou-se, limpou a boca e começou a caminhar para a Esquadra Nove, que não ficava muito longe de sua casa.

Não é ela, repetiu vezes sem conta, à medida que se aproximava da esquadra. *Não é ela*.

Mas Iris não via a mãe há mais de 24 horas. Não a encontrou esparramada no sofá de manhã, como acontecera na madrugada anterior. Presumira que estava no quarto com a porta fechada. Devia ter verificado, para ter a certeza. Porque agora a dúvida estava a assolá-la.

Fez um compasso de espera quando chegou à esquadra, como se o facto de não entrar impedisse a verdade de acontecer. Deve ter ficado parada nas escadas durante algum tempo, porque as sombras já eram longas e estava a tremer quando um agente se aproximou dela.

— Miss? Miss, não pode ficar assim no meio das escadas. Tem de sair daí.

— Vim identificar um cadáver — comunicou, com voz áspera.

— Muito bem. Siga-me, por favor.

Os corredores da esquadra eram um borrão de paredes cremes e soalhos de madeira abaulados. Foi atingida pelo ar adstringente e a luz implacável quando entraram numa sala de exames.

Iris parou abruptamente à visão do médico-legista, com uma prancheta na mão, vestido com as habituais roupas brancas e um avental de couro. Perfilava-se ao lado de uma mesa de metal com um corpo.

Aster parecia estar a dormir, não fosse pela forma retorcida como repousava debaixo de um lençol e pelo corte no rosto. Iris deu um passo em frente, como se pegar na mão da mãe lhe pudesse devolver a vida. Ela sentiria o toque da filha, e isso resgatá-la-ia do abismo que puxava por ela, do pesadelo em que ambas estavam presas.

— Miss? — chamou o médico-legista, e a sua voz nasalada reverberou através dela. — Consegue identificar esta mulher? Miss, está a ouvir-me?

A mão de Iris parou no ar. Viu estrelas a dançar no limite do seu campo de visão quando olhou para a mãe. Morta, pálida e num lugar tão distante, que Iris nunca mais seria capaz de chegar até ela.

— Sim — sussurrou, antes de ceder ao abraço da escuridão.

A GRANDE DIVISÃO

Estava escuro, frio e já passava muito da meia-noite quando Iris regressou da esquadra, trazendo nas mãos uma caixa com os pertences da mãe. Uma névoa pairava no ar, transformando a luz dos candeeiros de rua em poças de ouro. Mas Iris mal sentia o frio. Mal sentia as pedras da calçada sob os pés.

Tinha o cabelo e a roupa cobertos de gotículas quando entrou no apartamento. Claro que o encontrou cheio de sombras silenciosas. Já devia estar habituada a isso. E, no entanto, continuava a perscrutar a escuridão à procura da mãe — a centelha do cigarro e o brilho do sorriso. Iris atentou no silêncio em busca de um som de vida — o tilintar de uma garrafa ou o zumbido de uma canção favorita.

Nada. Nada a não ser a sua própria respiração pesada, uma caixa com pertences e a conta da funerária para pagar, para transformar o corpo da mãe em cinzas.

Pousou a caixa e entrou no quarto de Aster.

Iris deitou-se na cama desfeita. Quase conseguia enganar-se a si própria, ao lembrar-se do tempo antes de o álcool ter fincado as garras na mãe. Antes de Forest as ter deixado. Quase conseguiu perder-se num passado ditoso, quando Aster estava cheia de riso e histórias, enquanto servia à mesa no restaurante ao fundo da rua, escovava o cabelo comprido de Iris todas as noites e lhe perguntava pela escola. Que livros andava a ler. Que trabalhos estava a fazer.

Um dia, vais ser uma escritora famosa, Iris, dizia a mãe, com os dedos hábeis a entrançar o longo cabelo castanho da filha. *Acredita. Vou ficar tão orgulhosa de ti, minha querida.*

Iris deixou escorrer as lágrimas. Chorou as recordações na almofada da mãe até ficar tão exausta que a escuridão a fez perder de novo a consciência.

*

Acordou com o som de uma batida persistente na porta da rua.

Iris soergueu-se na cama, com as pernas emaranhadas nos lençóis manchados de vinho. A luz do sol entrava pela janela e, por instantes,

ficou confusa. Que horas eram? Nunca tinha dormido até tão tarde...

Procurou o relógio na mesa de cabeceira da mãe: 11h30.

Pelos deuses, pensou, e levantou-se da cama com as pernas a tremer. Porque se tinha deixado dormir? Porque estava deitada na cama da mãe?

Lembrou-se de tudo num ápice. O bilhete no *Gazette*, a Esquadra Nove, o corpo frio e pálido da mãe debaixo de um lençol.

Iris cambaleou e passou os dedos pelo cabelo despenteado.

A batida soou de novo, insistente. E depois a voz dele — que era a *última* voz que ela queria ouvir — atravessou a madeira:

— Winnow? Winnow, estás aí?

Roman Kitt estava do lado de fora do seu apartamento, a bater-lhe à porta.

O seu coração acelerou quando entrou na sala de estar e avançou diretamente para a porta, para poder espreitar pelo óculo. Sim, lá estava ele, de pé, com a gabardina dela pelo braço, o rosto marcado pela preocupação.

— Winnow? Se estás aí, abre a porta, por favor.

Ela continuou a observá-lo fixamente, e viu o momento em que a sua preocupação se transformou em medo. Viu a mão dele a agarrar na maçaneta da porta. Quando esta rodou e a porta começou a abrir-se, ela percebeu com um baque que se tinha esquecido de a trancar na noite anterior.

Iris teve apenas três segundos para recuar quando a porta se abriu. Ficou de pé, à luz do sol, com o coração a bater na garganta quando Roman a viu.

Devia estar com péssimo ar, porque ele assustou-se. E depois perdeu o fôlego quando transpôs a soleira da porta.

— Estás bem?

Iris ficou paralisada quando os olhos dele percorreram o seu corpo. Por uma fração de segundo, ficou tão aliviada por ele estar ali que se sentiu capaz de chorar. Mas depois apercebeu-se de duas coisas horríveis. A primeira era que a sua blusa estava aberta até ao umbigo. Olhou para baixo e viu a renda branca do sutiã, que Roman sem dúvida também já tinha visto, e arquejou, enquanto agarrava no tecido com uma mão trémula.

— Espero não estar a interromper nada — disse Roman, com uma voz muito estranha. Foram precisos mais dois segundos para que Iris

deduzisse que ele pensava que ela tinha estado *com* alguém, e ela ficou lívida.

— Não. Estou sozinha em casa — anunciou, mas os olhos dele desviaram-se para além dela, como se esperasse ver mais alguém a sair do quarto.

E foi então que ela se deu conta da segunda terrível revelação. O endinheirado Roman Kitt estava em sua casa. O seu rival estava no *seu* apartamento, a contemplar o caos que era a sua vida. Estava a ver as velas derretidas no aparador, de todas as noites passadas com a luz cortada, e as garrafas de vinho que ela ainda não tinha recolhido e deitado fora. Observava o ar desolador da sala de estar, com o papel de parede desbotado e a desfazer-se.

Iris recuou um passo para se afastar dele, com o orgulho a arder-lhe nos ossos. Não suportava que Roman a visse assim. Não suportava que ele percebesse o desatino que era a vida dela, que a visse no seu pior dia.

— Winnow? — disse ele, dando um passo na sua direção, como se sentisse a atração dos movimentos dela. — Estás bem?

— Estou ótima, Kitt — respondeu ela, surpreendida com a aspereza da sua voz, como se não falasse há anos. — O que fazes aqui?

— Estamos todos muito preocupados — tornou ele. — Ontem saíste cedo do trabalho e esta manhã não apareceste. Está tudo bem?

Ela engoliu em seco, dividida entre contar-lhe a verdade e esconder a sua dor. Olhou para o peito dele, incapaz de o encarar. Percebeu que se lhe contasse sobre a mãe, ele teria ainda mais pena dela do que já tinha. E isso era a última coisa que ela queria.

— Sim, desculpa ter saído assim ontem — disse ela. — Senti-me mal. E deixei-me dormir.

— Precisas que chame um médico?

— *Não!* — Ela pigarreou. — Não, mas obrigada. Já estou melhor. Diz ao Autry que volto ao trabalho amanhã de manhã cedo.

Roman acenou com a cabeça, mas afilou os olhos e estudou-a atentamente, como se pressentisse a sua mentira.

— Precisas de alguma coisa? Tens fome? Queres que te traga uma sandes ou uma sopa?

Ela ficou boquiaberta por um instante, chocada com a oferta. O olhar dele começou a percorrer novamente a sala, observando a confusão que ela estava tão desesperada por esconder. Lentamente, o pânico invadiu-a.

— Não! Não, não preciso de nada. Podes ir, Kitt.

Ele franziu o sobrolho. O sol banhava o seu corpo, mas uma sombra dançava-lhe no rosto.

— Claro. Vou-me embora. A propósito, trouxe o teu casaco.

— Certo. Tu... Não era preciso teres-te incomodado. — Ela aceitou desajeitadamente o casaco, ainda com uma mão a fechar a blusa. Evitou fazer contacto visual.

— Não foi incómodo — disse ele.

Iris sentia que ele olhava para ela, como se a desafiasse a encará-lo.

Não foi capaz.

Desabaria se o fizesse. Aguardou que ele recuasse para lá da soleira da porta.

— Trancas a porta atrás de mim? — pediu ele.

Iris acenou com a cabeça, abraçando a gabardina junto ao peito.

Por fim, Roman fechou a porta.

Ela ficou ali, imóvel, no apartamento vazio. Como se tivesse criado raízes.

Os minutos passavam, mas ela quase não sentia o tempo. Tudo parecia distorcido, como se estivesse a olhar para a sua vida através de um vidro partido. À sua volta, partículas de pó rodopiavam no ar. Respirou fundo e avançou para trancar a porta, mas depois pensou melhor e voltou a olhar pelo óculo.

Ele ainda lá estava, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, o cabelo escuro despenteado pelo vento. À espera. A sua irritação aumentou enquanto trancava a porta. Assim que ouviu a fechadura a girar, Roman Kitt virou costas e partiu.

UMA SOMBRA A PAIRAR

Iris passou o resto do dia numa névoa, a tentar dar sentido ao que se tinha passado. Mas era como se a sua vida se tivesse partido em cem pedaços e ela não soubesse voltar a encaixá-los. Pensou que talvez a dor que sentia nunca diminuísse, e roeu as unhas até ao sabugo enquanto vagueava pelo apartamento como um fantasma.

Por fim, sentou-se no chão do seu quarto. Pegou na máquina de escrever da avó e puxou-a para a luz ténue.

Se ponderasse demasiado, as palavras transformar-se-iam em gelo. Por isso, Iris não pensou; deixou que as palavras passassem do coração para a mente, dos braços para a ponta dos dedos, e escreveu:

Às vezes, tenho medo de amar outras pessoas.

Todas as pessoas de quem gosto acabam por me deixar, seja por morte ou por guerra ou simplesmente porque não me querem. Vão para lugares que não consigo encontrar, lugares onde não consigo chegar. Não tenho medo de estar sozinha, mas estou farta de ser aquela que fica para trás. Estou farta de ter de reorganizar a minha vida depois de ver partir as pessoas que fazem parte dela, como se eu fosse um puzzle e agora me faltassem peças, e nunca mais voltasse a sentir aquela sensação de plenitude.

Ontem, perdi uma pessoa que me era próxima. Ainda não parece real.

Não tenho a certeza de quem és, onde estás. Se estás a respirar à mesma hora, no mesmo minuto que eu, ou se estás décadas antes ou anos depois. Não sei o que nos liga — se são portais mágicos ou ossos de deuses vencidos ou outra coisa que ainda não descobrimos. Acima de tudo, não sei porque decidi escrever-te agora. Mas aqui estou eu, a estender-te a mão. Uma mão estranha e, no entanto, amiga.

Todas as cartas que recebeste durante vários meses... Pensei que estava a escrever para o Forest. Escrevi com a esperança inabalável e resoluta de que as minhas cartas chegassem até ele, apesar dos quilómetros que nos

separam; de que o meu irmão leria as minhas palavras, mesmo que eivadas de dor e fúria, e de que voltaria para casa para preencher o vazio que sinto e resolver a confusão que é a minha vida.

Mas percebi que as pessoas são apenas pessoas e que têm os seus próprios medos, sonhos, desejos, dores e erros. Não posso esperar que outra pessoa me faça sentir plena; cabe-me a mim fazê-lo. E acho que estive sempre a escrever para mim, para resolver as minhas perdas, preocupações e ambições emaranhadas. Mesmo agora, penso em como é fácil perder-me nas palavras e, ao mesmo tempo, encontrar a pessoa que sou.

Espero estar a fazer sentido. Provavelmente não, porque estou a escrever para ti, mas também estou a escrever para mim. E não espero que respondas, mas ajuda saber que alguém me está a ouvir, que alguém está a ler o que despejo numa página.

Ajuda saber que não estou sozinha esta noite, mesmo sentada no silêncio da escuridão.

Deixou-se ficar sentada durante o que poderia ter sido um minuto ou uma hora, e por fim ganhou coragem suficiente para tirar a folha da máquina de escrever e dobrá-la; para a fazer deslizar pela soleira da porta e para dentro do portal. Porque essa era a parte mais difícil — partilhar as palavras que escrevia. Palavras que podiam estilhaçar o aço da armadura e expor a fragilidade que ela preferia esconder.

A noite caiu. Ela acendeu uma vela. Andou de um lado para o outro no apartamento. Tentou convencer-se a comer alguma coisa, a beber alguma coisa, mas não tinha fome, embora se sentisse vazia.

Pensou se estaria em estado de choque, porque estava entorpecida e continuava à espera de que a mãe voltasse para casa, que entrasse pela porta.

Por fim, Iris parou junto à mesa da cozinha. A gabardina estava pendurada numa das cadeiras. Pegou nela e escondeu o rosto no tecido puído. Fechou os olhos e inalou, apercebendo-se de que o casaco cheirava a especiarias e a perenifólia. Cheirava a Roman Kitt, que o trouxera da redação até sua casa, para se certificar de que ela estava bem.

Vestiu o casaco, apertou-o na cintura e voltou para o quarto.

Tinha chegado uma carta, a mais volumosa de todas.

Deitou-se na cama a lê-la à luz da vela:

Raramente partilho esta parte da minha vida com os outros, mas quero contá-la agora. Uma peça de armadura, porque confio em ti. Um brilho de aço a cair, porque me dás segurança.

Eu tive uma irmã mais nova.

Os meus pais já quase não falam dela, não conseguem, mas chamava-se Georgiana. Eu chamava-lhe Del, porque ela gostava mais do seu nome do meio, Delaney. Eu tinha 8 anos quando ela nasceu, e ainda consigo ouvir a chuva que caiu no dia em que ela veio ao mundo.

Cresceu num piscar de olhos, como se os anos fossem encantados. Amava-a com todo o meu coração. E se eu sempre fui o filho obediente e reservado que nunca precisou de disciplina, ela era cheia de curiosidade, coragem e fantasia, e os meus pais não sabiam como criar uma criança tão espirituosa em sociedade.

No dia do seu sétimo aniversário, ela quis ir nadar num lago não muito longe da nossa casa, que ficava para lá dos jardins e de um bosque, escondido da azáfama e dos sons da cidade. Os nossos pais disseram que não; tinham planeado um jantar de gala para o seu aniversário, ao qual a Del não atribuía a menor importância. Por isso, quando ela me implorou para sairmos às escondidas e irmos dar um mergulho, com tempo de sobra para voltar antes da festa... eu disse que sim.

Estávamos no pico do verão e o calor era abrasador. Saímos à socapa, descalços e com um brilho no olhar, e corremos pelos jardins até ao lago. Havia um velho baloiço de corda, preso a um ramo de carvalho. Revezávamo-nos a saltar para o centro do lago, a zona mais funda, longe das rochas e da areia dos baixios.

Por fim, já cansado e ensopado, vi que se formava uma tempestade por cima de nós. «Vamos voltar para casa», disse-lhe, mas a Del pediu para ficarmos mais uns minutos. E eu, fraco irmão que era, não consegui contrariá-la. Concordei em sentar-me na margem a secar enquanto ela continuava a baloiçar e a nadar. Fechei os olhos durante o que me pareceu um instante. Apenas um instante, com o último raio de sol a bater-me no rosto e a embalar-me para o sono.

Foi o silêncio que me fez abrir os olhos.

À distância, um trovão, o vento e o barulho da chuva, mas

no lago reinava o silêncio. A Del estava a flutuar de barriga para baixo na água, com o seu longo cabelo escuro espalhado à sua volta. Primeiro, pensei que ela estava a brincar, mas depois fui invadido pelo pânico, gélido e cortante como uma faca. Nadei até ela e virei-a. Apressei-me a levá-la para a margem; gritei o seu nome, respirei para a sua boca e calquei o seu peito, mas ela já não estava ali.

Eu tinha fechado os olhos por um momento e ela tinha desaparecido.

Quase não me lembro de a levar de volta para os meus pais. Mas nunca esquecerei o gemido da minha mãe, as lágrimas do meu pai. Nunca me esquecerei de sentir a minha vida a dividir-se em duas: com a Del e sem a Del.

Foi há quatro anos. O luto é um processo longo e difícil, sobretudo quando nos sentimos assolados pela culpa. Ainda me recrimino — devia ter recusado a ida ao lago. Devia ter mantido os olhos abertos. Nunca os devia ter fechado enquanto ela nadava, nem mesmo por um momento.

Um mês depois de ter perdido a minha irmã, sonhei que uma deusa veio ter comigo e me disse: «Posso eliminar a dor da tua perda. Posso apagar a espessura do teu sofrimento, mas terei também de apagar as memórias da tua irmã. Será como se a Del nunca tivesse nascido, como se a vida dela nunca se tivesse entrelaçado com a tua nestes sete anos. Escolherias isso, para aliviar a tua dor? Para poderes voltar a respirar, voltar a viver uma vida despreocupada?»

Nem sequer hesitei. Mal conseguia encarar a deusa, mas disse com firmeza, «Não».

Nunca escolheria aliviar a minha dor, se isso implicasse apagar a vida da Del.

Alonguei-me mais do que esperava, mas sei o que é perder alguém que amamos. Sentir-mo-nos como se tivéssemos sido deixados para trás, ou como se a nossa vida estivesse em frangalhos e não houvesse um guia que nos ensine a remendá-la.

Mas o tempo vai curar-te lentamente, como está a fazer comigo. Há dias bons e dias maus. A tua dor nunca vai desaparecer por completo; estará sempre contigo — uma sombra que paira sobre a tua alma — mas tornar-se-á menos pesada à medida que a tua vida se torna também ela mais leve. Aprenderás a viver à margem da dor, por mais

impossível que isso possa parecer. Terás a ajuda de outros que partilham a tua dor. Porque não estás sozinha. No teu medo, na tua dor, nas tuas esperanças ou nos teus sonhos.

Não estás sozinha.

UMA VANTAGEM INJUSTA

Era estranho regressar à redação.

Nada tinha mudado; a secretária continuava coberta de classificados e obituários, havia cinco chaleiras a ferver chá, o fumo ainda dançava nas pontas dos dedos dos editores, as máquinas de escrever matraqueavam como batimentos cardíacos. Para Iris, era quase surreal regressar a algo que lhe parecia tão familiar, quando por dentro se sentia tão diferente.

A sua vida tinha sido irrevogavelmente alterada, e ela ainda estava a tentar adaptar-se ao que isso significaria nos dias seguintes. Viver naquele apartamento sozinha. Viver sem a mãe. Viver neste ciclo novo e desequilibrado, dia após dia.

O luto é um processo longo e difícil, sobretudo quando nos sentimos assolados pela culpa.

Sentou-se à secretária e preparou a máquina de escrever, desejosa de ter uma distração. Qualquer coisa que a fizesse esquecer...

— Sentes-te melhor hoje, Winnow? — perguntou Sarah, a caminho do gabinete de Zeb.

Iris acenou com a cabeça, mas não levantou os olhos do papel.

— Muito melhor. Obrigada por perguntares, Prindle.

Ficou aliviada quando Sarah seguiu em frente. Iris achava que ainda não conseguiria suportar falar sobre a mãe, por isso concentrou-se no trabalho. Mas percebeu a presença de Roman assim que ele entrou na redação. Era como se uma corda os ligasse aos dois, apesar de se recusar a olhar para ele.

Roman deve ter sentido que ela o estava a ignorar. Dirigiu-se ao seu cubículo e encostou-se à madeira, enquanto a via a escrever.

— Estás com bom aspeto hoje, Winnow.

— Estás a insinuar que dantes estava com mau aspeto, Kitt? — No passado, ele teria respondido à letra e virado costas. Mas deixou-se ficar ali em silêncio, os seus olhos quase a queimá-la, e Iris sabia que Roman queria que olhasse para ele. Ela pigarreou, com a atenção

centrada no trabalho. — Bem, se queres assim tanto escrever os classificados, basta dizeres. Escusas de ficar a pairar sobre mim.

— Porque não disseste nada? — perguntou, e Iris ficou surpreendida por ele parecer irritado, ou zangado, ou talvez as duas coisas.

— O que queres dizer com isso?

— Porque não disseste a ninguém que te sentiste mal no outro dia? Tu simplesmente... *saíste* sem dizer nada, e ninguém sabia para onde tinhas ido ou o que te tinha acontecido.

— Não é da tua conta, Kitt.

— É, *sim*, porque as pessoas ficaram preocupadas contigo, Winnow.

— Sim, estão preocupadas com o facto de os classificados não ficarem prontos a tempo.

— Estás a ser injusta, e sabes isso — disse ele, em surdina.

Iris fechou os olhos. Estava prestes a perder a compostura, e tinha precisado de toda a sua força de vontade para se levantar e vestir naquela manhã, para pentear o cabelo e pôr o batom, tudo para dar a impressão de que estava *bem*, de que não estava à beira de se desmoronar. Não queria que ninguém soubesse o que se estava a passar, porque não queria que tivessem *pena* dela — *ele tem pena de ti!* — por isso respirou fundo por entre dentes.

— Isso que te importa, Kitt? — sussurrou ela, bruscamente, abrindo os olhos para encarar o seu olhar firme. — Se eu não estiver aqui, podes finalmente ter aquilo que queres.

Ele não respondeu, mas o seu olhar manteve-se fixo no dela. Iris pensou ter visto algo a cintilar através dele, como uma estrela cadente no cosmos, ou uma moeda debaixo de água a refletir o sol. Algo feroz e vulnerável e muito inesperado.

Mas tão depressa como surgiu, desapareceu, e ele fez-lhe uma careta.

Provavelmente, imaginou-o.

Pela primeira vez, Zeb teve sentido de oportunidade.

— Winnow? No meu gabinete. Agora — chamou.

Ela levantou-se da secretária e Roman não teve escolha senão afastar-se. Ela deixou-o no corredor, fechando a porta atrás de si depois de entrar no gabinete de Zeb.

O chefe estava a servir-se de uma bebida que fazia estalar os cubos de gelo no copo, e Iris sentou-se na cadeira em frente a ele. Na

secretária, um amontoado caótico de papéis, livros e pastas. Esperou que ele falasse primeiro.

— Suponho que já tenhas terminado o teu artigo — disse, antes de beber um gole.

O seu artigo. *O seu artigo.*

Iris tinha-se esquecido. Entrelaçou os dedos, com as mãos a tremer. Os nós dos dedos ficaram brancos.

— Não, senhor — respondeu. — Lamento, mas não está pronto.

Zeb olhou fixamente para ela.

— Estou desiludido contigo, Winnow.

Só lhe apeteceu chorar. Engoliu as lágrimas até elas inundarem o seu peito. Devia explicar-lhe o motivo do atraso. Devia dizer-lhe que tinha perdido a mãe, que o seu mundo tinha ficado virado do avesso e que a última coisa em que pensava era ser promovida a colunista.

— Senhor, a minha...

— Se vais faltar ao trabalho, tens de avisar, para que as tuas tarefas do dia possam ser transferidas para outra pessoa — disse ele, bruscamente. — Que isto não volte a acontecer.

Iris levantou-se e saiu.

Foi diretamente para a sua secretária e sentou-se, pressionando os dedos frios contra o rosto em chamas. Sentia-se como um capacho. Tinha-se deixado pisar porque tinha demasiado medo de chorar à frente dele.

Em quem é que ela se estava a tornar?

— Aqui estão os obituários para o jornal de amanhã — disse Sarah, surgindo do nada e pousando uma pilha de papéis na secretária de Iris. — Estás bem, Winnow?

— Estou ótima — respondeu Iris com um sorriso forçado e uma fungadela. — Vou despachar isto.

— Posso passar a tarefa ao Kitt.

— Não. Eu trato disto. Obrigada.

Depois disso, todos a deixaram em paz. Nem mesmo Roman voltou a olhar para ela, e Iris ficou aliviada.

Datilografou os obituários e depois ficou a olhar para o papel em branco, a debater-se com os seus sentimentos. Devia escrever um para a mãe. Mas a sensação era muito diferente. Ser alguém tocado pela angústia de um obituário. Alguém que sentia a raiz das palavras.

Iris começou a escrever a primeira coisa que lhe veio à cabeça, os dedos a bater nas teclas com veemência:

Não tenho nada. Não tenho nada. Não tenho nada. Não
tenho nada. Não tenho nada. Não tenho nada. Não tenho
nada. Não tenho nada. Não tenho nada. Não tenho

Parou, com os dentes cerrados, assolada pela dor. Se Zeb a apanhasse a desperdiçar papel e fitas de tinta, seria despedida. Arrancou o papel da máquina de escrever, amarrotou-o, atirou-o para o caixote do lixo e recomeçou.

Aster Winifred Winnow, 42 anos, faleceu no Dia de Alva, o quinto dia de Norrow. Deixou um filho, Forest Winnow, e uma filha, Iris Winnow. Nasceu em Oath e preferia a cidade no outono, quando a magia se tornava palpável. Fez os estudos em Windy Grove e, mais tarde, trabalhou como empregada de mesa no Revel Diner. Gostava de poesia, de música clássica, da cor púrpura, embora lhe chamasse «violeta», e adorava dançar.

As palavras tornaram-se difusas. Iris parou de escrever e pôs o obituário da mãe na pilha junto dos outros, para ser entregue na secretária de Zeb para o jornal de amanhã.

✻

Foi para casa depois do expediente. Tirou as botas demasiado pequenas da mãe e a gabardina de Forest e deitou-se na cama. Adormeceu ao som da chuva.

*

Chegou uma hora atrasada ao trabalho.

Tinha-se deixado dormir outra vez, a dor tinha-a puxado para um sono profundo e escuro, e agora só via borboletas frenéticas enquanto subia as escadas para o quinto andar, encharcada pela chuva. Com sorte, ninguém além de Sarah repararia no seu atraso. Sarah e Roman, muito provavelmente, já que ele obviamente gostava de a vigiar.

Iris entrou na redação do *Oath Gazette* e viu que Zeb a aguardava ao lado da sua secretária. Tinha a cara fechada e ela preparou-se para o que aí vinha enquanto caminhava pelo corredor, com as botas a martelar no piso.

Ele não disse nada, mas inclinou a cabeça, virando-se para entrar no seu gabinete.

Iris seguiu-o timidamente.

Ficou chocada ao ver que Roman estava presente. Havia uma

cadeira vazia ao lado dele, e Iris sentou-se. Olhou de relance para ele, mas os olhos de Roman estavam fixos em algo que estava diante deles. Tinha as mãos nas coxas, a postura rígida.

Por uma vez, desejou que ele olhasse para ela, porque quanto mais tempo ficava sentada ao lado dele, mais a tensão de Roman alimentava a sua, até que ela começou a estalar os dedos e a balançar nas pontas dos pés.

— Muito bem — começou Zeb, ajeitando-se na cadeira com um leve gemido. — Tenho a certeza de que sabem porque vos chamei aqui. São ambos escritores brilhantes e talentosos. E dei a cada um de vós uma oportunidade igual para provarem que são dignos de serem colunistas. Tenho o prazer de anunciar que já tomei a minha decisão.

Fez uma pausa e Iris desviou os olhos de Roman para se centrar em Zeb. O chefe pousou a edição da manhã na beira da secretária. O jornal estava dobrado de modo a revelar a coluna. O artigo de Roman. Aquele que ela o ajudara a escrever sobre os soldados desaparecidos. Por isso, Iris não ficou surpreendida com as palavras que se seguiram. Na verdade, não sentiu nada quando Zeb anunciou:

— Kitt, este é o melhor artigo que já escreveste. O cargo é teu. És digno de confiança, trabalhador e entregas bons artigos dentro do prazo. Amanhã de manhã, começas oficialmente.

Roman não se mexeu. Nem sequer parecia estar a respirar, e o olhar de Iris voltou-se para ele enquanto se perguntava que pensamentos lhe assombravam a mente para ficar tão indiferente. Não era aquilo que ele queria?

Zeb franziu o sobrolho, irritado com a falta de entusiasmo de Roman.

— Ouviste o que eu disse, Kitt?

— Senhor, pode dar-nos mais tempo antes de tomar a sua decisão? — pediu Roman. — Dar a cada um de nós outra oportunidade de escrever um artigo?

Zeb olhou fixamente para ele.

— Mais tempo? Por que raio faria eu tal coisa?

O coração de Iris batia descompassado dentro do peito. Quando Roman finalmente olhou para ela, o tempo pareceu parar. Os olhos dele eram perscrutantes, como se pudesse ver tudo o que habitava nela — a luz e as sombras. A sua ambição e desejo, alegria e tristeza. Nunca um homem tinha olhado para ela daquela maneira.

Um arrepio percorreu-lhe os ossos.

— Eu tive uma vantagem injusta, senhor — explicou Roman, voltando a sua atenção para Zeb. — A mãe da Winnow faleceu há uns dias. Ela está de luto, e precisa de mais tempo.

A sala ficou mergulhada num silêncio doloroso.

Iris respirou fundo. O coração latejava-lhe nos ouvidos. Zeb disse qualquer coisa, mas a sua voz não passava de um zumbido irritante, enquanto Iris olhava para Roman.

— Como é que sabes? — sussurrou.

— Eu li o obituário da tua mãe — respondeu ele.

— Mas ninguém lê obituários.

Roman ficou calado, mas corou, e Iris teve a sensação assustadora de que, embora fizesse questão de nunca ler nada dele, ele poderia estar a ler tudo o que ela escrevia. Incluindo os classificados aborrecidos e os obituários trágicos. Talvez o fizesse para ver se ela tinha deixado uma gralha para trás, para a provocar depois de o jornal ter sido impresso. Talvez o fizesse porque ela era sua rival e Roman queria saber quem tinha pela frente. Sinceramente, não conseguia pensar numa razão suficientemente boa e desviou o olhar.

— Winnow? — vociferou Zeb. — Winnow, é verdade?

— Sim, senhor.

— Porque não me disseste ontem?

Porque não queria chorar à sua frente. Porque não quero a sua piedade. Porque estou por um fio.

— Não sei — respondeu.

— Bem — disse Zeb, de forma brusca. — Não posso ajudar-te se não sei das coisas, pois não? — Exalou um suspiro e esfregou a testa. A sua voz tornou-se mais branda, como se começasse a ter noção do quão insensível estava a ser. — Lamento a tua perda, Winnow. É uma lástima. Mas receio que a minha decisão esteja tomada. O Kitt ficou com a coluna, mas se precisares de tirar uns dias para fazeres o luto... não vejo entraves.

Iris pensou em tirar uns dias. Isso implicaria ficar em casa, sozinha naquele apartamento triste, com as garrafas de vinho, as velas derretidas e o papel de parede rasgado. Ficaria à espera de que a mãe voltasse, mas isso nunca aconteceria. E foi então que percebeu. Iris não queria tirar uns dias, mas também não queria estar no *Gazette*. De repente, a carreira com que sonhou perdera importância por comparação com outras coisas na sua vida.

A sua única família estava agora no Ocidente, onde a guerra se continuava a desenrolar.

Ela queria encontrar o irmão.

— Não, senhor. Vou entregar a minha demissão — anunciou, levantando-se.

Roman mexeu-se ao seu lado.

— O quê? Não, Mr. Autry, eu...

Zeb ignorou o seu recém-nomeado colunista, e cuspiu:

— A tua *demissão*? Vais virar-me costas, Winnow? Assim, sem mais nem menos?

Ela detestou a forma como ele enquadrava tudo aquilo. Como se ela estivesse a desistir. Mas agora que tinha dito as palavras, sentia um peso a sair-lhe dos ombros.

Tencionava encontrar Forest.

— Sim, senhor. Está na hora de seguir em frente — concluiu, e virou-se para Roman, estendendo-lhe a mão. — Parabéns, Kitt.

Roman limitou-se a encará-la, os seus olhos azuis a arder como chamas.

Começava a retirar desajeitadamente a mão quando a dele finalmente se ergueu para a cingir, num aperto firme e quente. O choque subiu-lhe pelo antebraço, como se os dois tivessem criado estática, e ficou aliviada quando Roman finalmente a soltou.

— Se vais demitir-te, então podes sair, Winnow — disse Zeb com um movimento dos dedos atarracados. — Não preciso mais de ti. Mas se saíres por aquela porta, não esperes voltar a ser contratada.

— Escute, Mr. Autry — a voz de Roman saiu ríspida —, não me parece que...

Iris não ouviu o resto do que ele disse. Saiu do gabinete, encontrou um caixote de madeira na cozinha e seguiu para a sua secretária para recolher os seus pertences.

Não tinha muita coisa. Um pequeno vaso com uma planta, alguns dos seus lápis e canetas preferidos, uma estatueta de um cavalo a galopar, algumas gramáticas, um dicionário gasto.

— Winnow. — Sarah aproximou-se dela com uma expressão preocupada. — Não estás...

— Demiti-me, Prindle.

— Mas *porquê*? Para onde vais?

— Ainda não sei. Mas está na altura de me ir embora.

Sarah baixou os braços, com os óculos a balançarem no nariz.

— Vou ter saudades tuas.

Iris encontrou um último sorriso para lhe dar.

— Eu também vou ter saudades tuas. Talvez um dia te encontre num museu.

Sarah corou, mas baixou o olhar para os pés, como se esse sonho estivesse ainda demasiado distante para ser agarrado.

Uma a uma, as secretárias à volta de Iris ficaram imóveis e em silêncio. Um a um, atraíu todos os olhares da sala, até parar por completo toda a redação do *Oath Gazette*.

Zeb foi o único a quebrar o silêncio. Dirigiu-se a ela com um cigarro preso nos dentes amarelos, uma carranca no rosto e um maço de notas na mão.

— O teu último ordenado — disse.

— Obrigada. — Aceitou o dinheiro e meteu-o no bolso interior do casaco. Pegou no seu caixote, apagou o candeeiro, tocou ao de leve nas teclas da máquina de escrever uma última vez e começou a percorrer o corredor.

Roman não estava na sua secretária. Iris só soube onde ele estava quando olhou para as portas de vidro e o viu parado diante delas como se formasse uma barricada, com os braços cruzados no peito.

— Que simpático da tua parte abrires-me a porta para sair — disse quando lá chegou. Estava a tentar usar um tom provocador, mas a sua voz traiu-a e saiu como um murmúrio.

— Acho que não devias ir assim, Winnow — sussurrou ele.

— Não, Kitt? Como devo ir, então?

— Devias ficar.

— Ficar e escrever obituários? — Suspirou. — Não o devia ter publicado.

— O da tua mãe? Assim, ninguém saberia que estavas a sofrer — respondeu ele. — O que farias se pudesses voltar atrás nas palavras que lhe dedicaste? Continuarias a fingir que estava tudo bem quando estivesses connosco durante o dia, para depois sofreres sozinha durante a noite? Será que te reconhecerias depois de uma semana, um mês, um ano?

— Não sabes nada sobre mim — sibilou ela, e odiou o quanto

sentiu as palavras dele, como se as tivesse inspirado para os pulmões. As lágrimas ameaçavam voltar a cair, se ela se atrevesse a pestanejar. — Por favor, sai da frente, Kitt.

— Não vás, Iris — disse ele.

Ela nunca o tinha ouvido dizer o seu nome próprio. O som penetrou nela como a luz do sol, aquecendo-lhe a pele e o sangue, e teve de desviar o olhar para impedir que Roman visse o quanto a afetava.

— Desejo-te tudo de bom, Kitt — disse ela numa voz muito mais fria e ténue do que aquilo que sentia.

Ele afastou-se.

Ponderou se ele se tornaria mais displicente agora, sem ela aqui para o espicaçar. Ponderou se ele teria noção disso, e se seria por essa razão que insistia tanto para que ficasse.

Iris abriu a porta e atravessou a soleira.

Saiu do *Oath Gazette* e nunca mais olhou para trás.

ADEUS AOS FANTASMAS

Escrivo-te para te dizer que estou de partida. A partir de amanhã, deixarei a minha casa atual e suponho que o portal mágico deixará de estar acessível par a nos comunicarmos.

Iris fez uma pausa na escrita. Olhou para a porta do roupeiro, refletindo no motivo que a levava a escrever para informar o seu misterioso correspondente. Não era uma obrigação, mas sentia que devia fazê-lo — a *ele*, como ficara a saber pela sua última carta, quando o seu interlocutor partilhou a verdade sobre o facto de ser um irmão mais velho.

Tinha saído do *Oath Gazette* naquela manhã e seguido para a funerária, para pagar a cremação da mãe. O cangalheiro entregou-lhe um pequeno frasco com as cinzas e Iris voltou para casa, sem saber o que fazer com elas.

Mas agora tinha um plano. Estava ansiosa por sair de Oath. Havia demasiadas recordações, demasiados fantasmas naquelas paredes.

Amanhã iria até ao *Inkridden Tribune* oferecer-se para ser correspondente de guerra. Se não a contratassem, talvez o esforço de guerra o fizesse, para fazer o que fosse preciso. Não era uma combatente, mas sabia lavar roupa, cozinhar e limpar. Tinha duas mãos e aprendia depressa. De qualquer forma, esperava que isso a levasse até junto de Forest.

Voltou à escrita:

Obrigada por me teres escrito naquele dia. Por me teres contado sobre a Del. Sei que não trocamos correspondência há muito tempo (ou, melhor dizendo, eu sim, tu não), mas apesar disso... o tempo parece diferente numa carta.

Levarei as coisas que partilhaste comigo para a minha próxima aventura.

Adeus.

Iris enviou a carta através do portal antes que pudesse mudar de ideias. Escolheu a roupa para o dia seguinte — a melhor saia e a melhor blusa — e preparou-se para dormir, tentando distrair-se do

vazio do apartamento e da densidade das sombras.

Esperou que ele lhe respondesse, embora dissesse a si própria que provavelmente não o faria. Adormeceu com a vela ainda acesa. A altas horas da noite, foi acordada por um ruído forte. Iris sentou-se, com o coração na garganta, até que se apercebeu de que era gente a sair do apartamento de baixo; iam a rir-se às gargalhadas, embriagados.

Era uma da manhã e Iris viu, ainda atarantada, que havia uma carta no chão.

Apanhou-a, sem saber o que esperar dela, embora não fosse certamente um conciso:

Posso saber para onde vais?

Pareceu-lhe estranho.

Tinham ambos optado por ocultar as suas identidades e, embora nunca tivessem abordado quaisquer outros limites da sua correspondência, Iris deduzira que a localização se enquadrava na parte sigilosa da relação.

Decidiu que não lhe responderia, dobrou a última carta e juntou-a às outras que tinha guardado, atadas com uma fita.

A sua fiel vela extinguiu-se por fim.

Iris não conseguia adormecer no escuro.

Contemplou o vazio, enquanto ouvia os sons da cidade para lá da janela, os rangidos das paredes. Tudo aquilo era estranho para ela — como podia estar tão perto de pessoas e, ao mesmo tempo, tão longe e tão sozinha. A noite conferia a tudo um aspeto mais doloroso e desesperado.

Eu devia ter ido à procura dela. Não devia ter ficado aqui em casa sentada, à espera. Se a tivesse encontrado, ela ainda estaria viva.

A culpa ameaçava sufocá-la. Teve de se sentar direita e dizer a si própria para respirar — *respira* — porque parecia que estava a afogar-se.

Levantou-se ao nascer do dia, pronta para lavar os remorsos dos olhos. Não achava que o cabelo encaracolado e o batom fossem importantes para uma correspondente de guerra, mas preparou-se o melhor que conseguiu, decidida a não deixar nada ao acaso.

Foi então que chegou outra carta pela soleira da porta.

Ficou a olhar para ela durante muito tempo, sem saber se devia lê-la. Deixou-a intacta enquanto enfiava as suas coisas na mala desgastada da mãe. Decidiu-se pelas suas calças preferidas, um vestido

de verão, meias, algumas blusas e um lenço para o cabelo. Incluiu também as cartas do seu correspondente misterioso, o livro de poesia preferido da avó, o recipiente com as cinzas da mãe, cuidadosamente selado, e a gabardina de Forest, uma vez que os dias tinham finalmente começado a ficar demasiado quentes para um casaco grosso.

Estava a deixar demasiadas coisas para trás, mas estava determinada a só levar consigo aquilo que tinha significado. E mesmo que *conseguisse* o impossível e fosse destacada para fazer reportagens sobre a guerra, será que a deixariam levar aquilo tudo?

Quase pegou no exemplar amarrotado do *Inkridden Tribune*, com o *eithral* desbotado, mas decidiu deixá-lo em cima da secretária, dobrado e virado para baixo.

Havia mais uma coisa que queria levar.

Foi até à sala de estar, onde tinha deixado a caixa com as coisas da mãe, intocadas desde a noite em que as trouxera para casa. Iris remexeu-as até encontrar o objeto dourado. A corrente e o medalhão que a mãe usava todos os dias desde que Forest partira.

Iris colocou-o ao pescoço e escondeu-o debaixo do tecido da blusa. Ao sentir o metal frio contra a pele, colocou a palma da mão sobre ele. Sabia o que se escondia dentro do medalhão: um pequeno retrato dela e um pequeno retrato de Forest. Não queria saber da sua fotografia, mas a do irmão... rezou para que a levasse até ele. E há muito que Iris não rezava.

Só faltava a máquina de escrever.

Encontrou a respetiva caixa no roupeiro, depois de contornar com cuidado a carta que ainda estava no chão, e guardou a máquina de escrever e o restante papel e fitas de tinta que tinha. A caixa era um estojo rígido, com dois fechos de latão e uma pega de madeira. Pegou nela com uma mão, e na mala com a outra, examinando o seu quarto pela última vez.

Voltou a concentrar o olhar na carta.

Tinha curiosidade em saber o que ele lhe escrevera, mas também tinha a estranha sensação de que o conteúdo daria apenas conta da sua insistência para que ela respondesse. E se ele soubesse que estava a tentar tornar-se correspondente de guerra, certamente tentaria dissuadi-la.

Iris já tinha tomado a sua decisão; não havia volta a dar, e estava demasiado cansada para discutir com ele.

Saiu porta fora.

Deixou a carta dele numa poça de raios de sol no chão.



PARTE II

NOTÍCIAS
DE TERRAS
LONGÍNQUAS

A TERCEIRA ALOUETTE

A redação do *Oath Gazette* estava em silêncio.

Roman estava sentado à secretária, com as notas espalhadas à sua frente. Olhou para a folha em branco que saía, enrolada, da sua máquina de escrever. Devia estar entusiasmado. Tinha assumido o cargo de colunista. Já não tinha de se preocupar com o facto de alguém poder reorganizar a sua secretária. Já não tinha de correr para o quadro de avisos para receber os artigos. Já não tinha de fingir que estava demasiado ocupado para comer uma sandes.

Se aquela era a vida que queria, então porque se sentia tão vazio?

Levantou-se para ir buscar outra chávena de chá, evitando a tentação de olhar para a secretária vazia de Iris. Mas enquanto deitava mel para a chávena, uma das editoras juntou-se a ele na bancada.

— É estranho estar aqui sem ela, não é? — atirou.

— Quem? — Roman arqueou a sobrancelha.

A editora limitou-se a sorrir, como se soubesse de algo que Roman não sabia.

Foi o último a sair da redação naquela noite. Vestiu o casaco e apagou o candeeiro. Não tinha escrito uma única palavra e estava irritado.

Na viagem de eléctrico para casa, pensou nas suas opções. Os seus dedos tamborilavam na coxa, ansiosos, enquanto pensava na melhor forma de lidar com o dilema em que se encontrava. Desde que ele não mostrasse qualquer emoção, o pai deveria ouvi-lo.

Assim que chegou a casa, encontrou Mr. Kitt no escritório. Na sua secretária estava uma estranha caixa, onde se lia *Frágil e Manusear com Cuidado*.

— Roman — cumprimentou o pai, levantando o olhar de um livro-razão que estava a consultar. Tinha um charuto entre os dentes. — Como foi o teu primeiro dia como colunista?

— Não me vou casar com ela, pai. — O anúncio pairou no ar. Roman nunca se sentira tão aliviado em toda a sua vida. Mas então,

Mr. Kitt semicerrou os olhos, com todo o vagar esmagou a ponta do charuto no cinzeiro, e pôs-se de pé, lançando uma sombra difusa graças à sua elevada estatura.

— O que disseste, Roman?

— Não me vou casar com a Elinor Little — tornou Roman. Manteve a inflexão monótona e a expressão serena. Como se não sentisse nada e estivesse apenas a constatar um facto. — Não combinamos um com o outro. Mas há outras maneiras de eu servir a família. Gostaria de as discutir consigo, se tiver tempo esta noite.

O sorriso do pai refulgiu como uma foice à luz do candeeiro.

— O que está aqui em causa, afinal, filho?

— A minha liberdade.

— A tua *liberdade*?

Roman cerrou os dentes.

— Sim. Já renunciei a uma coisa que queria para satisfazer os seus desejos.

— E que coisa foi essa, Roman? Ah, espera. Já me lembro — disse Mr. Kitt entre duas gargalhadas. — Querias desperdiçar *anos* da tua vida a estudar *Literatura* na universidade. Já te disse uma vez, mas acho que preciso de repetir: um diploma desses não serve para nada. Mas ser colunista no *Oath Gazette*? Isso vai levar-te muito longe, meu filho. Só quero o melhor para ti, mesmo que não te pareça agora. Mas vais agradecer-me um dia, quando tiveres outra visão das coisas.

Roman fez um esforço para controlar a raiva. Esmagou as palavras que queria dizer entre os molares e disse:

— Sou colunista, como o pai queria. O mínimo que pode fazer é deixar-me escolher com quem quero casar, tal como escolheu a minha mãe.

— Isto é por causa daquela rapariga indigente do *Gazette*, não é? — disse Mr. Kitt. — Para tua desgraça, perdeste-te de amores por ela, não foi?

Roman retesou os músculos. Sentiu o rubor a espalhar-se pela cara e fez os possíveis para manter a voz calma, monótona.

— Não há mais nenhuma rapariga.

— Não me mintas, filho. Soube que estiveste a almoçar com ela no outro dia. Felizmente o teu noivado ainda não tinha sido anunciado. Imagina que os Little tinham sabido? Imagina que te tinham *visto* com *ela*, os dois sentados naquele banco, a partilhar uma sandes, a ríres-te

das coisas que ela dizia. Que justificação terias para aquilo?

— Foi apenas trabalho — disse Roman. — Estávamos a falar de um artigo. E, para que saiba, não lhe paguei o almoço.

De repente, Mr. Kitt pareceu divertido. Roman arrependeu-se daquelas palavras, sobretudo quando se lembrou que, na casa de sandes, Iris tinha procurado as moedas na carteira. O dinheiro quase não chegava e ela tinha optado por não comprar uma bebida, como se tivesse sido por não lhe apetecer.

Ele pagara a sua sandes, mas não a dela. Na altura, pareceu-lhe a atitude mais correta, mas agora recriminava-se por não o ter feito.

Roman mordeu a parte interior da bochecha. Será que o pai também sabia que ele tinha ido ao apartamento de Iris?

— Não quero ver o sangue dos meus netos contaminado pela sarjeta — disse Mr. Kitt.

Então sim, ele também estava a par da visita, por mais breve que tivesse sido, mas Roman não lhe deu satisfações. Porque Roman tinha ido por vontade própria. Zeb Autry tinha ficado aborrecido com a ausência de Iris, e Sarah preocupada, mas foi Roman quem pegou na gabardina dela, procurou a sua morada e tomou medidas.

— Os seus preconceitos são muito profundos, pai. E devia parar de mandar seguir-me.

— Deixo de te vigiar assim que casares com Miss Little — contrapôs Mr. Kitt. — E depois podes dormir com quem quiseses, desde que sejas discreto. Podes dormir com a rapariga sardenta do *Gazette*, mas a minha única condição é que não tenhas filhos com ela. Está muito abaixo de ti, filho.

— *Chega, pai!* — As palavras explodiram na boca de Roman. — Não vou casar com Miss Little e os seus comentários sobre a minha colega são infundados e desnecessários!

Mr. Kitt suspirou.

— Estou desiludido contigo, Roman. — Roman fechou os olhos. Sentiu-se subitamente esgotado. A conversa tinha descarrilado e ele não sabia como a salvar. — Sabes o que é isto, filho? — perguntou Mr. Kitt. Roman abriu os olhos e viu o pai a tocar na caixa. — Isto é o nosso futuro. Vai salvar-nos da guerra, porque Dacre há de chegar a Oath. E o facto de não cumprires o teu compromisso com Miss Little vai pôr em risco os meus planos para preservar a nossa família.

Roman olhou fixamente para a caixa.

— O que é que está dentro dessa caixa?

O Mr. Kitt levantou a tampa.

— Anda ver.

Roman aproximou-se alguns passos. O suficiente para conseguir ver o interior da caixa. Latas de metal finas, do comprimento do seu antebraço, repousavam como balas de prata dentro da caixa.

— O que é isso? — perguntou, franzindo o sobrolho. — São bombas?

O seu pai limitou-se a sorrir e a fechar a tampa.

— Talvez devesse perguntar à tua noiva. Ela ajudou o pai a criá-las.

— Isto é demoníaco — constatou Roman, com a voz trémula. — Estas bombas ou o que quer que sejam... não há como voltar atrás. Elas vão matar pessoas inocentes. Eu não vou...

— Não, isto é engenhoso — cortou Mr. Kitt. — Toda a fina flor de Oath que neste momento se curva perante Enva... de que servirão os seus títulos quando Dacre tomar a cidade? Quem achas que ele vai recompensar?

Roman encarou o pai, com os olhos arregalados de horror.

— É só isso que lhe interessa? A sua posição na alta sociedade? O proveito que pode tirar dos outros? — Começou a afastar-se, com a respiração a silvar por entre os dentes. — Não vou fazer parte disto, pai.

— Vais fazer *exatamente* o que eu te disser, Roman — sentenciou Mr. Kitt. — Entendido? Se não o fizeres para salvar a tua pele, pelo menos pensa na tua mãe, que ainda está de luto por causa da tua imprudência. — Roman sentiu o sangue esvair-se do rosto. A culpa pela morte da irmã ardeu-lhe como ácido na boca, e retirou-lhe toda a vontade de lutar, de falar. — É o teu dever, meu filho — disse o pai, num tom de voz mais brando. — Estou muito orgulhoso de ti por teres sido promovido. Tens um futuro brilhante à tua frente. Não estragues tudo com uma pobre rapariga que só está de olho na tua herança.

Roman virou-se e saiu.

Mal se lembrava de ter entrado no quarto. A porta fechou-se e trancou-se atrás de si com um suspiro de magia. Roman olhou para o roupeiro e para o chão vazio. Não havia cartas à sua espera. Não contava receber mais nenhuma carta de Iris, já que ela tinha partido para parte incerta. E não tinha a certeza se ela tinha lido a sua última carta ou não, mas decidiu que não podia correr riscos.

Havia uma tábua solta no chão debaixo da secretária. Roman

ajoeirou-se e levantou-a com cuidado, expondo um esconderijo perfeito. Em tempos, tinha guardado ali doces, dinheiro, uma bola de baseball que tinha apanhado num jogo e recortes de jornais. Pegou na caixa de sapatos que continha as cartas de Iris e escondeu-as ali, enterrando as palavras dela na segurança da escuridão. Voltou a colocar a tábua do soalho no sítio.

Não conseguiu proteger Del quando ela mais precisou dele, mas faria todos os possíveis para proteger Iris agora.

Embora não soubesse ao certo o que o pai sabia sobre ela, não permitiria que ele descobrisse mais nada.

*

No *Inkridden Tribune* reinava o caos.

É verdade que a redação ficava na cave de um prédio antigo no centro da cidade, numa sala com metade do tamanho do *Oath Gazette*. As mesas estavam dispostas ao acaso como secretárias, as lâmpadas expostas iluminavam a partir do teto, e cheirava a papel acabado de cortar e a mofo, com laivos de fumo de cigarro. Os editores estavam ocupados com as suas máquinas de escrever e os assistentes andavam de um lado para o outro como se estivessem num carril, entregando chávenas de chá e tiras de mensagens do único telefone — que tocava sem parar de forma estridente — a determinadas secretárias.

Iris ficou parada ao fundo das escadas, a olhar para a confusão, à espera de que alguém reparasse nela.

Ninguém reparou. Havia apenas um punhado de funcionários para fazer o mesmo volume de trabalho que havia no *Oath Gazette*. E ela não podia negar que, embora as condições de trabalho aqui fossem muito diferentes das do seu antigo emprego, o ar fervilhava com algo elétrico. Havia entusiasmo e fervor, e aquela sensação arrebatadora de criação. Iris sentiu-a nos pulmões, como se tivesse sido contagiada pela febre que alimentava aquelas pessoas.

Entrou na sala e agarrou na primeira assistente que passou.

— Olá, estou à procura da Helena Hammond.

A assistente, uma rapariga alguns anos mais velha do que Iris, com cabelo preto curto, parou como se tivesse acabado de chocar com uma parede.

— Oh, deves ser a candidata a correspondente de guerra! Vês aquela porta ali? É o gabinete dela. Ela vai gostar muito de te conhecer.

Iris acenou com a cabeça em sinal de agradecimento e penetrou no

caos. Sentiu a respiração a falhar quando bateu à porta de Helena Hammond.

— Entre — disse uma voz rouca.

Iris entrou no gabinete, surpreendida por ver um rasgo de luz solar. Havia uma pequena janela quadrada no alto da parede, aberta para receber o ar puro e os sons distantes da cidade. Helena Hammond, que não teria mais do que um metro e meio, estava a fumar um cigarro e a olhar para aquele feixe de luz. Tinha o cabelo ruivo cortado em bob e uma franja que lhe roçava as pestanas de cada vez que pestanejava. Tinha sardas na cara e uma longa cicatriz no maxilar, que lhe repuxava o canto dos lábios. Vestia um par de calças de cintura alta e uma camisa de seda preta, e um anel de prata brilhava-lhe no polegar.

— Em que posso ajudar? — perguntou ela, com uma voz grave e áspera. Manteve-se concentrada na luz do sol, exalando um longo caracol de fumo.

— Venho candidatar-me ao cargo de correspondente de guerra — disse Iris. Doíam-lhe os ombros por ter carregado a máquina de escrever e a mala, mas manteve-se o mais direita e elegante que lhe foi possível. Porque sabia que, assim que Helena olhasse para ela, seria capaz de a desmascarar e avaliar o seu temperamento.

— Duas num só dia — comentou Helena, virando-se finalmente para Iris. — O que puseram na água? — Iris não percebeu bem o que ela estava a insinuar. Mas manteve-se imóvel até Helena contornar a secretária para a escrutinar. — Porque quer ser correspondente, Miss...?

— Iris. Iris Winnow.

— Miss Iris Winnow — repetiu Helena, sacudindo a cinza da ponta do cigarro. — O que veio aqui fazer?

Iris alternou o peso do corpo, ignorando a dor nos pulsos.

— Estou aqui porque o meu irmão está a combater.

— Hum... Não é essa resposta que me vai convencer a enviá-la para a frente de batalha. Faz ideia de como é difícil ser correspondente? Porque haveria de enviar uma jovem inocente como você para observar, digerir e relatar coisas tão terríveis?

Uma gota de suor percorreu as costas de Iris.

— As pessoas em Oath pensam que estão seguras. Acham que, como a guerra está longe, nunca nos vai atingir. Mas eu acredito que ela chegará à cidade um dia, mais cedo ou mais tarde, e quando

chegar... haverá muita gente desprevenida. A vossa opção de relatar as notícias na frente de guerra vai ajudar a mudar isso.

Helena olhou para ela, e um sorriso assimétrico surgiu nos seus lábios.

— Ainda não me respondeu porque haveria de a enviar a si, Iris Winnow.

— Porque quero escrever sobre coisas que importam. Quero que as minhas palavras sejam como uma corda de salvação, lançada na escuridão.

— Isso é muito poético da sua parte — constatou Helena, com os olhos semicerrados. — Que experiência tem?

— Trabalhei três meses no *Oath Gazette* — respondeu Iris, na esperança de que isso não diminuísse as suas hipóteses.

— Trabalhou para o velho Autry, foi? Mas que surpresa. — Helena riu-se, esmagando o cigarro num cinzeiro. — Porque deixou escapar essa oportunidade de ouro? Ele despediu-a por usar espaço duplo nos textos?

— Demiti-me.

— Já gosto mais de si — disse Helena. — Quando pode começar?

— Imediatamente.

Helena olhou para a mala de Iris e para o estojo da máquina de escrever.

— Veio preparada, não foi? Gosto disso numa pessoa. Venha comigo.

Helena saiu porta fora e Iris teve de se esforçar para a acompanhar, abrindo caminho por entre o caos. Subiram as escadas, trocando o frio da cave por uma pequena sala num dos pisos superiores. Era bem iluminada e limpa, com uma mesa e duas cadeiras.

— Sente-se, Iris — disse Helena. — E preencha isto. Volto já.

Pousou uma folha de papel e uma caneta antes de se afastar, deixando Iris sozinha.

Iris olhou para o papel. O documento estava cheio de coisas como: «Concordo em não responsabilizar o *Inkridden Tribune* pelo que me possa acontecer, incluindo, mas não só: desmembramento, doença, órgãos perfurados e inutilizados, fome, doenças prolongadas de qualquer tipo, ossos partidos e até mesmo morte. Assumo total responsabilidade por tudo o que me possa acontecer — física, mental

e emocionalmente — enquanto estiver no terreno.»

Leu as letras miúdas; assinou onde devia e não pensou duas vezes. Mas lembrou-se de Forest. Imaginou quantas mazelas teria o irmão graças à guerra.

— Aqui está — disse Helena, voltando com uma braçada de equipamento. Pousou o que parecia ser uma farda dobrada e uma mochila de couro com uma alça grossa, que devia ser transportada às costas. — O seu macacão. Há outro na mochila, para quando for preciso lavar roupa. Tem também meias, botas, produtos para a menstruação. Não me canso de sublinhar que é essencial usar o macacão, por causa desta coisinha aqui... — disse, desdobrando o macacão. Era cinzento e simples, com botões à frente. Helena apontou para um crachá branco cosido com as palavras *Inkridden Tribune Press*, mesmo por cima do bolso direito. — Se ficar em apuros, coisa que espero que não aconteça, mas temos de nos preparar para tudo, isto comprova a sua neutralidade nesta guerra, que estás apenas a relatar o que vê e que não deve ser vista como uma ameaça. Entendido?

— Sim — confirmou Iris, apesar de ter ficado com a cabeça à roda.

— Tem também rações alimentares na mochila — prosseguiu Helena, atirando o fato para cima da mesa. — Caso seja preciso, embora vá ficar alojada numa casa, onde terá comida e um sítio seguro para dormir. Posso ver a sua máquina de escrever? — Iris abriu os trincos e levantou a tampa do estojo. Não sabia o que esperar, mas certamente não seria que Helena ficasse de olhos arregalados e soltasse um assobio. — *Esta* é a sua máquina de escrever? — perguntou, inclinando a cabeça para afastar a franja dos olhos.

— Sim, senhora.

— Onde é que a arranjou?

— Era da minha avó.

— Posso tocar-lhe? — Iris acenou com a cabeça, intrigada. Mas ficou a ver como Helena passava os dedos com reverência pelos contornos da sua velha máquina de escrever. Tocou nas teclas, na patilha de retorno, no botão do rolo. Soltou outro assobio incrédulo.

— Uma Alouette! Sabe ao menos o que tem aqui? — Iris manteve-se em silêncio, sem saber como responder. — Esta máquina de escrever é muito rara — prosseguiu Helena, inclinando-se para a admirar. — Só foram feitas três destas. Não conhece a história?

— Não.

— Então, tenho de lha contar, para que saiba exatamente o quão preciosa é esta relíquia. Há algumas décadas, morou nesta cidade um

homem rico chamado Richard Stone. Era viúvo e tinha apenas uma filha, que era a menina dos seus olhos. Chamava-se Alouette e adorava escrever. A filha adoeceu com tuberculose quando tinha apenas 15 anos, o que fez com que deixasse de poder receber a visita das suas duas amigas mais próximas. Alouette ficou desolada. Mr. Stone procurou uma forma de a filha poder comunicar com as amigas e encontrou um velho inventor rabugento que era perito em máquinas de escrever. Mr. Stone endividou-se para pagar três exemplares muito especiais. Reza a lenda que as máquinas de escrever foram montadas numa casa mágica, numa rua mágica de Oath, por um homem com um monóculo mágico que conseguia ver ligações mágicas; homem esse, aliás, que desapareceu de repente. Mas enfim... as máquinas de escrever receberam o nome de Alouette. A filha ficou com uma, claro, e o pai ofereceu as outras duas às suas amigas. Trocaram cartas, histórias e poesia durante um ano inteiro, até à noite em que Alouette faleceu. Pouco depois, Mr. Stone doou a máquina de escrever da filha ao museu, para ser exposta com algumas das suas cartas.

— E as outras duas máquinas de escrever? — perguntou Iris em surdina.

Helena arqueou o sobrolho.

— Ficaram para as duas amigas, claro. — Levantou a máquina de escrever e encontrou a placa prateada, a mesma que intrigara Iris durante anos. — Disse que era da sua avó, correto? E as iniciais dela eram, por acaso, D.E.W.?

— Sim — confirmou Iris.

Daisy Elizabeth Winnow era uma mulher reservada, mas contava muitas vezes a Iris histórias da sua infância. A saga da sua máquina de escrever, no entanto, nunca tinha sido partilhada, e Iris ficou impressionada com o carácter fantasioso da história, ao imaginar a avó e as suas duas amigas a trocarem correspondência umas com as outras, durante o tempo em que estiveram separadas, na tristeza e na alegria.

— Dá que pensar onde estará a terceira — disse Helena, pousando cuidadosamente a máquina de escrever. — Ou melhor, a segunda, visto que esta será a terceira.

Iris tinha um palpite. Não disse nada, mas a sua mente vagueou para as cartas que estavam escondidas na sua mala. Sentiu o coração a bater mais forte quando pensou: *Não são os roupeiros que nos ligam. São as nossas máquinas de escrever.*

— Pois bem, Iris — prosseguiu Helena. — Tenho de fazer esta pergunta: tem a certeza de que quer levar a máquina de escrever da

sua avó para a guerra? Podia muito bem vendê-la ao museu. O mais certo é valer uma fortuna e eles ficavam muito contentes com a oportunidade de a expor juntamente com a primeira Alouette.

— Não vou vendê-la — respondeu Iris com firmeza. — Vai comigo para onde eu for.

— Já imaginava que seria essa a sua resposta — disse Helena. — Mas estou a divagar. Vai fazer o seguinte: vai apanhar o próximo comboio, que parte de Oath daqui a meia hora. Portanto, não temos muito tempo. Seguirá para Avalon Bluff, uma cidade 600 quilómetros a oeste daqui, perto da frente de batalha. Não se esqueça de que vai estar sob a jurisdição de outro chanceler, e que as leis de Oath e do Distrito Oriental podem não se aplicar no Ocidente. Tudo muda drasticamente na guerra, por isso preste muita atenção às regras da vida quotidiana, para se manter em segurança. O seu contacto é Marisol Torres. Ela gere uma pensão e vai providenciar-lhe comida e alojamento enquanto trabalha. Não sabe da sua chegada, mas mencione o meu nome e ela tomará bem conta de si.

» O comboio passa por Avalon de seis em seis dias. Conto com os seus artigos datilografados, editados e prontos para eu publicar. Quero *factos* e *histórias*. É a única forma de conseguir contornar as restrições do chanceler àquilo que posso publicar sobre a guerra — ele não nos pode negar a ocasional história de um soldado e muito menos os factos. Por isso, trate de citar as suas fontes para que ele não possa dizer que é propaganda. Em seguida, coloca os artigos datilografados nos envelopes classificados castanhos que estão na sua mochila e entrega-os em mãos ao maquinista. Receberá provisões pelo comboio, por isso, se precisar de alguma coisa, avise. Compreendeu tudo o que lhe disse, Iris?

— Sim, Mrs. Hammond — confirmou Iris, apesar de sentir a boca seca e as mãos suadas.

Seria mesmo capaz de fazer aquilo?

— Ótimo — disse Helena. — Agora, vista-se. Não pode levar a sua mala, só a mochila de couro que foi aprovada e a máquina de escrever. Vá ter comigo lá fora daqui a cinco minutos. — Começou a sair pela porta, mas deteve-se na soleira. — Com que nome assina os artigos?

Iris fez uma pausa, sem saber o que responder. No *Oath Gazette*, os seus artigos tinham sido publicados sob o nome Iris Winnow. Pensou se deveria acrescentar a inicial do meio, como Roman fazia, mas achou que soava um pouco pretensioso. Roman *Convencido* Kitt.

Assim que pensou nele, sentiu uma dor no peito. Aquela sensação

surpreendeu-a porque era forte e inegável.

Tenho saudades dele.

Tinha saudades de o enervar, ao reordenar a sua secretária. Tinha saudades de olhar de relance para aquele rosto tão irritantemente bonito, da rara visão do seu sorriso e do som fugaz do seu riso. Tinha saudades das suas picardias, mesmo que a maior parte das vezes fosse para ver quem conseguia levar a melhor sobre o outro.

— Iris? — insistiu Helena.

Iris estremeceu. O enlevo da saudade desvaneceu-se e ela voltou a pôr os pés na terra. Estava prestes a ir para a frente de batalha e não tinha tempo para se afundar em... fossem quais fossem aqueles sentimentos.

— Pode ser Iris Winnow — disse ela, pegando no macacão.

— «Pode ser»? — Helena ponderou por instantes e contorceu o lábio. Depois piscou o olho a Iris. — Aposto que consigo arranjar algo melhor.

Saiu pela porta sem dar a Iris tempo para responder.

ATTIE

Seiscentos quilómetros parecem uma eternidade quando se está à espera do inesperado. Uma eternidade feita de campos dourados, pinhais e montanhas que parecem azuis ao longe. Uma eternidade feita de coisas que nunca se viram, de ar que nunca se inalou e de um comboio que balança e estrepita como a culpa.

Será esta a sensação de ser imortal? Movemo-nos sem nos movermos realmente. Existimos, mas o tempo parece ténue, fluindo como uma corrente por entre os dedos.

Tento fechar os olhos e descansar, mas sinto-me demasiado tentada a ver o mundo passar pela minha janela. Um mundo que parece interminável e extenso. Um mundo que me faz sentir pequena e insignificante perante a sua imensidão. E essa sensação de distância aperta-me o peito como se os meus ossos pudessem sentir estes 600 quilómetros — estou a deixar para trás o único lar que conheci — por isso tiro as cartas dele da mochila e releio-as. Por vezes, arrependo-me de ter deixado a sua última carta no chão. Por vezes, sinto-me aliviada, porque acho que não estaria aqui sentada, a avançar para oeste armada apenas com a minha coragem, numa nuvem de pó, se não o tivesse feito.

Por vezes, pergunto-me como será que ele é e se alguma vez voltarei a escrever-lhe.

Por vezes...

O comboio deu um solavanco.

Iris parou de escrever e olhou pela janela. O comboio avançava cada vez mais devagar, até que parou por completo envolto numa nuvem de fumo. Estavam no meio de um campo do Distrito Central. Não havia cidades ou edifícios à vista.

Seria uma avaria?

Pousou o bloco de notas e levantou-se para espreitar para fora do compartimento. A maioria dos passageiros já tinha desembarcado nas paragens anteriores. Mas, ao fundo do corredor, Iris avistou outra rapariga a falar com um dos funcionários.

— Vamos acelerar assim que o sol se puser, menina — disse o

funcionário. — Dentro de meia hora, mais ou menos. Entretanto, por favor, sirva-se de uma chávena de chá.

Iris voltou para dentro do seu compartimento. Tinham parado propositadamente, mas ela não percebeu porque tinham de esperar que escurecesse para seguirem caminho. Estava a pensar em pegar nas malas e procurar a rapariga que tinha visto, quando alguém bateu na porta deslizante.

— Este lugar está ocupado?

Iris olhou para cima, surpreendida por ver a rapariga. De pele morena e cabelo preto encaracolado, tinha um estojo de máquina de escrever numa mão e uma chávena de chá na outra. Vestia um macacão igual ao de Iris, com o crachá branco do *Inkridden Tribune* sobre o coração, mas, de alguma forma, fazia com que o traje parecesse muito mais elegante, com um cinto apertado na cintura e as calças presas nos tornozelos, mostrando meias vermelhas às riscas e botas escuras. Um par de binóculos pendia-lhe do pescoço e trazia uma mochila de couro a tiracolo.

Outra correspondente de guerra.

— Não — disse Iris com um sorriso. — Podes sentar-te, se quiseres.

A rapariga entrou no compartimento, fechando a porta atrás de si. Pousou a máquina de escrever, largou a mochila de couro com um gemido e sentou-se à frente de Iris. Fechou os olhos e bebeu um gole do chá, para tossir logo em seguida, com o nariz franzido.

— Sabe a borracha queimada — declarou, antes de abrir a janela e deitar o chá fora.

— Sabes porque parámos? — perguntou Iris.

A sua nova companheira fechou a janela e voltou a sua atenção para Iris.

— Não tenho bem a certeza. Eles parecem não querer abrir o jogo, mas julgo que tem que ver com bombas.

— *Bombas?*

— Sim. Acho que chegámos à fronteira do Distrito Ocidental, e para lá dela há uma zona ativa, onde os efeitos da guerra se fazem sentir. Não sei porquê, mas deram a entender que é mais seguro o comboio viajar de noite daqui para a frente. — A rapariga cruzou os tornozelos e observou Iris atentamente. — Não sabia que ia ter uma companheira nesta viagem.

— Acho que entrei na redação do *Inkridden Tribune* pouco depois de teres saído — disse Iris, ainda a pensar nas bombas.

— A Helena fez-te montes de perguntas?

— Sim. Pensei que não me contrataria.

— Oh, ela ter-te-ia contratado sempre — disse a rapariga. — Mesmo que tivesses chegado com ar de quem tinha acabado de sair de uma discoteca. Ouvi dizer que eles estão desesperados por correspondentes. A propósito, chamo-me Thea Attwood. Mas toda a gente me trata por Attie.

— Iris Winnow. Mas a maioria das pessoas trata-me pelo apelido.

— Então, vou tratar-te pelo teu nome próprio — anunciou Attie. — Pois bem, Iris. Porque decidiste fazer isto?

Iris fez um esgar. Ainda não tinha a certeza do que queria revelar sobre o seu passado trágico, por isso contentou-se com um simples:

— Não há nada para mim em Oath. Precisava de mudar. E tu?

— Bem, alguém que eu costumava respeitar disse-me que eu não tinha talento para ser publicada, que a minha escrita «carecia de originalidade e convicção». — Attie resfolegou, como se aquelas palavras ainda lhe doessem. — Pensei: «Haverá melhor forma de provar o meu valor? Haverá melhor forma de aprimorar o discurso do que ter a ameaça constante de morte, desmembramento e tudo o mais que o *Inkridden Tribune* incluiu no termo de responsabilidade?» Seja como for, não gosto de tentar fazer coisas em que acho que vou falhar, por isso não tenho alternativa senão escrever artigos extraordinários e viver para os ver publicados, para desgosto do meu antigo professor. Na verdade, *paguei-lhe* uma assinatura do jornal, por isso o *Inkridden Tribune* vai começar a aparecer-lhe à porta todos os dias, e ele vai ver o meu nome impresso e engolir as suas palavras.

— Um castigo adequado — concordou Iris, divertida. — Mas espero que saibas que não precisas de ser correspondente de guerra para provares o teu valor, Attie.

— Sei, mas perdia esta grande aventura? A troco de viver a mesma rotina monótona, dia após dia? — Attie sorriu, com covinhas a marcarem-lhe as faces. As palavras que disse a seguir tocaram fundo no peito de Iris, ressoando como um segundo batimento cardíaco. Palavras que estavam destinadas a uni-las como amigas. — Não quero acordar aos 74 anos e perceber que não vivi.



TRÊS SIRENES

Eram 22h30 quando o comboio chegou à pequena estação de Avalon Bluff, e Iris e Attie eram as duas únicas passageiras a bordo. A lua desenhava um crescente no céu e as estrelas ardiam com uma intensidade que Iris nunca vira, como se estivessem mais próximas da Terra. Pegou nas suas coisas, seguiu Attie até à plataforma, com as pernas doridas por ter estado sentada a maior parte do dia, e respirou fundo.

Avalon Bluff cheirava a feno, a erva dos prados, a fumo de chaminé e a lama.

As raparigas atravessaram a estação abandonada até chegarem a uma estrada de terra batida. Helena tinha-lhes dado instruções para localizarem o alojamento: a pensão de Marisol ficava na rua principal, logo a seguir à estação. Era a terceira casa à esquerda, com uma porta verde que parecia ter pertencido a um castelo antigo. Attie e Iris deviam seguir diretamente para lá e ficar atentas ao que as rodeava, preparadas para se abrigarem a qualquer momento.

— Presumo que esta seja a rua principal — sugeriu Attie.

Estava escuro, mas Iris semicerrou os olhos, estudando a vila que se estendia diante delas. As casas eram antigas, de dois andares e construídas em pedra. Algumas tinham telhados de colmo e janelas gradeadas, como se tivessem sido construídas há séculos. As cercas eram feitas de pedras empilhadas cobertas de musgo, e parecia haver alguns jardins, mas era difícil distinguir as coisas ao luar.

Não havia candeeiros de rua para as guiar. A maioria das casas estava às escuras e envolta em sombras, como se fossem iluminadas pela luz das velas e não por eletricidade.

Tudo parecia silencioso e vazio.

Ao longe, uma vaca mugiu; o único som de vida. Não se ouviam risos, vozes, música ou tachos a bater numa cozinha. Não se ouviam grilos ou pássaros notívagos. Nem o vento se fazia sentir.

— Porque é que esta vila parece deserta? — sussurrou Attie.

A temperatura tinha baixado, e um nevoeiro começava a instalar-

se. Iris estremeceu.

— Acho que estou a ver a pensão — disse, ansiosa por sair da rua assombrada.

Helena tivera razão; a pensão tinha uma porta inconfundível, em arco, como se a casa tivesse sido construída à sua volta, com uma aldraba de ferro em forma de cabeça de leão a rugir. O edifício era pitoresco, com portadas que pareciam pretas à luz das estrelas. As roseiras cobriam o pátio da frente com os seus ramos desgrenhados, ainda despidos do inverno, e a hera trepava pelas paredes, chegando ao telhado de colmo.

Mas o interior estava escuro, como se a velha casa estivesse a dormir ou sob um feitiço. Uma sensação de inquietação invadiu Iris quando bateu à porta. A cabeça do leão fez um barulho alto demais, em contraste com o sossego da vila.

— Não me parece que ela esteja em casa — disse Attie, antes de praguejar em surdina. — As janelas de baixo estão entaipadas, ou é imaginação minha? — Iris olhou com mais atenção para as janelas. Sim, pareciam estar entaipadas, mas por dentro. — O que vamos fazer se ela não abrir? — Attie virou-se para observar o resto da vila, que não parecia prometedora.

— Espera — disse Iris. — Acho que estou a ouvir qualquer coisa.

As raparigas sustiveram a respiração e, de facto, ouviu-se o som de passos no interior da casa, seguido de uma voz doce, com sotaque, através da porta da rua:

— O que querem?

Attie arqueou a sobranceira e trocou um olhar de dúvida com Iris.

— A Helena disse que ela não estava à nossa espera — lembrou-lhe Iris num sussurro, antes de responder. — Fomos enviadas pela Helena Hammond, do *Inkridden Tribune*.

Houve um momento de silêncio, e depois o som de uma fechadura a rodar. A porta verde entreabriu-se, revelando uma mulher com uma vela na mão. A sua pele tinha um tom moreno claro e o cabelo preto estava apanhado numa trança grossa que lhe caía sobre o ombro. As suas sobranceiras pronunciadas estavam franzidas, mas assim que viu as raparigas, o rosto suavizou-se de imediato.

— Bendita Enva, são duas? E parecem tão jovens! — disse, com os lábios entreabertos de choque. — *Por favor*, venham para dentro. Desculpem, mas fui apanhada de surpresa. Nos dias que correm, nunca sabemos quem nos vem bater à porta à noite.

— Sim, reparámos que a vila está muito calma — disse Attie, um pouco secamente.

— É verdade, e há uma razão para isso, que já vos vou explicar — disse Marisol, abrindo mais a porta para as acolher.

Iris entrou. O hall era espaçoso, com um chão frio de lajes coberto de tapetes garridos. As paredes brilhavam nas sombras, e Iris percebeu que havia uma série de espelhos dourados de todas as formas e feitios pendurados, até ao cimo das escadas. Viu o seu reflexo e sentiu que tinha recuado no tempo.

— Vocês já comeram? — perguntou Marisol, fechando a porta atrás de si.

— Biscoitos, no comboio — respondeu Attie.

— Então, venham comigo até à cozinha. — Marisol levou-as por um corredor até à luz da lareira.

A cozinha era grande, rústica e quente. As janelas estavam entaipadas, assim como as portas duplas. Como se Marisol quisesse *impedir* alguém ou alguma coisa de entrar.

Ervas aromáticas e panelas de cobre pendiam das vigas do teto, e havia uma mesa onde se sentariam à vontade dez pessoas. Foi aqui que Attie e Iris desabaram, como se não tivessem estado sentadas durante nove horas.

Marisol afadigou-se a abrir armários e um pequeno frigorífico, o que informou Iris de que havia eletricidade na casa e que tinha sido uma opção não acender as luzes.

— O que vão querer beber? A minha especialidade é chocolate quente, mas também tenho leite e chá — disse Marisol, enquanto punha uma cebola e um pimento vermelho na bancada.

— Chocolate quente parece-me ótimo — disse Attie com um suspiro, e Iris concordou com um aceno de cabeça. — Obrigada.

Marisol sorriu, pondo-se em bicos de pés para alcançar um tacho de cobre.

— É uma receita da minha avó. Acho que vão adorar. Pelos deuses, perdoem-me, mas acabei de perceber que nem sequer sei os vossos nomes!

Attie foi a primeira a falar.

— Thea Attwood, para ser formal. Attie para os amigos.

— Muito prazer, Attie — disse Marisol, antes de virar os olhos de corça para Iris.

— Iris Winnow. Pode tratar-me por qualquer um dos dois.

— Iris — repetiu Marisol. — É um prazer conhecer-vos. Chamo-me Marisol Torres e esta é a minha pensão, mas acho que isso já vocês sabiam, não?

— Sim, e é uma casa encantadora — constatou Attie, enquanto admirava a cozinha. — Mas se me permite a pergunta... porque acendeu velas? É para poupar na eletricidade?

— Ah — disse Marisol, enquanto punha a água a ferver no fogão e começava a cortar a cebola. — Ainda bem que perguntas. Não, nem por isso, embora os últimos meses me tenham ensinado muito sobre poupança. É por causa da guerra, e porque Avalon Bluff está muito perto da linha da frente.

— A que distância? — quis saber Iris.

— A cerca de 80 quilómetros.

Iris relanceou Attie, que já estava a olhar para ela com uma expressão inescrutável. Perguntou-se quanto tempo demoraria até a guerra se tornar real para elas; até a sentirem muito próxima, como um tremor no chão por baixo delas.

— Pois bem — atirou Marisol, empunhando uma faca. — Quantos anos têm vocês? A Helena vai ouvir poucas e boas se me enviou raparigas menores de idade.

— Tenho 18 anos — disse Iris.

— Vinte — respondeu Attie. — Por lei, somos ambas adultas que podem beber álcool e ser acusadas de homicídio, por isso as orelhas da Helena estão a salvo por enquanto.

— São demasiado jovens para virem fazer reportagens sobre a guerra.

Attie atreveu-se a perguntar:

— E que idade tem a Marisol?

A mulher não ficou ofendida.

— Tenho 33 anos, mas sei que pareço ter 25.

— Isso não é mau — comentou Attie.

— Suponho que não — disse Marisol com uma sobrancelha arqueada. Mas um sorriso iluminou-lhe o rosto, e Iris pensou que ela podia bem ser uma das mulheres mais bonitas que já tinha conhecido. — Muito bem. Falem-me de vocês enquanto cozinho.

— Precisa de ajuda? — inquiriu Iris, levantando-se.

— Nem pensar! — disse Marisol. — Deixa-te estar sentada. Ninguém trabalha na minha cozinha a não ser eu, a menos que tenha a minha aprovação.

Iris voltou a sentar-se rapidamente. Attie estava a rir-se com gosto, e Iris lançou-lhe um olhar fulminante. O que só fez Attie rir ainda mais, e que contagiantes eram as suas gargalhadas, tal como as de Roman Kitt.

Bastou-lhe pensar nele para Iris perder o ânimo.

Tentou afastar o pensamento, aliviada por Attie começar a falar da sua vida. Era a mais velha de seis filhos — três rapazes e três raparigas — e Iris tentou imaginar como seria viver numa casa cheia de irmãos.

— Amo-os mais do que tudo — disse Attie, voltando a sua atenção para Iris. — E tu? Tens irmãos ou irmãs?

— Tenho um irmão mais velho — disse Iris. — Está a combater na guerra. Por Enva.

Marisol fez uma pausa e disse:

— É muito corajoso da parte dele.

Iris limitou-se a acenar com a cabeça, mas ruborizou ao pensar em todas as vezes que se tinha ressentido com o irmão por ter partido. Tocou distraidamente no medalhão da mãe, escondido por baixo do macacão.

— E a Marisol? — perguntou Attie.

— Tenho duas irmãs mais novas — respondeu ela. — Faria qualquer coisa por elas.

Attie acenou com a cabeça, como se compreendesse perfeitamente. Iris tentou reprimir os ciúmes, até que Marisol disse:

— Elas nem sequer são minhas irmãs de sangue, mas escolhi-as como tal. E esse tipo de amor é eterno. — Sorriu e trouxe duas canecas para a mesa.

Iris agarrou na sua com ambas as mãos, inspirando o vapor rico e picante. Bebeu um gole e soltou um gemido de prazer.

— Isto é delicioso.

— Ótimo. — disse Marisol, voltando para junto do fogão, onde as cebolas, os pimentos e os ovos estalavam numa frigideira de ferro.

A cozinha ficou em silêncio por instantes, mas era um silêncio confortável, e Iris sentiu-se descontraír pela primeira vez em semanas. Bebeu o chocolate quente e sentiu o peito invadido pelo calor enquanto escutava a conversa entre Attie e Marisol. Mas lá bem no

fundo, perguntava-se porque é que aquele sítio era tão escuro e silencioso.

Marisol só ofereceu uma explicação quando as duas raparigas acabaram de comer a deliciosa refeição que lhes tinha preparado: pratos cheios de arroz, legumes salteados e ervas picadas, rematados por ovos estrelados.

— Agora que já vos alimentei — atirou ela, sentando-se na cadeira em frente a Iris —, está na altura de vos dizer porque é que Avalon Bluff é como é, para que também saibam como reagir.

— Reagir? — perguntou Iris com uma ponta de preocupação.

— Às sirenes e ao que elas anunciam — disse Marisol, arrumando uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Uma pequena joia vermelha no seu lóbulo captou a luz. — Existem três sirenes diferentes, que podem tocar a qualquer momento. Estejam onde estiverem em Avalon, seja na enfermaria, na mercearia ou na rua, têm de estar sempre preparadas para reagir em conformidade. Se uma sirene tocar continuamente durante a noite, têm exatamente *três* minutos para apagar todas as luzes, tapar todas as janelas e se fecharem dentro de casa antes que os mastins cheguem.

— Mastins? — repetiu Attie com um esgar. — Pensava que isso era um mito.

— Não, de todo — assegurou-lhe Marisol. — Nunca vi nenhum, porque não me atrevi a espreitar pela janela quando eles saem à noite, mas um vizinho viu um mastim uma vez e disse que são do tamanho de lobos. Destroem tudo o que estiver no seu caminho.

— Já mataram alguém por aqui? — indagou Iris. Lembrou-se do mito que o seu enigmático correspondente lhe tinha enviado, sobre a perseguição de Dacre a Enva, e sobre a ajuda dos seus mastins do reino inferior.

— Não — respondeu Marisol, mas havia tristeza na sua voz. — Contudo, já perdemos um rebanho de ovelhas, assim como outros animais. O mais certo é passarem as noites aqui comigo, pois Avalon tem um recolher obrigatório por causa desta... situação. Todos têm de estar em casa ao pôr do sol. Por isso, se forem acordadas por esta sirene, apaguem imediatamente todas as velas e luzes, tapem as janelas e vão ter comigo ao meu quarto. Entendido? — Iris e Attie aquiesceram com um aceno da cabeça. — A segunda sirene de que vos quero falar é a que toca continuamente durante o dia. Se a ouvirem, têm exatamente *dois* minutos para se abrigarem antes que os *ethrals* cheguem. São *wyverns*, e Dacre usa-os para transportar bombas nas garras, que lançam sobre tudo o que veem em movimento. Se

estiverem dentro de casa, tapem as janelas e não se mexam até eles passarem. Se por acaso estiverem na rua quando eles sobrevoarem a zona, devem fazer aquilo que parece impensável: deitam-se ao chão no sítio onde estiverem e não se mexem até eles desaparecerem. Entendido?

As raparigas voltaram a acenar com a cabeça em concordância.

— É por isso que o comboio não vem para cá de dia? — perguntou Iris. — Reparámos que, a certa altura da viagem, o comboio interrompeu a marcha até ao anoitecer.

— Sim, é exatamente por isso — confirmou Marisol. — O comboio tem mais hipóteses de fugir aos mastins à noite do que de parar a tempo se avistar um *eithral* durante o dia. E se a ferrovia for bombardeada, será catastrófico para nós. O que me leva à terceira e última sirene que poderão ouvir; aquela que toca intermitentemente a qualquer hora, seja de dia ou de noite. Ainda não a ouvimos em Avalon Bluff, mas a cada dia que passa torna-se cada vez mais uma possibilidade para a qual nos devemos preparar.

» Se ouvirem esta sirene, têm de evacuar a vila para leste, imediatamente. Significa que os nossos soldados na linha da frente ocidental estão a recuar e a ceder terreno, e que não nos podem defender aqui. Significa que o inimigo está a chegar e, muito provavelmente, vai tomar a vila. Vou preparar-vos kits de emergência que pendurarei na despensa para levarem convosco, caso isto venha a acontecer. Vão incluir uma caixa de fósforos, um cantil com água, latas de feijão e outros objetos não perecíveis. O suficiente para chegarem até à cidade mais próxima. Sei que não estavam à espera disto quando se candidataram e que devem ter as cabeças feitas em água, mas têm alguma pergunta para me fazer?

Attie e Iris ficaram em silêncio durante dez segundos. Em seguida, Attie pigarreou e perguntou:

— As sirenes... de onde é que elas vêm?

— De uma vila a alguns quilómetros a oeste daqui, chamada Clover Hill. Têm um ótimo ponto de observação e uma sirene que já usaram por causa das intempéries, e aceitaram alertar-nos assim que avistassem mastins, *eithrals* ou soldados inimigos. — Marisol começou a recolher os pratos vazios. Iris reparou que ela tinha uma fina aliança de ouro no dedo anelar esquerdo. Era casada, apesar de não ter mencionado um cônjuge. Parecia que vivia sozinha. — É tarde. Quase meia-noite. Deixem-me levar-vos lá para cima. Podem escolher os vossos quartos e ter uma boa noite de sono.

Desde que não soe nenhuma sirene, pensou Iris, com uma pontada de

medo. Primeiro, esperou que não acontecesse, e depois que acontecesse, para poder despachar o susto da experiência.

— Podemos ajudá-la a limpar, Marisol? — perguntou Attie, levantando-se da cadeira.

— Esta noite, não — respondeu a anfitriã. — Tenho uma regra. Na primeira noite, os hóspedes não fazem nada além de se divertirem. Mas amanhã vai ser diferente. O pequeno-almoço será às 8 horas em ponto, e depois podem ajudar-me a preparar uma refeição para levar para a enfermaria, para alimentar os soldados feridos. Achei que seria uma boa maneira de começarem a vossa pesquisa. Alguns dos soldados não vão querer falar sobre o que viram e viveram, mas outros, sim.

— Estaremos prontas — disse Attie, enquanto pegava na sua bagagem.

Iris pegou na mochila, ainda a pensar em Dacre, e seguiu Marisol e Attie pelo corredor e depois escada acima. Marisol levava uma lanterna consigo, e a chama bruxuleou diante dos vários espelhos na parede. Explicou-lhes que a maioria dos residentes de Avalon Bluff tinha decidido prescindir da eletricidade durante a noite — a luminosidade podia ser detetada à distância — optando por se munir de velas que podiam ser facilmente apagadas em caso de alerta de mastins ou de uma sirene intermitente.

— Pois bem — disse Marisol quando chegaram ao segundo andar —, esta é a porta do meu quarto. Há mais quatro quartos, todos vazios e muito acolhedores. Escolham o que mais vos agradar.

Attie entrou num, Iris noutro. Parecia um crime acender as luzes depois de saberem das sirenes.

O quarto que Iris escolheu estava decorado em tons de verde. Tinha duas janelas que davam para as traseiras da casa, uma cama a um canto, um roupeiro embutido na parede semelhante ao que tinha em casa, e uma secretária, perfeita para escrever.

— Este quarto é um dos meus preferidos — constatou Marisol na soleira da porta. — Podes acender a luz ou a vela.

— A vela serve perfeitamente — disse Iris, no momento em que Attie apareceu.

— Quero o quarto em frente a este — anunciou. — O vermelho é a minha cara.

— Ótimo! — disse Marisol, radiante. — Até amanhã. Há cobertores e toalhas adicionais no roupeiro, se precisarem. Ah, e a casa de banho é ao fundo do corredor.

— Obrigada, Marisol — sussurrou Iris.

— Ora essa. Dorme bem, minha amiga — disse Marisol docemente, antes de fechar a porta.

UM TIRO NO ESCURO

Iris tentou adormecer na escuridão refrescante do seu novo quarto. Mas acabou por ficar inquieta. Sentia a tristeza e a culpa da morte da mãe novamente nos ossos, e não teve outra alternativa senão acender a vela com um suspiro.

Esfregou os olhos com a palma da mão, os ombros curvados. Estava exausta. Porque não conseguia dormir?

Quando abriu os olhos, o olhar fixou-se na porta estreita do roupeiro, na outra ponta do quarto. Será que aquela porta funcionava tal como a do seu quarto? Se datilografasse na máquina de escrever da avó, será que as suas cartas chegariam ao rapaz sem nome com quem se tinha correspondido?

Iris quis descobrir quão forte era essa ligação mágica. Se 600 quilómetros a quebrariam. Saltou da cama, sentou-se no chão e abriu o estojo da máquina de escrever.

Aquilo era-lhe familiar, mesmo num sítio diferente, rodeada de novas amizades; aquele movimento dos dedos a teclarem palavras numa página em branco, de pernas cruzadas sobre um tapete.

Fê-la sentir-se ancorada.

Eu sei que isto é impossível.

Sei que é um tiro no escuro.

E, no entanto, aqui estou eu, a escrever-te outra vez, sentada no chão com uma vela acesa. Aqui estou eu a estender-te a mão e a esperar que me respondas, mesmo estando numa casa diferente e a quase 600 quilómetros de distância de Oath. No entanto, não consigo deixar de esperar que as minhas palavras ainda sejam capazes de chegar até ti.

Se assim for, tenho um pedido a fazer.

De certeza que te lembras da primeira carta a sério que me escreveste. Aquela que dava conta do mito de Dacre e Enva. Ficou a meio, mas achas que consegues encontrar a parte que falta? Gostava de saber como acaba.

É melhor ficar por aqui. Não quero que o som da máquina de escrever acorde alguém, porque este sítio é tão silencioso que consigo ouvir o meu coração a bater nos ouvidos.

E não devo ter esperança. Nem devia tentar enviar a carta. Nem sequer sei o teu nome.

Mas acho que há um elo mágico entre nós. Uma ligação que nem mesmo a distância é capaz de quebrar.

Iris retirou o papel com cuidado e dobrou-o. Levantou-se com um estalido dos joelhos e aproximou-se da porta do roupeiro.

Se resultar, vai ser uma loucura, pensou ela, e começou a enfiar a carta por baixo da porta. Inspirou três vezes e abriu o roupeiro.

Ficou chocada ao ver que o papel tinha desaparecido.

Era maravilhoso e horrível, porque agora tinha de esperar. Talvez ele não escrevesse de volta. Iris começou a andar de um lado para o outro no quarto, enrolando os cabelos nos dedos.

Ele demorou dois minutos a responder. O papel foi parar ao chão com um ligeiro restolhar. Iris apanhou-o e leu:

ESTÁS A 600 QUILOMETROS DE OATH?!!! Responde-me, e farei os possíveis por encontrar o que resta do mito:

Foste para a guerra?

E antes que perguntes, sim. Fico aliviado por encontrar mais uma carta tua no chão.

P.S. Perdoa os meus maus modos. Como tens passado?

Ela sorriu.

Escreveu a resposta e enviou-a:

Na verdade, sou correspondente de guerra. Não te preocupes, não presenciei combates. Ainda.

A primeira coisa que aprendi foi a esperar o inesperado e a estar sempre preparada para tudo. Mas acabei de chegar e acho que vou demorar algum tempo a adaptar-me à vida tão perto das linhas da frente.

É diferente. Como disse, parece estranhamente mais calmo. Pensava que seria mais caótico e fervilhante, com muita pólvora e explosões. Mas até agora só tenho visto sombras, silêncio, portas fechadas e sussurros.

Quanto ao meu estado de espírito... ainda sinto a dor a pesar-me no peito, e acho que já me teria enfiado num

buraco se não estivesse tão ocupada. Há momentos em que me sinto bem. Mas logo a seguir sou atingida por uma onda de tristeza e até me custa respirar.

Mas estou a aprender a lidar com isso. Tal como me disseste uma vez.

É melhor parar de escrever. Tenho de poupar o papel e as fitas de tinta. Mas se encontrases o mito, gostaria de o ler. E sabes onde me encontrar.

Ele respondeu quase de imediato:

Não posso prometer-te que vou encontrar a outra metade. Encontrei a primeira parte por acaso, num manuscrito escondido num dos velhos livros do meu avô. Mas vou procurar na biblioteca. Tenho a certeza de que Enva conseguiu passar a perna a Dacre no reino inferior e que os homens leram e esconderam essa parte do mito com o orgulho ferido.

Entretanto, espero que encontres o teu lugar, onde quer que estejas. Mesmo no silêncio, espero que encontres as palavras que precisas de partilhar.

Espero-te segura. Espero-te bem.

Escreverei em breve.

PALAVRAS DE SAUDADE

A enfermaria era uma antiga escola convertida, com dois andares, formato em U e um pátio ajardinado. A maioria das janelas tinha as cortinas corridas, tapando o sol do meio-dia. Iris observou o edifício enquanto ajudava a descarregar os vários pães que Marisol tinha cozido nessa manhã. O vizinho de Marisol, Peter, tinha um caminhão verde enferrujado, e tinham carregado a parte de trás com vários cestos de pão e duas enormes panelas de sopa, antes de atravessarem a cidade em direção à enfermaria.

Iris tremia enquanto levava um dos cestos para as traseiras do edifício, onde algumas enfermeiras preparavam os tabuleiros do almoço. Tinha as palmas das mãos suadas dos nervos. Não sabia como se preparar para aquilo — falar com soldados feridos.

Estava também cheia de uma esperança ansiosa. Talvez Forest estivesse ali.

— Preparaste as perguntas com antecedência? — sussurrou-lhe Attie quando passaram uma pela outra.

— Não, mas tenho andado a pensar nelas — respondeu Iris, percorrendo o caminho de volta ao caminhão para ir buscar outro cesto.

— Eu também não preparei — confessou Attie, quando voltaram a cruzar-se. — Suponho que vamos acabar por fazer o que nos parecer mais correto.

Iris acenou com a cabeça, mas sentiu a boca seca. Se estivesse ferida e deitada numa cama de enfermaria, cheia de dores, queria que uma estranha a entrevistasse? Provavelmente, não.

Marisol juntou-se às enfermeiras na cozinha para a preparação dos almoços, enquanto Attie e Iris foram autorizadas a andar pelo piso térreo. Algumas salas estavam interditas, mas foi-lhes dito que a maioria dos soldados se encontrava no grande salão, e que esse deveria ser o foco da sua missão.

Era uma sala ampla, com janelas e camas alinhadas. O soalho era de madeira dura, que rangia sob os passos de Iris enquanto o seu olhar vagueava. Procurou Forest de imediato. Tentou encontrar o irmão

num mar de lençóis brancos e de raios de sol.

Alguns dos soldados tinham perdido membros. Outros tinham os rostos enfaixados, queimaduras, cicatrizes. Alguns estavam de pé a conversar; outros estavam deitados, a dormir.

Iris sentiu-se assoberbada e temeu não reconhecer o irmão, mesmo que ele estivesse ali. Mas respirou fundo, porque sabia que aqueles soldados tinham passado por mais do que ela podia sequer imaginar. O ar estava denso com o cheiro a xarope de cereja, detergente de limão e aço inoxidável frio, tudo rematado pelo cheiro a enfermidade. Fechou os olhos e imaginou Forest, exatamente como ele estava no dia em que partiu.

Reconhecer-te-ia em qualquer lugar.

Quando Iris abriu os olhos, a sua atenção concentrou-se numa soldada em particular. A rapariga parecia ser da sua idade, e estava sentada na cama a jogar com um baralho de cartas gasto sobre a colcha. Tinha cabelo louro claro, como barbas de milho, cortado pelos ombros. A pele era pálida e as mãos tremiam-lhe enquanto dava as cartas. Mas os seus olhos castanhos e indómitos eram calorosos e, quando se cruzaram com os de Iris, esta deu por si a caminhar na direção da jovem.

— Jogas? — perguntou a soldada. A sua voz era frágil.

— Só quando tenho uma boa parceira — respondeu Iris.

— Então, puxa aquele banco e junta-te a mim. — Iris fez como ela disse. Sentou-se junto à cama da rapariga e ficou a vê-la a baralhar as cartas com as mãos trémulas. Os seus dedos eram longos, como os de uma pianista. — Chamo-me Prairie — disse a rapariga, olhando de relance para Iris. — Como «pradaria».

— Eu chamo-me Iris. Como o globo ocular.

Aquilo fez Prairie sorrir.

— Nunca te vi por aqui, Iris Como o Globo Ocular.

— Só cheguei ontem — respondeu Iris, enquanto pegava nas cartas que Prairie lhe deu.

— Com que então, repórter. — Iris acenou com a cabeça, sem saber o que mais dizer. Se seria correto perguntar a Prairie se podia... — Não falo com repórteres — antecipou-se Prairie, aclarando a garganta. A sua voz continuava rouca e débil. — Mas estou sempre à procura de alguém para me ganhar às cartas. Vamos, tu primeiro.

Assunto arrumado, pensou Iris. Ao menos, a franqueza sincera de Prairie diminuía o seu nervosismo e expectativas, e Iris podia

simplesmente desfrutar de uma bela cartada.

As raparigas jogaram em silêncio. Prairie era competitiva, mas Iris não lhe ficava atrás. Acabaram por jogar mais dois jogos, até as enfermeiras chegarem com o almoço.

— Acho que é melhor deixar-te comer em paz — disse Iris, levantando-se do banco.

Prairie mergulhou a colher na tigela de sopa. Os seus movimentos trémulos fizeram-na chocalhar.

— Mais vale ficares. Aqueles que estão dispostos a falar contigo estão agora a comer.

Iris olhou em volta e viu Attie, que estava sentada com um soldado mais ao fundo da sala. Um soldado jovem e bonito que sorria para ela. Attie tinha o bloco de notas na mão e ia anotando aquilo que ele dizia.

— Tenho uma pergunta para te fazer — disse Iris, voltando a sentar-se no banco. — Se eu quisesse saber onde é que um determinado soldado está destacado, a quem achas que deveria escrever?

— Podes escrever para o centro de comando em Mundy, mas o mais certo é não teres resposta. Eles não gostam de revelar onde os soldados estão destacados. É uma questão de segurança. As coisas estão um pouco caóticas neste momento. O correio não é muito fiável.

Iris acenou com a cabeça, tentando esconder o seu desespero.

— Se um soldado estiver ferido, há alguma forma de eu poder saber?

Prairie olhou fixamente para Iris.

— Sabes qual é o pelotão ou a companhia? — Iris abanou a cabeça. — E o batalhão?

— Não, não sei nada disso. Só o primeiro e o último nome do soldado.

Prairie fez uma careta.

— Então, vai ser difícil saberes informações ou atualizações. Lamento.

— Não faz mal. Estava só a pensar alto — disse Iris com um sorriso ténue.

A sua desilusão deve ter sido evidente, porque Prairie pousou a colher e disse:

— Não costumo falar com repórteres, mas talvez possas fazer algo

por mim.

— O quê?

— Podes escrever-me uma carta? — Iris pestanejou. A esperança no olhar de Prairie desapareceu com o silêncio constrangedor, e ela baixou os olhos. — Esquece.

— *Sim* — disse Iris, depois de recuperar do choque inicial. Levou a mão ao bolso de trás, onde tinha o bloco de notas e a caneta. — Com todo o gosto.

Abriu o bloco de notas numa página nova, à espera, com a caneta pronta.

Prairie olhou para a refeição por comer.

— É para a minha irmã.

— É só dizeres.

Prairie demorou alguns instantes, como se tivesse ficado tímida, mas depois começou a articular palavras suaves e melancólicas, e Iris anotou cada uma delas, fielmente.

*

Depois disso, Iris foi de soldado em soldado, oferecendo-se para escrever uma carta para aqueles que precisassem. Não perguntou pormenores sobre a guerra, nem porque tinham decidido alistar-se, nem como tinham sofrido os ferimentos, nem se conheciam um soldado chamado Forest Winnow. Todos tinham alguém a quem escrever, e Iris tentou não pensar no irmão enquanto escrevia carta após carta, enquanto o seu bloco de notas se enchia de palavras de saudade, memórias, alento e esperança.

Mas a dada altura foi percorrida por um arrepio de medo.

Porque é que Forest nunca lhe tinha escrito? Tinha feito a promessa, e o irmão não era homem de deixar promessas por cumprir.

Iris começava a acreditar que ele poderia estar morto.

A quem possa interessar,

escrevo com a esperança sincera de que me possam informar sobre o paradeiro atual do soldado Forest Merle Winnow, que foi recrutado por Enva na cidade de Oath, no Distrito Oriental, em Cambria, há quase seis meses. Nasceu no sétimo dia de Vyn, no ano de 1892. Mede 1,82 m, tem cabelos castanhos e olhos cor de avelã.

Sou a única parente de sangue que lhe resta e tenho tentado contactá-lo por carta. Nunca fui informada sobre qual

seria o seu batalhão ou companhia, mas também não recebi qualquer notícia de um capitão a informar-me de que ele tenha perecido no conflito. Se me puderem facultar informações ou enviar esta carta a alguém que o possa fazer, ficar-vos-ei eternamente grata.

Obrigada pelo tempo dispensado.

Com os melhores cumprimentos,
Iris Winnow

MÚSICA SUBTERRÂNEA

Nessa noite, Iris sentou-se à secretária no seu quarto, enquanto o sol desaparecia num campo lá longe, e começou a datilografar todas as cartas que tinha anotado na enfermaria. Sentia-se um vaso comunicante a ser preenchido pelas histórias, perguntas e palavras tranquilizadoras que os soldados tinham partilhado com ela. Estava a escrever para pessoas que não conhecia. Avós e pais, irmãs e irmãos, amigos e amantes. Pessoas que ela nunca veria, mas às quais estava ligada naquele momento.

Uma após outra, após outra. A cada palavra que escrevia, o sol afundava-se um pouco mais, até as nuvens ficarem da cor do ouro. Em menos de nada, o dia rendeu-se à noite. As estrelas brilhavam na escuridão que a envolvia, e Iris jantou no seu quarto prosseguindo a sua tarefa à luz da vela.

Estava a tirar a última página da máquina de escrever quando ouviu o ruído inconfundível do papel a roçar no chão.

Ele tinha-lhe escrito.

Iris sorriu e levantou-se, pegando na carta. Leu:

Tenho boas notícias, minha amiga. Encontrei a segunda metade do mito que querias. Não me perguntes onde e como consegui esta proeza, mas digamos que tive de subornar alguém com chá e biscoitos. Por acaso, essa pessoa é a minha avó, que é conhecida pelo seu mau feitio e gosta de apontar os meus defeitos sempre que a vejo. Desta vez, foi o facto de ter «má postura», de «infelizmente» ter herdado o queixo pontiagudo do meu pai — como se isso tivesse mudado desde a última vez que a vi — e de o meu «cabelo ter crescido muito. Assim de repente, pareces um renegado ou um cavaleiro errante». Vou ser muito sincero contigo: Eu tenho mesmo má postura, sobretudo quando estou na presença dela, mas o meu cabelo está ótimo. Infelizmente, não posso fazer nada em relação ao meu queixo.

Mas porque estou a divagar? Perdoa-me. Aqui vai a segunda parte, a partir do ponto onde ficámos, ou seja,

depois de Enva ter concordado em acompanhar Dacre nos termos dela:

Enva, que adorava o céu e o sabor do vento, não era feliz no reino inferior. Apesar de este lugar ter um tipo diferente de beleza — remoinhos de mica e veios de cobre, e estalactites que escorriam para piscinas profundas e hipnotizantes.

Dacre serviu-a no início, desejoso de a fazer feliz. Mas sabia que ela era uma deusa Celestial, e que nunca pertenceria verdadeiramente ao coração da Terra. Haveria sempre um sentimento de inquietação dentro de si, que ele detetava de vez em quando no brilho dos seus olhos verdes e no desenho dos seus lábios, dos quais nunca conseguira arrancar um sorriso.

Desesperado, disse-lhe: «Porque não tocas e cantas para mim e para a minha corte?» Porque sabia que a sua música não só lhe daria prazer a ele, mas também a ela. Lembrou-se de quão transcendente ela parecia, enquanto tocava para os que tinham tombado. E Enva nunca mais tinha cantado desde que estava no submundo.

A deusa concordou.

Uma grande assembleia foi convocada no salão iluminado pelo fogo de Dacre: os seus lacaios, mastins, eithrals, servos humanos e a sua horda de irmãos disformes. Enva trouxe a sua harpa. Sentou-se no centro da gruta, rodeada de seres Subterrâneos. E como o seu coração estava carregado de tristeza, cantou um lamento.

A música dos seus instrumentos preencheu o ar frio e húmido. A sua voz, pura e doce, elevou-se e reverberou pela rocha. Espantada, a deusa viu Dacre e a sua corte a chorar. Mesmo as criaturas pareciam carpideiras.

Em seguida, decidiu cantar uma canção alegre. Mais uma vez, testemunhou a forma como a sua música influenciava todos os que a escutavam. Dacre sorria, com o rosto ainda a brilhar das lágrimas derramadas. Não demorou até que as mãos comesçassem a aplaudir e os pés a bater no chão, levando Enva a temer que aquela alegria ruidosa fizesse desabar a rocha sobre as suas cabeças.

Por fim, cantou uma canção de embalar. Um a um, Dacre e o seu séquito começaram a cair num sono profundo. Enva observou os olhos a fecharem-se, os queixos a descair para

o peito e as criaturas a enroscarem-se sobre si próprias. A sua música não tardou a misturar-se com o som de centenas de roncões, e só ela continuava de pé no salão, a única ainda acordada. Perguntou-se quanto tempo iriam dormir. Durante quanto tempo é que a sua música os manteria encantados?

Saiu do salão e decidiu esperar para ver. E enquanto esperava, percorreu a fortaleza subterrânea de Dacre, aquelas antigas linhas ley da magia, memorizando as suas curvas e contracurvas, os seus muitos portais secretos para a superfície. Três dias e três noites depois, Dacre acordou finalmente, seguido de imediato pelos seus irmãos, e depois pelo resto da corte. Tinha a mente enevoada; as mãos dormentes. Pôs-se de pé, sem saber o que tinha acontecido, mas as fogueiras do salão tinham-se extinguido e estava escuro.

«Enva?», chamou ele. O chamamento atravessou a rocha e chegou aos ouvidos da deusa. «Enva!» Temia que ela o tivesse abandonado, mas ela surgiu no salão, com uma tocha na mão. «O que aconteceu?», perguntou ele, mas Enva apresentava-se serena e tranquila.

«Não tenho a certeza», respondeu ela com um bocejo. «Acordei agora, um minuto antes de ti.»

Apesar de Dacre ter ficado desconcertado, naquele momento achou Enva linda e confiou nela. Não passou uma semana sem que mostrasse novamente desejo de ouvir a sua música e convocasse outra assembleia no salão, para que ela os pudesse entreter.

Ela tocou para a tristeza. Para a alegria. E depois para dormir. Desta vez, cantou a sua canção de embalar o dobro do tempo, e Dacre e a sua corte dormiram durante seis dias e seis noites. Quando Dacre acordou, frio e rígido, chamou por Enva através da rocha, mas não obteve resposta. Tentou sentir a sua presença, que era como um fio de luz do sol na sua fortaleza, mas viu apenas a escuridão.

Enfurecido, percebeu que ela tinha subido à superfície. Reuniu as suas criaturas e os seus servos para o combate, porém, quando saíram pelos portais secretos para o mundo superior, encontraram Enva e uma hoste de Celestiais à sua espera. A batalha foi sangrenta e longa, e muitos dos Subterrâneos fugiram para as profundezas da Terra. Dacre foi ferido pela seta da própria Enva, que o atingiu no ombro, e ele não teve outra opção senão retirar-se para as entranhas

da sua fortaleza. Bloqueou todas as passagens para que nada nem ninguém pudesse entrar no seu reino de trevas. Desceu até ao fogo da Terra, e aí planeou a sua vingança.

Mas Dacre nunca saiu vitorioso. Não conseguia derrotar os Celestiais, por isso preferiu aterrorizar os mortais. Nunca percebeu que Enva tinha decorado todas as passagens do seu reino enquanto ele dormia sob o seu encanto. E quando ela decidiu voltar a entrar no seu salão, dois séculos depois, levou consigo a sua harpa e uma promessa no coração: fazer com que ele e a sua corte dormissem durante cem anos.

Há quem diga que foi bem-sucedida, porque houve um tempo de paz, em que a vida sorriu aos mortais. Mas há também quem ateste que ela não conseguiu cantar durante tanto tempo sem diminuir o seu poder, sendo incapaz de manter Dacre e o seu séquito adormecidos durante tanto tempo. Tudo isto para dizer que nunca é boa ideia ofender um músico. E que devemos escolher os nossos amantes de forma sensata.

Iris ficou pensativa com o final do mito. Ponderou se a História não teria sido falseada. Sempre lhe tinham dito que a sua espécie tinha vencido os cinco deuses sobreviventes — Dacre, Enva, Alva, Mir e Luz — que tinham sido enganados e convencidos a beber uma poção venenosa que os fizera dormir debaixo da terra. Mas talvez tivesse sido obra de Enva e da sua harpa, o que significava que só havia quatro deuses adormecidos, com o quinto ainda a vaguear em segredo.

Quanto mais Iris se debruçava sobre o assunto, mais tudo aquilo lhe parecia verdadeiro. Enva nunca tinha sido enterrada numa sepultura oriental; o mais certo era ter feito um acordo com os mortais há muito tempo. Tinha sido *ela* a cantar para que as outras quatro divindades tivessem caído num sono encantado em túmulos profundos e escuros. De repente, tornou-se compreensível que Dacre tivesse acordado com sede de vingança; que tivesse decidido percorrer cidade atrás de cidade em busca de Enva.

Iris estremeceu ao pensar nisso, e escreveu de volta ao seu correspondente:

Fiquei radiante por teres conseguido encontrar esta segunda parte e ficar-te-ei eternamente grata pela forma como te sacrificaste, munido de chá e biscoitos, e enfrentaste as repreensões da tua avó, que parece ser alguém com quem eu me daria bem.

Quase hesito agora em pedir-te mais um favor...

Visitei a enfermaria aqui de Aval do local onde estou destacada. Tive a oportunidade de me encontrar com soldados que foram feridos. Alguns estão a recuperar bem, mas outros vão morrer, e acho essa verdade difícil de engolir. Foram golpeados e mutilados, alvejados, esfaqueados e estilhaçados. As suas vidas foram irrevogavelmente alteradas e, no entanto, nenhum deles lamenta a sua decisão de lutar contra o mal que nos assola. Nenhum deles se arrepende de nada, e todos têm apenas um desejo: enviar uma carta aos seus entes queridos.

Envio-te um maço destas cartas. As moradas estão escritas no rodapé de cada uma delas. Estarias disposto a colocá-las em envelopes, endereçá-las e carimbá-las, e enviá-las pelo correio por mim? Prometo que te reembolso os portes. Se não puderes, não te preocupes. Basta enviá-las de volta através do portal, que eu trato de as fazer chegar no próximo comboio.

P.S. Por acaso tens uma máquina de escrever que parece vulgar à primeira vista, mas que tem algumas particularidades que a tornam única? Carretéis de fita que por vezes soltam uma nota musical, a barra de espaço que brilha com uma certa inclinação da luz ou porventura uma placa prateada na parte inferior? Se sim, consegues dizer-me o que está lá gravado?

Recolheu as cartas dos soldados e enviou-as através do portal. Andou de um lado para o outro no quarto enquanto aguardava a resposta dele, que chegou mais cedo do que pensava:

Claro, tenho todo o gosto em fazer isso por ti. Vou deixar as cartas no correio amanhã de manhã bem cedo. E escusas de me pagar os portes.

E, sim, a minha máquina de escrever tem umas particularidades. Era da minha avó. Ofereceu-ma quando fiz 10 anos, na esperança de que um dia me tornasse escritor, como o meu avô.

Antes da tua carta, nunca me tinha lembrado de olhar para a parte de baixo. Fiquei chocado quando encontrei a placa prateada que descreveste. Diz o seguinte: A SEGUNDA ALOUETTE. FEITA PARA H.M.A. Que são as iniciais da minha avó.

Vou ter de lhe perguntar mais sobre isto, mas presumo que a tua máquina de escrever também seja uma Alouette.

Achas que é isso que nos liga? As nossas máquinas de escrever raras?

O calor brotou-lhe no peito, como se tivesse respirado o calor da lareira. Vendo a sua teoria ser confirmada, datilografou rapidamente a sua resposta:

Sim! Só há pouco tempo descobri a lenda destas máquinas de escrever Alouette, que te vou contar daqui a pouco, porque acho que vais achar muito intrigante. Mas a minha avó, que era uma mulher solene e cheia de poesia, ofereceu-me a sua no dia em que eu

O lamento assombroso de uma sirene interrompeu-a a meio da frase.

Os dedos de Iris imobilizaram-se sobre as teclas, mas o seu coração começou a bater descompassado.

Era uma sirene de alerta para os mastins.

Tinha três minutos até eles chegarem a Avalon Bluff, o que era muito tempo para se preparar, mas sentiu que os mastins de Dacre saltariam das sombras a qualquer momento.

Com as mãos a tremer, escreveu apressadamente:

Tenh de ir! Dsculpa. Depois escrveo.

Arrancou o papel da máquina de escrever, rasgando a metade inferior da página, mas mesmo assim conseguiu dobrá-la e enviá-la através do portal.

Depressa, pensou. Tapar a janela, apagar a luz, ir para o quarto de Marisol.

Iris dirigiu-se para a janela, enquanto a sirene continuava a tocar. Sentiu arrepios nos braços só de ouvir o seu som agudo, de saber o que estava para vir. Olhou através dos vidros para a escuridão da noite. As estrelas continuavam a piscar como se nada fosse; a lua continuava a iluminar o céu. Iris semicerrou os olhos e só conseguiu distinguir o brilho das janelas e do telhado do vizinho e o campo mais além, onde uma rajada de vento varria as ervas altas. O seu quarto estava virado para leste, por isso era provável que os mastins viessem da outra direção.

Correu as cortinas e apagou a vela. A escuridão inundou a divisão.

Deveria levar mais alguma coisa? Pegou na máquina de escrever, com as pontas dos dedos a traçar o metal frio no escuro. A ideia de a deixar para trás fê-la perder o fôlego.

Vai correr tudo bem, disse a si própria com uma voz firme, obrigando as mãos a deixarem a máquina de escrever na secretária. Deu um passo em direção à porta e tropeçou no tapete. Não devia ter apagado a vela antes de estar junto de Marisol. Mas conseguiu chegar ao corredor e quase chocou com Attie.

— Onde está a Marisol? — perguntou Iris.

— Estou aqui. — As raparigas viraram-se e deram com ela a subir as escadas, segurando uma lanterna. — O andar de baixo está preparado. Venham para o meu quarto. Vão passar a noite aqui comigo.

Attie e Iris seguiram-na até um quarto espaçoso. Havia uma grande cama com dossel, um sofá, uma secretária e uma estante. Marisol pousou a lanterna e começou a encostar a peça de mobiliário mais pesada à porta. Attie e Iris apressaram-se a ajudá-la a correr as cortinas da janela.

De repente, tudo ficou em silêncio. Iris não sabia o que era pior: a sirene ou o silêncio que se seguiu.

— Ponham-se à vontade na cama — disse Marisol. — A noite pode ser longa.

As raparigas sentaram-se encostadas à cabeceira da cama, com as pernas cruzadas. Attie apagou finalmente a vela, mas Marisol manteve a lanterna acesa. Abriu o roupeiro e Iris viu-a a afastar vestidos e blusas até encontrar uma lanterna e um pequeno revólver.

Carregou a arma e estendeu a lanterna a Iris.

— Se os mastins conseguirem entrar, o que não deve acontecer, mas há sempre uma possibilidade... quero que os ilumines para que eu os possa ver.

Para poder disparar contra eles, percebeu Iris, mas acenou com a cabeça e estudou a lanterna, encontrando o interruptor com o polegar.

Marisol sentou-se na beira da cama, entre as duas jovens e a porta, e apagou a lanterna.

A escuridão voltou a reinar.

Iris começou a contar as respirações, para as manter profundas e regulares. Para manter a mente distraída.

Um... dois... três...

Ouviu o primeiro mastim na sua décima quarta inspiração. Uivava ao longe, um som tão arrepiante que a fez cerrar o maxilar. Em seguida, o som aproximou-se, acompanhado de outro. E mais outro,

até ela ficar sem saber quantos tinham chegado a Avalon Bluff.

Vinte e quatro... vinte e cinco... vinte e seis...

Estavam a rosnar na rua, mesmo por baixo da janela de Marisol. A casa parecia tremer; parecia que um deles estava a raspar com as garras na porta da rua. Ouviu-se um estrondo.

Iris deu um salto.

A sua respiração era agora frenética, mas agarrou na lanterna como se fosse uma arma, preparada para tudo. Sentiu Attie a pegar na sua outra mão e agarraram-se uma à outra. E embora não conseguisse ver, Iris sabia que Marisol estava mesmo à frente delas, sentada como uma estátua na escuridão, com uma arma pousada no colo.

Os uivos desapareceram. Os mastins recuaram. A casa voltou a tremer, como se estivessem a viver num ciclo.

Iris estava a exalar o seu milésimo suspiro quando o silêncio voltou. Mas Marisol tinha razão.

Acabou por ser uma noite muito longa.

CAVALEIRO ERRANTE OU RENEGADO

Estás em segurança? Estás bem? O que é que aconteceu?

Por favor, escreve-me, assim que puderes.

Roman enviou a mensagem através do seu roupeiro pouco tempo depois de receber a mensagem abrupta de Iris. Sabia que alguma coisa inesperada e terrível devia ter acontecido, para ela escrever incorretamente três palavras diferentes. Ficou acordado até altas horas da noite, com os olhos postos no roupeiro e no chão vazio à sua frente. Passaram-se horas e horas, escuras e frias, e ela sem responder.

O que tinha acontecido? Estava desesperado por saber. Por fim, ficou tão exausto que se sentou na beira da cama, dominado pela apreensão.

Talvez a cidade onde ela estava tivesse sido atacada. Imaginou Iris a ter de se abrigar enquanto as bombas caíam em cascata, explodindo num alvoroço flamejante de faíscas e destruição. Imaginou Iris ferida. Imaginou os soldados de Dacre a avançarem vitoriosos e a capturá-la.

Roman não aguentou ficar sentado.

Pôs-se de pé e voltou a andar, vincando os seus passos no tapete.

Se alguma coisa lhe acontecesse... como é que ele saberia?

— Iris — disse, à luz do candeeiro. — *Iris*, escreve-me.

Eram 3 horas quando retirou as cartas antigas do seu esconderijo. Sentou-se no chão e releu-as e, embora sempre se tivesse emocionado com as palavras dela para Forest, apercebeu-se de que se sentia ainda mais tocado pelas palavras que ela *lhe* tinha dedicado. Deixavam-no angustiado, e ele não sabia porquê.

Saiu do quarto e percorreu os corredores escuros da mansão. Seguiu pelo caminho que tinha percorrido noite após noite, após a morte de Del, quando o sono lhe escapava. Quando tinha 15 anos e estava tão destroçado que sentia o corpo a ceder ao peso da dor.

Desceu as escadas, silencioso como um fantasma, por divisões frias e passagens sinuosas. Por fim, foi atraído por uma luz ténue que vinha da cozinha. Esperava entrar e descobrir que a casa lhe tinha deixado

leite quente e biscoitos, pressentindo a sua aflição. Roman assustou-se na soleira da porta quando viu que era a avó, sentada à bancada com uma vela e uma chávena de chá.

— Roman — disse ela, no seu típico tom ríspido.

— A-avó... — respondeu ele. — Desculpe, não era minha intenção... Eu retiro-me.

— Não sejas ridículo — disse-lhe a avó. — A chaleira ainda está quente, se quiseses uma chávena de chá, embora eu saiba que preferes café. — Era um convite para conversar. Roman engoliu em seco; cabisbaixo, entrou lentamente na cozinha e pegou numa chávena. Serviu-se de chá e sentou-se no banco em frente à avó, receoso de estabelecer contacto visual com ela. A avó tinha o dom de ler as mentes. — O que fazes acordado a esta hora? — inquiriu ela, com o seu olhar perspicaz a fixá-lo.

— Estou à espera de uma carta.

— Uma carta na calada da noite?

Roman corou.

— Sim.

A avó não desviou o olhar. Tinha sorrido apenas três vezes em toda a sua vida, e Roman ficou chocado quando viu os seus lábios franzidos a curvarem-se num sorriso.

— Parece que finalmente estás a dar bom uso à minha máquina de escrever — constatou. — Presumo que estejas a escrever para a neta da Daisy Winnow.

Roman hesitou, mas assentiu com um aceno de cabeça.

— Como é que sabe?

— Foi um palpite — respondeu ela. — Tendo em conta que eu e a Daisy decidimos manter as nossas máquinas de escrever na família em vez de as entregarmos àquela espécie de museu mal-amanhado.

Roman pensou na carta que Iris estava a escrever antes de ser interrompida pelo que quer que estivesse a acontecer, a quilómetros de distância. Ela tinha descoberto a ligação entre as suas máquinas de escrever, e ele estava ansioso por saber o que os unia afinal.

— Era amiga da Daisy Winnow? — atreveu-se a perguntar, sabendo que a avó tinha relutância em falar do passado.

— Isso surpreende-te, Roman?

— Na verdade... sim, avó — respondeu, com alguma exasperação. — A nossa família é...

— Composta por novos-ricos endinheirados e cheios de soberba? Sim, eu sei. Por isso é que gostava tanto da Daisy. Ela era uma sonhadora, inovadora e de coração aberto. Eu e a Alouette nunca quisemos saber do seu estatuto social. — A avó fez um compasso de espera. Roman ficou calado, expectante. Susteve a respiração quando a avó começou a contar a história da sua amizade com Alouette Stone e Daisy Winnow, e das máquinas de escrever que as mantinham ligadas.

No início, ficou atónito. Bebeu o chá morno e ficou a ouvir, imaginando os fios invisíveis que o uniam a Iris. Não parecia ser o destino; Roman não acreditava em tais fantasias. Mas havia ali *algo*. Algo que lhe estava a roubar o sono e que lhe fazia doer o peito a cada respiração.

— Como é ela? — perguntou a avó. — A neta da Daisy.

Roman fixou a chávena de chá.

— Não tenho a certeza. Não a conheço muito bem.

— Caso te tenhas esquecido, eu sei quando mentes, Roman. Semicerras os olhos.

Ele limitou-se a rir, porque Iris tinha dito a mesma coisa na semana passada.

— Está bem. Diria que ela é como a sua avó, tendo em conta a forma como descreveu a Daisy.

— A sério? — A idosa ficou calada, pensativa. — Foi por isso que me perguntaste pelo mito? Para o enviases à...?

— Iris — completou ele, num sussurrou.

A avó limitou-se a arquear a sobrancelha, mas depois disse:

— *Iris* — e o som foi tão suave que provocou um arrepio em Roman.

— Sim. — Pensou que estava na hora de se retirar, antes que ela dissesse mais alguma coisa que o deixasse desconfortável. Estava a levantar-se do banco quando a avó lhe disse:

— E vais deixá-la escapar?

Ficou paralisado. Como responder àquilo?

— Acho que não tenho outra opção, avó.

A senhora suspirou e bateu-lhe na mão.

— Há sempre opções. Vais deixar que seja o teu pai a escrever a tua história? — Roman ficou em silêncio enquanto a avó se levantava

com um leve grunhido. Quando chegou à soleira da porta fez uma pausa, e o neto ficou tenso sem saber o que ela ia dizer. — Tenho 75 anos, Roman. Já vi muitas coisas na minha vida, e posso dizer-te que este mundo está prestes a mudar. Os dias que se avizinham serão cada vez mais sombrios. Agarra-te às coisas boas que se atravessam no teu caminho. Não percas tempo com coisas que, feitas as contas, nem sequer são importantes. Arrisca e avança para essa luz. Percebes o que te estou a dizer?

Ele acenou com a cabeça, embora o seu coração batesse descompassado.

— Ótimo — disse a avó. — Agora, trata de lavar essas chávenas, não vá a cozinheira queixar-se da desarrumação.

E com isto deixou-o. As sombras da cozinha pareciam mais profundas sem ela, enquanto Roman levava a chaleira e as chávenas para o lava-loiça, percebendo então que nunca na vida tinha lavado loiça.

Fez o melhor que pôde, arrumando a loiça no armário antes de se retirar para o quarto, onde olhou fixamente para o roupeiro. Continuava a não ter resposta.

Deslizou para o chão e acabou por adormecer. Quando acordou era dia, e viu que ela tinha escrito finalmente. Roman saltou para cima do tapete, com o coração aos saltos, enquanto desdobrava a carta e lia:

Estou bem e em segurança. Não te preocupes! Desculpa ter-me despedido de forma tão abrupta ontem à noite.

Não tenho tempo para escrever já uma carta muito longa, pois tenho de sair. Hoje vou voltar para a enfermaria, mas escrevo-te em breve.

P.S. Espero enviar-te mais cartas de soldados esta noite ou amanhã, para enviases pelo correio, se não te importares.

Ele estremeceu de alívio, mesmo sabendo que o que quer que tivesse acontecido ontem à noite não tinha sido bom. Mas ela estava bem e em segurança, e Roman suspirou, encostando a cabeça ao chão.

Aquelas palavras eram como um cobertor reconfortante e, de repente, deu-se conta de como estava dorido e cansado. Queria adormecer com Iris no pensamento, mas acabou por resistir à tentação.

O tique-taque do seu relógio de pulso estava a incomodá-lo.

Gemeu quando viu as horas. Levantou-se à pressa, pegou nas cartas de Iris e guardou-as no esconderijo. Vestiu-se num ápice. Não tinha

tempo para fazer a barba, nem para engraxar os sapatos, nem para se pentear.

Pegou na sacola e desceu as escadas a correr. Estava atrasado para o trabalho.

*

— Venham, a última geada já lá vai e o quintal precisa de cuidados — disse Marisol nessa tarde. — A vossa ajuda é bem-vinda. Lavramos hoje e plantamos amanhã.

Iris acolheu aquela tarefa de bom grado, mesmo que implicasse rasgar a terra endurecida com uma pá, coisa que nunca tinha feito, sendo nada e criada nos pavimentos empedrados de Oath. As três mulheres afadigaram-se no quintal da pensão, limpando uma horta coberta de ervas daninhas e caules velhos e murchos, resultado do duro inverno.

— Parece que esteve aqui alguém antes de nós — comentou Attie, agachando-se para acompanhar com um dedo sulcos profundos no solo.

— Devem ter sido os mastins — esclareceu Marisol, de pá em riste. — É o problema de plantar uma horta em Avalon Bluff. Os mastins gostam de espezinhar tudo quando invadem a cidade à noite. Às vezes passamos meses sem os ver, mas depois há alturas em que Dacre os envia todas as noites.

Iris e Attie ficaram a olhar para os sulcos, que agora conseguiam identificar como marcas de garras. Iris estremeceu e voltou a concentrar-se em apanhar a terra com a pá.

— Planta uma horta todos os anos, Marisol? — perguntou, reparando nos canteiros elevados a um canto, onde rebentavam flores, alfaces e outras plantas resistentes ao frio.

— Sim, mas só por causa da Keegan — respondeu Marisol.

— Quem é a Keegan?

— A minha mulher.

— Onde é que ela está? — perguntou Attie. Iris reconheceu o seu tom cuidadoso e respeitoso; nenhuma delas tinha a certeza se a mulher de Marisol estava viva. Não tinha feito qualquer referência a ela, embora usasse uma aliança no dedo.

— Ela viaja a trabalho — explicou Marisol. — Nunca sei quando volta para casa. Mas espero que seja em breve.

— É vendedora? — perguntou Iris.

— Algo do género.

— Como é que vocês se conheceram?

— Bem, a Keegan estava a passar por Bluff num dia de verão, e alugou um quarto aqui — começou Marisol, limpando a terra das mãos. — Disse que a casa era encantadora, que a comida era deliciosa e que a hospitalidade era perfeita, mas que a minha horta estava num estado lastimável. Como devem imaginar, não gostei muito do comentário, mas a verdade é que a casa era da minha tia, que era uma excelente jardineira e cultivava a maior parte dos produtos com que cozinávamos. E embora tivesse herdado a casa, infelizmente não herdei a sua habilidade com as plantas.

» Depois de lhe mostrar a minha fúria face à franqueza do seu comentário, a Keegan decidiu ficar o tempo suficiente para me ajudar com a horta. Acho que ela deve ter-se sentido mal, porque a minha tia tinha falecido um ano antes e eu tinha muitas saudades dela. E embora quisesse recusar a sua ajuda... a verdade é que a Keegan contava as histórias mais extraordinárias à noite, e se ela queria ajudar a reanimar a horta da minha tia de graça, quem era eu para recusar?

» A horta foi-se recompondo, devagar, mas de forma certa, com ambas a trabalharmos lado a lado. Por vezes discutíamos, mas a maior parte do tempo ríamos e desfrutávamos da companhia e das histórias uma da outra. Quando ela se foi embora, disse a mim própria que não devia ter esperança. Pensei que ela não voltaria tão cedo. Sempre fora uma alma errante, sem tendência para ficar muito tempo num sítio. Mas ela voltou uma semana depois, escolheu ficar comigo, e eu soube que era a mulher da minha vida, por mais parvo que isso possa parecer.

Attie estava a sorrir, com as covinhas pronunciadas enquanto se apoiava na pá.

— Não é nada parvo. Embora não consiga *imaginá-la* furiosa, Marisol. É uma santa.

Marisol riu-se.

— Acredita que tenho mau feitio.

— Eu acredito — brincou Iris, e Marisol atirou-lhe uma erva daninha em resposta. Depois disto, voltaram ao trabalho, e Iris observou que o solo começava a amolecer e a desfazer-se sob os seus esforços. Falou sem se conseguir conter. — Espero conhecer a Keegan em breve.

— Eu também, Iris. Ela vai adorar conhecer-vos às duas — disse

Marisol, mas a sua voz ficou subitamente trémula, como se estivesse a conter as lágrimas.

Iris percebeu que Keegan já devia estar fora há algum tempo, tendo em conta o estado da horta.

*

Iris, nervosa, voltou a escrever ao seu interlocutor nessa noite:

Queres conhecer-me um dia?

Ele respondeu, rapidamente:

SIM.

Mas estás a 600 quilómetros de distância.

Iris ripostou:

Se tivesse asas, voava para casa por um dia. Como não tenho, terá de ser quando regressar a Oath.

Ele perguntou:

Vais regressar? Quando? Já sabes, ou vais esperar pelo fim da guerra?

P.S. Não tens mesmo asas? Estou chocado.

Ela fez um compasso de espera, sem saber como responder. De repente, sentiu que tinha um bando de borboletas dentro de si, e datilografou:

O mais certo é voltar quando a guerra acabar.

Quero ver-te. Quero ouvir a tua voz.

P.S. Acredita que não tenho asas.

Enviou a confissão através do portal, e acrescentou mentalmente: *quero tocar-te*. Ele demorou algum tempo a responder, o que a fez roer as unhas e desejar ter guardado aquelas palavras só para si. Até que ele escreveu:

Eu quero o mesmo.

Talvez pudéssemos ir irritar os bibliotecários de Oath com a nossa busca por mitos desaparecidos, ou podia levar-te a conhecer a minha avó para tomarmos chá e comermos biscoitos. Acho que ela ia gostar de ti. Podias também resolver a questão do meu queixo ser demasiado pontiagudo, e se pareço mais um cavaleiro errante ou um renegado. Ou então podíamos passear juntos pelo parque. Tudo o que quiseses, eu também quero.

Estarei aqui, à espera de quando estiveres pronta para me ver.

Leu a carta duas vezes antes de esconder o sorriso atrás do papel.

Cara Mrs. Winnow,

temos registo de que o soldado Forest M. Winnow, de Oath, se alistou para defender a causa de Enva no primeiro dia de Shiloh, quase seis meses antes de recebermos a sua carta. Foi destacado para o Segundo Batalhão E, Quinta Companhia de Landover, sob o comando da capitã Rena G. Griss. De momento, não podemos fornecer-lhe mais informações, mas aconselhamo-la a escrever ao comando da Brigada E, que está destacada em Halethorpe. Informamos que o correio que circula no Distrito Meridional não tem sido fiável, podendo ser essa a razão pela qual não recebeu notícias do soldado Winnow ou respetivo comando.

Com os melhores cumprimentos,

William L. Sorrel

Segundo Ajudante do Brigadeiro-General

Frank B. Bumgardener

IRIDESCÊNCIA

Uma guerra com os deuses não é o que se espera.

Espera-se o mesmo que a História nos conta sobre as guerras mortais: batalhas que duram dias e noites, cercos, baixas pesadas, rações de comida, táticas e generais impiedosos, missões secretas que resultam em êxitos surpreendentes e bandeiras brancas de rendição. Esperam-se números, mapas bem guardados e um mar de fardas.

Mas esta guerra é também uma vila que tem de se fechar durante a noite para esconder a sua luz dos mastins que a tomam de assalto. Uma vila que tem de estar ainda mais vigilante durante o dia, preparada para consequências terríveis provocadas por algo tão pacífico e inócuo como andar na rua onde se cresceu.

É uma escola transformada em enfermaria, cheia de corpos, almas e vidas feridas de pessoas que, no entanto, estão cheias de bravura, esperança e determinação, que nos fazem segurar um espelho para nós próprios quando estamos sozinhos. Para encontrar e dar nome àquilo que se esconde dentro de nós. Alívio, vergonha, admiração, tristeza, esperança, ânimo, medo, fé. E para explicar porque estão essas coisas agarradas aos nossos ossos, quando nós próprios não nos entregámos a algo tão altruísta.

É pensar no que nos trará o amanhã; no que nos trará a próxima hora, o próximo minuto. De repente, o tempo parece mais acutilante do que uma faca a roçar a nossa pele, capaz de nos cortar a qualquer momento.

Iris parou de escrever.

Olhou para a urna em cima da secretária — as cinzas da mãe. A sua respiração era superficial e Iris sentiu um nó no peito. Ainda não tinha decidido onde as espalhar. Se devia fazê-lo em breve ou se devia esperar.

O que preferirias, mãe?

Silêncio. Não houve resposta. Os seus olhos voltaram para a página, enquanto tentava filtrar o emaranhado de emoções que estava a sentir.

Ainda não tinha estado na linha da frente. Ainda não tinha vivido qualquer tipo de batalha, catástrofe, fome ou ferimento. Mas tinha sentido a perda e tentava ver a guerra através dessa lente. Passaram alguns minutos, e Iris suspirou.

Não sei escrever sobre a guerra.

Como se pressentisse o seu dilema, Attie bateu-lhe à porta.

— Como está a correr o teu artigo? — perguntou.

— É mais difícil do que eu esperava — confessou Iris com um sorriso triste.

— Já somos duas. Vamos dar uma volta.

As raparigas saíram pelas traseiras da pensão, atravessaram o quintal recém-cultivado e desceram a rua seguinte, até ao campo dourado que Iris via da janela do seu quarto. As ervas altas davam-lhes pelos joelhos quando caminhavam lado a lado. Estavam suficientemente longe da vila para poderem falar à vontade, mas suficientemente perto para poderem chegar rapidamente ao abrigo se soasse uma sirene.

Para surpresa de Iris, Attie não pediu detalhes sobre o que estava a escrever, ou porque lhe estava a custar tanto. Perguntou:

— Onde achas que está a mulher da Marisol?

— A Keegan? A Marisol disse que estava a viajar, não foi? — respondeu ela, com os dedos a traçar as cabeças das sementes. — Presumo que esteja em Oath, ou noutra cidade mais para norte.

Attie ficou em silêncio por instantes, semicerrando os olhos contra o sol do fim da tarde.

— Talvez. Só tenho a estranha sensação de que a Marisol está a mentir-nos.

Isso fez com que Iris fizesse uma pausa.

— Porque precisaria de nos mentir sobre isso?

— Talvez *mentir* seja a palavra errada. *Enganar* será mais adequado, porque está a tentar proteger-se a ela e à mulher.

— De quê?

— Não sei. Mas há qualquer coisa de estranho aqui.

— Acho que a Marisol nos diria, se fosse importante — tornou Iris.

— Sim. Também acho. Talvez seja tudo fruto da minha imaginação.

Avançaram pelo campo, e só o facto de estar a caminhar, depois de ter passado a maior parte do dia sentada à secretária, já melhorava o estado de espírito de Iris. Não havia nada além do som das ervas a roçar contra as suas pernas, e alguns estorninhos que trinavam por cima delas. Por mais tempo que vivesse aqui, duvidava que alguma vez se habituasse ao silêncio.

— Achas que é possível apaixonarmo-nos por um estranho? — perguntou Iris.

— Amor à primeira vista?

— Nem isso. É mais amar alguém que nunca conheceste. Alguém cujo nome nem sequer sabes, mas com quem tens uma ligação.

Attie ficou calada por instantes.

— Não tenho a certeza. Talvez? Mas só porque sou uma romântica inveterada. — E com isto lançou um sorriso irónico a Iris. — Porque perguntas? Estás interessada em algum estranho da enfermaria?

— Não. É apenas algo em que estou a pensar.

Attie olhou para o céu, como se as respostas se escondessem lá em cima, no alto das nuvens. As palavras que disse a seguir permaneceram na memória de Iris por horas.

— Nos dias que correm, acho que tudo é possível, Iris.

Coisas que sei sobre ti:

1. Às vezes, tens má postura.
2. Tens o queixo do teu pai.
3. O teu cabelo é perfeito, algures entre o de um renegado e o de um cavaleiro errante.
4. Tens uma avó, que sabe muitos mitos.
5. És o irmão mais velho da Del.
6. Vives em Oath.
7. Tens 19 anos (acho eu... calculei a tua idade com base numa carta anterior).
8. A tua escrita é impecável e faz-me rir com muita frequência.

Coisas que não sei sobre ti:

1. O teu nome.

Iris dobrou o papel e enviou-o pelo portal nessa noite. Contava que ele respondesse rapidamente, como era seu hábito. Mas quando os minutos se estenderam, longos e silenciosos, sentiu um nó no estômago e começou a andar de um lado para o outro no quarto, preocupada. Tinha pensado que estavam finalmente prontos para trocar nomes. Mas talvez tivesse interpretado mal a sua comunicação.

Uma hora depois, ele respondeu.

Iris apanhou o papel do chão e leu:

Então, já conheces todas as minhas facetas mais importantes. Não sinto que o meu nome seja digno de nota, mas podes chamar-me Carver. Era assim que a Del me chamava e, às vezes, sinto falta disso.

— C.

Carver. Iris deixou que o nome percorresse o seu corpo antes de o sussurrar para as sombras do quarto.

— Carver.

Um nome que era duro e implacável, que cortava o ar com o seu som. Um nome que ela nunca teria imaginado para ele. Escreveu:

Olá, Carver. Chamo-me Iris.

Ele respondeu de volta:

«Pequena Flor». Agora, compreendo. O nome assenta-te bem.

P.S. Olá, Iris.

Iris riu-se, sem saber o que pensar dele. Pelos deuses, como queria saber como ele era. Queria conhecer a cadência da sua voz, o tipo de expressões faciais que fazia quando escrevia os seus pós-escritos.

Querido Carver (confesso que é bom poder finalmente endereçar-te as minhas cartas),

a maioria das pessoas pensa imediatamente num globo ocular quando ouve o meu nome. Isso incomodava-me muito em criança, na escola. Alguns rapazes gozavam comigo, e foi por isso que o Forest passou a tratar-me por «Pequena Flor».

Já nessa altura não gostava do meu nome e perguntava à minha mãe (que, aliás, se chamava Aster) porque é que não me tinham dado um nome com mais estilo, como Alexandra ou Victoria.

«As mulheres da nossa família sempre tiveram nomes de

flores», disse-me ela. «Orgulha-te do teu nome.»
Infelizmente, ainda me estou a esforçar nesse sentido.

— Iris

Ele respondeu:

Querida Iris,

devo dizer que um globo ocular é a imagem mais distante da minha mente. E nem sequer a flor silvestre que inspirou a tua mãe a batizar-te foi a primeira coisa em que pensei. Pelo contrário:

Iris: relativo a iridescência.

Façamos dos nossos nomes exatamente aquilo que queremos que eles sejam.

— C.

Caro Comandante da Brigada E,

chamo-me Iris Winnow e escrevo-lhe a propósito do paradeiro do meu irmão, o soldado Forest M. Winnow. Fui informada pelo Segundo Ajudante do Brigadeiro-General que o meu irmão foi destacado para o Segundo Batalhão E, Quinta Companhia de Landover, ao comando da capitã Rena G. Griss.

Não tenho notícias do Forest desde o dia em que ele se alistou, há quase seis meses, e estou preocupada com o seu bem-estar. Se me pudesse fornecer informações atualizadas sobre a Quinta Companhia de Landover, ou uma morada para onde possa escrever, ficar-lhe-ia eternamente grata.

Com os melhores cumprimentos,

Iris Winnow

Correspondente de guerra do Inkriden Tribune

Destacada em Avalon Bluff,

Distrito Ocidental, Cambria

CHAMPANHE E SANGUE

Roman tinha dito a Iris o seu nome do meio, e estremecia sempre que pensava nisso. Pensou nisso quando apanhou o elevador para o *Gazette*. Pensou nisso enquanto preparava o chá na bancada, a desejar que fosse café. Pensou nisso quando se sentou à secretária e virou os dicionários ao contrário, como ela fizera tantas vezes para o irritar.

Estava a pensar demasiado nela, e sabia que isso só podia prejudicá-lo.

Mas a verdade é que estava ansioso. Porque quando voltasse a vê-la teria de lhe dizer que Carver era ele. Receava que ela sentisse que lhe tinha mentido, embora Roman tivesse sempre dito a verdade, mas de uma forma enviesada.

Quero que ela saiba que sou eu, pensou, enquanto olhava para a máquina de escrever. Queria que ela soubesse hoje e, no entanto, seria insensato dizer-lho por carta. Não, tinha de ser feito pessoalmente. Cara a cara, quando ele se pudesse explicar.

— Isso é que é trabalhar no duro — disse uma voz familiar.

Roman retesou os músculos, quando se virou para dar de caras com a última pessoa que esperava ver no *Gazette*. Pousou a chávena de chá e levantou-se.

— Pai. — Os olhos de Mr. Kitt percorreram a redação. Roman demorou algum tempo a perceber que o pai estava à procura *dela*. De Iris. — Ela não está aqui — informou Roman, numa voz fria. O olhar de Mr. Kitt cruzou-se com o seu.

— Não? E onde é que ela está?

— Não sei. Não a vejo desde que fui promovido.

Um silêncio constrangedor instalou-se entre eles. Roman sentia o olhar de Sarah, que passava ao largo de Mr. Kitt. Alguns dos editores também pararam o que estavam a fazer, observando a cena através de remoinhos de fumo de cigarro. Roman pigarreou.

— O que veio aqui...?

— Fiz uma reserva para o almoço para ti e para Miss Little —

anunciou Mr. Kitt, de forma concisa. — Hoje. Às 13 em ponto. No Monahan's. Vão casar daqui a três semanas, e a tua mãe achou que seria boa ideia passarem algum tempo juntos.

Roman forçou-se a reprimir uma réplica. Era a *última* coisa que ele queria fazer hoje. Mas acenou com a cabeça, mesmo sentindo a vida a esvair-se do seu corpo.

— Sim. Obrigado, pai.

Mr. Kitt olhou para Roman com um olhar perscrutador, como se estivesse surpreso por Roman ter cedido tão facilmente.

— Ótimo, filho. Vemo-nos mais logo ao jantar.

Roman ficou a ver o pai a sair.

Recostou-se na cadeira a contemplar a folha em branco na sua máquina de escrever. Os dicionários estavam virados ao contrário. Obrigou os dedos a pousarem nas teclas, mas não conseguiu escrever uma palavra. Só ouvia a voz de Iris, como se ela lhe estivesse a ler a carta em voz alta.

Tiramos uma peça de armadura por ela; deixamos a luz entrar, mesmo que nos faça estremecer. Talvez seja assim que aprendemos a ser dóceis, mas fortes, mesmo na presença do medo e da incerteza. Uma pessoa, uma peça de armadura.

Roman suspirou. Não queria ser vulnerável com Elinor Little. Mas talvez devesse seguir o conselho de Iris.

Lentamente, começou a encontrar palavras para entregar à página.

*

O sol estava no seu zénite quando um enorme camião entrou na vila. Iris caminhava com Marisol pela rua principal, carregando cestos de mercadorias que tinham acabado de comprar na mercearia, quando o camião chegou sem aviso. Iris não sabia o que pensar dele — os enormes pneus estavam cobertos de lama, a carroçaria metálica estava crivada de balas.

Vinha da estrada ocidental, que Iris sabia conduzir à frente de batalha.

— Pelos deuses — disse Marisol com um suspiro. Largou o cesto e correu atrás do camião que seguia por outra estrada. Iris não teve alternativa senão pousar o cesto e segui-la.

— Marisol! Marisol, o que se passa?

Se Marisol a ouviu, não abrandou. A sua cabeleira negra parecia uma flâmula ao vento, enquanto corria e era acompanhada por todos

os que estavam à sua volta, até que uma grande multidão se juntou à volta do caminhão, que estacionou junto à enfermaria. Foi então que Iris, sem fôlego e com uma pontada na parte lateral do corpo, percebeu de que se tratava.

O caminhão estava cheio de soldados feridos.

— Depressa, tragam as macas!

— Calma, vamos. *Calma.*

— Onde estão as enfermeiras? Precisamos de uma enfermeira aqui, por favor, rápido!

Foi a loucura quando as portas traseiras do caminhão se abriram e os feridos foram descidos com todo o cuidado. Iris queria ajudar. Queria dar um passo em frente e fazer algo — *Faz alguma coisa!* gritava a sua mente — mas continuava ali, paralisada no meio da estrada, a assistir a tudo.

Os soldados estavam sujos, manchados de terra e sangue. Um deles estava a chorar, com a perna direita aberta no joelho. Outro, a quem faltava um braço, gemia. Os seus semblantes estavam pálidos com o choque, enrugados pela dor. Alguns estavam inconscientes, com os rostos macerados e as fardas rasgadas.

Iris sentiu o chão debaixo de si a desaparecer.

Mas ninguém lhe prestou atenção quando se virou para vomitar.

Controla-te, pensou ela, com as mãos nos joelhos e os olhos fechados. *A guerra é isto. Foi para isto que vieste. Não desvies o olhar.*

Endireitou-se e limpou a boca com as costas da mão. Virou-se, ao pensar no irmão. Se Forest estivesse naquele caminhão, iria ter com ele com toda a confiança. Seria calma, assertiva e prestável.

Avançou por entre a multidão e ajudou uma soldada a descer da parte de trás do caminhão. Iris reparou que a rapariga mal se aguentava de pé; tinha uma ferida na barriga. O sangue que lhe manchava a farda verde-escura estava pegajoso — sujou a mão e o macacão de Iris, vermelho como uma rosa — e a rapariga gemeu quando Iris a levou para a enfermaria.

Não havia camas suficientes.

Uma enfermeira que estava à porta fez sinal para que Iris a levasse para o corredor da direita, depois de lhe examinar as feridas.

— Procura um sítio onde ela se sinta confortável — disse a enfermeira, e Iris assim fez. Mas só o chão é que estava livre, até as cadeiras estavam ocupadas, e Iris sentia que a rapariga estava

lentamente a perder os sentidos.

— Está tudo bem — disse-lhe Iris quando ela gemeu. — Agora, estás a salvo.

— Põe-me... no chão.

Iris obedeceu, com desvelo, encostando-a à parede. A rapariga fechou os olhos, com as mãos agarradas ao estômago.

Sem saber o que fazer, Iris procurou a enfermeira mais próxima, que vinha a correr com um balde de água ensanguentada e panos.

— Por favor, está ali uma soldada que precisa de cuidados. Não sei muito bem o que fazer para ajudar.

A enfermeira, abatida, olhou por cima do ombro de Iris. Observou a rapariga que estava sentada no chão e depois sussurrou:

— Lamento, mas ela não se vai safar. Aquele ferimento é fatal. Põe-na o mais confortável possível. Tens cobertores de reserva naquele armário ali.

Atordoadas, Iris virou-se para ir buscar um cobertor. Trouxe-o para junto da soldada e tapou-a. Os olhos da rapariga continuavam fechados, o rosto tenso de dor.

— Obrigada — sussurrou, antes de perder os sentidos.

Iris ficou ao lado dela, sem saber o que fazer, até ouvir Marisol chamá-la ao fundo do corredor.

— Iris? Precisamos da tua ajuda — disse Marisol, pegando na mão de Iris para a afastar da confusão por uma porta lateral. — Não há mais camas. Podes vir comigo e com a Attie buscar os colchões da pensão? E alguns lençóis de reserva, que podemos usar para fazer ligaduras?

— Sim, claro — disse Iris, quase em surdina.

Peter concordou em levá-las no camião para poderem transportar os colchões mais facilmente. Ajudou Marisol, Attie e Iris a arrastar os colchões de penas dos quartos da pensão pelas escadas e pela porta da rua. Todas abdicaram dos seus próprios colchões, deixando para trás apenas estrados e colchas.

Quando regressaram à enfermaria, já todos os feridos tinham sido descarregados e um homem de meia-idade, que envergava uma farda de oficial desgastada, estava na rua a falar com uma das médicas.

Iris ouviu-os a discutir quando saiu da parte de trás do camião de Peter.

— Insistem em trazer soldados que eu não consigo curar — dizia a

médica, com a voz eivada de frustração. — Não há muito que eu possa fazer por eles.

— Só peço que tenham alguma dignidade na morte — respondeu o oficial. — Recuso-me a deixá-los vulneráveis no campo de batalha.

O semblante carregado da médica desvaneceu-se. A sua exaustão era quase palpável quando disse:

— Tem razão, capitão, mas não vou conseguir salvar muitos destes soldados.

— A doutora e a sua equipa, que lhes proporcionam um local seguro e confortável para exalarem o último suspiro, são mais úteis do que podem imaginar — disse o capitão. — Obrigado, Dra. Morgan.

Virou-se para abrir a porta do camião, que estava agora carregado com os mantimentos que a cidade tinha conseguido reunir, quando o seu olhar se fixou em Iris. O capitão paralisou e depois aproximou-se dela.

— É correspondente de guerra? — perguntou, ao reparar no crachá. — Quando chegou?

— Na semana passada, senhor — respondeu Iris.

— Chegámos as duas, capitão. — disse Attie atrás dela.

— Posso levar uma de vocês comigo para a frente de batalha, se a enfermaria vos puder dispensar — anunciou o militar. — E posso trazer-vos de volta no próximo transporte, que será daqui a sete dias, se tudo correr bem.

Iris virou-se para encarar Attie, com o coração acelerado. Aquilo era inesperado.

— Atiramos uma moeda ao ar, Iris? — sussurrou Attie. Iris acenou com a cabeça. Pelo canto do olho, conseguiu ver Marisol, que parou para ver o que ia acontecer. Attie levou a mão ao bolso e tirou uma moeda. Segurou-a contra a luz e perguntou — Montanha ou castelo?

Iris humedeceu os lábios ressequidos. Não sabia o que queria, e a indecisão pareceu-lhe uma faca cravada no lado. O suor começou a picar-lhe as palmas das mãos.

— Castelo.

Attie acenou com a cabeça e atirou a moeda ao ar. Apanhou o cobre que caía nas mãos e abriu a palma, mostrando-a a Iris.

Era o lado da montanha da moeda. Seria Attie a ir com ele.

Roman entrou no Monahan's às 12h50, na esperança de ser o primeiro a chegar. Para seu choque, Elinor Little já estava sentada à mesa, à espera dele.

— Roman — cumprimentou-o com uma voz fria. O seu cabelo louro estava frisado e os lábios pintados de vermelho vivo. Trazia um vestido azul escuro e um xaile com franjas, e foi com olhos azuis gélidos que o viu sentar-se na cadeira à sua frente.

— Elinor — retrucou.

Estavam num dos melhores restaurantes de Oath, onde os pais de Roman se tinham apaixonado durante um longo jantar à luz de velas. O ambiente era melancólico e romântico, com chão preto e branco, vasos de rosas em todas as mesas, estátuas de mármore nos cantos e janelas com reposteiros de veludo.

Roman nunca se sentira tão desconfortável na vida. Aclarou a garganta enquanto olhava para a ementa. Elinor parecia pouco disposta a falar, e ele não fazia ideia do que dizer. Felizmente, um empregado apareceu para lhes servir champanhe e anotar o pedido da entrada.

Mas depois voltou o silêncio, e o olhar de Roman vagueou pelo restaurante, até pousar nas duas estátuas de mármore do canto mais próximo. Dois amantes, entrelaçados, e tão magnificamente esculpidos que Roman podia imaginar que eram reais. As rugas nas vestes, a elasticidade da pele quando se agarravam um ao outro, o movimento das suas respirações...

— Então... — disse Elinor, por fim, e Roman olhou para ela. — Cá estamos.

— É verdade — assentiu ele. Quando Elinor estendeu o copo na sua direção, Roman juntou o seu ao dela, num brinde àquela estranha combinação. Roman sentia as palmas das mãos escorregadias de suor quando encarou a noiva. — Fala-me de ti.

Elinor bufou.

— Não precisas de fingir, Roman. Eu sei que não queres casar comigo, tal como eu não quero casar contigo. Podemos comer em silêncio, fazer a vontade aos nossos pais, e depois voltar às nossas vidas.

Roman pestanejou. Não sabia o que pensar das palavras dela — se estaria a representar ou se *realmente* não tinha interesse nele. Iam casar dali a três semanas, e ela era uma perfeita estranha para ele. Não sabia nada sobre ela para além do nome e do facto de saber tocar piano. E sabia também que ela ajudava o pai no seu laboratório, a

criar bombas.

A entrada chegou à mesa.

Roman decidiu ficar calado, como ela queria, e ver quanto tempo os dois conseguiam comer em silêncio. Conseguiu comer três pratos até não aguentar mais. Passou os dedos pelo cabelo e encarou-a. Elinor mal tinha olhado para Roman durante todo o almoço, como se ele não existisse.

— Porque estamos a fazer isto? — perguntou, sem rodeios.

O olhar penetrante de Elinor quase o trespassou.

— É para o bem das nossas famílias.

— Às custas da nossa felicidade? — contrapôs ele.

Elinor não desviou o olhar.

— Há coisas a acontecer que são mais importantes do que nós, Roman. Coisas que estão destinadas a acontecer. E temos de nos preparar para elas.

— Que coisas? — perguntou, subindo o tom de voz. — A chegada de Dacre a Oath?

— Cala-te! — sussurrou ela, mas os seus olhos brilhavam. — Não devias falar sobre essas coisas em público.

— Coisas como o facto de estares a ajudar o teu pai a construir bombas para enviar para a frente de batalha através das ferrovias do meu pai? — prosseguiu ele, num tom gélido. — Para que Dacre destrua vidas inocentes?

Lembrou-se inevitavelmente da noite passada de um lado para o outro no quarto, preocupado com Iris. Cerrou os punhos debaixo da mesa. Elinor ficou paralisada. Ruborizou, mas depressa recuperou a compostura, esboçando um sorriso que não chegou aos olhos.

— Bombas? Não sejas ridículo.

— Eu vi-as, Elinor, num caixote enorme no escritório do meu pai.

Elinor bebeu um gole de champanhe. Roman ficou espantado com a sua insensibilidade.

— Não são *bombas*, Roman — disse ela, por fim, num tom condescendente. — São outra coisa. Não julgues nem fales de coisas que não compreendes.

Agora era ele que estava a corar, embaraçado.

— Então, o que são?

— Vais saber depois do casamento. — Bebeu o resto do champanhe e cobriu os ombros com o xaile. Preparava-se para se levantar antes da chegada do último prato, e Roman ficou a observá-la.

— Estás apaixonada por outra pessoa — constatou ele, apanhando-a de surpresa. Viu-a engolir em seco e percebeu que ela estava a tentar esconder as emoções. — Devias estar com essa pessoa e não comigo. Não percebes isso, Elinor? Tu e eu vamos ser infelizes juntos.

— Podemos dormir em quartos separados, até precisarmos de um herdeiro — murmurou Elinor.

Roman ficou em silêncio sob o peso das suas palavras. A sua noiva estava a sugerir que cada um teria os amantes que quisesse. O seu casamento seria válido apenas no papel. Uma triste união com votos sem sentido.

Tu mereces isto, sussurrou-lhe uma voz. A voz da culpa, que ainda era audível quatro anos após a morte de Del. *Não mereces ser feliz ou amado.*

— Como queiras — disse-lhe.

Elinor encarou-o fixamente por instantes, desarmada. Ficara aliviada por ele ter concordado, o que só agudizou o desespero dele.

Afastou-se da mesa, com os sapatos de salto alto a matraquear no piso quadriculado. Roman permaneceu sentado, enquanto chegava a sobremesa. Ficou a olhar para ela durante alguns instantes, antes de voltar o seu olhar para as estátuas, entrelaçadas a um canto.

Em breve estaria casado com uma rapariga que não tinha o menor interesse em conhecê-lo. O coração dela pertencia a outra pessoa e ele nunca conheceria o seu amor.

É o que eu mereço, pensou novamente, enquanto terminava o champanhe.

Saiu do restaurante e caminhou de volta para o *Gazette*, com as mãos nos bolsos e o rosto fechado. Começou a desviar-se do seu curso para evitar uma multidão reunida numa esquina, até se aperceber de que as pessoas rodeavam o quiosque.

Rapidamente mudou de rumo, entrando na fila para comprar o jornal que provocara tamanho frenesim. Claro que não era o *Gazette*. Era o *Inkridden Tribune*, e Roman comprou um exemplar.

Afastou-se alguns passos e disse a si próprio que espreitaria a primeira página e que depois deitaria o jornal no lixo. Zeb Autry despedi-lo-ia se soubesse que o seu mais recente colunista lia a

concorrência. Roman era capaz de caminhar e ler na diagonal em simultâneo, por isso abriu o jornal e leu a manchete.

Mas parou abruptamente.

O coração começou a ribombar nos seus ouvidos. A negrito, o título ocupava a página toda:

A FACE INESPERADA DA GUERRA por IRIS INKRIDDEN

Roman ficou parado ao sol a beber cada palavra do artigo. Esqueceu-se de onde estava e para onde ia. De onde tinha vindo. Esqueceu-se de tudo enquanto lia as palavras dela, e um sorriso assomou-lhe aos lábios quando chegou ao fim.

Estava tão orgulhoso dela.

Nem pensar em deitar aquele jornal no lixo. Roman dobrou-o cuidadosamente, escondendo-o no seu casaco. Enquanto corria de volta para o *Gazette*, não conseguia pensar em mais nada, exceto em Iris e nas suas palavras.

Pensou nela enquanto esperava pelo elevador. Estava avariado. Por isso, subiu as escadas, e o seu coração continuou acelerado muito depois de já estar sentado à secretária, sem que ele soubesse porquê.

Era outra vez aquela dor. A dor que sabia a sal e a fumo. Uma saudade que ele temia que se tornasse mais forte a cada ano que passava. Um arrependimento que já se adivinhava.

Mexeu-se e ouviu o jornal a amarrotar-se no casaco. Um jornal com as palavras dela.

Iris estava a escrever textos corajosos e ousados.

Tinha demorado algum tempo, mas agora estava pronto.

Estava pronto para escrever a sua própria história.

*

Iris juntou-se a Marisol na enfermaria naquela noite. Depois de terem disposto todos os colchões, ajudaram na cozinha, preparando sopa e pão. Em seguida, lavaram pratos e lençóis, esfregaram o sangue do chão e prepararam os cadáveres para o enterro.

A soldada que Iris tinha ajudado a sair do camião era um deles.

Era quase meia-noite e Iris e Marisol estavam sentadas em cima de uma pilha de caixotes vazios a um canto, a rasgar lençóis para fazer ligaduras. Attie tinha partido há várias horas, e Iris não conseguia deixar de imaginar onde é que ela estaria, se já teria chegado à frente, os perigos que corria.

— Ela vai ficar bem — disse Marisol, docemente, como se tivesse lido os seus pensamentos. — Sei que parece fútil dizer isto, mas tenta não te preocupar.

Iris acenou com a cabeça, mas a sua mente corria numa roda-viva. Estava sempre a reviver o momento em que as portas do camião se abriram, revelando os soldados feridos.

— Marisol?

— Sim?

— A Keegan está a combater na guerra? — perguntou Iris, após um breve instante passado a observá-la a rasgar diligentemente cada lençol.

Marisol ficou paralisada, mas encarou-a com uma ponta de medo nos olhos.

— Porque dizes isso, Iris?

— O meu irmão está a lutar por Enva, e vejo em si o anseio que existe em mim. A preocupação, a esperança, o medo.

Marisol suspirou, com as mãos caídas sobre o colo.

— Eu ia acabar por vos contar, a ti e à Attie. Estava só à espera.

— À espera de quê? — perguntou Iris.

— Não queria que isso interferisse no vosso trabalho — respondeu ela. — A Helena não sabe que a minha mulher está a lutar. Não sei se enviaria correspondentes para a minha porta se soubesse. Afinal de contas, é suposto vocês terem um ponto de vista neutro.

— Ela sabe que o meu irmão está a combater e mesmo assim contratou-me — disse Iris. — Acho que não devia ter de esconder o facto de a sua mulher ser corajosa e altruísta.

Marisol ficou em silêncio, com os dedos longos a afagar as ligaduras no colo.

— Ela partiu há sete meses. Alistou-se no dia em que se soube que Dacre tinha tomado a cidade de Sparrow. No início, pedi-lhe, ou melhor, *implorei-lhe* para não ir. Mas depois percebi que não a podia prender numa jaula. E se ela estava tão convicta de que era seu dever lutar contra Dacre, então tudo o que eu podia fazer era apoiá-la. Disse a mim mesma que faria tudo o que fosse preciso em casa para ajudar, quer fosse preparar comida para a enfermaria ou aceitar alojar correspondentes de guerra, ou mesmo enviar as mercearias que me cabiam para os soldados na frente.

— Ela alguma vez lhe escreveu? — sussurrou Iris.

— Sim, sempre que pode, o que não é raro. Estiveram em movimentações durante algum tempo, e agora o exército tem de dar prioridade ao transporte de bens essenciais, o que faz com que as cartas sejam muitas vezes esquecidas. — Marisol fez uma pausa antes de perguntar — Tens notícias do teu irmão, Iris?

— Não.

— Tenho a certeza de que terás em breve.

— Espero que sim — disse Iris, com o coração pesado. Ainda não tinha recebido uma resposta do comandante da Brigada E, e receava nunca vir a receber.

Passada uma hora, Marisol recomendou-lhe que fosse descansar. Iris deitou-se no chão da enfermaria e fechou os olhos, sentindo-se exausta.

Sonhou com Forest.

Querido Carver,

peço-te desculpa por não escrever há algum tempo. Os dias têm sido longos e difíceis, e fizeram-me perceber que talvez não seja suficientemente corajosa ou forte para fazer isto. Acho que as minhas palavras nunca serão capazes de descrever o que sinto neste momento. Acho que as minhas palavras nunca serão capazes de descrever as coisas que vi. As pessoas que conheci. A forma como a guerra permeia tudo, como uma sombra.

Como querem que escreva sobre isto quando as minhas palavras e a minha experiência são tão desadequadas? Quando eu própria me sinto tão desadequada?

Com amor,
Iris

Querida Iris,

acho que não tens noção da tua força; porque, por vezes, a força não está nas espadas, no aço e no fogo, como tantas vezes nos fazem crer. Por vezes, está nos sítios calmos e gentis. Está na forma como pegamos na mão de alguém que está a sofrer; na forma como ouvimos os outros; na forma como dizemos presente, dia após dia, mesmo quando estamos cansados, com medo ou simplesmente inseguros.

Isso é força, e eu vejo-a em ti.

Quanto à tua coragem... posso dizer-te com toda a sinceridade que não conheço ninguém que se compare a ti.

Quem mais seria capaz de arrumar tudo o que tem e deixar o conforto da sua casa para se tornar correspondente de guerra? Poucas pessoas. Admiro-te, em mais do que um sentido.

Continua a escrever. Encontrarás as palavras de que precisas para partilhar. Elas já estão dentro de ti, mesmo nas sombras, escondidas como joias preciosas.

Teu,
— C.

INSTRUMENTOS PERIGOSOS

— Ela voltou — disse Marisol.

Iris parou à entrada da pensão, com os olhos arregalados. Tinha voltado a pé da enfermaria para casa, de noite, e já contava com uma reprimenda de Marisol.

— A Attie? — arquejou.

Marisol acenou com a cabeça, fechando a porta atrás de si.

— Está no quarto.

Iris subiu as escadas e bateu à porta de Attie. Quando não obteve resposta, o seu coração entrou em sobressalto de pavor e ela própria entreabriu a porta.

O quarto estava vazio, mas a janela estava aberta. Uma brisa noturna agitou as cortinas quando Iris entrou no quarto, e debruçando-se pela janela, vislumbrou a amiga sentada no telhado, com os binóculos apontados às estrelas.

— Junta-te a mim, Iris — convidou Attie.

— Achas que a Marisol não nos vai matar por estarmos aqui sentadas no telhado?

— Talvez. Mas pelo menos vai esperar pelo *fim* da guerra para nos matar.

Iris, que nunca tinha gostado de alturas, saiu cuidadosamente para o telhado, rastejando para se sentar ao lado de Attie. Ficaram sentadas em silêncio durante alguns instantes, até que Iris perguntou, em voz baixa:

— Como foi na frente de batalha?

— Foi penoso — respondeu Attie, com a atenção ainda concentrada nas estrelas.

Iris mordeu o lábio, com a cabeça a mil. *Estou tão feliz por estares de volta! Estava preocupada contigo. Não me parecia bem estar aqui sem ti...*

— Queres falar sobre isso? — perguntou Iris, hesitante. Attie ficou

em silêncio.

— Sim, mas não agora. Ainda preciso de processar o que se passou.
— Baixou os binóculos. — Espreita aqui, Iris.

Iris pegou nos binóculos que a amiga lhe estendia e viu tudo desfocado e escuro até Attie lhe demonstrar a forma de focar a lente e então, de repente, o mundo explodiu com centenas de estrelas. Extasiada, Iris estudou os corpos celestes e um sorriso assomou-lhe ao rosto.

— É lindo — declarou.

— A minha mãe é professora de Astronomia na Universidade de Oath — disse Attie. — Ensinou-nos, a mim e aos meus irmãos e irmãs, os nomes das estrelas.

Iris passou mais alguns segundos a estudar o céu antes de devolver os binóculos a Attie.

— Sempre as admirei, mas sou péssima a identificar as constelações.

— O truque é encontrar primeiro a Estrela Polar. — Attie apontou para cima. — Assim que a encontrares, as outras são mais fáceis de identificar. — As raparigas ficaram novamente caladas, a admirar as constelações. Por fim, Attie quebrou o silêncio com um sussurro. — Tenho um segredo, Iris. E estou a pensar se te devo contar.

Iris olhou para ela, surpreendida com a confissão.

— Então, já somos duas — respondeu. — Porque eu também tenho um segredo. Conto-te o meu se tu me contares o teu.

Attie resfolegou.

— Está bem. Já me convenceste. Mas tens de dizer primeiro.

Iris começou a falar da sua máquina de escrever encantada e das suas cartas para Carver.

Attie ouviu, de boca aberta, que depressa fechou num sorriso astuto.

— Foi por isso que me perguntaste se achava possível apaixonarmo-nos por estranhos.

— Eu sei, parece algo... — Iris riu-se, um pouco constrangida.

— Saído de um romance? — sugeriu Attie, ironicamente.

— Ele pode ser horrível na vida real.

— É verdade. Mas as cartas dele sugerem o contrário, certo?

Iris suspirou.

— Sim, estou a afeiçoar-me a ele. Já lhe disse coisas que nunca partilhei com mais ninguém.

— Que loucura. — Attie balançou-se no telhado. — Quem será ele?

— Um rapaz chamado Carver. É tudo o que sei. — Fez uma pausa e voltou a olhar para as estrelas. — Muito bem. Agora, conta-me o teu segredo.

— Não é tão excitante como o teu — disse Attie. — Mas o meu pai é músico. Há anos, ensinou-me a tocar violino. — Iris pensou logo na atual restrição de tocar instrumentos de corda na cidade. Tudo por causa do medo do recrutamento de Enva. — Ainda cheguei a pensar que podia ter lugar na orquestra sinfónica. Praticava várias horas por dia, por vezes até as pontas dos dedos ficarem em sangue. Era o que mais queria na vida. Mas, claro, tudo mudou no ano passado, quando a guerra rebentou. Quando, de repente, todos começaram a recear ser vítimas das canções de Enva, e Oath começou a livrar-se dos seus músicos como se fôssemos uma doença. A guarda chegou a ir a nossa casa, para confiscar todos os instrumentos de cordas. Já imaginas quantos não tínhamos em casa. Já te disse que sou a mais velha de seis irmãos e que o meu pai queria que todos os filhos aprendessem a tocar pelo menos um instrumento.

» Mas o meu pai previra isto. Entregou todos os instrumentos, exceto um violino, que escondeu num compartimento secreto na parede. Fê-lo por mim, porque sabia o quanto eu gostava dele. E disse-me que ainda podia tocar, mas menos. Teria de ir para a cave tocar durante o dia, quando os meus irmãos estavam na escola e os barulhos da cidade abafavam o som da música. E ninguém, nem mesmo os meus irmãos mais novos, podiam saber.

» Era isso que eu fazia. Nos intervalos das aulas na universidade, ia para casa e tocava na cave. O meu pai era o meu único público e, embora parecesse que as nossas vidas tinham sido suspensas, ele dizia-me para nunca perder o ânimo. Para não perder a esperança nem deixar que o medo me roubasse a alegria.

Iris ficou em silêncio, absorvendo a história de Attie.

— Havia noites em que me sentia muito zangada — continuou Attie. — Por uma deusa como Enva ter interrompido as nossas vidas e roubado tantos dos nossos compatriotas, obrigando-os a lutar numa guerra a centenas de quilómetros de distância. Ficava zangada por já não poder tocar o meu violino à luz do dia; por ver desfeitos os meus sonhos de tocar na orquestra sinfónica. Sei que te falei do meu professor chato que dizia que a minha escrita era «impuplicável», mas

outro dos motivos que me levaram a querer ser correspondente foi simplesmente querer saber a verdade sobre a guerra. Em Oath, há um sentimento subjacente de medo e cautela, mas julgo que ninguém sabe verdadeiramente o que se está a passar. E eu queria ver com os meus próprios olhos. E aqui estou eu. Acabada de chegar da frente. E agora compreendo.

Iris sentiu o pulsar do coração na garganta. Observou Attie à luz das estrelas, incapaz de desviar o olhar da amiga.

— O quê, Attie? — quis saber. — O que compreendes agora?

— Compreendo porque é que Enva cantou para os nossos compatriotas. Porque encheu os seus corações com o conhecimento da guerra. Porque era isso que a música dela fazia e ainda faz: mostra-nos a verdade. E a verdade é que as pessoas do Ocidente estavam a ser espezinhadas pela ira de Dacre. Eles precisavam de nós, e ainda precisam. Sem os soldados de Oath, sem o nosso apoio a esta luta... já tudo teria acabado e Dacre reinaria.

Attie calou-se, levando novamente os binóculos aos olhos para contemplar as estrelas.

— Achas que vamos perder? — sussurrou Iris, imaginando como seria o mundo se os deuses voltassem a reinar.

— Espero que não, Iris. Mas o que sei é que precisamos que mais pessoas se juntem a esta guerra para podermos ganhar. E com a música a ser vista como um pecado em Oath, como é que as pessoas vão saber a verdade?

Iris ponderou naquelas palavras e depois sussurrou:

— Tu e eu, Attie. Vamos ter de escrever o que vemos.

Querida Iris,

tenho boas notícias e notícias um pouco menos boas. Pronto, são más notícias. Mas como sempre fui apologista de saber as coisas boas primeiro, aqui vai: encontrei um excerto de um mito de que acho que vais gostar. É sobre o instrumento de Enva e reza o seguinte:

«A harpa de Enva, a única do seu género, foi criada nas nuvens. A sua deusa mãe gostava de ouvir Enva cantar e decidiu criar uma harpa singular para a filha. O corpo é feito de osso de dragão, recuperado das terras desertas para lá do pôr do sol. As cordas são feitas de cabelo, roubado a uma das harpias mais ferozes dos céus. O corpo está unido pelo próprio vento. Dizem que a harpa é demasiado pesada para os mortais, e que se recusaria a deixar que os dedos humanos dedilhassem as suas cordas. Apenas as mãos de Enva conseguem fazê-la cantar.»

Agora, vamos às notícias de que não vais gostar: vou ausentar-me durante algum tempo. De momento, não sei quanto, mas sei que não vou poder escrever-te. Isso não quer dizer que não pense em ti amiúde. Quero

que fiques ciente disso, mesmo que entre nós reine o silêncio nos próximos tempos.

Escrever-te-ei sempre que puder. Promete-me que vais ficar bem e em segurança.

Teu,

— C.

Querido Carver,

começo por agradecer o excerto do mito. Gostei imenso. Pergunto-me se não serás um feiticeiro, visto que consegues encontrar mitos perdidos como por magia.

Mas também não posso deixar de me perguntar... para onde vais? Vais sair de Oath?

Com amor,

Iris

Esperou que ele escrevesse uma resposta. E quando esta não chegou, custou-lhe ver que o seu próprio coração se deixou afundar no silêncio.

COLISÃO

Querido Carver,

não sei porque estou a escrever isto. Ontem à noite, disseste-me que ias partir e, no entanto, aqui estou eu. A escrever-te. Como tenho feito compulsivamente nos últimos meses.

Ou talvez hoje esteja a escrever para mim, a coberto do teu nome. Talvez seja positivo que tenhas partido. Talvez agora possa despir completamente a minha armadura e olhar para mim, o que tenho resistido a fazer desde que a minha mãe morreu.

Sabes que mais? Preciso de recomeçar esta carta para ti para mim.

Querida Iris,

não sabes o que te espera nos próximos dias, mas estás a portar-te muito bem. És muito mais forte do que julgas, do que sentes. Não tenhas medo. Continua.

Escreve as coisas que precisas de ler. Escreve o que sabes que é verdade.

— I.

— Temos de deitar as sementes à terra — disse Marisol com um suspiro. Ainda não tinham cultivado a horta, apesar de o terreno já estar lavrado e preparado. — Mas receio não ter tempo para fazer isso hoje. Precisam de mim na cozinha da enfermaria.

— Eu e a Iris podemos ir para a horta — sugeriu Attie, enquanto terminava o chá do pequeno-almoço. Iris acenou com a cabeça em sinal de concordância.

— Só tens de nos mostrar como se faz e podemos semear tudo.

Meia hora depois, Iris e Attie estavam de joelhos na horta, com as unhas sujas de terra, a abrir sulcos e a plantar as sementes. A sensação de paz que Iris sentiu ao lançar à terra as sementes, ciente de que brotariam em breve, apanhou-a de surpresa. Acalmou os seus medos e as suas preocupações, deixar a terra escorrer por entre os dedos, cheirar a argila e ouvir o canto dos pássaros nas árvores sobranceiras. Lançar algo com a certeza de que voltaria, transformado.

Attie estava em silêncio a seu lado, mas Iris teve a certeza de que a amiga estava a sentir o mesmo.

Estavam quase a terminar quando se escutou ao longe uma sirene a tocar. De imediato, o calor e a segurança que Iris estava a sentir desapareceram, e o seu corpo ficou tenso, uma mão na terra, a outra a segurar as últimas sementes de pepino.

Por instinto, ergueu o olhar.

O céu estava brilhante e azul, raiado por nuvens finas. O sol continuava a brilhar quase na posição do meio-dia, e o vento soprava suavemente do sul. Parecia impossível que um dia tão bonito pudesse piorar tão depressa.

— Despacha-te, Iris — instou Attie, enquanto se levantava. — Vamos para dentro.

Parecia calma, mas Iris detetou a apreensão na voz da amiga, enquanto a sirene continuava a tocar.

Dois minutos.

Tinham dois minutos antes de os *eithrals* chegarem a Avalon Bluff.

Iris começou a contar para si enquanto corria atrás de Attie, pelas portas das traseiras da pensão. As suas botas deixaram marcas de sujidade no chão e nos tapetes enquanto as raparigas começavam a correr as cortinas, tapando as janelas segundo as instruções de Marisol.

— Eu trato das janelas do rés do chão — sugeriu Attie. — Vai para cima. Já vou lá ter.

Iris acenou com a cabeça e subiu os degraus. Foi primeiro ao seu quarto e estava prestes a correr as cortinas de uma das janelas quando algo ao longe lhe chamou a atenção. Por cima do telhado de colmo, do jardim do vizinho e dos campos dourados, Iris viu um vulto a mover-se. Alguém caminhava em direção a Avalon Bluff por entre as ervas altas.

Quem seria? A sua insensata persistência em caminhar após o sinal sonoro punha em risco toda a vila. Devia deitar-se e não se mexer, porque os *eithrals* não tardariam a varrer os céus, e se as criaturas aladas largassem uma bomba ali tão perto... será que destruiria a casa de Marisol? A explosão arrasaria Avalon Bluff?

Iris semicerrou os olhos, por causa do sol, mas a distância era demasiada; não conseguia distinguir nenhum traço físico do vulto que se aproximava, exceto que parecia caminhar rapidamente, desafiando a sirene. Iris correu para o quarto de Attie e pegou nos binóculos que estavam em cima da secretária. Voltou para junto da janela, a transpirar profusamente das mãos, e olhou através das lentes.

No início, estava tudo desfocado, um mundo de âmbar, verde e sombras. Iris inspirou profundamente e focou os binóculos. Procurou no campo o indivíduo solitário, encontrando-o finalmente depois do que lhe pareceu uma eternidade.

Um corpo alto, de ombros largos, envergando um macacão cinzento, caminhava pelas ervas. Trazia um estojo de máquina de escrever numa mão e uma mochila de couro na outra. Tinha um crachá ao peito — outro correspondente de guerra, depreendeu Iris. Não sabia se isso a deixava aliviada ou irritada, até que subiu o olhar para a cara do indivíduo. Um maxilar afilado, uma testa carrancuda e um cabelo espesso da cor da tinta, penteado para trás.

A sua boca abriu-se com um arquejo. Sentiu a pulsação nos ouvidos e engoliu todos os sons exceto o do coração, que batia descompassado no seu peito. Contemplou o rapaz que estava no campo; contemplou-o como se estivesse a sonhar. E estremeceu com a verdade.

Reconheceria aquele belo rosto perfeito em qualquer lugar.

Era Roman *Confuso* Kitt.

As suas mãos ficaram geladas. Incapaz de se mexer, sentia os segundos a passar, sabendo que ele estava *muito* perto e ao mesmo tempo muito longe dela, a avançar por um campo. A sua ignorância seria um chamariz para as bombas. Estava destinado a morrer numa explosão, e Iris tentou imaginar como seria a sua vida sem ele.

Não.

Pousou os binóculos. A sua mente rodopiava quando se virou e saiu disparada do quarto, passando por Attie nas escadas.

— Iris? *Iris!* — gritou a amiga, estendendo a mão para lhe agarrar o braço. — Onde vais?

Não havia tempo para explicações; Iris libertou-se, continuou a correr pelo corredor, saiu pelas portas das traseiras e atravessou a horta onde tinham estado ajoelhadas a plantar há poucos minutos. Saltou por cima do pequeno muro de pedra e atravessou a rua, passando pelo quintal do vizinho. Tinha os pulmões a arder e o coração a latejar na base da garganta.

Por fim, chegou ao campo.

Iris correu, sentindo os joelhos a tremer e o vento a agitar-lhe o cabelo solto. Já conseguia vê-lo; já não era uma sombra desconhecida num mar de ouro. Conseguia ver-lhe o rosto, e a testa franzida atenuou-se quando ele a viu. Reconheceu-a.

Roman sentiu o seu terror. Pousou o estojo da máquina de escrever e a mochila e começou a correr ao encontro dela.

Iris tinha perdido a conta ao tempo. Por cima do martelar da pulsação e do troar da sua adrenalina, percebeu que a sirene se tinha calado. A tentação de olhar para o céu era quase irresistível, mas ela resistiu. Manteve os olhos em Roman à medida que a distância entre eles começava a diminuir, e obrigou-se a correr cada vez mais *depressa*, até sentir que os ossos estavam prestes a desfazer-se com o esforço.

— Kitt! — tentou gritar, mas a sua voz não era mais do que um sussurro.

Kitt, baixa-te!, pensou, mas é claro que ele não percebia o que se estava a passar. Não conhecia o propósito da sirene e continuava a correr para ela.

No momento que antecedeu a colisão, Iris viu claramente o seu rosto, como se o tempo tivesse ficado paralisado. O medo que iluminava o seu olhar, o sulco confuso na sua expressão, a forma como os seus lábios se abriam para expelir o ar ou dizer o nome dela. As mãos dele alcançaram-na, tal como ela o alcançou a ele, e a quietude quebrou-se quando se tocaram, como se tivessem aberto o mundo ao meio.

Ela agarrou-lhe o macacão e usou toda a sua força para o empurrar para o chão. Ele não estava à espera daquilo e desequilibrou-se facilmente. O impacto foi intenso; Iris mordeu a língua enquanto se enroscavam nas ervas altas, o corpo dele quente e firme debaixo dela. As mãos de Roman enlaçaram-se nas costas dela, apertando-a contra si.

— Winnow? — disse ele, com a cara a poucos centímetros da dela. Estava a olhar para Iris como se ela tivesse acabado de se despenhar das nuvens para o atacar. — *Winnow*, o que se...?

— Não te mexas, Kitt! — sussurrou ela, com o peito a bater como um fole contra ele. — Não fales, não te *mexas*.

Pela primeira vez na vida, ele ouviu-a sem discutir. Deixou-se ficar, imóvel, encostado a ela, e Iris fechou os olhos, esforçando-se por acalmar a respiração e esperou.

Não demorou muito até que a temperatura caísse e o vento diminuísse. As sombras espalharam-se sobre os seus corpos, à medida que eram sobrevoados pelos *eithrals*, cujas asas bloqueavam o sol. Iris percebeu o momento em que Roman os viu; sentiu a tensão no corpo dele, sentiu a sua inspiração assustada, como se o terror tivesse

atravessado o seu peito.

Por favor... por favor, não te mexas, Kitt.

Ela manteve os olhos fechados e sentiu o sabor a sangue na boca. Os cabelos tapavam-lhe a cara e, de repente, teve uma vontade enorme de coçar o nariz, de limpar o suor que começava a escorrer-lhe pelo maxilar. A adrenalina que a tinha levado a atravessar o campo estava a diminuir, deixando para trás um tremor nos seus ossos. Imaginou se Roman conseguiria senti-la a tremer contra ele, e quando a mão dele pressionou as suas costas com mais força, teve a certeza que sim.

As asas batiam firmemente por cima deles. As sombras e o ar frio continuavam a passar por cima dos seus corpos. Um coro de guinchos rasgou as nuvens, lembrando unhas a raspar num quadro negro.

Iris preferiu concentrar-se no cheiro a mofo das ervas à sua volta, esmagadas pela sua queda. A forma como Roman respirava em contraponto com ela — quando o peito dele subia, o dela descia, como se partilhassem a mesma respiração, passando-a de um corpo para o outro. O calor dele infiltrava-se nela, mais intenso do que o sol.

Sentia o cheiro do perfume de Roman. Especiarias e perenifólia. Fê-la recuar no tempo até aos momentos que tinham passado juntos no elevador e na redação. E agora o corpo dela estava sobre o dele e Iris não podia negar que se sentia bem, como se os dois encaixassem. Uma centelha de desejo aqueceu-lhe o sangue, mas as faíscas apagaram-se rapidamente quando pensou em Carver.

Carver.

A culpa quase a esmagou. Manteve-o no pensamento até que um arrepio a percorreu e ela sentiu uma estranha vontade de abrir os olhos.

Atreveu-se a fazê-lo apenas para descobrir que Roman observava atentamente o seu rosto. O cabelo de Iris estava emaranhado na boca dele, o suor escorria-lhe para o pescoço e, no entanto, ele não se mexia, tal como ela tinha ordenado. Olhava para ela e ela olhava de volta, à espera do fim.

Quando os *eithrals* se retiraram, parecia que a primavera tinha desabrochado em pleno verão. As sombras desapareceram, o ar aqueceu, a luz aclarou-se, o vento voltou a soprar e as ervas suspiraram contra os ombros e as pernas de Iris. Ao longe, ouviu gritos, à medida que a vida regressava lentamente a Avalon Bluff. Demorou mais alguns instantes a acalmar o medo, até se sentir confiante o suficiente para se mexer, para acreditar que a ameaça

tinha desaparecido.

Estremeceu quando se levantou, com os pulsos e os ombros dormentes por ter estado imobilizada. Solto um leve gemido quando se sentou na cintura de Roman, com as mãos a formigar. A dor era positiva; lembrava-lhe o quão furiosa estava com ele, por ter chegado sem avisar a meio de uma sirene. Como a sua estupidez quase os tinha matado aos dois.

Iris olhou para ele. Continuava a observá-la atentamente, como se estivesse à espera que ela revogasse a sua ordem, e um sorriso irónico desenhara-se nos seus lábios.

— Mas que raio estás aqui a fazer, Kitt? — exigiu saber, batendo-lhe no peito. — Perdeste o juízo?

Sentiu as mãos dele a deslizarem pelas suas costas e a pousarem na curva das suas ancas. Se não estivesse tão exausta e rígida do terrível encontro ao qual tinham sobrevivido como por milagre, teria repellido o seu toque. Ter-lhe-ia dado uma bofetada. Talvez o tivesse beijado.

Ele limitou-se a sorrir, como se tivesse lido a mente dela, e disse:

— Também é bom voltar a ver-te, Winnow.

OFUSCAR

O que iria ela fazer com ele?

Iris não fazia ideia, mas foi com um aperto no estômago que se afastou do corpo ágil de Roman e se pôs de pé, tentando adquirir o equilíbrio. Ele levantou-se também, gemendo baixinho. Observando-o, de braços cruzados, Iris sentia-se como se tivesse engolido a luz do sol — uma vibração quente percorria-lhe o corpo, que se intensificava à medida que ela o admirava. Percebeu que, na verdade, estava *feliz* por vê-lo. Mas o seu orgulho permaneceu intacto como um escudo; ela nunca lhe diria tal coisa.

— Queres que volte a perguntar, Kitt?

Ele demorou algum tempo a sacudir as ervas e a sujidade do macacão antes de olhar para ela.

— Talvez. Gosto desses teus modos rudes.

Ela cerrou os dentes, mas conseguiu conter um palavrão, optando antes por estalar o pescoço.

— Fazes ideia do perigo que corremos? Porque decidiste atravessar um campo durante uma sirene?

Roman teve noção da gravidade da situação e olhou para ela. Uma nuvem cobriu o sol. As sombras voltaram a cair e Iris estremeceu, como se pressentisse as asas de um *eithral*.

— Aquilo eram *eithrals*, verdade? — A voz de Roman era grave. Iris acenou com a cabeça.

— Conheces os mitos antigos?

— Alguns. Dormi a maior parte das minhas aulas de Mitologia. — Iris teve dificuldade em acreditar. O Roman *Competitivo* Kitt queria ser sempre o melhor em tudo. — Presumo que a sirene sirva para avisar da sua aproximação.

— Sim, entre outras coisas — respondeu Iris.

Ele ficou a olhar para ela durante um instante longo e inebriante. O vento soprava entre eles, fresco e adocicado pelas ervas esmagadas.

— Eu não sabia, Winnow. Ouvi a sirene e pensei que era para ir depressa para a vila. Não devias ter-te arriscado por mim e desatado a correr pelo campo aberto daquela maneira.

— Terias sido alvo de uma *bomba*, Kitt, que, provavelmente, teria arrasado a vila.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo escuro.

— Mais uma vez, peço desculpa. Há mais alguma coisa que deva saber?

— Há outras sirenes e protocolos, mas vou deixar a Marisol falar-te deles.

— Marisol? Ela é o meu contacto. — Começou a procurar a bagagem que tinha deixado cair. Voltou atrás nos seus passos e recuperou o estojo da máquina de escrever e a mochila, regressando depois ao local onde Iris o aguardava como uma estátua. — Importas-te de me levar até ela?

— Não faças *nada* enquanto não responderes à minha pergunta — sentenciou Iris. — O que fazes aqui?

— O que te parece, Winnow? Estou aqui para escrever sobre a guerra, tal como tu.

Apesar de ele não ter os olhos semicerrados, ela teve dificuldade em acreditar nele. O seu coração continuava acelerado. Não sabia dizer se era por causa da proximidade da morte ou pelo facto de Roman estar ali, diante dela, e de ficar tão bonito de macacão como de camisa e calças engomadas.

— Caso te tenhas esquecido... venceste-me, Kitt — disse ela. — Ficaste com o cargo de colunista, como sempre quiseste. E agora decides que isso não é suficiente para ti e para os teus gostos de intelectual, e decides perseguir-me aqui também?

— Tanto quanto sei, eles precisavam de mais correspondentes de guerra — contrapôs Roman, com um brilho de perigo no olhar.

— Não podiam ter-te enviado para outro sítio?

— Não.

— Ser colunista é demasiada pressão para ti?

— Não, mas o Zeb Autry era. Não quis continuar a trabalhar para ele.

Iris pensou na última conversa que tivera com Zeb. Tentou conter um arrepio, mas Roman percebeu. Ficou espantada com a sua própria audácia, mas tinha de saber...

— E a tua noiva, Kitt? Ela não se importa que estejas tão perto da frente?

O seu cenho franzido aprofundou-se.

— Cancelei o noivado.

— O quê?

— Já não vou casar com ela. Acho que podemos dizer que estou aqui para escapar à fúria do meu pai quando percebeu que o tinha desiludido e desonrado o nome da família.

Aquilo deitou por terra todo o regozijo que ela podia sentir em provocá-lo. De repente, Iris sentiu frio e esfregou os braços.

— Lamento ouvir isso. Tenho a certeza de que o teu pai deve estar preocupado contigo.

Roman sorriu, mas de forma enviesada, como se estivesse a tentar esconder a sua dor.

— Talvez, mas é pouco provável.

Iris virou-se para a vila.

— Bem, vamos lá, então. Eu levo-te a casa da Marisol.

Atalhou pelo campo, seguida de perto por Roman.

Attie estava a andar de um lado para o outro na cozinha, com uma expressão furiosa estampada no rosto, quando Iris abriu as portas das traseiras.

— Nunca mais me faças isto, Iris Winnow! — gritou. — Ou sou eu própria que te mato!

— Attie — disse Iris calmamente, atravessando a soleira da porta.

— Quero apresentar-te uma pessoa. — Afastou-se para Attie ver Roman, que entrava na pensão.

O queixo de Attie caiu. Mas depressa recuperou da surpresa, com os olhos a estreitarem-se numa ligeira suspeita.

— Com que então, os *eithrals* deixaram cair um rapaz do céu?

— Outro correspondente — esclareceu Iris, captando o olhar de Roman. — Este é o Roman Kitt. Kitt, esta é a minha amiga e colega, Att...

— Thea Attwood — concluiu Roman, pousando o estojo da máquina de escrever para estender a mão a Attie, divertido com o choque generalizado que estava a causar. — É uma honra conhecer-te finalmente.

Iris ficou confusa, e alternou o olhar entre os dois. A surpresa da própria Attie desvaneceu-se e deu lugar a um sorriso rasgado. Apertou a mão de Roman e perguntou:

— Trouxeste um exemplar? — Roman tirou a mochila do ombro. Abriu-a e pegou num jornal, cuidadosamente dobrado para evitar os vincos. Entregou-o a Attie, que o abriu rapidamente, enquanto os seus olhos percorriam as manchetes. — Pelos deuses — murmurou ela, sem fôlego. — Olha para isto, Iris!

Iris pôs-se ao lado de Attie, mas não conseguiu conter o seu próprio arquejo. O artigo sobre a guerra de Attie estava na primeira página do *Inkridden Tribune*. Em grandes parangonas.

O RASTO DE DESTRUIÇÃO DE DACRE por THEA ATTWOOD

Iris leu as primeiras linhas por cima do ombro de Attie, sentindo uma onda de espanto e entusiasmo a percorrerem-lhe o corpo.

— Se me dão licença, tenho de ir escrever uma carta — disse Attie, abruptamente.

Iris viu-a a fugir pelo corredor, ciente de que provavelmente ela seria vingativa e poética com o professor que uma vez tinha menosprezado a sua escrita. O seu sorriso prolongou-se, ao pensar nas palavras de Attie estampadas na primeira página e no número de pessoas em Oath que as teriam lido.

Pelo canto do olho, apanhou Roman a remexer na mochila. Ouviu o restolhar de papel, mas resistiu a olhar para ele até ser interpelada.

— Achavas que não ia trazer um para ti, Winnow?

— Como assim? — perguntou ela, um pouco na defensiva. Por fim, olhou para ele e viu que lhe estendia outro jornal enrolado.

— Ora lê — disse.

Ela aceitou o jornal, desenrolando-o lentamente.

Outra edição do *Inkridden Tribune*, de um dia diferente. Mas, desta vez, era o artigo de Iris que estava na primeira página.

A FACE INESPERADA DA GUERRA por IRIS INKRIDDEN

Os seus olhos leram na diagonal aquelas palavras familiares — *Uma guerra com os deuses não é o que se espera* — e a sua vista ficou turva por instantes, enquanto recuperava a compostura. Engoliu em seco e voltou a enrolar o jornal, estendendo-o a Roman, que a observava com uma sobrançelha arqueada.

— *Iris Inkridden* — disse ele, num tom de voz pomposo que a fazia parecer uma lenda. — O Autry ficou pior do que estragado quando viu

isto, e a Prindle ficou esfuziante. De repente, os habitantes de Oath começaram a ler sobre uma guerra que não está assim tão distante e a perceber que é só uma questão de tempo até que o conflito chegue até eles. — Fez uma pausa, recusando-se a pegar no jornal que ela continuava a segurar no espaço entre eles. — O que te fez querer vir para cá, Winnow? Porque escolheste escrever sobre a guerra?

— O meu irmão — respondeu ela. — Depois de ter perdido a minha mãe, percebi que a minha carreira não era tão importante como a minha família. Espero encontrar o Forest e, entretanto, tornar-me útil.

Os olhos de Roman suavizaram-se. Ela não queria a piedade dele, e estava a preparar-se para responder quando a boca dele se abriu, mas o que quer que ele tencionasse dizer não chegou a sair, porque a porta da rua se abriu de repente.

— Meninas? *Meninas*, estão bem? — A voz frenética de Marisol ecoou pela casa, e os seus passos apressaram-se na direção da cozinha. Surgiu na soleira da porta, com a trança de cabelo preto a desfazer-se em fiapos, a cara corada como se tivesse vindo a correr desde a enfermaria. Os seus olhos reconheceram Iris com alívio, mas depois desviaram-se para o estranho que estava na sua cozinha. A mão de Marisol afastou-se do peito, e ela endireitou-se e piscou os olhos. — E quem és tu?

— Kitt. Roman Kitt — disse ele, num tom de voz calmo, fazendo-lhe uma vénia como se vivessem na Idade Média. Iris revirou os olhos. — É um prazer conhecê-la, Mrs. Torres.

— Marisol, por favor — corrigiu a anfitriã com um sorriso, encantada. — Deves ser outro correspondente de guerra.

— Sim. Fui enviado pela Helena Hammond — respondeu Roman, entrelaçando os dedos atrás das costas. — Devia ter chegado no comboio de amanhã, mas avariou a uns quilómetros daqui, e por isso vim a pé. Peço desculpa pela minha chegada inesperada.

— Não peças desculpa — disse Marisol com um aceno de mão. — A Helena nunca me avisa. Disseste que o comboio avariou?

— Sim, senhora.

— Então, ainda bem que conseguiste chegar até nós em segurança. — Os olhos de Iris fixaram-se em Roman, que já estava a olhar para ela e, naquele momento partilhado, ambos se lembraram da ondulação de um campo dourado, da fusão das suas respirações e da sombra das asas que se agitavam sobre eles. — Conhecem-se? — perguntou Marisol, com ironia na voz.

— Não — disse Iris, rapidamente, no mesmo instante em que Roman disse que sim.

Fez-se um silêncio constrangedor, até que Marisol disse:

— Em que ficamos, afinal?

— Na verdade, sim — corrigiu Iris, nervosa. — Somos conhecidos.

Roman pigarreou.

— Eu e a Winnow trabalhámos juntos no *Oath Gazette*. Devo confessar que ela era a minha maior rival.

— Mas não nos dávamos muito — prosseguiu Iris, como se isso fosse relevante. E porque é que Marisol estava a apertar os lábios, como se estivesse a esconder um sorriso?

— Olha mas que bem — comentou Marisol. — É um prazer ter-te aqui, Roman. Infelizmente, levei todos os colchões para a enfermaria, por isso vais ter de dormir no chão, como todas nós. Mas terás o teu próprio quarto. Se quiseses vir comigo, posso mostrar-to.

— Agradeço imenso — disse Roman, pegando na bagagem. — Obrigado, Marisol.

— Ora essa — disse ela, virando-se. — Por aqui, por favor.

Roman passou por Iris, que percebeu que ainda tinha na mão o jornal com a manchete.

— Toma — sussurrou ela. — Obrigada por me mostrares.

Ele olhou para o jornal e para a mão branca que o segurava, antes de fixar o seu olhar.

— Fica com ele, Iris.

Iris ficou a vê-lo desaparecer no fundo do corredor, mas sentiu-se confusa.

O que faz ele aqui?

Receava já saber a resposta.

Roman era o tipo de pessoa que gostava de rivalidade. E tinha vindo para Avalon Bluff para a ofuscar, mais uma vez.

*

Naquela noite, Iris deitou-se sobre o estrado da cama num emaranhado de cobertores. Olhou para o teto e viu as sombras dançarem à luz bruxuleante das velas. Tinha sido um dia longo e estranho. A mágoa pesava-lhe no peito como uma pedra.

Era em momentos como aquele, quando estava demasiado cansada

para dormir, que Iris pensava inevitavelmente na mãe. Às vezes, via apenas o corpo de Aster debaixo do lençol do médico-legista. Outras vezes, Iris chorava no escuro, desesperada por um sono rápido e sem sonhos, para não ter de se lembrar da última vez que vira a mãe.

Um corpo frio, pálido e destroçado.

Iris resistiu à vontade de olhar para a secretária, onde depositara a urna ao lado da máquina de escrever. Um recipiente com cinzas à espera de serem espalhadas algures.

Estás orgulhosa de mim, mãe? Vês-me neste lugar? Podes guiar-me até ao Forest?

Iris limpou as lágrimas e fungou. Pegou no medalhão da mãe; uma âncora que trazia sempre ao pescoço. Sentiu o ouro macio e fresco.

Rememorou lembranças antigas — as boas — até se dar conta de que estava a ouvir, através das paredes finas, o barulho da máquina de escrever de Roman. Escutava mesmo um suspiro ocasional e o ranger da sua cadeira quando se mexia.

Claro que ele tinha de ficar no quarto ao lado do dela.

Fechou os olhos.

Pensou em Carver, mas adormeceu ao som da música metálica da máquina de escrever de Roman Kitt.



SETE MINUTOS DE ATRASO

Ele estava atrasado para o pequeno-almoço.

Iris sabia que ia desfrutar tanto do raspanete como do chá que estava a beber. Marisol já tinha começado a resmungar, de olhos postos nas papas de aveia que arrefeciam na mesa.

— Eu disse-lhe 8 horas em ponto, não disse? — perguntou.

— Disse — confirmou Attie, esquecendo as boas maneiras e alcançando um scone. — Talvez ele se tenha deixado dormir.

— Talvez. — O olhar de Marisol varreu a mesa. — Iris? Podes ir bater à porta do Roman e ver se ele está acordado?

Iris acenou com a cabeça, pousando a chávena de chá. Subiu as escadas sombrias a correr, com o seu reflexo a saltar entre espelhos. Aproximou-se da porta do quarto de Roman e bateu com força, encostando o nariz à madeira.

— Levanta-te, preguiçoso. Ainda não tomámos o pequeno-almoço por tua causa. — A única resposta foi o silêncio. Ela franziu o sobrolho e voltou a bater. — Kitt? Estás acordado? — Mais uma vez, não obteve resposta. Iris não conseguia perceber de onde vinham aquele aperto no peito ou aquele nó no estômago. — Responde-me, Kitt.

Tentou abrir a porta, mas percebeu que estava trancada. Os seus receios aumentaram, mas tentou convencer-se de que estava a ser ridícula e que não devia ser nada de mais. Regressou ao calor da cozinha, onde foi recebida pelos olhares expectantes de Marisol e Attie.

— Ele não respondeu — disse Iris, deslizando para a sua cadeira. — E a porta estava trancada.

Marisol empalideceu.

— Acham que devo subir ao telhado e espreitar pela janela, para ver se ele está bem?

— Deixe essas aventuras no telhado comigo — disse Attie, servindo-se de uma terceira chávena de chá. — Mas não tem uma chave mestra, Marisol?

Foi nessa altura que as portas das traseiras se abriram e Roman entrou de rompante na cozinha, com os olhos brilhantes e o cabelo lambido pelo vento. Marisol deu um grito, Attie entornou chá no prato e Iris deu um salto tão grande que bateu com o joelho na perna da mesa.

— Perdoem-me — disse Roman, ofegante. — Perdi a noção das horas. Espero que não tenham estado à minha espera.

Iris fez uma careta.

— Sim, claro que estávamos, Kitt.

— Peço imensas desculpas — disse ele, fechando as portas duplas atrás de si. — Prometo que não volta a acontecer.

Marisol tinha uma mão a tapar-lhe a boca, que foi descendo gradualmente até ao pescoço, enquanto convidava:

— Por favor, senta-te, Roman.

Ele sentou-se na cadeira em frente a Iris. Ela não pôde deixar de o observar por baixo das pestanas. Tinha a cara corada como se tivesse sido beijado pelo vento, os olhos brilhavam como o orvalho e o cabelo estava emaranhado como se tivesse sido penteado com os dedos. Tinha um ar selvagem e cheirava a manhã, a névoa e a suor, e Iris não conseguiu conter as palavras que lhe saíram da boca.

— Onde estiveste, Kitt?

Ele olhou para ela.

— Fui dar uma corrida.

— Uma corrida?

— Sim. Gosto de correr vários quilómetros todas as manhãs. — Deitou uma colher de açúcar no chá. — Porquê? Tenho a tua permissão, Winnow?

— Tens, desde que não nos deixes a morrer à fome à tua espera todas as manhãs — gracejou Iris. Imaginação ou não, pareceu-lhe ver um sorriso a ganhar forma nos lábios dele.

— Mais uma vez, peço desculpa — repetiu ele, olhando de relance para Marisol.

— Escusas de pedir desculpa. — Marisol entregou-lhe o jarro com as natas. — Só te peço que não vás correr quando estiver escuro, por causa da primeira sirene de que te falei.

Ele ponderou por instantes.

— Pois, os mastins. Esperei até ao raiar do dia para sair. Vou

certificar-me de que amanhã estou de volta a horas. — Piscou o olho a Iris.

A pobre rapariga ficou tão perturbada que entornou o chá.

Querido Carver,

ainda só passaram cinco dias desde a tua última carta e, no entanto, parecem-me cinco semanas. Não me tinha apercebido do quanto as tuas cartas me estavam a ajudar e, embora me sinta demasiado vulnerável com esta confissão... sinto falta delas. Tenho saudades tuas e das tuas palavras.

Estava a pensar

Foi interrompida por alguém a bater à porta.

Iris fez uma pausa, com as pontas dos dedos a escorregarem das teclas. Era tarde. Metade da vela já tinha ardido. Deixou a frase a meio e levantou-se para ir abrir a porta.

Ficou chocada quando viu Roman.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou-lhe. Às vezes, ela só se lembrava do quão alto ele era quando estava colada a ele.

— Vejo que estás a trabalhar em mais artigos de primeira página sobre a guerra. — O seu olhar passou para além dela, e foi cair na máquina de escrever que estava em cima da secretária. — Ou talvez estejas a escrever uma carta a alguém...

— Desculpa, a minha escrita noturna não te deixa dormir? — disse Iris. — Parece que vamos ter de pedir à Marisol para te mudar para outro...

— Vinha só perguntar se queres correr comigo — cortou ele. De alguma forma, conseguiu fazer com que o convite parecesse sofisticado, mesmo que estivessem os dois frente a frente, com macacões amarrotados, às 22 horas. Iris ergueu uma sobrancelha.

— Desculpa?

— Correr. Dois pés, a avançar alternadamente assentes e levantados do chão. Amanhã de manhã.

— Lamento, mas não sou de *corridas*, Kitt.

— Discordo. Ontem à tarde, parecias um foguete a correr pelo campo.

— Pois, mas foi uma circunstância especial — disse ela, apoiando-se na porta.

— E talvez surja outra ocasião como essa em breve — contrapôs ele, e Iris emudeceu, porque ele tinha razão. — Achei por bem

convidar, caso estivesse interessada. Se assim for, vai ter comigo ao quintal, amanhã de manhã.

— Vou pensar no teu caso, Kitt, mas agora estou cansada e preciso de acabar a carta que interrompeste. Boa noite.

Fechou-lhe suavemente a porta na cara, mas não sem antes reparar como os seus olhos brilhavam, arregalados, como se quisesse dizer mais qualquer coisa, mas tivesse perdido a oportunidade.

Iris voltou para a sua secretária e sentou-se. Olhou para a carta e tentou continuar no ponto onde tinha parado, mas já não tinha vontade de escrever a Carver.

Devia ser ele a escrever-lhe primeiro. Quando pudesse ou quisesse.

Seria melhor esperar. Não devia parecer desesperada para um rapaz que nem sequer conhecia.

Tirou o papel da máquina de escrever e atirou-o para o caixote do lixo.

*

Ela não queria fazer exercício com Roman. Mas quanto mais se lembrava da visão que tinha sido a sua entrada na cozinha depois da corrida — todo ele vigor e fogo, como se tivesse bebido do céu, indomável, livre e vivo — mais queria sentir o que ele sentira.

Também ajudou o facto de ela, por acaso, ter acordado pouco antes do amanhecer.

Iris deixou-se estar deitada no estrado, a ouvi-lo mexer-se no quarto. Percebeu quando ele abriu a porta, passou pelo seu quarto sem fazer barulho e desceu as escadas. Imaginou-o no quintal, à sua espera.

Decidiu que se juntaria a ele. Afinal de contas, não seria má ideia ficar em forma antes de ser convocada para a linha da frente.

Iris vestiu o macacão lavado e apressou-se a calçar as meias e a atar as botas no escuro. Entrançou o cabelo enquanto descia as escadas, e depois sentiu uma pontada de receio. Talvez ele não estivesse à espera dela. Talvez tivesse demorado demasiado tempo e ele já tivesse arrancado.

Abriu as portas duplas e deu com ele a passear nos limites do quintal. Parou quando a viu, com a respiração entrecortada como se não acreditasse que ela viria.

— Estavas com medo que te deixasse pendurado, Kitt? — perguntou, aproximando-se dele. Ele esboçou um sorriso que, na

penumbra, podia bem ter passado por uma careta.

— Nem um bocadinho.

— A que se deve tanta confiança?

— Não és pessoa de recusar um desafio, Winnow.

— Para um mero conhecido e rival de redação, pareces saber muito sobre mim — brincou ela, parando diante dele.

Roman observou-a. Algumas estrelas brilhavam por cima deles, apagando-se uma a uma à medida que o dia clareava. Os primeiros raios de sol começavam a iluminar os ramos das árvores, as heras, as pedras cobertas de musgo da pensão e o esvoaçar dos pássaros. A luz iluminava os braços de Iris e a extensão da sua trança, o rosto anguloso de Roman e o seu cabelo escuro despenteado.

Parecia que ela tinha acordado noutro mundo.

— Posso ter dito que eras uma *rival* — contrapôs ele. — Mas nunca disse que eras uma mera *conhecida*.

Antes que Iris pudesse responder — *isso era bom ou mau?* — Roman avançou para o portão e para a rua que ficava para lá dele.

— Diz-me, Winnow, alguma vez correste um quilómetro?

— Não. — Iris começou a arrepender-se profundamente da decisão de se juntar a ele; percebeu que ele ia apertar com ela, para se gabar da sua resistência. Já conseguia sentir o sabor da poeira que ele iria levantar na sua cara, deixando-a muito para trás. Talvez aquilo fosse uma espécie de vingança retorcida, por ela o ter obrigado a dar o litro para chegar a colunista, um cargo que teria sido seu sem grande esforço se ela não estivesse no *Gazette*. Um cargo de que abdicou quase tão rapidamente como o tinha conquistado; uma decisão que continuava a intrigá-la.

— Ótimo — disse ele quando ela atravessou o portão. — Vamos começar devagar e intensificar o esforço todas as manhãs.

— *Todas* as manhãs? — lamentou-se.

— Temos de ser consistentes se quiseses fazer progressos — disse ele, começando a subir a rua a passo rápido. — Algum problema?

Iris suspirou, acompanhando-o.

— Não. Mas se fores mau treinador, não contes que eu volte amanhã de manhã.

— É justo.

Caminharam durante vários minutos, e Roman não tirava os olhos

do relógio de pulso. O silêncio entre eles era confortável, o ar frio da manhã agreste como uma lâmina na garganta dela. Iris depressa começou a sentir o sangue a aquecer, e quando Roman disse que estava na altura de começarem a correr, ela estugou o passo lentamente ao lado dele.

— Vamos correr durante um minuto, caminhar durante dois e repetir o ciclo até estar na altura de regressar à pensão — explicou ele.

— Até parece que és profissional de corrida — atirou ela.

— Fiz atletismo na escola, há alguns anos.

Iris tentou imaginar a cena — Roman a correr numa pista circular com calças apertadas. Riu-se, envergonhada por ter pensado tal coisa, o que chamou a atenção do seu parceiro.

— Achas piada a isso? — perguntou ele.

— Não, estava só a pensar que vais tão devagar por minha causa quando podias facilmente dar voltas à vila.

Roman consultou o relógio. Quando ela achou que ele não ia responder, Roman ditou:

— Agora, caminhamos. — Diminuiu a velocidade, e ela imitou-o. — Costumo correr sozinho. Mas às vezes é bom ter companhia. — Olhou para ela, e Iris desviou rapidamente o olhar, distraída com um qualquer pormenor da rua.

Entraram numa dança lado a lado, correndo durante um minuto, caminhando durante dois. No início, pareceu-lhe fácil, até que chegaram à zona mais íngreme da vila e, de repente, Iris sentiu que ia morrer.

— Estás a tentar matar-me, Kitt? — disse, ofegante, lutando para subir a encosta.

— Aí está uma *boa* manchete de primeira página — riu-se ele, sem o menor indício de cansaço. — IRIS INKRIDDEN E A COLINA QUE A VENCEU.

Ela bateu-lhe no braço, comprimindo um sorriso entre os lábios.

— Quanto... tempo falta... para começarmos... a caminhar?

Roman consultou o relógio.

— Mais 40segundos. — E não seria o Roman Kitt se não se armasse. Virou-se para a encarar, correndo às arreas e ligeiramente à frente dela, de modo a conseguir vê-la subir a colina com dificuldade. — Isso mesmo. Estás a ir muito bem, Winnow.

— Cala-te, Kitt.

— Como queiras.

Ela contemplou-o — o rubor das suas faces e a alegria no seu olhar. Era uma verdadeira distração para ela, que estava ofegante.

— Estás a tentar... atrair-me... como se fosses... uma cenoura... metafórica?

Ele riu-se. Aquele som percorreu-a como estática, da cabeça aos dedos dos pés.

— Oxalá fosse. Queres parar?

Sim.

— Não.

— Ótimo. Faltam 20 segundos. Respira fundo pelo abdómen, Winnow. Não pelo peito.

Cerrou os dentes face ao desconforto e esforçou-se para respirar como ele havia instruído. Era difícil, tendo em conta que os seus pulmões arfavam descontroladamente. *Não vou passar por esta tortura amanhã*, pensou ela vezes sem conta. Um mantra para a ajudar a subir o resto da colina. *Não vou...*

— Diz-me o que achas deste lugar — disse ele, nem dois segundos depois. — Gostas de Avalon Bluff?

— Não consigo correr e falar, Kitt!

— No final do nosso treino, vais conseguir.

— Quem te diz... que vou fazer... isto amanhã?

Pelos deuses, ela sentia que estava prestes a desfalecer.

— Isto — disse ele, virando-lhe as costas para subir o resto da colina.

— O teu traseiro? — rosnou ela, olhando para ele, impotente.

— Não, Winnow — atirou ele por cima do ombro. — Esta vista.

Parou quando chegaram ao cume da colina.

Iris contemplou o seu corpo dourado pelo sol. A luz atingiu-a segundos depois, quando ela própria chegou ao topo e se posicionou ao lado dele. Com as mãos nos joelhos, esforçou-se para acalmar o coração, com o suor a escorrer-lhe pelas costas. Mas quando conseguiu ficar de pé, ficou extasiada com a vista. O nevoeiro começava a derreter nos vales. Um rio serpenteava através de um campo. O orvalho brilhava como pedras preciosas nas ervas. A terra parecia não

ter fim, idílica como um sonho, e Iris protegeu os olhos, imaginando onde a estrada os levaria se continuassem a correr.

— É lindo — sussurrou. Que estranho era saber que aquela vista tinha estado sempre ali, sem que ela se apercebesse.

Roman permanecia imóvel ao seu lado, e assim ficaram durante alguns instantes. Não demorou até o coração dela se acalmar e os seus pulmões retomarem o ritmo normal. Sentiu as pernas trémulas, e teve a certeza de que amanhã estaria dorida.

— Winnow? — disse ele, franzindo ao olhar para o relógio.

— O que se passa, Kitt?

— Temos exatamente cinco minutos para regressar à pensão.

— *O quê?*

— Temos de fazer o caminho todo em passo de corrida para chegarmos às oito, mas é quase sempre a descer.

— Kitt!

Ele começou a correr pelo caminho que os tinha levado até ali, e Iris não teve alternativa senão persegui-lo a alta velocidade, com os tornozelos doridos de cada vez que as botas batiam nas pedras da calçada.

Oh, ela ia matá-lo.

Chegaram à pensão com sete minutos de atraso.

UM RIVAL DIVINO

Querida Iris,

ontem à noite, tive um sonho. Estava no meio da Broad Street, em Oath, e chovia. Passaste por mim; soube que eras tu assim que o teu ombro tocou no meu. Mas quando tentei dizer o teu nome, não emiti nenhum som. Quando me apressei a seguir-te, aceleraste o passo. Pouco depois, a chuva começou a cair com mais força e tu fugiste de mim.

Não cheguei a ver o teu rosto, mas tive a certeza de que eras tu.

Foi apenas um sonho, mas deixou-me inquieto.

Escreve-me e diz-me como estás.

Teu,

— C.

P.S. Sim, olá. Já posso voltar a escrever, por isso conta que as minhas cartas continuem a inundar o teu chão.

Querido Carver,

não tenho palavras para descrever a alegria que senti ao descobrir que a tua carta tinha chegado. Espero que esteja tudo bem aí por Oath, e com o que quer que tenha exigido a tua atenção na semana passada. Atrevo-me a dizer que tive saudades tuas.

Um sonho estranho, de facto. Mas não precisas de te preocupar. Estou bem. Acho que gostaria de te ver num sonho, embora continue a tentar imaginar a tua aparência durante o dia, mas sem sucesso. Podes dar-me mais algumas pistas?

Oh, tenho novidades para partilhar contigo!

O meu rival de um emprego anterior voltou a aparecer, qual erva daninha, mas agora como colega correspondente. Não sei bem o que faz aqui, mas julgo que seja para tentar provar que a sua escrita é muito superior à minha. Tudo isto para dizer que... a sua chegada causou alguma agitação e não sei bem o que fazer com o facto de ele estar aqui ao lado.

É verdade, tenho mais cartas que transcrevi para os soldados. Vou enviar-tas — são mais do que o habitual, dado que tivemos recentemente um fluxo de feridos à enfermaria — e espero que possas enviá-las pelo correio. Obrigada desde já por fazeres isto por mim!

Mas conta-me de ti. Como está a tua avó? Acabei de perceber que não faço a mínima ideia de como ganhas a vida ou mesmo do que fazes para te divertir. És universitário? Estás a trabalhar neste momento em algum lado?

Tinham plantado a horta, mas tinham-se esquecido completamente de a regar. Marisol fez um esgar quando se apercebeu disso.

— Nem quero imaginar o que a Keegan vai pensar de mim — disse, com a mão na testa, enquanto olhava para os sulcos tortos que Iris e Attie tinham cavado. — A minha mulher está a lutar na linha da frente e eu nem sequer consigo fazer uma coisa tão simples como regar uma horta.

— A Keegan vai ficar impressionada ao saber que conseguiu orientar duas raparigas da cidade que nunca tinham lavrado, plantado ou tratado de uma horta. E as sementes vão pegar — garantiu Attie, mas depois acrescentou em surdina — Não vão?

— Sim, mas não germinam sem água. O solo tem de estar húmido durante cerca de duas semanas. Parece que vai ser uma horta de verão. Se os mastins não a espezinharem.

— Tem um regador? — perguntou Iris, com a cabeça cheia de sirenes diurnas, rivais que chegavam inesperadamente e soldados feridos que voltavam para a frente. Como é que se lembravam sequer de comer, quanto mais de regar uma horta?

— Na verdade, até tenho dois — disse Marisol, apontando com o dedo. — Estão ali no barracão.

Iris e Attie trocaram olhares. Cinco minutos depois, Marisol tinha-se retirado para a cozinha para continuar a cozinhar para os soldados, e as raparigas empunhavam regadores cheios de água que usavam para regar as sementeiras.

— Seis manhãs — disse Attie, com um sorriso. — Há seis manhãs que chegas atrasada ao pequeno-almoço, Iris. Tudo por causa das *corridas* com aquele Roman Kitt.

— *Quatro* manhãs, se não te importas. Há duas manhãs consecutivas que chegamos a horas — respondeu Iris, corada. Virou-se para regar uma segunda fileira antes que Attie reparasse. — É porque ele subestima a minha lentidão. Não chegaríamos atrasados se eu estivesse em melhor forma. Ou se ele escolhesse um circuito mais curto.

Mas ela adorava a vista da colina que parecia destinada a derrotá-la, embora Iris nunca o confessasse a Roman.

— Pois.

— Queres juntar-te a nós, Attie?

— Nem penses.

— Então, porque sorris assim para mim?

— Vocês são velhos amigos, não são?

Iris bufou.

— É um antigo rival e só está aqui para levar a melhor mais uma vez. — As palavras mal tinham saído dos seus lábios quando um avião de papel caiu no chão, mesmo à sua frente. Iris examinou-o antes de levantar os olhos para a casa encoberta pelas heras. Roman estava apoiado no parapeito da janela do segundo andar, observando-a com um sorriso.

— Não vês que há quem queira trabalhar? — gritou ela.

— Sim, eu sei — respondeu ele, calmamente, como se estivesse habituado a discussões à janela. — Mas preciso da vossa ajuda.

— Para quê?

— Vejam a mensagem.

— Estou ocupada, Kitt.

Attie apanhou o papel antes que Iris o encharcasse. Desdobrou-o e aclarou a garganta, lendo em voz alta: «Ai de mim, preciso de um sinónimo de *sublime*.» Attie fez um compasso de espera, como se tivesse ficado desiludida, e olhou para Roman.

— É só isto? É *esta* a mensagem?

— Sim. Alguma sugestão?

— Lembro-me que costumavas ter três dicionários e dois glossários na tua secretária, Kitt — disse Iris, retomando a rega.

— Sim, que *alguém* gostava de virar ao contrário e de pernas para o ar. Mas isso agora não vem ao caso. Não vos incomodaria se tivesse o meu glossário à mão — respondeu ele. — Por favor, Winnow. Dá-me uma palavra e eu deixo-te...

— E que tal *transcendente*? — sugeriu Attie. — Parece que estás a escrever sobre os deuses. Os Celestiais?

— É por aí — disse Roman. — E tu, Winnow? Só uma palavra.

Ela olhou para cima a tempo de o ver passar a mão pelo cabelo, como se estivesse ansioso. E ela raramente tinha visto Roman Kitt ansioso. Tinha até uma mancha de tinta no seu queixo.

— Pessoalmente, gosto de *divino* — disse ela. — Embora não tenha

a certeza se atribuiria tal adjetivo aos deuses, nos dias que correm.

— Obrigado às duas — disse Roman, voltando para dentro. Deixou a janela aberta, e Iris ouvia distintamente o barulho da máquina de escrever quando ele retomou o trabalho.

A horta ficou estranhamente silenciosa.

Iris olhou para Attie e viu que a amiga estava a morder o lábio, como se quisesse esconder um sorriso.

— Muito bem, Attie. O que se passa?

A amiga encolheu os ombros, enquanto esvaziava o regador.

— Ao princípio, não tinha muita certeza em relação a este Roman Kitt. Mas acende mesmo um fogo dentro de ti.

— Dás-lhe demasiado crédito — disse Iris, baixando a voz. — Reagirias da mesma forma se o teu antigo rival aparecesse para te desafiar outra vez.

— É por isso que ele está aqui?

Iris hesitou, e depois abanou o regador.

— Precisas de mais água? — Pegou no regador vazio da amiga e encaminhava-se para o poço quando viu Marisol parada na porta aberta da cozinha, a olhar para elas. Há quanto tempo é que ela estava ali? — Marisol? — chamou, reparando na sua postura tensa. — O que se passa?

— Não se passa nada — respondeu Marisol, com um sorriso que não chegava aos olhos. — O capitão chegou e gostaria de levar um de vós com ele para a frente de batalha.

*

Roman tinha acabado de enfiar no roupeiro a carta que datilografara para Iris quando ouviu alguém bater à porta da rua. O som ecoou por toda a casa, e Roman deixou-se estar no quarto, à escuta. Conseguiu ouvir partes da conversa entre Iris e Attie através da sua janela aberta, mas também ouviu Marisol a abrir a porta.

Um homem tinha chegado e estava a falar. O som da sua voz era abafado pelas paredes.

Roman não conseguiu discernir as palavras. Abriu a porta do quarto e esforçou-se por ouvir mais.

— ... para a frente. Tem aqui duas correspondentes, correto?

— Três, capitão. E sim, entre. Vou chamá-los para falarem consigo.

Roman respirou fundo e desceu rapidamente as escadas em

silêncio. Só conseguia pensar que tinha de ser ele o escolhido. Não Attie e muito menos Iris. No entanto, à medida que avançava pelo corredor, sentiu um aperto de medo no coração. Parou na ombreira da porta e ficou a olhar para a cozinha.

Iris estava a chegar da horta, com terra nos joelhos. Ultimamente usava o cabelo solto, e ele ficava sempre chocado por ver como era comprido e ondulado. Parou ao lado de Attie, incapaz de conter a agitação das mãos. Roman não conseguia tirar os olhos dela. Nem mesmo quando o capitão começou a falar.

— Tenho um lugar disponível no meu camião — disse ele, num tom brusco. — Quem quer ir?

— Eu, senhor — disse Iris, antecipando-se a Roman. — É a minha vez.

— Muito bem. Vá buscar a sua mochila. Traga apenas o essencial.

Ela acenou com a cabeça e virou-se para o corredor. Foi então que viu Roman a bloquear-lhe a passagem.

Ele não sabia que expressão tinha estampada no rosto, mas viu a surpresa dela transformar-se noutra coisa. Parecia preocupação e depois irritação. Como se adivinhasse as palavras que estavam prestes a sair da boca dele.

— Capitão? — disse ele. — Se ela for, eu gostaria de ir também, senhor.

O capitão virou-se para ele, com as sobrancelhas arqueadas.

— Eu disse que só tenho um lugar no camião.

— Então, eu vou na soleira lateral, senhor — insistiu Roman.

— *Kitt* — sibilou Iris.

— Não quero que vás sem mim, Winnow.

— Eu fico bem. Devias ficar aqui e...

— Eu vou contigo — cortou. — Concorda, capitão?

O militar suspirou, atirando a mão ao ar.

— Vocês os dois... façam a trouxa. Têm cinco minutos para se encontrarem comigo lá fora, junto ao camião.

Roman virou-se e subiu as escadas a correr. Foi então que percebeu que tinha acabado de enviar uma carta muito importante a Iris, e que agora era uma péssima altura para ela a ler. Estava a pensar se teria tempo para entrar sorrateiramente no quarto dela e apanhar a carta do chão, quando a ouviu chamar.

— Kitt! — atirou-lhe. — Kitt, porque estás a fazer isto?

Ele estava no cimo das escadas e não teve alternativa senão olhar para ela, que corria atrás dele, com um rubor indignado a manchar-lhe as faces.

Tinha perdido a oportunidade de recuperar a sua carta desastrada, a menos que quisesse revelar tudo naquele instante, quando o espaço entre eles se fechava à medida que ela subia as escadas, com um camião militar à espera para os levar para o Ocidente.

Tinha consciência de que ambos podiam morrer naquela missão. E Iris nunca saberia quem ele era e o que sentia por ela. Mas quando abriu a boca, a sua coragem desapareceu por completo e o que surgiu foram palavras muito diferentes.

— Eles podem muito bem levar-nos aos dois — disse ele, com aspereza. Estava a tentar esconder as batidas descompassadas do seu coração; o facto de as suas mãos estarem a tremer. Estava aterrorizado por ter de ir, e aterrorizado com a possibilidade de algo acontecer a Iris se ele não fosse, mas não podia deixá-la saber isso. — Dois repórteres, o dobro dos artigos, certo?

Iris olhou fixamente para ele. O fogo no seu olhar era suficientemente intenso para o prostrar, e ele detestava a máscara que se via obrigado a usar. Apressou-se a arrumar as suas coisas antes de dizer algo que pudesse destruir ainda mais as suas hipóteses com ela.

*

Iris entrou no quarto a fumar de raiva. Não queria que Roman fosse para a frente. Queria que ficasse ali, em segurança.

Gemeu.

Concentra-te, Iris.

A sua mochila estava guardada no roupeiro, e Iris pisou uma pilha de papéis quando tentou chegar ao puxador da porta. Olhou incrédula para o monte de cartas datilografadas. As cartas que transcrevera para os soldados.

Foi com o peito cheio de medo que se ajoelhou para juntar os papéis. Teria sido uma corrente de ar a empurrá-las outra vez para o seu quarto? Iris enviara-as a Carver nessa mesma manhã, e agora estava a perguntar-se se a magia entre eles se teria finalmente quebrado.

Abriu a folha dobrada que estava no topo da pilha, aliviada por descobrir que era uma carta dele. Ficou debaixo de um raio de sol vespertino, com as pontas dos dedos a afagar os lábios enquanto lia

rapidamente:

Querida Iris,

o teu rival? Quem é esse tipo? Se quer competir contigo, deve ser um perfeito idiota. Não tenho dúvidas de que vais superá-lo em todos os aspetos.

Agora, uma confissão: não estou em Oath. Caso contrário, deixaria estas cartas no correio ainda esta tarde. Lamento causar-te atrasos e inconvenientes, mas vou enviar-tas de volta, pois considero que é a melhor opção. Mais uma vez, desculpa não poder ser mais útil, pois nada me daria mais prazer.

Quanto às suas outras questões, a minha avó está bem, embora esteja muito aborrecida comigo — dir-te-ei porquê quando nos virmos finalmente. Ela às vezes pergunta se

— Winnow? — Roman estava a chamá-la da porta, batendo suavemente. — Winnow, estás pronta?

Guardou a carta por ler de Carver no bolso. Não teve tempo para pensar na estranheza das suas palavras — *Não estou em Oath* — antes de pegar nas cartas dos soldados e de as colocar na secretária, prendendo os cantos debaixo da máquina de escrever.

A realidade atingiu-a como um murro no estômago.

Estava prestes a ir para a linha da frente.

Ficaria ausente durante *dias*, e não tinha tempo para escrever a Carver a explicar a razão do seu silêncio. O que pensaria ele do seu silêncio repentino?

— Winnow? — Roman voltou a chamá-la. — O capitão está à espera.

— Já vou — respondeu-lhe, num tom de voz sumido e estranho, como gelo a estalar em água quente. Roubou um último segundo de paz, que aproveitou para tocar na urna que continha as cinzas da mãe. Estava em cima da sua secretária, ao lado da Alouette.

— Voltarei em breve, mãe — sussurrou Iris.

Virou-se e fez uma lista das coisas que ia levar — um cobertor, um bloco de notas, três canetas, uma lata de feijão, um cantil, meias — arrumando tudo à pressa na mochila que colocou ao ombro. Quando abriu a porta, Roman estava à sua espera no corredor escuro, com a sua própria mochila às costas. Não disse nada, mas tinha os olhos brilhantes, quase febris, quando olhou para ela.

Iris ponderou se ele estaria com medo enquanto descia as escadas atrás dela.

PARTE III

AS PALAVRAS SUBENTENDIDAS

O PELOTÃO PLÁTANO

Infelizmente, teve de fazer quase todo o caminho até à linha da frente ao colo de Roman Kitt.

O camião ia cheio de comida, medicamentos e outro equipamento, deixando apenas um lugar disponível na cabina. Tal como o capitão tinha avisado. Um lugar que teria de ser disputado por Iris e Roman.

Iris hesitou, sem saber como lidar com aquela estranha situação, mas Roman abriu-lhe a porta do passageiro sem problemas, como se fosse um veículo em Oath e não um camião enorme, enferrujado pela guerra. Evitou o contacto visual, bem como a mão que ele lhe oferecia, e colocou o pé na soleira lateral de metal para entrar na cabina poeirenta.

O cheiro a suor e gasolina era opressivo. O assento de couro estava puído, desgastado e era atravessado pelo que parecia ser uma mancha de sangue. O tablier estava salpicado de lama. *Reza para que não chova*, tinha-lhe dito Attie antes de se despedirem com um beijo. Iris aclarou a garganta e meteu a mochila no chão, entre as pernas. Supôs que tivesse algo que ver com a chuva e as trincheiras, embora Attie ainda não se tivesse alongado sobre a sua experiência na linha da frente.

— Tudo a postos? — perguntou Roman.

Iris decidiu que o melhor seria enfrentar aquele... incómodo, de frente. Virou-se para ele — *não precisas mesmo de vir, Kitt* — mas ele já tinha fechado a porta, empoleirando-se na soleira lateral, como dissera que faria.

Iris tinha uma vista privilegiada para o seu peito, que lhe tapava a janela. Viu que ele estava a agarrar-se ao metal frágil do espelho retrovisor — que parecia poder soltar-se a qualquer momento — e ao puxador da porta. Uma forte rajada de vento poderia derrubá-lo, mas não disse nada enquanto o capitão ligava o motor.

Saíram de Avalon Bluff pela estrada ocidental. Iris nunca tinha andado num camião; era surpreendentemente desconfortável e lento. Observou com curiosidade o capitão a engrenar a alavanca das mudanças. Sentia o ronronar do motor nas solas dos pés, preocupada

com Roman a cada buraco por que passavam. E eram muitos.

— Há algum tempo que não é feita a manutenção destas estradas — explicou o capitão quando Iris quase saltou do assento. — Desde que a guerra eclodiu neste distrito. Espero que o seu amigo se aguentar. A situação só vai piorar.

Iris encolheu-se, resguardando os olhos da súbita luz solar.

— Quanto tempo vai demorar a viagem?

— Três horas, se o bom tempo se mantiver.

Meia hora depois, pararam na vila vizinha de Clover Hill para o capitão carregar uma última remessa de mantimentos na parte de trás. Iris baixou o vidro e cutucou Roman no peito.

— Não vai beneficiar ninguém se partires o pescoço a caminho da frente — disse-lhe. — Não me importo de partilhar o lugar. Se não te importares que me sente em cima de ti, claro...

— Não me importo — disse ele.

Desceu da soleira, com o cabelo revoltado pelo vento.

Iris abriu a porta e ficou de pé, apertada na cabina, enquanto Roman entrava, deslizando para o banco. Colocou a mochila ao lado da dela e depois pegou-lhe nas ancas, guiando-a para trás e sentando-a no seu colo.

Ela estava rígida como uma tábua, acomodada nas coxas dele.

Aquilo era mau. Aquilo era muito, muito mau.

— Iris — sussurrou, e ela retesou os músculos. — Vais sair disparada pelo para-brisas se não te inclinares para trás.

— Eu vou bem assim.

Ele suspirou, exasperado, afastando as mãos do seu corpo.

A sua determinação durou apenas dez minutos. O capitão tinha razão; as estradas ficavam cada vez mais esburacadas, cheias de sulcos por causa de semanas de chuva, e Iris não teve alternativa a não ser relaxar e encaixar as costas no peito de Roman. O braço dele deslizou à volta da sua cintura, e ela descontraiu no calor da sua mão, ciente de que ele estava a impedi-la de bater com a cabeça no para-brisas.

Pelo menos ele estava a levar com os cabelos dela no rosto. Não tinha dúvidas de que ele estava tão desconfortável como ela. Sobretudo quando o ouviu gemer depois de passarem por uns quantos sulcos particularmente fundos na estrada, que os fizeram pôr de lado todos os outros pensamentos.

— Estou a magoar-te? — perguntou Iris.

— Não.

— Estás a semicerrar os olhos, Kitt? — provocou. Sentiu a respiração dele no seu cabelo quando murmurou:

— Queres virar-te e ver por ti própria, Winnow?

Não se atreveu, ciente de que isso colocaria a sua boca demasiado perto da dele. Bem, pelo menos tinha voltado a chamar-lhe Winnow. Era um terreno familiar; sabia o que podia esperar dele nesses momentos. As picardias, os comentários trocistas e as caretas. Quando ele lhe chamava Iris... Isso era um território desconhecido que, por vezes, a assustava. Como se estivesse a abeirar-se de uma ravina.

Chegaram à linha da frente ao final da tarde.

Uma vila tinha sido evacuada pelos habitantes e todos os edifícios tinham sido entregues à causa. O camião estacionou em frente ao que parecia ter sido a Câmara Municipal e um grupo de soldados começou a descarregar rapidamente os caixotes com legumes, balas e fardas novas. Iris ficou no meio da azáfama, com Roman atrás dela. Não sabia bem para onde ir ou o que fazer, e sentia o coração a bater na garganta.

— Correspondentes? — perguntou uma mulher de meia-idade com uma voz grave, parando diante deles. A sua farda era verde-azeitona com fivelas de latão, e tinha uma estrela dourada presa ao peito. Um boné cobria-lhe o cabelo curto e preto.

— Sim — disse Iris. — Para onde...?

— Vão acompanhar a Companhia da Alvorada. Sou a capitã Speer. Os meus soldados estão a terminar a sua pausa e vão seguir para as trincheiras ao pôr do sol. Venham por aqui.

Iris e Roman acompanharam-na enquanto descia a rua de terra batida, com os soldados a desviarem-se e a lançarem olhares curiosos aos correspondentes à medida que iam passando. Iris ainda teve uma breve e insana esperança de encontrar Forest. Mas depressa percebeu que não podia dar-se ao luxo de se distrair a olhar para os muitos rostos à sua volta.

— As nossas companhias fazem turnos de 12 horas — disse a mulher. — Do nascer ao pôr do sol, seja a vigiar a frente, a operar as trincheiras de comunicação ou a descansar. Esta vila é a base de reserva. Se precisarem de encher os cantis ou de comer uma refeição quente, dirijam-se à messe. Se precisarem de se lavar, vão até ao velho hotel na esquina da rua. Se precisarem de um médico, dirijam-se àquela casa, mas aviso-vos: a enfermaria está a transbordar neste

momento e temos pouco láudano. Se olharem para a frente, verão que esta estrada vai dar ao bosque. É por ela que vão marchar com a Companhia da Alvorada até às trincheiras de comunicação, que se encontram do outro lado da floresta. É lá que vão passar a noite antes de avançarem para a frente ao nascer do sol. Alguma pergunta?

A cabeça de Iris estava numa roda-viva a tentar processar toda aquela informação. Levou a mão ao medalhão da mãe, escondido sob o tecido do macacão.

— Há alguma hipótese de presenciarmos combates? — perguntou Roman.

— Sim — confirmou a capitã Speer. — Usem sempre capacete, obedeçam às ordens e mantenham-se agachados. — O seu olhar fixou-se num soldado que passava. — Tenente Lark! Certifique-se de que os correspondentes recebem instruções e equipamento para a sua estadia. Vão acompanhar o seu pelotão durante os próximos dias.

Um soldado jovem pôs-se em sentido antes de pousar os olhos em Roman e Iris. A capitã Speer já ia a chegar ao outro lado da estrada quando Lark disse:

— É a vossa primeira vez, não é?

Iris resistiu à tentação de olhar para Roman para ver se ele sentia o mesmo pavor e excitação que ela.

— Assim é — confirmou Roman, estendendo a mão. — Roman Kitt. E esta é...

— Iris Winnow — interrompeu Iris sem lhe dar hipóteses de a apresentar. O tenente sorriu quando lhe apertou a mão. Tinha uma cicatriz na boca que lhe repuxava o canto direito dos lábios para baixo, mas os seus olhos estavam franzidos nas bordas, como se tivesse sorrido e rido muitas vezes antes da guerra. Iris interrogou-se há quanto tempo estaria ele a combater. Parecia tão novo.

— Estamos muito contentes com a vossa vinda — disse Lark. — Venham comigo, vou agora para a messe para comer a minha última refeição quente dos próximos dias. Seria bom comerem qualquer coisa e, entretanto, eu explico-vos melhor o que podem esperar.

Lark começou a abrir caminho para a Câmara Municipal transformada em messe, e Iris posicionou-se ao lado dele, de modo que o tenente ficou entre ela e Roman. Roman reparou; lançou a Iris um ligeiro olhar antes de voltar a sua atenção para o que estava diante deles.

— Tenho uma confissão a fazer-lhe, tenente — começou ela. — Não sei como se divide o Exército. A capitã Speer disse que íamos

acompanhar o seu *pelotão*?

— Sim — respondeu Lark. — Há quatro companhias por batalhão. Duzentos homens e mulheres por companhia, e quatro pelotões em cada companhia. Eu supervisiono cerca de 50 homens e mulheres no meu pelotão, com o sargento Duncan como meu ajudante. Somos o chamado Pelotão Plátano.

Ela devia ter o bloco de notas pronto, mas guardou os nomes e números para registrar assim que pudesse.

— Pelotão Plátano? Porquê?

— É uma longa história, Miss Winnow. Na altura certa, terei todo o gosto em partilhá-la consigo.

— Muito bem, tenente. Outra pergunta, se não se importa — prosseguiu Iris. — Gostava de saber como é que um soldado é organizado numa determinada companhia. Por exemplo, se o soldado for de Oath, mas se alistar para combater, quem decide onde vai servir?

— É uma boa pergunta, pois temos bastantes soldados de Oath, apesar de o Distrito Oriental ainda não ter declarado guerra a Dacre e de não participar ativamente nos combates — constatou Lark, com um sorriso triste. — Quando um habitante de Oath se alista, é destacado para uma companhia auxiliar. Continua a ser considerado residente do Distrito Oriental, mas é adicionado a um ramo das nossas Forças Armadas, como se fosse um dos nossos.

Iris pensou no irmão. Queria perguntar onde estava destacado o Segundo Batalhão E, Quinta Companhia de Landover, mas, em vez disso, perguntou:

— Há alguma coisa sobre a qual *não* devemos escrever?

Lark inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse a ponderar.

— Bem, claro. Não escrevam sobre estratégias, se por acaso ouvirem alguma coisa. Nem sobre as mensagens que passamos nas trincheiras de comunicação. Nem sobre localizações ou informações que possam dar vantagem a Dacre se ele ler o jornal. — O tenente fez uma pausa para abrir a porta a Iris. Os seus sentidos foram imediatamente tomados de assalto pelo cheiro a cebolas e rolo de carne. — Ouvi dizer que são repórteres *neutros*, mas muito sinceramente não me parece que isso seja possível. Duvido que fossem bem recebidos no campo de Dacre, quanto mais regressarem vivos de lá. O melhor conselho que lhe posso dar, Miss Winnow, é que escreva o que vê, o que sente, quem somos e porque é essencial que as pessoas de Oathe das cidades mais longínquas se juntem ao nosso esforço.

Acha que isso é possível?

Iris fez um compasso de espera e fixou os olhos esperançosos do tenente.

— Sim — assentiu, quase num sussurro.

Mas a verdade é que se sentia muito confusa. Como se tivesse uma rocha atada aos tornozelos e tivesse acabado de ser lançada ao mar.

*

Marcharam às 5 horas em ponto.

Iris e Roman receberam capacetes e comida, que guardaram nas mochilas, antes de seguirem os 200 homens da Companhia da Alvorada pela estrada sinuosa e sombria da floresta. Lark informara-os de que seria uma marcha de quatro quilómetros a um ritmo acelerado, em silêncio absoluto, à exceção das botas a bater na terra. Iris sentiu-se subitamente grata por todas as corridas matinais com Roman.

Ardiam-lhe os gémeos e faltava-lhe o ar quando chegaram a uma clareira permeada pelos veios alaranjados do pôr do sol. A estrada seguia agora paralela à linha da frente, com postos erguidos a coberto da floresta até onde a sua vista alcançava. Os postos avançados eram construídos em pedra e palha e havia soldados a entrar e a sair num corrupio constante. Seriam aqueles os postos de comunicação?

Os seus pensamentos foram interrompidos por Lark, que de repente emergiu da maré de fardas cor de azeitona para falar com ela e com Roman.

— Estamos prestes a entrar nas trincheiras de comunicação aqui no Posto 14— explicou em surdina. — Ainda estamos a alguns quilómetros da frente de combate, mas é fundamental que se mantenham agachados e atentos ao que vos rodeia, mesmo quando estiverem a repousar em trincheiras «seguras». Vão reparar que existem bunkers. Estão reservados para ataques, quer da parte dos soldados de Dacre, quer dos seus mastins.

Iris humedeceu os lábios.

— Queria perguntar-lhe sobre os mastins, tenente Lark. O que devemos fazer se eles nos atacarem durante a noite?

— Deve abrigar-se imediatamente num bunker, Miss Winnow — respondeu ele. — Juntamente com Mr. Kitt, claro.

— E os *eithrals*? — perguntou Roman. — Qual é o protocolo em caso de ataque?

— Os *eithrals* raramente são vistos na linha da frente, tendo em

conta que do céu não conseguem distinguir os soldados de Dacre dos nossos. Poderiam lançar bombas sobre as suas próprias forças se detetassem movimentações em terra. Infelizmente, é uma arma que Dacre gosta de reservar para as cidades civis e para as ferrovias.

Iris não conseguiu conter um arrepio. Lark reparou, e a sua voz tornou-se mais branda.

— A companhia vai dividir-se pelas trincheiras, e vocês vão acompanhar o meu pelotão. Quando pararmos, vão poder arranjar um sítio onde passar a noite. Vou garantir que se levantam antes do amanhecer, para seguirem para a frente. Já sabem, não façam barulho e mantenham-se agachados e alerta. São as vossas instruções. Se formos bombardeados e as forças de Dacre invadirem as nossas trincheiras, quero que se retirem imediatamente para a vila. Embora sejam considerados «neutros» neste conflito, não me espantaria nada que o inimigo vos matasse assim que vos avistasse.

Iris acenou com a cabeça. Roman concordou, num sussurro.

Iris seguiu o Pelotão Plátano do tenente Lark até às trincheiras com Roman no seu encalço, tão próximo que conseguia sentir na nuca a respiração entrecortada, como se ele se esforçasse por esconder quão nervoso estava. Chegou a pisar-lhe o calcanhar, inadvertidamente, sobressaltando-a.

— Desculpa — sussurrou, tocando-lhe ao de leve nas costas.

Não faz mal, quis responder, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta.

Não sabia bem o que esperar, mas as trincheiras estavam solidamente construídas, com tábuas de madeira no chão, por causa da lama. Eram suficientemente largas para duas pessoas caminharem confortavelmente lado a lado. Havia varas a escorar as paredes, que serpenteavam à esquerda e depois à direita, antes de se dividirem em dois caminhos, que mais à frente voltavam a dividir-se. Passaram por ninhos de artilharia, onde enormes canhões assentavam nas ervas, como feras adormecidas. Nalguns pontos mais a descoberto viu sacas de areia empilhadas, que forneciam cobertura adicional, e quanto mais avançavam nos canais, mais Iris começava a ver os bunkers de que Lark tinha falado. Abrigos em pedra, escavados na terra, com entradas obscurecidas. Não tinham nada de convidativo, quase como se fossem mandíbulas geladas à espera de engolir os soldados, e Iris esperou não ter de se abrigar em nenhum deles.

Sentiu o ar fresco no rosto. Trouxe-lhe o odor a terra húmida com laivos de podre, por causa da madeira em estado de decomposição. A espaços, chegava-lhe às narinas o cheiro a lixo e a urina misturado

com fumo de cigarro. Pareceu-lhe ver uma ou outra ratazana, mas talvez fosse apenas a dança das sombras.

Os seus ombros relaxaram de alívio quando o Pelotão Plátano parou para passar a noite numa zona da trincheira que estava relativamente seca e limpa.

Iris deixou a mochila deslizar-lhe dos ombros e escolheu um lugar debaixo de uma pequena lanterna pendurada. Roman imitou-a, sentando-se do outro lado do caminho, com as suas longas pernas cruzadas. Quando as estrelas começaram a surgir no céu, Lark veio saber deles. Sorriu com um cigarro preso nos dentes e instalou-se não muito longe deles, no campo de visão de Iris.

O silêncio era denso e estranho. Iris quase receava acolher aquele ar pesado e frio nos pulmões. O mesmo ar que o inimigo inspirava e exalava, a poucos quilómetros de distância.

Era um silêncio que sufocava.

Retirou da mochila o cobertor de flanela, que usou para tapar os joelhos à medida que a noite se tornava mais cerrada. Em seguida, pegou no bloco de notas e numa caneta e começou a escrever os pontos altos do dia enquanto ainda estavam frescos na sua mente.

A escuridão continuava a avançar sobre eles.

Iris pegou numa laranja que tinha na mochila e pousou o bloco de notas para comer. Não olhou uma única vez para Roman, mas sabia que ele também estava a escrever. Conseguia ouvir o leve riscar da caneta.

Mexeu-se e sentiu algo amarrotado dentro do bolso.

A carta de Carver.

Na azáfama do dia, tinha-se esquecido dela, ainda por ler. Mas ao tocar-lhe, sentada naquela trincheira, com fome, frio e ansiosa... a carta pareceu-lhe um abraço. Como quem anda à procura de um amigo na escuridão e de repente encontra a sua mão.

Estudou a forma como Roman escrevia, franzindo a testa. Um segundo depois, os seus olhares cruzaram-se, como se ele tivesse sentido os seus olhos, e ela desviou a cara, concentrando-se na laranja.

Teria de esperar que ele adormecesse para ler a carta. A última coisa que queria era que o Roman *Cáustico* Kitt soubesse que ela se correspondia magicamente com um rapaz que nunca tinha visto, mas por quem já se sentia enlevada.

Passou uma hora, que pareceram três. O tempo tem o seu próprio ritmo nas trincheiras, quer seja a arrastar-se ou a correr desenfreado.

Iris encostou a cabeça aos ramos de bétula, e o capacete tilintou contra a madeira. Fechou os olhos e fingiu dormir. Aguardou, tentando contrariar a sua própria exaustão. Quando espreitou Roman disfarçadamente, dez minutos depois, viu-lhe o rosto inclinado para baixo. Os olhos estavam fechados, a respiração profunda e o peito a subir e descer, com o bloco de notas precariamente equilibrado nos joelhos. Achou-o muito mais jovem, mais doce. Por algum motivo, isso causou-lhe um aperto no coração, e Iris apressou-se a pôr de lado esses sentimentos alarmantes.

Mas ponderou até que ponto aquela guerra os mudaria. Que marcas deixaria neles; marcas fundas, daquelas que nunca desaparecem?

Lentamente, Iris tirou a carta do bolso.

Claro que o som ecoou com fragor no silêncio da trincheira. Quando Lark olhou para ela, Iris fez um esgar, imaginando se Dacre conseguiria ouvir um som tão inocente para lá da extensa zona de ninguém.

Ficou paralisada, com metade do papel a sair-lhe do bolso. Pediu desculpa a Lark, que percebeu o que ela estava a fazer e lhe piscou o olho. Presumiu que as cartas fossem artefactos sagrados na linha da frente.

Os seus olhos viraram-se então para Roman. Ele não se tinha mexido, certamente esgotado pelas três horas de viagem de camião com ela sentada ao seu colo.

Iris extraiu o resto da carta de Carver, sentindo que podia finalmente inspirar fundo enquanto a desdobrava com mãos ansiosas.

Encontrou a parte onde tinha ficado, a parte sobre a avó, e leu:

a minha avó está bem, embora esteja muito aborrecida comigo — dir-te-ei porquê quando nos virmos finalmente. Ela às vezes pergunta se já escrevi o meu próprio romance na máquina de escrever que me deu há alguns anos — a máquina de escrever que me liga a ti — e custa-me sempre desiludi-la. Mas a verdade é que há alturas em que sinto que as minhas palavras são triviais e aborrecidas. Nos dias que correm, não sinto que haja uma história dentro de mim que precise de ser contada, como ela acredita que há. E não tenho coragem de lhe dizer que não sou quem ela pensa que sou.

Mas conta-me mais sobre ti. Uma das tuas recordações preferidas, ou um lugar onde queiras ir um dia, ou um livro que mudou a tua vida e a forma como vês o mundo. Bebes café ou chá? Preferes sal ou açúcar? Regozijas-te com o nascer ou com o pôr do sol? Qual é a tua estação preferida?

Quero saber tudo sobre ti, Iris.

A leitura foi interrompida por uma bola de papel amachucada e arremessada do outro lado da trincheira contra a sua cara.

Iris estremeceu, chocada, quando viu Roman a encará-la. Fulminou-o com o olhar, até que ele fez sinal para que abrisse o papel que lhe tinha sido atirado.

Ela abriu e leu os seus rabiscos. *O que estás a ler, Winnow?* Ela pegou na caneta e escreveu uma resposta. *O que te parece, Kitt?* Amarrotou o papel e arremessou-o de volta.

A sua atenção estava agora dividida entre Roman e a carta de Carver. Ansiava por alguma privacidade, para saborear as palavras que tinha estado a ler e que a deixavam derretida. Mas Roman não era de fiar. Já estava a alisar o papel e a escrever uma resposta, e Iris não queria voltar a ser apanhada desprevenida.

Apanhou o papel quando ele lho atirou. *Uma carta de amor, presumo.*

Revirou-lhe os olhos em resposta, mas sentiu o rubor a inundar-lhe o rosto. Esperava que as sombras da lanterna escondessem o seu embaraço.

Não tens nada que ver com isso, mas se tiveres a amabilidade de me deixar acabar de ler em paz... ficar-te-ei eternamente grata, escreveu ela, devolvendo-lhe o papel.

Roman rabiscou e devolveu. *Então, é mesmo uma carta de amor. De quem, Winnow?*

Ela estreitou-lhe os olhos. *Não te vou dizer, Kitt.*

Por aquela altura, o pedaço de papel já estava demasiado amarrotado para ser legível. Roman rasgou cuidadosamente uma página do seu bloco de notas e escreveu. *Devas aproveitar a minha presença. Posso dar-te conselhos.*

Porque é que o olhar dela se fixou naquela primeira frase? Abanou a cabeça, lamentando o dia em que conhecera Roman Kitt, e respondeu. *Não preciso dos teus conselhos, mas agradeço a oferta.*

Pensou que aquilo poria fim à conversa. Começou a reler a carta de Carver, com os olhos ávidos por terminar a sua confissão...

Outra bola de papel cruzou a trincheira, atingindo-a desta vez no colarinho.

Sentiu-se tentada a ignorá-lo. Ele podia persistir e enviar outro, mas o papel era valioso, e ambos estavam a ser tolos em desperdiçá-lo.

Como se tivesse lido a sua mente, Roman tocou-lhe na bota com a sua, e ela olhou para ele. O rosto dele estava meio disforme à luz da lanterna, como se fosse feral.

Ela engoliu em seco e abriu a bola de papel.

Deixa-me adivinhar: ele está a abrir o coração no papel, lamentando o quão incompreendido se sente, porque o que deseja é a tua validação. E provavelmente está a falar sobre a família: a mãe, a irmã ou a avó. Porque sabe que te vais derreter só de pensar nas outras mulheres da vida dele, aquelas que o moldaram. E se te conhecer bem... então, vai dizer qualquer coisa sobre livros ou artigos de jornal, porque certamente já sabe que a tua escrita é elegante e, acima de tudo, sabe que não te merece, nem a ti e nem às tuas palavras, e que nunca vai merecer.

Iris ficou atónita. Ficou a olhar para ele, sem saber como reagir. Quando Roman não desviou o olhar, como se a desafiasse, ela baixou os olhos para a carta. Teria de esperar para acabar de a ler. Dobrou-a cuidadosamente e voltou a guardá-la no bolso.

Mas também não deixaria que o seu antigo rival tivesse a última palavra.

Escreveu e enviou: *Estás a pensar demais. Vai dormir, Roman Kitt.*

Ele suspirou e inclinou a cabeça para trás. Percebeu que o rosto dele estava corado. Viu os seus olhos a ficarem pesados. Talvez só precisasse de fazer aquilo para o pôr em sentido: chamar-lhe Roman. Mas adormeceu antes de conseguir pensar mais no assunto. E sonhou com uma cidade fria, com ruas infindáveis, com uma névoa densa e um rapaz de cabelo escuro que corria à sua frente, fora do seu alcance.

NOTAS DAS TRINCHEIRAS

REGRAS PARA UM CIVIL NAS TRINCHEIRAS:

1. *Manter-se agachado. Resistir à tentação de subir uma das escadas para vislumbrar o terreno no plano mais elevado, que antes da descida era um dado adquirido. As escadas devem ser utilizadas pelos vigias e respetivos periscópios, ou por atiradores furtivos, ou quando ocorre a barragem* (ver nota de rodapé n.º 1).*
2. *Sentir-se confortável com uma casa a céu aberto e paredes de terra húmida, mas nunca confiar nelas. O céu é sempre uma ameaça e, embora a terra seja o melhor escudo contra mastins e morteiros, também pode ser perigosa* (ver nota de rodapé n.º 2).*
3. *Rezar para que não chova. Diariamente. Ou estar preparado para viver com inundações* (ver nota de rodapé n.º 3).*
4. *Ignorar as ratazanas. Sim, é muito difícil quando elas vagueiam pela trincheira à noite, rastejam por cima das nossas pernas e roem a nossa mochila. Ignorar também os piolhos.*
5. *Comer e beber apenas o suficiente para se manter saciado e hidratado. Haverá sempre o desconforto ligeiro (ou intenso) da fome, pois os únicos alimentos são carne seca e latas de feijão. Mas num dia muito bom é possível degustar um banjo de ovo* (ver nota de rodapé n.º 4), que tem um sabor absolutamente divino.*
6. *É permitido acender lanternas nas trincheiras de comunicação, mas é proibido fazer fogo durante a noite na linha da frente. Nem sequer uma faísca para acender um cigarro* (ver nota de rodapé n.º 5).*
7. *Não há privacidade. Nem mesmo quando é preciso ir à casa de banho.*

NOTAS DE RODAPÉ:

1. O fogo de «barragem» pode ser definido como um «bombardeamento de artilharia concentrado numa vasta área». O tenente Lark informou-me que esta tática é utilizada quando um dos lados quer atravessar a «terra de ninguém», que é o terreno entre as trincheiras das duas forças. Nesta zona ocorre um elevado número de baixas, o que muitas vezes significa que pode haver um impasse, sem

que nada aconteça durante vários dias nas trincheiras, com cada um dos lados à espera que o outro ataque. Mas uma abordagem de «fogo, cobertura e avanço» pode ocorrer quando é disparada artilharia pesada, o que faz com que se crie uma cortina de fumo que esconde os soldados que rastejam pela zona para tomar as trincheiras do adversário. Há um soldado em cada companhia que tem a tarefa de determinar para que lado o vento está a soprar naquele dia. Por vezes, só isso é um bom indicador da melhor altura para atacar, para que o fumo sopra na direção em que tencionamos atacar. Ou pode ser um sinal de quando o inimigo tenciona atacar.

2. O sargento Duncan informou-me de um caso em que os soldados se retiraram para um dos bunkers para se abrigarem de um bombardeamento de artilharia, mas em que uma bomba atingiu o solo diretamente por cima do bunker, que se desmoronou, enterrando os soldados vivos no seu interior.

3. Graças aos deuses que se preocupam com os assuntos mortais, não choveu enquanto aqui estive, mas creio que choveu bastante quando a Attie visitou as trincheiras. Ela talvez tenha uma opinião mais habilitada sobre o quão desolador é estar numa trincheira com chuva.

4. Receita de banjo de ovo da soldada Marcy Gould: estrole um ovo numa frigideira de ferro fundido. Certifique-se de que a gema está brilhante e líquida. Pegue em duas fatias grossas de pão com manteiga e coloque o ovo entre elas. É inevitável que os seus companheiros perguntem se vai comer tudo. Não se preocupe, vai comer até à última migalha.

5. O tenente Lark contou-me o caso de um soldado que acendeu um cigarro quando estava de vigia na linha da frente. Segundos depois, foi lançado fogo de artilharia pesada que matou metade do pelotão do soldado.

Passaram três dias, durante os quais tiveram de se adaptar a um ritmo estranho: noites nas trincheiras de comunicação e dias rigorosos na linha da frente. Os Plátanos teriam de alternar com outro pelotão durante sete dias antes de regressarem à base para descansar e recuperar por outros sete.

E enquanto isso, Iris ia enchendo o seu bloco de notas.

Nunca escrevia durante o dia, quando estava encolhida ao lado de Roman na frente, sempre com medo de fazer coisas tão inocentes como coçar o nariz. Mas à noite, quando estavam na base de reserva, começou a conviver mais com o Pelotão Plátano, e jogava amiúde às cartas com os soldados, à luz da lanterna, lembrando-se de como este tipo de competição amigável era uma forma eficaz de aceder a

histórias mais profundas e íntimas.

Fazia-lhes perguntas sobre as suas vidas em casa e sobre as famílias que os amavam. Perguntava o que os tinha levado a querer juntar-se à guerra; sobre batalhas passadas — sobre derrotas e vitórias — e absorvia os seus relatos de coragem, lealdade e sofrimento partilhados. Os soldados tratavam-se uns aos outros por irmão e irmã, como se a guerra tivesse forjado laços mais profundos do que o sangue.

Isso tão depressa a fazia sentir-se extremamente realizada como, logo a seguir, profundamente triste.

Tinha saudades da mãe. Tinha saudades de Forest. Tinha saudades de Attie e de Marisol. Tinha saudades de escrever a Carver.

Por vezes, tentava traçar mentalmente o caminho que a levara até ali, mas era-lhe demasiado difícil revê-lo. Despertava sentimentos soterrados que era demasiado perigoso trazer à luz do dia naquelas circunstâncias.

Mesmo assim... o sangue pulsava-lhe nas veias.

Na quarta noite, Iris estava a escrever os apontamentos do dia quando foi invadida por uma onda de exaustão.

Fez uma pausa, com câibras na mão.

Roman estava sentado no seu lugar habitual, do outro lado da trincheira, a comer de uma lata de feijão. O cabelo preto pendia-lhe emaranhado sobre os olhos e a barba estava a crescer, ensombrando-lhe a metade inferior da cara. As maçãs do rosto estavam mais pronunciadas, como se tivesse perdido peso. Os nós dos dedos estavam cheios de crostas, as unhas sujas e o macacão rasgado num dos joelhos. Não se parecia nada com a imagem que guardava dele. Quando trabalhavam no *Oath Gazette*, andava sempre bem arranjado e bem vestido, com um ar pomposo.

O que faz ele aqui? perguntou-se pela centésima vez. Em tempos, pensara que ele seria fácil de deslindar, mas a cada dia que passava, começava a aperceber-se de que Roman Kitt era um mistério. Um mistério que se sentia tentada a resolver.

Iris não o observou durante muito tempo, com medo de chamar a sua atenção. Voltou a olhar para o bloco de notas e, de repente, sentiu-se vazia e cansada, como se tivesse envelhecido anos numa só noite.

Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Rendeu-se ao sono sem dar por isso.

Iris percorria as trincheiras à noite.

Estava sozinha, tendo apenas a lua como companhia, cheia e refulgente por cima de si, a emanar uma luz prateada. Parou e escutou o vento que se fazia sentir. Onde estavam todos? Onde estaria ela?

Onde estava Roman, a sua sombra irritante?

Ao longe, ouviam-se uivos. Os *mastins*. Disparou a correr para o bunker mais próximo, com o coração na boca, sentindo-se exposta e aterrada.

Havia uma luz a arder na escuridão.

Assim que entrou no bunker, atraída pelo fogo, Iris apercebeu-se de que era uma sala. A sua antiga sala de estar. No apartamento que partilhava com a mãe e Forest. À medida que percorria toda aquela familiaridade — o tapete puído, o papel de parede que pendia em tiras, o aparador com o rádio da avó — os seus olhos fixaram-se numa pessoa que nunca pensou voltar a ver.

— Pequena Flor — disse a mãe, empoleirada no sofá. Um cigarro ardia na ponta dos seus dedos. — Onde estiveste, minha querida?

— Mãe? — A sua voz estava rouca. — Mãe, o que fazes aqui?

— Estou aqui porque tu estás aqui, Iris.

— Onde estamos?

— Em casa, por agora. Pensavas que eu te deixava sozinha?

A respiração de Iris ficou presa na garganta. Sentiu-se confusa, tentando recordar-se de algo que lhe escapava da memória.

— Voltei a escrever, mãe — disse ela, com a voz embargada. — Na máquina de escrever da avó.

— Eu sei, meu amor — disse Aster, com um sorriso; o mesmo sorriso fácil dos tempos que antecederam o vinho e o vício. O sorriso que Iris mais amava. — Um dia, vais ser uma escritora famosa. Acredita. Vou ficar tão orgulhosa de ti.

Iris inclinou a cabeça.

— Já me disseste isso, não foi, mãe? Porque é que não me lembro?

— Porque isto é um sonho e eu queria voltar a ver-te — respondeu Aster, com o sorriso a desvanecer-se. Os seus olhos afastados — olhos cor de avelã que tanto Forest como Iris lhe tinham roubado — brilhavam com uma tristeza aguda. — Há tanto tempo que não olhava para ti e que não te *via* verdadeiramente, Iris. E percebo agora tudo

aquilo que perdi. Perdoa-me, minha querida, mas agora vejo-te.

Iris sentiu o coração dilacerado ao ouvir aquelas palavras.

Ficou vergada pela dor, pela crueza de tudo aquilo, e percebeu que estava a chorar, como se as lágrimas pudessem apagar o que tinha acontecido. Porque a mãe estava morta.

Iris.

Uma voz familiar começou a esbater os contornos da sala. O bunker. A escuridão.

— Iris, acorda.

Era a voz de um rapaz que tinha aparecido no apartamento no pior dia da sua vida; que lhe trouxera o casaco deixado para trás, como se receasse que ela se constipasse. A voz de um rapaz que a tinha seguido até à guerra, que lhe tinha atirado um papel para a cara, que lhe tinha posto nas mãos um jornal com o seu artigo na primeira página e que a tinha desafiado a subir uma colina a correr só para contemplar a vista.

O sonho desfez-se. Iris estava encolhida sobre si mesma, a chorar em silêncio.

Roman sentou-se ao seu lado. A lua brilhava lá no alto, e a mão dele estava pousada no seu ombro. Iris sentia o calor da palma da mão dele através do macacão.

— Está tudo bem — sussurrou ele.

Iris tapou a cara para esconder a comoção. Mas sons de agonia escaparam-lhe por entre os dedos, e estremeceu, tentando engolir tudo e guardá-lo bem fundo nos seus ossos, como até então. Lidaria com aquilo *mais tarde*. Estava mortificada por estar a soluçar numa trincheira, onde os Plátanos podiam sem dúvida ouvi-la e pensar que ela era fraca e patética e...

Roman retirou-lhe o capacete com cuidado. Acariciou-lhe o cabelo; estava emaranhado e sujo e ela ansiava por um bom duche, mas o seu toque era reconfortante.

Respirou fundo, pressionando as pontas dos dedos contra os olhos que latejavam. A mão de Roman afastou-se do cabelo dela, e o braço passou a rodear-lhe os ombros. Iris afundou-se a seu lado, no seu calor.

— Desculpa — sussurrou Iris. — Sonhei com a minha mãe.

— Não precisas de pedir desculpa.

— É uma vergonha estar aqui a...

— Só eu é que te ouvi — sossegou-a. — Não é invulgar acordar

com lágrimas nos olhos neste sítio.

Iris levantou a cabeça, com uma dor no pescoço. O ranho escorria-lhe do nariz, e ela estava prestes a limpá-lo com relutância na manga, quando um lenço apareceu do nada. Pestanejou e percebeu que era Roman que lho estendia.

— Claro que tinhas de trazer um lenço para a linha da frente — disse ela, num resmungo.

— Não consta na tua lista de «coisas para levar para a guerra», Winnow? — gracejou.

Iris assoou-se.

— Cala-te, Kitt.

Ele limitou-se a responder com uma risada, voltando a colocar-lhe o capacete na cabeça. Mas não saiu de perto dela, mantendo-a quente durante as horas mais escuras que antecedem a alvorada.



VENTO OCIDENTAL

Naquela tarde, as temperaturas subiram para um nível sufocante. A primavera tinha finalmente chegado com o sol quente e os dias mais longos, e enormes nuvens acumulavam-se no céu. Roman observou-as enquanto se formavam, ciente de que em breve iria rebentar uma tempestade.

O suor escorria-lhe pelas costas e fazia-lhe cócegas na nuca. O macacão estava encharcado e colava-se-lhe à pele. A sombra era escassa nas trincheiras àquela hora do dia, e ele tentou preparar-se mentalmente para o facto de em breve estar molhado e enlameado, a caminhar com água pelos tornozelos. Ao menos, a sua mochila era feita de couro oleado, por isso tudo o que estava lá dentro devia estar protegido. Porque era só isso que lhe interessava. O conteúdo da sua mochila e Iris, que estava sentada à sua frente. Em breve, regressariam a Avalon Bluff, e ele poderia finalmente respirar fundo e ter um momento para relaxar.

Ela apanhou-o a observá-la.

De repente, sentiu-se grato pela proibição de falar nas trincheiras. Caso contrário, Iris poderia ter feito um comentário sobre a frequência dos seus olhares.

Começou a levantar-se vento.

Roman ouvia-o assobiar por sobre as trincheiras, mas algumas correntes de ar permeavam os túneis, e a frescura que proporcionavam era muito bem-vinda.

Era nisso que pensava, distraído — na gratidão que sentia pelo vento, em Iris, nos seus futuros artigos, em Iris, em quanto tempo faltava para o pôr do sol, em *Iris* — quando uma série de explosões rasgaram a tarde calma e o céu azul. Os projéteis silvaram em disparos rápidos, fazendo tinir os ouvidos, abanando a terra. O coração de Roman subiu-lhe à garganta quando Iris caiu do banco, encolhendo-se no chão por reflexo.

Por fim, tinha chegado.

Aquele era o seu pior pesadelo a tornar-se realidade.

Encurtou a distância entre os dois e cobriu-a com o seu corpo.

Os morteiros continuavam a uivar e a explodir. Um após outro. As explosões pareciam eternas, e Roman fechou os olhos quando torrões de terra e lascas de madeira começaram a chover sobre ele. Iris não se mexia debaixo de si, e o rapaz recebeu estar a esmagá-la com o seu corpo quando ela começou a choramingar.

— Está tudo bem — acalmou-a, ignorando se ela conseguia ouvi-lo por cima do barulho. — Deixa-te estar deitada, respira.

Por fim, houve uma acalmia, mas o ar fumegava e a terra estava cheia de lamentos.

Roman deslocou o seu peso e colocou Iris de pé.

Ela estava a tremer.

Fitou-o com uns olhos arregalados, selvagens e ele queria perder-se naqueles olhos cor de avelã, no desejo de acalmar o medo que ardia dentro dela. Mas ele próprio se sentia aterrorizado e impotente como nunca, e não tinha a certeza de conseguir tirá-la dali em segurança.

À sua volta, os soldados começaram a movimentar-se como uma torrente, preparando as espingardas e gritando ordens. No entanto, havia uma quietude entre ele e Iris. Como se o tempo tivesse parado.

— Pega na tua mochila, Iris — instruiu-a, calmamente, como se já tivessem passado por aquilo juntos.

Ela agarrou na alça da mochila de couro. Demorou algum tempo a colocá-la nas costas, pois as suas mãos tremiam violentamente. Roman pensou nos apontamentos dela, em todas as histórias dos soldados que tinha recolhido nos últimos dias. O horror e o orgulho, a dor, o sacrifício e as vitórias. Ela tinha de levar aquelas palavras para casa. Tinha de sobreviver àquilo para poder datilografá-las; para que as suas palavras pudessem ser transportadas de comboio, ao longo de 600 quilómetros, até ao *Inkridden Tribune*, na cidade indiferente de Oath.

Ela tem de sobreviver a isto, pensou Roman. Não queria viver num mundo sem ela e sem as suas palavras.

Exalou — a respiração trémula, como os ossos do seu corpo — e olhou para cima. Uma parede de fumo erguia-se para o céu, soprada pelo vento ocidental. Haveria de os cobrir em breve, e Roman sentiu na boca o gosto do sal, do metal e da terra.

Fogo, cobertura e avanço.

— Eles vêm aí? — perguntou Iris.

A resposta surgiu sob a forma de outra pesada salva de artilharia.

Ela deu mais um salto quando os projéteis começaram a explodir, agora mais perto, embatendo com estrondo no chão. Antes que pudesse encolher-se, Roman já estava a pressioná-la contra a parede da trincheira, tapando-a com o seu corpo. Se alguma coisa a magoasse, teria de passar primeiro por ele. Mas a sua mente estava a mil.

Atrás deles ficava a terra de ninguém, que de repente parecia mais perigosa do que ele tinha imaginado. Roman percebeu que os soldados de Dacre podiam estar a aproximar-se das trincheiras a coberto do fumo. Podiam estar a arrastar-se como sombras pelas ervas queimadas, de espingarda em punho, a poucos metros deles.

Imaginou uma batalha iminente; imaginou combates. Será que Iris fugiria se ele assim o ordenasse? Deveria desviar o olhar dela? Imaginou escondê-la num bunker, fugir com ela pelas trincheiras, alimentados por um medo intenso.

Esperou que o bombardeamento terminasse, com a mão gentilmente pousada na nuca dela, mantendo-a perto de si. Os seus dedos perdiam-se no cabelo dela.

De repente, foi despertado do torpor pelo tenente Lark, que o agarrou pelo ombro.

A artilharia continuava a silvar, a cair em cascata e a explodir, e o jovem oficial viu-se obrigado a gritar para que o ouvissem.

— Têm de se retirar para a vila! É uma ordem direta.

Roman acenou com a cabeça, aliviado por ter recebido tal ordem, e afastou Iris da parede. Os seus dedos entrelaçaram-se nos dela, e começou a conduzi-la através do caos das trincheiras, passando por cima de madeiras estilhaçadas, montes de terra revolvida e soldados ajoelhados. Roman demorou algum tempo a perceber que alguns estavam feridos, prostrados com a dor. O sangue espalhava-se pelas tábuas no chão. Estranhas peças de metal brilhavam ao sol. Ela começou a puxá-lo para trás.

— Kitt. Kitt!

Roman virou-se para ela. O pânico percorria o seu corpo como óleo a ferver.

— Temos de fugir, Iris.

— Não podemos deixá-los assim! — Ela estava a gritar, mas Roman mal conseguia ouvi-la. Parecia que tinha os ouvidos cheios de cera. Sentia um ardor na garganta.

— Deram-nos uma ordem — contrapôs. — Nós... não somos

soldados, Winnow.

Mas ele sabia exatamente aquilo que ela estava a sentir. Parecia errado fugir quando outros se acantonavam e se preparavam para lutar; quando havia homens e mulheres no chão, a gemer de dor, despedaçados por morteiros, à espera de morrer com a visão dos seus ossos estilhaçados e do rubor escarlate do seu sangue.

Roman hesitou.

Foi quando viu o pequeno objeto metálico redondo a voar pelo ar. Ao princípio, pensou tratar-se de um mero torrão de terra, até que ele caiu mesmo atrás de Iris, na trincheira, com um estalido. Ficou a girar na madeira durante alguns instantes, e Roman olhou para aquele objeto e percebeu... percebeu que era uma...

— *Merda!*

Agarrou na gola do macacão de Iris, levantando-a como se não tivesse peso. Puxou-a até se colocar entre ela e a granada. O terror tinha um sabor azedo na sua boca e percebeu que estava prestes a vomitar os pêssegos e a torrada que tinha comido ao pequeno-almoço. Quantos segundos tinham antes que a granada explodisse?

Roman empurrou Iris para a frente, com uma mão nas costas dela, *cada vez mais rápido até à curva mais próxima*. Estavam quase a chegar lá, ao local onde o túnel descrevia uma curva apertada e protetora. Ela tropeçou numa das tábuas soltas no chão. Roman agarrou-a pela cintura, puxando-a para cima, para o fumo, para a luz que se desvanecia e para o perpétuo descarregar das armas.

Ouviu-se um clique... um clique... e um estalido atrás deles no momento em que Iris dobrou a esquina primeiro.

— *Iris* — sussurrou Roman, em desespero.

Agarrou-a com mais força no preciso instante em que a explosão os separou.

FUMO NOS OLHOS DE IRIS

Iris mudou de posição. O rosto estava pressionado contra a terra revolvida e na boca tinha o travo a metal quente.

Sentou-se lentamente, com o capacete de lado, na cabeça.

Havia soldados a passar por ela, a correr. O fumo contorcia-se na luz dourada. Ouvia-se um estampido incessante que fazia a sua pulsação saltar e o corpo estremecer. Sentou-se para a frente e cuspiu terra e sangue, passando as mãos pelas pernas, pelo tronco, pelos braços. Tinha alguns arranhões nos dedos e nos joelhos e um longo corte no peito, mas estava praticamente ilesa, mesmo com os cacos de metal a brilharem no chão.

Kitt.

Tinha dobrado a esquina antes de a granada ter explodido, mas não tinha a certeza se ele também tinha escapado.

— Kitt! — gritou ela. — *Kitt!*

Levantou-se, cambaleante, com os olhos a perscrutarem a névoa. Deu com ele deitado no chão a alguns passos de distância. Estava de costas e tinha os olhos abertos, como se conseguisse ver através do fumo, até às nuvens.

Iris engoliu um soluço e caiu de joelhos ao lado dele. Estaria morto? A ideia causou-lhe um aperto no coração. Enquanto as suas mãos percorriam o rosto e o peito de Roman, percebeu que não suportaria perdê-lo. Não suportaria viver num mundo sem ele.

— Kitt? — chamou, pousando a palma da mão sobre o seu coração. Ele estava a respirar e o alívio quase foi suficiente para lhe derreter os ossos. — *Kitt*, consegues ver-me?

— Iris — grunhiu ele. A sua voz soava longínqua, e ela percebeu que eram os seus ouvidos a zumbir. — Iris... na minha mochila...

— Sim, Kitt — disse ela, sorrindo ao vê-lo piscar os olhos, visivelmente atordoado. Começou a examinar-lhe o resto do corpo. A barriga, os flancos... e foi então que viu os estilhaços alojados na perna direita. A destruição parecia concentrar-se sobretudo na parte exterior da coxa e do gêmeo e à volta do joelho, mas a hemorragia era

constante. Era impossível dizer a quantidade de sangue que Kitt já perdera. Os salpicos no chão podiam ser dele ou de outros feridos. Iris respirou fundo, disposta a manter-se calma.

— Muito bem, Kitt — disse ela, concentrando nele o seu olhar. — Estás ferido. Parece que é sobretudo na perna direita, mas tenho de te levar a um médico. Achas que...?

— Iris, a minha mochila — tornou ele, procurando-a inutilmente com as mãos. — Preciso que vás... buscar a minha mochila. Há uma coisa... Quero que tu...

— Sim, não te preocupes com a mochila, Kitt. Primeiro, preciso de te tirar daqui — disse Iris, enquanto se agachava. — Se te ajudar, consegues levantar-te e apoiar o corpo no pé esquerdo?

Ele acenou com a cabeça.

Iris esforçou-se para o levantar e equilibrar. Mas ele era muito mais alto e pesado do que ela esperava. Deram alguns passos vacilantes antes de Roman voltar a afundar-se lentamente no chão.

— Iris — disse ele —, preciso de te dizer uma coisa.

Ela ficou rígida, percorrida pelo pavor.

— Podes dizer-me mais tarde — insistiu. Mas começava a pôr a hipótese de ele talvez ter perdido muito mais sangue do que inicialmente pensara. Estava tão pálido; a agonia que viu nos olhos dele roubou-lhe o ar. — Podes dizer-me quando estivermos na pensão, está bem?

— Eu acho que não... — começou ele, num sussurro gemido. — Devias pegar na minha mochila e sair daqui. Deixa-me aqui.

— Deixo-te aqui, o tanas! — gritou ela. Tudo dentro de si começava a ruir sob o peso do medo. Não sabia como conseguiria colocar Roman em segurança, mas naquela fração de segundo de desespero, teve perfeita noção do que queria.

Ela e Roman sobreviveriam àquela guerra. Teriam a oportunidade de envelhecer juntos, ano após ano. Seriam amigos até que ambos, finalmente, reconhecessem a verdade. E teriam tudo o que os outros casais tinham — as discussões e as mãos dadas no mercado e a exploração gradual dos seus corpos e as celebrações dos aniversários e as viagens a novas cidades e o viver como um só e partilhar a cama e a sensação paulatina de se fundirem um no outro. Os seus nomes ficariam entrelaçados — *Roman e Iris* ou *Winnow e Kitt*, seria possível haver um sem o outro? — e escreveriam nas suas máquinas de escrever e haveriam de rever os textos um do outro sem complacência e, à noite, leriam livros à luz das velas.

Ela desejava-o. Deixá-lo para trás numa trincheira não era sequer uma possibilidade.

— Vamos tentar outra vez — disse ela, com brandura na voz, na esperança de o incentivar a tentar. — Kitt? — Roman não respondeu; tinha a cabeça encostada à parede da trincheira. Iris tocou-lhe no rosto. As pontas dos seus dedos deixaram-lhe um rasto de sangue no maxilar. — Olha para mim, Roman. — Ele obedeceu, com os olhos arregalados e vidrados. — Se morreres nesta trincheira, eu morro contigo. Estás a perceber? Se escolheres ficar aqui sentado, não terei outra alternativa senão arrastar-te até Dacre chegar. Vamos, anda.

Roman fez um esforço para se pôr de pé com a ajuda dela. Encostou-se à parede e conseguiram dar alguns passos a custo antes de ele voltar a parar.

— Trouxeste a minha mochila... a minha *mochila*, Iris?

Porque estava tão preocupado com a porcaria da mochila? Exasperada, foi procurá-la, com o corpo a arder do esforço de suportar o peso dele. *Não vou conseguir carregá-lo sozinha*, pensou, no preciso momento em que os seus olhos viram um soldado que ia a passar por eles, com a espingarda a tiracolo.

— Ouça! — gritou Iris, intercetando-o. — Sim, você, soldado. Ajude-me a levar este correspondente para o Posto 14. Por favor, preciso da sua ajuda.

Sem hesitar, o soldado passou o braço de Roman por cima dos seus ombros.

— Temos de nos apressar. Eles tomaram as trincheiras da frente.

As palavras atingiram Iris, lançando um raio de medo no seu estômago, mas ela acenou com a cabeça e passou por baixo do outro braço de Roman, de modo a que ele ficasse entre ela e o soldado. Avançaram mais depressa do que Iris previra, serpenteando por entre as trincheiras. Havia mais feridos espalhados pelo chão. Não teve alternativa senão contorná-los, com os olhos a arder, o nariz a pingar e os ouvidos num zumbido constante, mas respirava e estava viva e ia conseguir levar Roman rapidamente a um médico e...

O soldado dobrou uma esquina e parou abruptamente.

Estavam quase a chegar ao fim da trincheira. Estavam quase a chegar ao bosque, ao Posto 14 e à estrada que os levaria até à vila, mas Iris não teve outra alternativa senão imitar o soldado, com Roman a gemer entre eles por causa do solavanco. Reconheceu o capitão que os tinha trazido para a frente, a avançar por entre a confusão. Tinha sangue espalhado pelo rosto e os seus dentes brilhavam quando

contorcia a cara num esgar. Havia soldados feridos alinhados nas trincheiras à sua volta; era impossível que Iris conseguisse passar por eles, e entrou em pânico quando o soldado começou a pousar Roman no chão.

— Espere, *espere!* — gritou ela, mas o capitão viu-a. Deu mais algumas ordens antes de se aproximar, e Iris ficou a ver os feridos a serem levados em macas, para cima e para fora das trincheiras.

— Miss Winnow — disse o capitão, olhando para Roman. — Ele ainda respira?

— Sim, é só um ferimento ligeiro. Estilhaços, na perna direita. Capitão, podemos...

— Vou colocá-lo numa maca e pô-lo no camião para ser transportado. Está ferida?

— Não, capitão.

— Então, preciso de si. Tenho falta de pessoal e precisamos de trazer o maior número possível de feridos para aqui antes que Dacre os leve. Vá com o soldado Stanley e use esta maca para trazer todos os que conseguir. Só têm até as armas pararem de disparar. Vão!

Iris ficou atónita, mas o capitão virou-se e recomeçou a dar ordens. Ela era uma correspondente, não uma combatente, porém, o soldado Stanley estava agora a olhar para ela, com as mãos a segurar uma das extremidades de uma maca ensanguentada e suja de vômito.

De repente, sentiu o tempo pesar-lhe na pele.

Importaria assim tanto quem ela era? Iris ajoelhou-se diante de Roman.

— Kitt? Consegues olhar para mim?

Os olhos dele abriram-se.

— Iris.

— Precisam de mim noutra sítio, mas hei de encontrar-te, Kitt. Quando tudo isto acabar, vou ter contigo, está bem?

— Não te vás embora — sussurrou, e a sua mão agitou-se, tentando agarrá-la. — Nós... temos de ficar juntos. Estamos melhor assim.

Iris sentiu um aperto na garganta quando viu o pânico nos seus olhos. Entrelaçou os dedos de ambos com firmeza.

— Tens de ser forte por mim. Quando estiveres melhor, preciso que escrevas um artigo sobre tudo isto. Preciso que me roubes a primeira página, como costumás fazer, está bem? — Sorriu, mas os

seus olhos estavam a arder. Era do fumo, que se aproximava da barragem. — Hei de encontrar-te — sussurrou, enquanto lhe beijava os nós dos dedos. Ele sabia a sal e a sangue.

A dor que sentia no peito aumentou quando teve de lhe largar a mão para pegar na outra ponta da maca; quando não teve escolha senão virar costas e acompanhar a marcha do soldado Stanley.

Pegaram numa soldada ferida e levaram-na para o local onde Iris tinha deixado Roman. Enquanto ajudava Stanley a retirar cuidadosamente a soldada da maca, Iris olhou para os outros e viu que Roman ainda estava na fila, à espera, mas mais perto de ser transportado para o camião.

Voltaram a partir apressados, como as ratazanas nas trincheiras. Transportaram outro soldado com uma perna mutilada de volta ao Posto 14. Desta vez, Roman tinha desaparecido, e Iris sentiu-se simultaneamente aliviada e ansiosa. Já devia estar a caminho de uma enfermaria. Mas isso significava que ela não estava lá para praguejar, para insistir que ele mantivesse os olhos abertos, para lhe segurar a mão e garantir que ele estava bem.

Engoliu em seco, com a boca cheia de cinzas. Pestanejou para afastar as lágrimas.

Era apenas fumo nos seus olhos. Fumo que a queimava por dentro.

— Acho que podemos ir buscar mais um — disse Stanley. — Enquanto houver tiroteio, temos tempo. Acha que é capaz?

Iris acenou com a cabeça, ouvindo o estampido das armas ao longe. Mas os seus ombros estavam doridos, a sua respiração irregular. O coração ardia-lhe no peito enquanto corria atrás de Stanley, com a maca a bater contra as suas coxas maceradas.

Desta vez, embrenharam-se mais nas trincheiras. As pernas de Iris começaram a tremer quando deu conta do abrandamento do tiroteio. E se isso significasse que os soldados de Dacre tinham matado toda a gente na frente? Que já estariam muito próximos? Será que a matariam se a encontrassem, perdida no meio das trincheiras? Faziam prisioneiros?

Antes que Dacre os leve. As palavras do capitão ecoaram dentro de si, e Iris estremeceu.

Distraída, tropeçou em algo.

Caiu de joelhos e sentiu estilhaços metálicos a cravarem-se na sua pele.

Stanley parou e olhou para ela por cima do ombro.

— Levante-se — disse, num tom que denotava medo, ciente de que o tiroteio estava a abrandar.

Mas Iris já não o ouvia, nem ao silêncio que começava a reinar novamente à sua volta. Porque ali, no chão, estava uma mochila de couro muito parecida com a que ela trazia. Manchada de sangue e pisoteada por inúmeras botas.

A mochila de Roman.

Iris colocou-a ao ombro, ao lado da sua própria mochila, e teve noção do peso nas costas quando voltou a levantar-se.

*

— O que está aqui a fazer, correspondente? — gritou a capitã Speer. — Meta-se no camião! Devia ter sido levada daqui há uma hora! — Iris sobressaltou-se. Estava no Posto 14, sem saber o que fazer. Só sabia que tinha sangue seco nas mãos e no macacão, que o corte no peito estava a arder e que a sua pulsação estava frenética. E não sabia de Roman. — Siga! — gritou a capitã quando Iris ficou parada, sem saber o que fazer.

Acenou com a cabeça e cambaleou através da luz difusa até às traseiras do camião. Havia soldados a serem carregados e ela esperou, sem querer forçar a passagem. Por fim, um dos soldados viu-a e puxou-a para a caixa cheia de gente sem dizer uma palavra.

Sem querer, caiu em cima de alguém que gemeu de dor.

Iris deslocou o peso do corpo, desequilibrada pelas duas mochilas que trazia às costas.

— Oh, peço imensa desculpa!

— Miss Winnow?

Estudou o soldado ensanguentado que estava debaixo de si.

— Tenente Lark? Pelos deuses, está bem?

Que pergunta mais ridícula. Claro que não estava bem — nenhum deles estava *bem* — mas ela não sabia o que fazer, o que dizer. Sentou-se devagar entre ele e outro soldado. O camião abanou com um solavanco e avançou, empurrando toda a gente para trás.

Lark contorceu-se de dores. Na luz ténue, Iris conseguiu ver a sujidade e o sangue que ele tinha na cara, o choque a ensombrar-lhe os olhos.

— Tenente Lark? — Iris olhou para a mão dele. Tinha os dedos abertos sobre o estômago, cobertos de sangue. Como se tentasse impedir que o seu corpo se descosesse.

— Miss Winnow, disse-lhe para se ir embora. Porque continua aqui? Porque está neste último caminhão comigo?

No último caminhão? Iris engoliu o refluxo gástrico que lhe subiu à garganta. Havia tantos soldados feridos ainda no Posto 14. Ela não devia ter-se sentado. Não devia estar ali.

— Eu queria ajudar — disse. A sua voz soava áspera e estranha, como se pertencesse a outra pessoa. — O que posso fazer para o deixar mais confortável, tenente?

— Deixe-se estar aqui sentada, Miss Winnow. Todos os outros... desapareceram. Todos.

Ela demorou alguns segundos a perceber o que ele queria dizer. Que «todos» era o seu pelotão. Os Plátanos. Fechou os olhos por um instante para se recentrar. Para acalmar o pânico e as lágrimas. Estava sentada na caixa coberta de um caminhão, rodeada de soldados feridos. Dirigiam-se para leste, rumo a Avalon Bluff, que ficava a quilómetros de distância. Estavam em segurança; chegariam à enfermaria a tempo.

O corte no peito começou a arder.

Iris pressionou o peito com a palma da mão. Foi quando percebeu que faltava alguma coisa. O medalhão de ouro da mãe.

Praguejou em surdina, enquanto procurava à sua volta. Mas sabia que tinha perdido o medalhão há muito tempo. A corrente devia ter-se partido quando a explosão da granada a atirara para o chão. O que restava da sua mãe provavelmente ainda estaria lá, no lugar onde Iris havia sido separada de Roman. Conseguia vê-lo na sua mente — o medalhão agora pisoteado na lama da trincheira. Um brilho ténue, um veio de ouro entre estilhaços e sangue. Iris suspirou e baixou a mão.

— Sente-se bem, Miss Winnow? — perguntou Lark, trazendo-a de volta ao presente.

— Sim, tenente. Estava só a pensar numa coisa.

— No paradeiro de Mr. Kitt?

— Ele foi ferido. Já está a ser transportado.

— Ainda bem — disse Lark, acenando com a cabeça. Fechou os olhos. Iris viu o sangue a acumular-se nos seus dedos. Conseguia senti-lo a infiltrar-se lentamente nas calças do macacão. — Ainda bem. Fico contente... Ainda bem que ele está a salvo.

— Quer ouvir uma história, tenente Lark? — perguntou Iris em voz baixa, sem saber de onde vinha a pergunta. — Quer saber como Enva passou a perna a Dacre com a sua harpa, no mundo inferior?

— Sim. Gostaria muito, Miss Winnow.

Iris sentia a boca seca, a garganta gretada e a cabeça a latejar, mas começou a narrar o mito. Tinha-o lido tantas vezes nas cartas de Carver que já tinha decorado as palavras.

Quando os soldados à sua volta se calaram e ficaram a ouvi-la, ponderou se não deveria ter escolhido outro mito. Ali estava ela, a falar de Dacre, o causador das suas feridas, dores, perdas e mágoas. Mas depois percebeu que havia poder nesta história; provava que Dacre podia ser domado e vencido, que Dacre não era tão forte e astuto como gostava de fazer parecer.

— Devo-lhe uma história em troca — disse Lark, quando Iris terminou. — Uma vez perguntou-me sobre o nome do meu pelotão, o Pelotão Plátano.

— Sim — sussurrou Iris.

— Vou contar-lhe. Todos nós crescemos na mesma vila — começou Lark. A sua voz era baixa e rouca e Iris teve de se inclinar mais para ouvir. — É uma localidade a norte daqui, difícil de encontrar no mapa. Somos agricultores; trabalhamos à chuva e ao sol, sabemos tudo sobre a terra e regemos as nossas vidas mais pelas estações do que pelos anos. Quando a guerra rebentou... decidimos que devíamos juntar-nos à luta. Éramos um grupo que podia formar o seu próprio pelotão. E pensámos que, se nos alistássemos, o conflito acabaria mais depressa. — Resfolegou. — Estávamos tão enganados.

Lark calou-se, com os olhos fechados. O camião passou por cima de um buraco, e Iris viu o rosto do soldado a contorcer-se de dores.

— Antes de deixarmos a nossa vila — prosseguiu, ainda mais fraco —, decidimos gravar as nossas iniciais no grande plátano sobranceiro a um dos campos. A árvore erguia-se numa colina, como uma sentinela. Já tinha sido atingida por um raio duas vezes, mas sempre se aguentara de pé. E nós acreditávamos que havia magia naquela árvore, que as suas raízes forneciam nutrientes ao solo que lavrávamos, semeávamos e colhíamos, que os seus ramos vigiavam o nosso vale. Gravámos as nossas iniciais na casca. Era a nossa prece, para que a magia daquela terra velasse por nós, mesmo que estivéssemos a quilómetros de distância. Uma prece a juntar à promessa de que todos nós voltaríamos um dia.

— Isso é lindo, tenente — disse Iris, tocando-lhe no braço.

Ele sorriu, levantando os olhos. O sangue borbulhava-lhe entre os dentes.

— Eu nem queria ser tenente — confessou. — Não *queria* ser líder.

Mas foi a sorte que me calhou, e carreguei esse peso; o receio de que alguns de nós poderiam não regressar a casa; de que teria de ir falar com os pais, os irmãos, os cônjuges. Pessoas que conhecia desde sempre. Pessoas que eram como família. E dizer-lhes... que lamento. Lamento a sua perda. Lamento não ter conseguido evitar. Lamento não ter feito mais para os proteger.

Iris ficou em silêncio. Teve a sensação de que ele estava prestes a perder a consciência. Talvez a dor provocada pelos ferimentos fosse demasiado forte. Perguntou-se se deveria mantê-lo a falar, mantê-lo acordado.

Pegou na mão dele, e Lark disse:

— Agora, terei de o dizer vezes sem conta. Se viver, serei atormentado pelos remorsos e pela culpa, porque sou o último. O Pelotão Plátano já não existe, Miss Winnow. Acordámos esta manhã para um mundo, e agora o sol está a pôr-se noutro.

Quando voltou a fechar os olhos, Iris deixou-se ficar imóvel. Apenas lhe pegou na mão, e assim ficou, a ver a luz a desvanecer-se. O entardecer estava a dar lugar à noite. Noutra altura, teria ficado aterrorizada com os mastins de Dacre e com a possibilidade de serem atacados. Mas agora não havia nada a temer. Havia apenas dor, crua e aguda.

Uma hora depois, ainda segurava a mão sem vida do tenente Lark. Havia fumo no seu cabelo, fumo nos seus pulmões, fumo nos seus olhos; um fumo que a queimava por dentro.

Iris tapou a cara e chorou.

A NEVE NA MOCHILA DE KITT

Chegaram a Avalon Bluff a meio da noite. Estava frio e escuro, e as estrelas brilhavam no céu quando Iris desceu do camião com as pernas trémulas.

De repente, viu-se rodeada de enfermeiras, médicos e habitantes da vila. Foi arrastada para a luz da enfermaria, tão exausta que mal conseguia falar. *Estou bem, não desperdicem os vossos esforços comigo.* Antes que pudesse protestar, uma enfermeira levou-a para dentro e começou a limpar os seus arranhões e cortes com desinfetante.

— Está ferida em mais algum sítio? — perguntou a enfermeira.

Iris pestanejou. Por momentos, sentiu que estava a ver tudo a dobrar. Não se lembrava da última vez que tinha bebido ou comido alguma coisa, nem da última vez que tinha dormido.

— Não — respondeu, com a língua colada aos dentes.

A enfermeira pegou num copo com água e dissolveu qualquer coisa lá dentro.

— Tome, beba isto. A Marisol está ao fundo do corredor. Sei que vai querer vê-la.

— *Iris!* — A voz de Attie sobrepôs-se a toda aquela azáfama.

Iris deu um salto e olhou freneticamente em redor, avistando Attie a abrir caminho pela multidão. Pousou o copo com água e lançou-se nos braços da amiga. Respirou fundo e disse a si própria para ficar calma, mas logo a seguir já estava a soluçar no pescoço de Attie.

— Estás bem, estás bem — sussurrou Attie, abraçando-a com força. — Deixa-me olhar bem para ti. — Afastou-se um pouco, e Iris enxugou as lágrimas.

— Desculpa — disse, entre fungadelas.

— Não peças desculpa — contrapôs Attie, resoluta. — Tenho estado em cuidados desde que o primeiro camião chegou aqui há várias horas. Olhei literalmente para a cara de todos os que chegavam, na esperança de te encontrar.

O coração de Iris parou. Sentiu a cor a esvair-se-lhe do rosto.

— O Kitt. Ele está cá? Viste-o? Ele está bem?

Attie sorriu.

— Sim, ele está cá. Não te preocupes. Acho que acabou de sair de uma cirurgia no piso superior. Eu levo-te até ele, mas primeiro vai buscar a tua água.

Iris pegou no copo. Apercebeu-se que tremia violentamente quando tentou beber um gole e entornou metade da água no peito. Attie reparou, mas não disse nada e encaminhou-a para o elevador. Subiram até ao segundo andar. Estava tudo mais calmo no andar de cima; os corredores cheiravam a iodo e a sabão. A garganta de Iris estreitou-se quando Attie a conduziu pelo corredor, dobrou uma esquina e entrou num quarto pouco iluminado.

Havia várias camas, todas separadas por divisórias de tecido proporcionando pouca ou nenhuma privacidade. Os olhos de Iris caíram imediatamente sobre ele.

Roman estava no primeiro compartimento, deitado num catre estreito. Estava a dormir, com a boca entreaberta e o peito a subir e a descer lentamente, como se estivesse a meio de um sonho profundo. Parecia tão magro naquela bata de hospital; tão pálido à luz da lâmpada. Parecia capaz de ceder à mais pequena coisa.

Ela deu um passo em frente, sem saber se podia estar ali. Uma enfermeira fez-lhe sinal com a cabeça e Iris avançou até à cabeceira de Roman. A perna ferida estava enfaixada e apoiada numa almofada, e estava a receber fluidos intravenosos numa veia da mão direita.

Iris parou e olhou para ele. Tinha sofrido vários ferimentos por ela. Tinha-se colocado na linha de perigo para a manter a salvo, e Iris ponderou se estaria ali, naquele momento, apenas com pequenos arranhões, se não fosse por ele, se não teria antes sido retalhada por estilhaços, jazendo agora morta nas sombras de uma trincheira. Se ele não tivesse ido com ela... se ele não tivesse sido tão teimoso, tão *insistente* em segui-la...

Não conseguia respirar, e atreveu-se a acariciar os cortes que ele tinha nos nós dos dedos.

Porque vieste para cá, Kitt?

Fixou o olhar no rosto dele, quase à espera de ver os seus olhos abertos e a boca revirada para cima num sorriso arrogante. Como se sentisse a mesma faísca perigosa que Iris sentia sempre que a pele dos dois se tocava. Mas Roman continuava a dormir, perdido no momento.

Ela engoliu em seco.

Porque quiseste para ti as feridas que deveriam ser minhas?

As pontas dos seus dedos percorreram o braço dele, passando pelo colarinho e pelo maxilar anguloso até chegarem ao cabelo espesso. Afastou-lhe uma madeixa da testa, desafiando-o a acordar com a sua carícia.

Ele não acordou, claro.

Ficou tão aliviada quanto desiludida. Ainda estava preocupada com a sua sorte, e sentia que o gelo que tinha no estômago só derreteria completamente quando falasse com ele; quando ouvisse novamente a sua voz e sentisse o seu olhar fixo no dela.

— Retirámos 12estilhaços da perna — informou a enfermeira, em voz baixa. — É uma sorte ter sido apenas na perna e de nenhuma artéria ter sido atingida.

A mão de Iris afastou-se do cabelo escuro de Roman. Olhou por cima do ombro para encarar a enfermeira que estava aos pés da cama.

— Sim. Eu estava com ele quando tudo aconteceu — sussurrou, começando a afastar-se. Pelo canto do olho via Attie à sua espera junto à porta.

— Então, deve ser graças a si que ele está aqui — disse a enfermeira, aproximando-se para lhe medir a pulsação. — Tenho a certeza de que vai querer vê-la e agradecer-lhe pessoalmente amanhã.

— Não — corrigiu Iris. — Eu é que estou aqui por causa dele.

E foi tudo o que o nó na garganta lhe permitiu dizer antes de sair da sala a arfar, como se lhe faltasse o ar. Quando achou que ia desmaiar ali mesmo, no corredor, viu alguém a caminhar na sua direção com determinação. Longos fios de cabelo preto escapavam de uma trança meio desfeita. Tinha salpicos de sangue na saia e fogo nos olhos castanhos.

Marisol.

— Até que *enfim!* — gritou Marisol, e Iris receou estar em apuros, até perceber que Marisol estava a *chorar*. As lágrimas refulgiam-lhe nas faces. — Pelos deuses, tenho rezado todos os dias por ti!

Tão depressa Iris estava parada e trémula no corredor, como logo a seguir já estava nos braços de Marisol, que chorava no seu cabelo emaranhado. Iris suspirou — estava em segurança, *estava em segurança*, podia baixar a guarda e *respirar* — e agarrou-se a Marisol, tentando esconder as lágrimas.

Julgava que já não conseguia chorar mais, mas quando Marisol se inclinou para trás e lhe afagou o rosto, Iris deixou que as lágrimas

jorrassem.

— Quando foi a última vez que comeste, Iris? — perguntou Marisol, limpando-lhe as lágrimas com ternura. — Vamos, vou levar-te para casa e dar-te de comer. E depois podes tomar um duche e descansar.

Pegou na mão de Attie e abraçou as duas raparigas.

Marisol levou-as a casa.

*

Iris precisava de um duche.

Enquanto Marisol e Attie preparavam chocolate quente e uma refeição na cozinha, Iris subiu as escadas para a casa de banho. A adrenalina que a tinha alimentado desde aquela tarde — um dia que parecia longínquo no passado, um dia em que o céu estava azul e as nuvens de tempestade começavam a formar-se e as trincheiras estavam prenhes com um silêncio pesado e o Pelotão Plátano estava vivo — tinha desaparecido por completo. De repente, sentiu-se à beira da exaustão.

Levou uma vela para o quarto. Largou as mochilas no chão, onde ficaram como dois montes no tapete. Despiu-se, estremecendo à medida que a roupa manchada de sangue se descolava da pele.

Um duche rápido, tinha-lhe dito Marisol. Porque estávamos a meio da noite, e tinham de estar sempre preparadas para a chegada dos mastins.

Iris lavou-se à luz da vela. O chuveiro estava escuro e quente, com o vapor a trepar pelos azulejos, e ela demorou-se no duche, com os olhos fechados e a pele a arder de tanto se esfregar. Esfregava-se como se pudesse lavar tudo.

Ainda tinha um leve zumbido nos ouvidos. Será que alguma vez desapareceria?

Atirou com qualquer coisa que estava no suporte do sabão ao chão. O estrondo assustou-a, o coração em sobressalto. Quase se encolheu, mas lentamente convenceu-se de que estava tudo bem. Estava no duche, fora apenas a lata de champô de alfazema da Marisol.

Quando Iris teve a certeza de que tinha lavado toda a sujidade, suor e sangue, fechou a torneira e secou-se. Nem sequer queria olhar para o seu corpo, para as marcas na sua pele. Hematomas e cortes que lhe recordavam o que tinha vivido.

Pensou em Roman enquanto vestia a camisa de noite. Ele permaneceu na sua mente enquanto desfazia os nós do cabelo húmido.

Quando é que ele acordaria? Quando deveria ela voltar para junto dele?

— Iris? — chamou Marisol. — Pequeno-almoço!

Pequeno-almoço, a meio da noite. Iris pousou o pente e levou a vela consigo quando desceu as escadas até à cozinha. O estômago contraiu-se mal lhe chegou o cheiro da comida. Estava esganada, mas não sabia se conseguiria comer.

— Começa pelo chocolate quente — aconselhou Attie, entregando-lhe uma chávena fumegante que aceitou de bom grado enquanto se sentava na sua cadeira habitual. Marisol continuou a pôr a mesa. Tinha feito uma espécie de picadinho com queijo e mais uma série de ingredientes reconfortantes. Aos poucos, Iris conseguiu dar algumas dentadas e o calor começou a permeá-la; respirou fundo, sentindo que estava finalmente a voltar a si.

Attie e Marisol sentaram-se e comeram com ela, mas em silêncio. E Iris estava-lhes grata por isso. Ainda não conseguia falar sobre o assunto, mas o facto de as ter ao seu lado era consolo suficiente.

— Posso ajudar a arrumar, Marisol? — perguntou Attie, levantando-se para recolher os pratos quando terminaram.

— Não, eu trato disso. Preferia que ajudasses a Iris a deitar-se — sugeriu Marisol.

Iris sentia os olhos pesados e parecia que tinha pés de chumbo. Quando se pôs de pé, Attie deu-lhe o braço. Mal se lembrava de ter subido as escadas, ou de Attie ter aberto a porta e de a ter levado para dentro.

— Queres que fique contigo esta noite, Iris?

Iris deixou-se cair sobre o estrado da sua cama. Os cobertores estavam frios.

— Não, estou tão cansada que não me parece que tenha problemas em adormecer. Mas acorda-me se tocar uma sirene.

Quase não se lembrava de ter adormecido.

*

Iris acordou com um sobressalto.

Ao princípio, não sabia onde estava. A luz do sol entrava pela janela, e a casa estava silenciosa. Sentou-se na cama, com o corpo rígido e dorido. Estava na pensão de Marisol, e parecia já ter amanhecido.

Os acontecimentos dos últimos dias voltaram-lhe à memória num

ápice.

Roman. Tinha de ir para a enfermaria. Queria vê-lo, tocar-lhe. De certeza que ele já estava acordado.

Iris levantou-se com um gemido. Tinha adormecido com o cabelo molhado, e agora estava todo embaraçado. Procurava o pente quando viu a sua mochila e a de Roman lado a lado no chão. Estavam ambas sujas e cheias de terra. Em seguida, o seu olhar dirigiu-se para o macacão, descartado junto à secretária onde a máquina de escrever brilhava à luz.

Carver.

O nome dele surgiu-lhe num sussurro que percorreu o seu corpo. Olhou ansiosamente para o roupeiro, à espera de encontrar várias cartas no chão.

Não havia nada. O chão estava vazio. Ele não lhe escrevera durante a sua ausência, e o seu coração afundou-se.

Cerrou os olhos, com os pensamentos a mil. Lembrou-se da última carta que ele lhe escrevera. A que tinha enfiado no bolso e tentado ler antes de Roman a interromper *duas vezes*.

Agarrou no macacão e revistou os bolsos. Quase contava que o papel tivesse desaparecido, tal como o medalhão da mãe, como se a batalha também a tivesse privado dele. Mas a carta ainda lá estava. Algumas manchas de sangue tinham secado num dos cantos. As mãos de Iris tremiam enquanto alisava a folha de papel.

Onde é que tinha ficado? Ele estava a fazer-lhe perguntas. Queria saber mais sobre ela, como se sentisse a mesma avidez que ela. Porque ela também o queria conhecer.

Encontrou o sítio. Estava quase a chegar ao fim quando Roman lhe atirou o papel.

Iris mordeu o lábio. Os seus olhos varreram as palavras.

Quero saber tudo sobre ti, Iris.

Quero conhecer as tuas esperanças e os teus sonhos. Quero saber o que te irrita, o que te faz sorrir, o que te faz rir e o que mais desejas neste mundo.

Mas talvez ainda mais do que isso... quero que saibas quem sou.

Se me pudesses ver neste momento, enquanto escrevo à máquina, sorriras. Não, provavelmente, desatarias à gargalhada. Ao veres como as minhas mãos estão a tremer, porque quero fazer isto bem. Há semanas que quero fazer isto bem, mas a verdade é que não sei como e tenho receio do que possas pensar.

É estranho, a rapidez com que a vida pode mudar, não é? Como uma

pequena coisa como escrever uma carta pode abrir uma porta que nunca vimos. Uma ligação transcendente. Um portal divino. Mas se há uma coisa que posso devo dizer neste momento — quando o meu coração bate descompassado no meu peito e implora que o aquietes — é isto: as tuas cartas têm sido uma luz que me orienta. As tuas palavras? Um banquete sublime que me alimentou nos dias em que estava faminto.

Amo-te, Iris.

E quero que me vejas. Quero que me conheças. Através do fumo e do fogo e dos quilómetros que outrora nos separaram.

Consegues ver-me?

— C.

Baixou a carta, mas continuou a olhar para as palavras escritas por Carver.

Diz-me um sinónimo de sublime. Pedira Roman certa vez da janela do segundo andar. Como se fosse um príncipe, preso num castelo.

Divino, atirara ela da horta, onde estava a regar as sementeiras. *Transcendente*, tinha dito Attie, presumindo que ele estava a escrever sobre os deuses.

O coração de Iris bateu mais forte. Voltou a ler a carta de Carver — *Amo-te, Iris* — até que as palavras começaram a fundir-se umas nas outras e os seus olhos começaram a pestanejar contra uma súbita torrente de lágrimas.

— Não — sussurrou. — Não, não pode ser. Isto é uma mera coincidência.

Mas ela não acreditava em coincidências. O seu olhar fixou-se na mochila de Roman, no meio do quarto. Tinha insistido tanto para que ela não se esquecesse da mochila depois da explosão. Ainda conseguia ouvir nitidamente a voz dele.

Iris, a minha mochila. Preciso que vás... buscar a minha mochila. Há uma coisa... Quero que tu...

O mundo parou.

O zumbido nos seus ouvidos voltou, como se ela tivesse acabado de se agachar durante uma hora de fogo de artilharia.

A carta de Carver escorregou-lhe dos dedos à medida que ela se aproximava da mochila de Roman. Baixou-se e pegou nela, com a sujidade seca a cair em torrões do couro. Demorou algum tempo a abrir o fecho. Os seus dedos estavam gelados, inertes. Lá conseguiu abri-la por fim, e virou-a ao contrário.

Todos os pertences de Roman começaram a cair.

Um cobertor de lã, algumas latas de legumes e frutas em conserva. O seu bloco de notas, preenchido pela sua caligrafia. Canetas. Um par de meias. E depois os papéis. Tantas folhas soltas a tombar suavemente, como neve, no chão. Folha após folha, amassadas, dobradas e marcadas por caracteres.

Iris olhou fixamente para os papéis aos seus pés.

Reconheceu-os de imediato. Reconheceu-os quando largou a mochila de Roman, quando se ajoelhou para apanhar as folhas.

Eram as suas cartas.

As suas palavras.

Primeiro escritas para Forest, e depois para alguém que ela conhecera como Carver.

Sentiu um turbilhão de emoções quando começou a relê-las. As suas palavras afetaram-na como se nunca as tivesse escrito, sentada no chão do seu antigo quarto, só, preocupada e zangada.

Oxalá fosses um cobarde por mim, pela mãe. Oxalá pousasses a arma e renegasses a lealdade à deusa que te tem cativo. Oxalá pudesses voltar para nós.

Pensava que Carver tinha deitado fora as suas primeiras cartas. Pedira-lhe que as devolvesse e ele dissera que não era possível.

Agora, sabia que ele estava a mentir. Porque elas estavam ali. Estavam *todas* ali, enrugadas como se tivessem sido lidas inúmeras vezes.

Iris parou de ler. Sentia os olhos a arder.

Roman Kitt era Carver.

Sempre fora Carver, e essa constatação atingiu-a com tanta força que teve de se sentar no chão. Sentiu-se invadida por uma surpreendente onda de alívio. Era *ele*. Tinha estado a trocar correspondência com ele, a apaixonar-se por ele, desde sempre.

Mas depois as dúvidas começaram a surgir, mordiscando aquele consolo.

Teria ele estado a brincar com ela? Seria aquilo um jogo para ele? Porque não lhe tinha contado mais cedo?

Tapou a cara e as palmas das mãos absorveram o calor das suas faces.

Pelos deuses, sussurrou por entre os dedos, e quando voltou a abrir os olhos, a sua visão tinha-se tornado mais nítida. Olhou para as suas cartas, espalhadas no chão à sua volta. E começou a recolhê-las, uma a

uma.

C.

Iris entrou na enfermaria dez minutos depois, com um macacão novo e um cinto bem apertado. O cabelo continuava emaranhado e desalinhado à volta dos ombros, mas ela tinha coisas mais importantes em que pensar. Trazia na mão todas as suas cartas dobradas quando apanhou o elevador para o piso superior.

Um sinal sonoro anunciou a abertura das portas.

Entrou no corredor e passou por algumas enfermeiras e um dos médicos, nenhum dos quais lhe prestou atenção, o que lhe agradou. Não tinha a certeza do que estava prestes a acontecer, mas sentia o sangue a latejar.

Tinha a cara corada quando se aproximou do quarto de Roman.

Ele estava no mesmo compartimento e na mesma cama. A sua mão ainda estava ligada a um tubo intravenoso e a perna direita tinha acabado de ser enfaixada, mas estava sentado, com a atenção concentrada na tigela de sopa que estava a comer.

Iris ficou na soleira da porta a observá-lo, com o coração mais leve ao vê-lo acordado. Não o achou tão pálido como no dia anterior e ficou aliviada por ele parecer muito melhor. Roman engoliu uma colher de sopa e fechou os olhos, como se estivesse a saborear a comida.

Iris sentiu a transpiração começar a acumular-se nas palmas das mãos, encharcando as cartas. Escondeu-as atrás das costas e caminhou até ele, parando aos pés da cama.

Roman olhou para cima e sobressaltou-se ao vê-la. Deixou cair a colher ruidosamente e apressou-se a pousar a tigela na mesa de cabeceira.

— *Iris.*

Ela ouviu a alegria na voz dele. Os seus olhos absorveram-na e, quando tentou mexer-se — será que estava mesmo a tentar levantar-se e ir ter com ela com uma perna enfaixada? — ela pigarreou.

— Deixa-te estar onde estás, Kitt.

Ele estancou, com uma ruga de preocupação na testa.

Iris tinha ensaiado o que lhe queria dizer, como começar aquela estranha conversa. Tinha martelado as palavras na sua mente durante toda a caminhada até ali. Mas agora que estava a olhar para ele... as palavras tinham desaparecido. Mostrou-lhe as cartas que tinha na mão. E disse:

— *Tu*.

Roman ficou em silêncio por um instante. Respirou fundo e sussurrou:

— *Eu*.

Iris sorriu, um escudo para a desolação que sentia. Apetecia-lhe rir e chorar, mas reprimiu ambas as reações. A cabeça começou a doer.

— Estiveste este tempo todo a receber as minhas cartas?

— Sim — respondeu Roman.

— *Eu*... Não acredito nisto, Kitt!

— Porquê? Porque é tão difícil de acreditar, Iris?

— Foste sempre *tu*. — Iris pestanejou para sacudir as lágrimas e atirou uma das cartas para a cama de Roman. Ouviu com satisfação o papel a amarrotar, uma distração da vergonha que sentia. Deixou cair outra folha, e depois outra. As cartas caíram no colo dele.

— Para, Iris — disse-lhe, apanhando-as à medida que iam caindo; à medida que ela as amarrotava de forma displicente. — Compreendo que estejas zangada comigo, mas deixa-me explicar...

— Há quanto tempo sabes? — perguntou, irritada. — Quando soubeste que era eu?

Roman fez um compasso de espera, com o maxilar cerrado. Continuou a recolher cuidadosamente as cartas dela.

— Sempre soube.

— Sempre soubeste?

— Desde a primeira carta que enviaste — precisou. — Não mencionaste o teu nome, mas falaste do teu emprego no *Gazette*, no cargo de colunista.

Iris paralisou, horrorizada ao ouvir aquilo. Ele soubera desde sempre? *Ele soubera desde sempre!*

— Sinceramente, ao princípio pensei que era uma partida — prosseguiu. — Que estavas a fazer aquilo para me chatear. Até que li as outras cartas...

— Porque não me *disseste* nada, Kitt?

— Eu queria. Mas receava que deixasses de escrever.

— Então, achaste melhor fazer-me de parva?

Os olhos dele refulgiram com a ofensa.

— Nunca te fiz de parva, Iris. Nem nunca pensei isso de ti.

— Então, estavas simplesmente a fazer-me a vontade? — perguntou ela. Detestava ouvir a sua própria voz trémula. — Foi tudo uma partida que quiseste pregar à pobre rapariga da classe baixa do trabalho?

Tocou num ponto sensível. O rosto de Roman contorceu-se num esgar, como se ela tivesse acabado de desferir um golpe violento.

— *Não*. Eu nunca te faria uma coisa dessas, e se achas que sim, então não sabes...

— *Mentiste-me*, Kitt! — gritou ela.

— Eu não te menti. Aquilo que te disse... nada disso era mentira. *Nada*, entendes?

Iris estudou Roman. Estava corado e segurava as cartas dela contra o peito, o que lhe deu outra dimensão. Todos os pormenores de Carver. Pensou em Del, percebendo que Roman tinha sido um irmão mais velho; tinha perdido a irmã. Tinha-a tirado das águas depois de ela se ter afogado no seu sétimo aniversário. Carregou o corpo dela para casa, para os pais.

Sentiu um aperto na garganta. Iris fechou os olhos. Roman suspirou.

— Iris? Chega aqui. Senta-te ao meu lado para podermos conversar.

Ela precisava de tempo só para ela, para processar aquele turbilhão de sentimentos.

— Tenho de ir, Kitt. Fica com as tuas cartas. Não as quero.

— Como assim, não as queres? Elas são minhas.

— Sim! E essa é a outra coisa sobre a qual me mentiste! — disse ela, de dedo em riste. — Pedi-te que me devolvesse as minhas cartas antigas. As que escrevi ao Forest. E tu disseste que não podias.

— Eu disse que não podia, porque não *queria* — disse Roman. — Acabaste de ler a minha última carta? Mas ao que parece... acho que não compreendes o que as tuas palavras significam para mim. Mesmo que no início tenham sido dirigidas ao Forest. Eras uma irmã a

escrever ao seu irmão mais velho que tinha partido. E eu *sentí* essa dor como um irmão que tinha perdido a única irmã que alguma vez teve.

Iris não sabia o que fazer. Com a sua dor ou com a dele, e com a súbita fusão das duas. Um sinal de alerta surgiu na sua mente; estava a dançar demasiado perto do fogo, prestes a queimar-se. A sua armadura tinha caído e ela sentia-se nua.

— Toma — disse, entregando-lhe a última carta. — Tenho de ir.

— Iris? *Iris* — sussurrou, mas quando lhe pegou na mão, ela esquivou-se. — Peço-te, fica.

Ela deu um passo atrás.

— Há coisas que preciso de fazer, por isso tenho de... tenho de ir.

— Sinto muito — disse ele. — Desculpa se te magoei, mas nunca foi essa a minha intenção, Iris. Porque achas que vim para cá?

Ela estava quase a chegar à porta. Parou, mas não olhou para ele, olhou para as suas cartas, que ele apertava nas mãos.

— Estás aqui para lebares a melhor, mais uma vez — disse, num tom distante. — Estás aqui para provar que a tua escrita é muito superior à minha, tal como fizeste no *Gazette*.

Virou-se para fugir, mas ainda não tinha dado dois passos quando ouviu um barulho — o som de uma cama a ranger e um grunhido de dor. Iris olhou por cima do ombro, e os seus olhos arregalaram-se quando viu que era Roman, de pé, apoiado numa só perna, a arrancar a agulha intravenosa da mão.

— Volta para a cama, Kitt — ralhou ela.

— Não fujas de mim, Iris — implorou Roman, tentando aproximar-se dela, a coxear. — Não fujas de mim, não depois do que acabámos de viver. Não sem me fazeres uma última vontade.

Iris estremeceu quando ele se esforçou para alcançá-la apoiado num só pé. Ela avançou, pronta para o apanhar, mas ele agarrou-se à ombreira da porta e conseguiu equilibrar-se, com os olhos azuis a fitarem, penetrantes, os seus. Havia apenas um pequeno espaço entre os seus corpos, e Iris quase recuou, lutando contra a atração que sentia por ele.

— Que vontade é essa? — perguntou ela, friamente, uma fachada para esconder a dor que sentia no coração. — O que é tão importante para fazeres essa triste figura de arrancar a agulha da veia e, possivelmente, romperes os pontos, e...

— Eu nunca te menti — afirmou Roman. A sua expressão

suavizou-se, mas os seus olhos permaneceram irreduzíveis, quando sussurrou: — Perguntaste-me isto uma vez, há meses, e eu recusei-me a responder. Mas quero que me perguntes outra vez, Iris. Pergunta-me qual é o meu nome do meio.

Ela cerrou os dentes, mas não desviou o olhar. A sua memória começou a girar como um fonógrafo, e Iris ouviu a sua voz passada, sarcástica, divertida e cheia de curiosidade.

Roman Chato Kitt. Roman Caprichoso Kitt. Roman Cabotino Kitt.

Susteve a respiração.

— O C é de Carver — disse ele, inclinando-se para ela. — Chamo-me Roman Carver Kitt.

Entrelaçou os dedos no cabelo de Iris e aproximou a sua boca da dela. Iris foi percorrida por um choque assim que os seus lábios se encontraram. O beijo dele era ávido, como se desejasse saboreá-la há muito tempo, e ela não conseguia respirar. Mas logo a seguir o choque desvaneceu-se e a emoção que se sobrepôs acalentou-lhe o sangue.

Abriu a boca contra a dele, retribuindo o beijo. Sentiu-o estremecer quando levou as mãos aos seus braços, apertando-o contra si. Quando ele deslocou os seus corpos, Iris sentiu que estavam a cair, e que estava totalmente indefesa, até que sentiu a parede contra as suas costas. Roman encostou-se a ela, com o seu corpo magro a arder como se tivesse pegado fogo. O calor dele penetrou-lhe na pele, instalou-se nos seus ossos, e foi incapaz de travar o gemido que lhe escapou dos lábios.

Roman prendeu-lhe o rosto. Sim, ele desejava-a há muito tempo. Ela sentia-o na forma como ele lhe tocava, na forma como os seus lábios lhe tocavam. Como se ele tivesse imaginado aquele momento vezes sem conta.

Iris perdeu noção das horas, do dia ou do sítio onde estava. Estavam ambos presos numa tempestade criada por eles próprios e Iris ignorava o que aconteceria quando ela desabasse. Só sabia que algo lhe doía no peito. Algo de que Roman devia precisar, e que com a boca, a respiração e as carícias estava a tentar arrancar-lhe.

Alguém pigarreou.

De repente, Iris voltou a si e sentiu o ar frio e adstringente da enfermaria. As lâmpadas que brilhavam no teto. Os sons metálicos das arrastadeiras e das bandejas de almoço.

Afastou-se de Roman, ofegante. Olhou para ele e para a sua boca inchada, para a forma como os seus olhos brilhavam com uma luz perigosa, mas ele não desviou o olhar.

— Vou ter de restringir as suas horas de visita, se essas brincadeiras voltarem a acontecer, Mr. Kitt — disse uma voz cansada. Iris olhou por cima de Roman e viu uma enfermeira com a agulha e o tubo intravenoso que ele tinha arrancado da mão. — Tem de estar deitado. *A repousar.*

— Não volta a acontecer — prometeu Iris, corada.

A enfermeira limitou-se a arquear a sobancelha. Roman, por seu lado, exalou como se Iris lhe tivesse dado um murro.

O que estou a fazer?, pensou Iris, passando por baixo do braço de Roman. *Isto é um disparate. É...*

Parou na soleira da porta e olhou para ele.

Roman continuava encostado à parede. Mas o seu olhar estava totalmente fixado nela, mesmo quando a enfermeira se aproximou para o ajudar.

Iris deixou-o com a recordação do seu beijo e das suas cartas espalhadas pela cama.

Querida Iris,

onde tinhas a cabeça?

Como pudeste deixar o teu coração toldar o teu juízo?

Devias ter percebido!!!

Como é que não viste? Como pudeste deixá-lo levar a melhor? O Roman «C-de-Carver» Kitt manipulou-te.

Kitt: 2 (1 ponto pelo cargo de colunista, 1 ponto pelo logro)

Winnow: 0

Eu... nem sei o que pensar. Estou envergonhada, zangada. Estou triste e estranhamente aliviada. A Attie e a Marisol insistem em convidar-me para ir à enfermaria, mas se vir o Kitt agora, não sei como vou reagir. Fiz figura de parva hoje de manhã, por isso acho que é melhor manter-me afastada. Ofereci-me para cavar sepulturas no campo. Passo as horas a cavar. Entrego à terra toda a minha raiva, impotência e tristeza. E ajudo as pessoas de Avalon Bluff a registarem os nomes dos soldados antes de os enterrarmos.

É um trabalho árduo. Tenho bolhas nas mãos, mas nem sequer as sinto. Morreu tanta gente, e eu estou cansada, triste e zangada, e não sei o que fazer com o Kitt.

Ontem à noite, reli todas as cartas dele. Não acho que tenha tentado enganar-me. Pelo menos, talvez tenha tentado ao início, mas agora já não. Também não sei como descrever o que estou a sentir. Talvez não haja palavras para o explicar, mas...

Por vezes, ainda sinto a sua mão na minha, puxando por mim através do fumo e do terror das trincheiras. Por vezes, ainda o sinto a pegar em mim como se eu fosse uma pluma, a rodar-me como se estivéssemos a

dançar. Ainda o vejo a interpor-se entre mim e a granada, e fico sem fôlego. Por vezes, lembro-me de como o meu coração parou quando o vi deitado de costas, a olhar para o céu como se estivesse morto; quando o vi a caminhar pelo campo durante a sirene dos eithrals; quando caímos nas ervas douradas; quando os seus lábios tocaram os meus.

Estou a começar a amá-lo de duas maneiras diferentes. Cara a cara e palavra a palavra. Para ser sincera, houve momentos em que desejei o Carver e momentos em que desejei o Roman, e agora não sei como conciliar os dois. Ou mesmo se deveria fazê-lo.

Ele tentou dizer-me. E eu estava demasiado distraída para juntar as peças. A culpa é minha; o meu orgulho está ferido, mas preciso de esquecer isso e seguir com a minha vida, com ou sem ele.

Estou apenas furiosa mortificada perturbada irritada assustada.

Tenho medo que ele me magoe. Tenho medo de perder alguém que amo, outra vez. Tenho medo de perder o controlo; de admitir o que sinto por ele. No entanto, ele já me provou o seu valor. Vezes sem conta. Veio ter comigo no meu dia mais negro. Seguiu-me para a guerra, para a linha da frente. Interpôs-se entre mim e a Morte, tomando para si as feridas que deveriam ter sido minhas.

Há algo elétrico dentro de mim. Algo que me implora que dispa a última peça da minha armadura e permita que ele me veja como sou; que o escolha. No entanto, aqui estou eu, sozinha, a escrever estas palavras, umas atrás das outras, enquanto procuro dar sentido a mim própria. Vejo a luz da vela a bruxulear e só consigo pensar que...

Tenho tanto medo. No entanto, quem me dera ser vulnerável e corajosa quando se trata do meu próprio coração.

A COLINA QUE QUASE VENCEU IRIS

Iris ajoelhou-se na horta e regou a terra. Durante o tempo que tinha passado na frente de batalha alguns rebentos verdes tinham começado a romper a terra, e a visão do seu frágil desabrochar derretia-lhe o coração. Imaginou Keegan a regressar da guerra em breve, e a alegria que sentiria ao perceber que Marisol se tinha encarregado de plantar a horta. Não era a horta mais bonita nem ordenada, mas lentamente ia ganhando vida.

Plantei vida numa época de morte.

As palavras ecoaram em Iris, enquanto traçava suavemente o caule mais próximo com a ponta do dedo. Apesar de já ter esvaziado o regador, continuava ajoelhada e a humidade da terra ensopou-lhe os joelhos através do macacão.

Sentia-se cansada e oprimida. Tinham acabado de enterrar todos os mortos no dia anterior.

— Bem me pareceu que estarias aqui — disse Attie.

Iris olhou por cima do ombro e viu a amiga no terraço das traseiras, a tapar os olhos para os proteger do sol da tarde.

— A Marisol precisa de mim? — perguntou Iris.

— Não. — Attie hesitou, e deu um pontapé numa pedra com a biqueira da bota.

— O que se passa, Attie? Estás a deixar-me preocupada.

— O Roman acabou de regressar da enfermaria — informou Attie, aclarando a garganta. — Está a descansar no quarto dele.

— Oh. — Iris concentrou a sua atenção no solo, mas sentiu o coração subitamente acelerado. Tinham passado dois dias desde que o visitara, de cartas em riste. Há dois dias que não o via ou falava com ele. Dois dias desde que se tinham beijado como se estivessem famintos um do outro. Dois dias que tinha passado a avaliar os seus sentimentos, a tentar decidir o que fazer. — Suponho que sejam boas notícias.

— Acho que devias ir vê-lo, Iris.

— Porquê? — Ela precisava de uma distração. Ali, uma erva daninha para arrancar. Iris despachou a tarefa rapidamente, e desejou ter outra coisa com que se ocupar.

— Não sei o que se passou entre vocês, e não vou perguntar — disse Attie. — Só sei que ele não parece estar bem.

As palavras gelaram Iris até aos ossos.

— Não parece estar *bem*?

— Quer dizer... parece estar muito abatido. E sabes o que se costuma dizer sobre soldados feridos e abatidos.

— O Kitt é um correspondente de guerra — argumentou Iris, mas a voz falhou-lhe. Não conseguiu deixar de olhar para a janela do segundo andar de Roman, lembrando-se do dia em que ele se debruçara sobre o peitoril para lhes atirar um avião de papel.

A janela estava agora fechada, com as cortinas corridas.

Attie permaneceu calada. O seu silêncio acabou por atrair o olhar de Iris.

— Podes ir vê-lo, por favor? — perguntou Attie. — Eu trato da rega por ti.

Antes de Iris conseguir pensar numa desculpa, Attie pegou no regador de metal e dirigiu-se para o poço.

Iris mordeu o lábio, mas levantou-se, sacudindo a terra do macacão. Reparou nas mãos sujas e parou junto ao lavatório de Marisol, mas decidiu que não valia pena lavá-las. Roman já a tinha visto mais suja. E mais desarranjada.

A casa estava cheia de sombras silenciosas quando Iris subiu as escadas. O seu coração bateu mais forte ao ver a porta do quarto de Roman, fechada para o mundo. Fez uma pausa diante da madeira, escutou o som da sua respiração e depois repreendeu-se pela sua cobardia.

Só saberei o que quero fazer quando voltar a vê-lo.

Bateu à porta, três pancadas ritmadas.

Não obteve resposta. Franziu o sobrolho e voltou a bater, com mais força. Mas Roman não respondeu.

— Kitt? — chamou através da madeira. — Kitt, responde, por favor.

Por fim, ele respondeu em voz baixa:

— O que queres, Winnow?

— Posso entrar?

Roman ficou em silêncio por um instante, e depois disse:

— Porque não?

Iris abriu a porta e entrou no quarto. Era a primeira vez que ali entrava, mas o seu olhar dirigiu-se imediatamente para ele, à luz do crepúsculo, deitado no seu estrado improvisado no chão. Tinha os olhos fechados, os dedos entrelaçados sobre o peito. Vestia um macacão lavado e tinha o cabelo escuro húmido sobre a testa. Iris sentiu o cheiro do sabão na sua pele, que estava invulgarmente pálida. Tinha feito a barba, e as maçãs do rosto angulosas estavam encovadas, como se tivesse ficado oco.

E ela tinha razão; sabia exatamente o que queria escolher.

— O que queres? — repetiu ele, num tom de voz grave.

— Boa tarde para ti também — ripostou Iris, alegremente. — Como te sentes?

— Catita.

Um sorriso assomou-lhe no canto dos lábios, e o vazio que Iris sentia no estômago começou a apagar. Mas os olhos dele continuavam fechados. Iris desejou que olhasse para ela.

— Ah, ali está a Segunda Alouette — disse ela, com o olhar fixo na máquina de escrever dele. O seu coração aqueceu ao vê-la. — Está muito escuro aqui, Kitt! Devias deixar entrar a luz.

— Não quero luz — resmungou, mas Iris já tinha aberto as cortinas. Levantou as mãos para proteger a cara do sol. — Porque vieste torturar-me, Winnow?

— Se esta é a minha tortura, nem imagino qual seria o meu prazer.

Roman não respondeu, mantendo as mãos espalmadas sobre o rosto. Como se desejasse tudo, menos olhar para ela.

Iris contornou o estrado e a sua sombra espalhou-se pelo corpo magro dele.

— Podes olhar para mim, Kitt?

Ele não se mexeu.

— Não devias sentir-te na obrigação de me visitar. Sei o quanto me odeias.

— Obrigação?

— Pela Attie. Sei que ela te disse para vires. Não faz mal; podes voltar à tarefa importante com que estavas ocupada.

— Não teria vindo se não quisesse ver-te — disse Iris, sentindo um aperto no peito, como se tivesse um fio a cingir cada uma das suas costelas. — Na verdade, vim fazer-te uma pergunta.

Ele fingiu indiferença, mas Iris distinguiu a curiosidade na sua voz.

— Diz lá.

— Queres ir dar um passeio comigo?

As mãos de Roman afastaram-se do seu rosto incrédulo.

— Um *passeio*?

— Bem, talvez não seja exatamente um passeio. Se a tua perna... Se não te apetecer. Mas podíamos ir até lá fora.

— Ir aonde?

Agora que ele tinha os olhos fixos nos dela, Iris sentiu-se vista, até aos ossos. Ofegante, pôs-se a admirar as unhas sujas.

— Estava a pensar que podíamos subir a nossa colina.

— A *nossa* colina?

— Ou a tua colina — apressou-se a emendar. — A colina que quase me venceu. A menos que aches que ela está destinada a levar a melhor sobre ti agora. Se for esse o caso, acho que amanhã já pode fazer manchetes. — Roman ficou em silêncio, a olhar para ela. Iris não podia continuar a negar. Encarou-o e sorriu timidamente, estendendo-lhe as mãos. — Vamos, Kitt. Vem lá fora comigo. O sol e o ar fresco vão fazer-te bem.

Lentamente, ele levantou os dedos e entrelaçou-os nos dela; os mesmos dedos que tinham datilografado carta após carta para ela. E ela levantou-o.

*

Ele insistiu em caminhar, usando uma muleta para não pôr peso na perna direita. No início, movia-se a um ritmo possante, balançando-se para a frente. Mas depois começou a cansar-se e o ritmo abrandou. Quinze minutos na rua empedrada e já a transpiração brilhava no rosto de Roman, devido ao calor e ao esforço. Iris arrependeu-se imediatamente da sua proposta.

— Não temos de subir a colina *toda* — disse, olhando-o de relance. — Podemos voltar para trás a meio do caminho.

Ele esboçou um sorriso.

— Eu não sou de barro, Winnow.

— Sim, mas a tua perna ainda está...

— A minha perna está ótima. Seja como for, gostava de voltar a ver a vista.

Ela acenou com a cabeça, mas dedilhou a ponta da trança, com receio de estar a sobrecarregá-lo.

Viraram para a estrada que subia gradualmente até ao cume. Pela primeira vez desde que o conhecera, Iris não sabia o que dizer. Na redacção do *Gazette* tinha sempre uma réplica pronta para ele. Mesmo quando se correspondia com Carver, as palavras saltavam para a página. Mas agora sentia-se invulgarmente tímida, e as palavras arrastavam-se como mel na sua língua. Ela queria desesperadamente dizer-lhe as coisas certas.

Esperou que ele dissesse alguma coisa, na esperança de que talvez quebrasse aquele estranho silêncio, porém, à medida que o caminho ficava mais íngreme, a respiração dele tornava-se irregular. Ficou a pensar na sua última carta e, de repente, Iris soube exactamente o que dizer a Roman Carver Kitt.

Virou-se para ele, avançando pela estrada às arrecuas. Ele percebeu e ergueu uma sobrancelha.

— Salgado — disse ela.

Ele riu-se, olhando de relance para as pedras da calçada enquanto avançava com a ajuda da muleta.

— Eu sei, estou a suar.

— Não — disse Iris, atraindo novamente o seu olhar para ela. — Prefiro o salgado ao doce. Prefiro o pôr do sol ao nascer do sol, mas só porque gosto de ver as constelações no céu. A minha estação preferida é o outono, porque eu e a minha mãe acreditávamos que era a única altura em que se sentia a magia no ar. Sou uma adepta fervorosa de chá, que sou capaz de beber aos baldes cheios. — Um sorriso assomou no rosto de Roman. Ela estava a responder às perguntas que ele fizera na última carta que lhe escrevera. — Agora, tu.

— Adoro doces de paixão — começou Roman. — Prefiro o nascer do sol, mas só porque gosto das possibilidades que cada amanhecer nos traz. A minha estação preferida é a primavera, porque é quando começa a época de basebol. Prefiro café, mas bebo o que me puserem à frente. — Iris sorriu. Uma risada escapou-lhe dos lábios e ela apressou-se a continuar a andar à frente dele, fora do seu alcance, caso tentasse agarrá-la. Porque ele tinha um brilho esfomeado no olhar, como se ela fosse de facto uma cenoura metafórica. — Achas as minhas respostas surpreendentes, Winnow?

— Nem por isso, Kitt. Sempre soube que eras o meu oposto. Isso é

normal nos Némesis.

— Prefiro *antigo rival*. — O olhar dele desceu para os lábios dela.
— Fala-me mais de ti.

— Mais? O quê?

— Qualquer coisa.

— Muito bem. Eu tive um caracol de estimação quando tinha 7 anos.

— Um caracol?

Iris acenou com a cabeça.

— Chamava-se Morgie. Guardava-o numa travessa com uma bandeja de água, com umas pedras e umas flores murchas. Contava-lhe todos os meus segredos.

— E o que aconteceu ao Morgie?

— Um dia, quando eu estava na escola, ele fugiu. Quando cheguei a casa, não o encontrei em lado nenhum. Chorei durante duas semanas.

— Imagino que tenha sido devastador — disse Roman, recebendo um safanão de Iris em resposta.

— Não gozes comigo, Kitt.

— Não estou a gozar, Iris. — Pegou casualmente na mão dela e pararam os dois no meio da rua. — Conta-me mais.

— Mais? — suspirou ela, e embora a sua mão estivesse quente como brasas, não se afastou dele. — Se eu te contar mais alguma coisa hoje, vais cansar-te de mim.

— Impossível — sussurrou ele. Ela sentiu a timidez a invadi-la de novo. O que estava a acontecer agora, e porque é que sentia aquele friozinho na barriga? — Qual é o teu nome do meio? — perguntou Roman de chofre.

Iris arqueou a sobrancelha, divertida.

— *Talvez* tenhas de fazer por merecer essa informação.

— Oh, vá lá. Podes ao menos dar-me a inicial? Seria justo.

— Bom, contra factos não há argumentos — assentiu ela. — O meu nome do meio começa por *E*.

Roman sorriu, com os olhos a franzirem-se nos cantos.

— Qual será o nome? Iris *Encantadora* Winnow? Iris *Etérea* Winnow? Iris *Extraordinária* Winnow?

— Pelos deuses, Kitt — disse ela, e corou. — Deixa-me poupar-nos aos dois à tortura. É Elizabeth.

— Iris Elizabeth Winnow — repetiu Roman, e ela arrepiou-se ao som do seu nome na boca dele.

Iris só desviou o olhar dele quando a diversão desapareceu dos seus olhos. Ele estava a olhar para ela tal como tinha olhado no gabinete de Zeb. Como se pudesse vê-la por inteiro, e Iris engoliu em seco, dizendo ao seu coração para se acalmar, para abrandar.

— Preciso de te dizer uma coisa — disse Roman, traçando os nós dos dedos dela com o polegar. — No outro dia disseste que achavas que eu só estava aqui para te «superar». Mas isso não podia estar mais longe da verdade. Rompi o meu noivado, despedi-me do meu emprego e viajei 600quilómetros até uma terra devastada pela guerra para estar contigo, Iris.

Iris contorceu-se. Aquilo não parecia real. A forma como ele olhava para ela, como apertava a sua mão. Só podia ser um sonho do qual estava prestes a acordar.

— Kitt, eu...

— Por favor, deixa-me acabar. — Ela acenou com a cabeça, mas interiormente preparou-se. — Não me interessa escrever sobre a guerra. Claro que o farei porque o *Inkridden Tribune* me paga para isso, mas preferia que fossem os teus artigos a serem publicados na primeira página. Preferia muito mais ler o que escreves. Mesmo que não sejam cartas para mim. — Fez uma pausa, juntando os lábios como se não estivesse seguro. — O primeiro dia sem ti. O meu primeiro dia como colunista. Foi horrível. Percebi que me estava a tornar alguém que não queria ser, e ver a tua secretária vazia abriu-me os olhos. O meu pai tinha a minha vida planeada desde sempre. Era meu «dever» seguir a sua vontade, e tentei obedecer-lhe, mesmo que isso me estivesse a matar por dentro. Mesmo que isso significasse não poder pagar a tua sandes ao almoço, coisa em que ainda penso e pela qual me recrimino.

— Kitt — sussurrou Iris, e apertou-lhe a mão com mais força.

— Porém, no momento em que te despediste — Roman apressou-se a dizer —, soube que sentia algo por ti, o que andava a negar há *semanas*. Quando me escreveste e disseste que estavas a 600 quilómetros de Oath... pensei que o meu coração ia parar. Saber que ainda querias escrever-me, mas também que estavas tão longe. E à medida que íamos trocando cartas, acabei por reconhecer que estava apaixonado por ti e que queria que soubesses quem eu era. Foi então que decidi que te seguiria. Não queria a vida que o meu pai tinha

planeado para mim, uma vida em que nunca poderia estar contigo.

Iris abriu a boca, mas estava tão assoberbada que não disse nada. Roman observou-a atentamente, com as faces vermelhas e os olhos arregalados, como se estivesse à espera de cair no chão e estilhaçar-se.

— Estás... — começou ela, enquanto piscava os olhos. — Estás a dizer que queres uma vida comigo?

— Sim — confirmou ele.

E como o seu coração estava a derreter, Iris sorriu e provocou:

— Isto é um pedido de casamento?

Ele continuou a olhar para ela, muito sério.

— Se fosse, dirias que sim?

Iris ficou calada, com a sua mente a mil, cheia de pensamentos dourados.

Outrora, não há muito tempo, na sua vida *antes* da frente de combate, ela teria achado isto ridículo. Teria dito *não, tenho outros planos neste momento*. Mas isso foi *antes*, num tempo que era iluminado por uma luz diferente, e este momento presente estava agora marcado pela tonalidade azul do *depois*. Ela tinha assistido à fragilidade da vida. Tinha visto que era possível acordar ao nascer do sol e morrer ao pôr do sol. Tinha atravessado o fumo, o fogo e a agonia com Roman, com a mão dele na sua. Ambos tinham provado a morte, tinham-se cruzado com ela. Tinha cicatrizes na pele e na alma daquele momento de fratura, e agora Iris via as coisas com mais clareza do que antes. Via a luz, mas também via as sombras.

O tempo era precioso aqui. Se queria estar com Roman, porque não agarrá-lo, reivindicá-lo com ambas as mãos?

— Suponho que terás de me fazer o pedido e descobrir — disse ela.

E quando ela pensou que nada mais a surpreenderia, Roman começou a ajoelhar-se. Ali mesmo, no meio da estrada, a meio caminho do cume da colina. Estava prestes a fazer a pergunta. Ia mesmo pedir-lhe que fosse sua mulher, e Iris arquejou.

Roman estremeceu quando o joelho tocou as pedras da calçada, um brilho de dor lampejou nos seus olhos. Iris olhou para baixo, para além das suas mãos dadas. O sangue estava a escorrer pela perna direita do macacão.

— Kitt! — gritou ela, incitando-o a levantar-se. — Estás a sangrar!

— Não é nada, Winnow — disse, mas estava a começar a ficar pálido. — Devo ter rompido um ponto.

— Senta-te.

— Na estrada?

— Não, nesta grade. — Iris guiou-o até ao pátio mais próximo. Devia ser a propriedade dos O'Brien, porque havia vários gatos a apanhar banhos de sol na erva morta, e ela lembrava-se de Marisol lhe ter dito que a maioria dos habitantes de Avalon Bluff receava que aqueles felinos fizessem com que fossem todos bombardeados um dia.

— Talvez me tenha esquecido de te dizer que sou alérgico a gatos — disse Roman, franzindo o sobrolho quando Iris o obrigou a sentar-se na grade de leite virada ao contrário. — E estou capaz de voltar a pé para a pensão.

— Não estás nada — argumentou Iris. — Os gatos vão deixar-te em paz, tenho a certeza. Espera aqui por mim, Kitt. Não te mexas. — Começou a afastar-se, mas ele agarrou-lhe na mão, puxando-a para si.

— Vais deixar-me aqui? — Até parecia que ela o estava a abandonar. Sentiu o coração na garganta quando se lembrou de como o tinha deixado nas trincheiras. Será que aquele dia o assombrava, tal como a ela? Recordava-o todas as noites, deitada no escuro.

Nós... temos de ficar juntos. Estamos melhor assim.

— Será por pouco tempo — disse Iris, apertando-lhe os dedos. — Vou chamar o Peter. Ele tem um camião e pode dar-nos boleia até à enfermaria, para que um médico te examine...

— Não vou voltar para a enfermaria, Iris — disse Roman. — Eles estão sobrecarregados e escuso de ir empatá-los com uma coisa mínima como um ponto rompido. Posso tratar disso sozinho, se a Marisol tiver uma agulha e linha.

Iris suspirou.

— Está bem. Eu levo-te para a pensão, desde que não te mexas na minha ausência.

Roman assentiu com um aceno de cabeça. Largou-lhe a mão, embora lentamente, e Iris começou a correr, voando pela estrada e contornando a curva a um ritmo alucinante. Felizmente Peter estava em casa, na porta ao lado da pensão, e concordou em subir a colina e dar boleia a Roman.

Iris seguiu na parte de trás do camião, ao lado de um fardo de feno, agarrada ao painel lateral de madeira, enquanto o veículo roncava pelas ruas. Não percebia porque é que a sua respiração continuava acelerada, como se o coração acreditasse que ela ainda estava a correr. Não percebia porque sentia o sangue a pulsar nas

veias e por que razão, de repente, senti medo.

Contava que subissem a colina e descobrissem que Roman havia desaparecido. Sentia-se presa nas páginas de um estranho conto de fadas, e que não devia ser tola, mas astuta, preparando-se para algo horrível que frustrasse os seus desígnios. Porque as coisas boas nunca duravam muito tempo na sua vida. Pensou em todas as pessoas que lhe tinham sido próximas, cujas vidas tinham estado entrelaçadas na sua — a avó, Forest, a mãe — e como todos tinham partido, fosse por opção ou por destino.

Ele estava prestes a fazer o pedido, disse Iris a si própria, fechando os olhos quando começaram a subir a colina. *O Roman Kitt quer casar comigo.*

Lembrou-se das palavras que tinha escrito a si mesma, há algumas noites. Lembrou-se de que, apesar de ter sido abandonada, uma e outra vez, pelas pessoas que amava, Roman tinha vindo ter com ela.

Ele estava a escolhê-la.

O camião começou a abrandar quando Peter reduziu a velocidade. Ouviu-se um estalido e Iris deu um salto. Parecia o som de uma arma a disparar, e a sua pulsação acelerou. Ela estremeceu, lutando contra a vontade de se encolher, optando por abrir os olhos.

Viu Roman sentado na grade de leite, tal como ela o tinha deixado, com uma expressão carrancuda no rosto. E um gato aninhado no seu colo.

Querido Kitt,

agora que refizeste os pontos e já recuperaste do teu encontro com o gato, está na altura de resolvermos duas questões muito urgentes entre nós, pois ambas me tiram o sono à noite. Não concordas?

— I.W.

Querida Winnow,

tenho uma ligeira ideia sobre qual será uma das questões, que foi tão rudemente interrompida pelos malditos pontos. Mas a outra... quero ter a certeza de que sei exatamente o que te está a roubar o sono.

Por favor, esclarece-me.

Teu,

Kitt

P.S. É estranho estarmos ao lado um do outro e continuarmos a enviar cartas através dos nossos roupeiros?

Querido Kitt,

espanta-me que não te lembres da questão que um dia partilhaste comigo. A ideia era eu resolver a questão assim que te visse.

Acho que a tua avó vai ficar contente com a minha escolha.

A minha resposta é indubitavelmente esta: Cavaleiro Errante.

— I.W.

P.S. Sim, é estranho, mas muito mais eficaz, não concordas?

Querida Winnow,

sinto-me lisonjeado. Deve ser por causa do queixo pontiagudo. Mas e quanto à outra questão? Tem de ser resolvida pessoalmente.

Teu,

Kitt

P.S. Concordo. Embora não me importasse de te ver neste momento...

Querido Kitt,

vais ter de esperar para me ver amanhã, altura em que tenciono arrastar-te para o jardim. Mas, para já, acabaram-se os gatos e os passeios. Só quando estiveres recuperado. Depois podemos fazer uma corrida até à colina, e talvez eu te vença desta vez (mas não percas de propósito). E podes fazer o pedido oficial amanhã.

Com amor,

Iris

P.S. Se me vires muitas vezes, vais acabar por te cansar das minhas histórias tristes sobre caracóis.

Querida Iris,

pois seja no jardim.

Teu,

Kitt

P.S. Impossível.

NO JARDIM

Iris queria que ele lhe fizesse o pedido no jardim. Mas havia algo que precisava de lhe perguntar primeiro, e esperou que ele se instalasse numa cadeira à sombra. Roman ficou a observá-la enquanto ela se ajoelhava na terra, arrancando ervas daninhas e regando fileira após fileira.

— Estava a pensar numa coisa ontem à noite, Kitt — disse ela.

— Ai sim? Em quê, Winnow?

Iris olhou para ele. Manchas de luz solar dançavam sobre os seus ombros, sobre os traços marcantes do seu rosto. O seu cabelo escuro quase parecia azul.

— Estava a pensar no tempo que desperdicei no passado.

A sobranceira de Roman arqueou-se, mas os seus olhos brilhavam de interesse.

— Não me pareces pessoa para «desperdiçar» seja o que for.

— Há uns dias, sim. Quando fui ver-te à enfermaria. Quando te levei as minhas cartas. — Não conseguia encará-lo enquanto falava, por isso inventou uma erva daninha com que se ocupar. — A verdade é que tenho o meu orgulho e receava os meus sentimentos. E por isso deixei muitas coisas por dizer, e depois criei o que pensei ser uma almofada de dias entre nós. Tempo para me proteger, para vestir novamente todas as peças da minha armadura. Mas depois percebi que não tenho garantias de nada. Já devia saber isso muito bem, depois de ter estado nas trincheiras. Nada é garantido hoje, quanto mais amanhã. Uma bomba pode cair do céu a qualquer momento, e eu não teria tido a oportunidade de fazer isto.

Roman ficou em silêncio, absorvendo a confissão dela. A medo, perguntou:

— E o que é esse *isto* de que falas?

Iris sentiu a atração irresistível do seu olhar, e levantou os olhos para o encarar.

— Tens a certeza de que queres que te diga?

— *Sim*— confirmou ele.

Iris limpou a terra das palmas das mãos e levantou-se, percorrendo a fileira até ficar diante dele. Levou a mão ao bolso, de onde tirou um pedaço de papel dobrado.

— Sabes, Kitt — começou ela —, gosto muito do Carver. As suas palavras ajudaram-me a ultrapassar alguns dos momentos mais negros da minha vida. Ele era um amigo de que eu precisava desesperadamente, alguém que me ouvia e encorajava. Nunca me senti tão vulnerável com outra pessoa. Estava a apaixonar-me por ele. No entanto, os meus sentimentos entraram em conflito quando chegaste a Avalon, porque percebi que gostava de ti.

Roman estava a tentar não sorrir. E a falhar.

— Há alguma maneira de compensar essa diferença?

— Na verdade, sim. — Tirou a carta do bolso, suja e manchada de sangue. — Conheço-te como Carver. E conheço-te como Roman Kitt. Quero juntar-vos aos dois, como deve ser. E só há uma maneira de o fazer.

Ela estendeu-lhe a carta.

Roman aceitou-a, mas o seu sorriso diminuiu quando percebeu de que carta se tratava; quando começou a percorrer as suas próprias palavras.

— Estás a pedir-me para...

— Ler a tua carta em voz alta para mim? — concluiu ela, com um sorriso. — *Sim*, Kitt.

— Mas esta carta... — Ele riu-se, passando a mão pelo cabelo. — Eu digo muitas coisas nesta carta em particular.

— Pois dizes, e quero ouvir-te a dizê-las.

Roman olhou fixamente para ela, para os seus olhos inescrutáveis. Subitamente, Iris sentiu o calor na sua pele. Uma brisa suave brincou com os seus cabelos soltos. *Pedi demais. Claro que ele não vai fazer isto por mim*, pensou.

— Muito bem — acedeu ele. — Mas já que nada é garantido hoje, qual é a minha recompensa por te ler esta carta tremendamente dramática?

— Lê-a primeiro, e depois logo se vê. — Roman voltou a olhar para as suas palavras e mordeu o lábio. — Se ajudar — disse ela, numa voz melódica, enquanto se ajoelhava para mondar a fileira seguinte —, não olho para ti enquanto lêes. Podes fingir que nem sequer estou aqui.

— Impossível, Iris.

— Como assim, Kitt?

— Porque me distrais muito.

— Então, nem me vou mexer.

— Vais ficar ajoelhada na terra?

— Estás só a empatar, não estás? — concluiu Iris, voltando a olhar para ele. Os seus olhos já estavam postos nela, como se nunca tivesse desviado o olhar. O seu coração batia descompassado, mas ela respirou bem fundo e sussurrou — Lê para mim, Roman.

Qualquer emoção que houvesse dentro dele — medo, preocupação ou vergonha — desvaneceu-se num ápice. Pigarreou e baixou os olhos para a carta. Os seus lábios já estavam entreabertos para ler a primeira palavra quando fez uma pausa, e voltou a olhar para ela.

— Ainda estás a olhar para mim, Iris.

— Lamento — disse ela, mentindo descaradamente, antes de concentrar a sua atenção no solo para arrancar uma erva daninha.

— Muito bem, vamos lá — disse Roman. — *Querida Iris, o teu rival? Quem é esse tipo? Se quer competir contigo, deve ser um perfeito idiota. Não tenho dúvidas de que vais superá-lo em todos os aspetos.* Quero só acrescentar uma nota pessoal para dizer que gostei de escrever isto muito mais do que devia.

— Sim, foi muito inteligente da tua parte, Kitt — disse Iris. — Devia ter percebido logo que eras tu.

— Na verdade, pensei que perceberias que era eu na frase seguinte, a parte em que digo: *Agora, uma confissão: não estou em Oath.*

— Tenho de te lembrar que a primeira vez que tentei ler esta carta, interrompeste-me porque íamos para a frente? — explicou. — A segunda vez que tentei ler esta carta, atiraste-me um papel à cara.

Roman levou a mão ao coração.

— Em minha defesa, Iris, sabia que estavas a ler esta carta nas trincheiras e achei que não era a melhor altura para a minha confissão.

— Faz sentido. Agora, por favor, continua.

— Pelos deuses, onde é que eu estava antes de tu me teres interrompido?

— Ainda só leste seis frases, Kitt.

Ele encontrou o ponto onde se detivera e continuou a ler, e Iris

saboreou o som da sua voz. Fechou os olhos, o tom de barítono dele transformava as palavras outrora silenciosas em imagens vivas e animadas. Sempre se tinha interrogado sobre o aspeto de Carver, e agora tinha-o diante de si. Dedos longos a dançar sobre as teclas, olhos azuis como um céu de verão, cabelo preto despenteado, um queixo pontiagudo, um sorriso provocador.

A voz de Roman vacilou. Iris abriu os olhos, olhando para a neblina abafada do final da manhã. Lentamente, ele prosseguiu:

— *Há semanas que quero fazer isto bem, mas a verdade é que não sei como e tenho receio do que possas pensar. É estranho, a rapidez com que a vida pode mudar, não é? Como uma pequena coisa como escrever uma carta pode abrir uma porta que nunca vimos. Uma ligação transcendente. Um portal divino. Mas se há uma coisa que devo dizer neste momento — quando o meu coração bate descompassado no meu peito e implora que o aquietes...*

Roman fez um compasso de espera e Iris olhou para ele. Os seus olhos ainda estavam presos às suas palavras datilografadas, até que ela se levantou e atraiu o seu olhar.

— ... *é isto* — sussurrou enquanto ela diminuía a distância entre eles. — *As tuas cartas têm sido uma luz que me orienta. As tuas palavras? Um banquete sublime que me alimentou nos dias em que estava faminto.*

» *Amo-te, Iris.*

Iris tirou-lhe o papel, dobrando-o e guardando-o no bolso. Ela sabia o que queria, mas se pensasse demasiado nisso, poderia estragar tudo. O medo de que tudo aquilo pudesse desaparecer era quase irresistível.

Como se pressentisse os seus pensamentos, Roman estendeu a mão, guiando-a para o seu colo.

Iris estava extraordinária e insuportavelmente perto dele. Os rostos estavam nivelados, os olhares alinhados. O calor de Roman infiltrou-se no corpo dela e ela movimentou-se, sentada nas suas coxas.

Agarrou nas mangas dele, como se o mundo estivesse a girar à sua volta. Roman emitiu um som — um fôlego exalado — que fez o coração dela disparar.

— Vou magoar-te, Kitt! — Ela tentou afastar-se, mas ele segurou-a pelas ancas, com firmeza.

— Não me vais magoar a perna — disse ele, com um sorriso. — Não te preocupes em magoar-me. — Puxou-a mais para si, até ela começar a ofegar. — Antes de avançarmos, tenho uma pergunta muito importante para te fazer.

— Qual? — quis saber Iris. Aquele devia ser o momento. Ele estava prestes a pedi-la em casamento. Os olhos de Roman brilhavam de malícia.

— Estavas a falar a sério quando disseste à enfermeira que não me voltavas a beijar?

Iris ficou boquiaberta, e depois riu-se.

— É isso que te preocupa?

As mãos de Roman cingiram-lhe as ancas.

— Depois de saborear algo assim... é coisa que não se esquece, Iris. E agora preciso de saber se as tuas palavras de há três dias continuam válidas, ou se vais reescrevê-las comigo aqui, neste momento.

Ela ficou em silêncio, cheia de pensamentos inebriantes, enquanto absorvia a declaração de Roman. Nunca tinha desejado alguém tão intensamente — quase parecia uma doença — e acariciou-lhe o cabelo. Sentiu as mechas negras macias entre os dedos, e Roman fechou os olhos, totalmente rendido ao seu toque. Ela aproveitou aquele momento para estudar o rosto dele, a inclinação da sua boca, a sua respiração entrecortada.

— Julgo que posso ser convencida a reescrever essas palavras — sussurrou, numa cadência provocadora, e ele abriu os olhos para a contemplar. As suas pupilas eram grandes e escuras, como luas novas. Iris quase conseguia ver o seu reflexo nelas. — Mas só contigo, Kitt.

— Porque sou um excelente escritor? — atirou-lhe. Iris sorriu.

— Sim, entre *outras* coisas.

Beijou-o — um leve roçar dos seus lábios contra os dele — e Roman ficou imóvel, como se ela o tivesse enfeitiçado. Mas depressa a sua boca se abriu avidamente sob o peso da dela, as mãos traçando a curva das suas costas. Um arrepio tomou conta da sua pele quando Iris sentiu as pontas dos seus dedos a memorizá-la, os seus dentes a mordiscarem-lhe o lábio inferior, à medida que começavam a explorar-se um ao outro.

Ela retribuiu o toque, decorando os ângulos dos ombros largos, o declive da sua clavícula e o recorte anguloso do seu maxilar. Sentia que estava a afogar-se; sentia que tinha acabado de subir a colina. Sentia uma dor prazerosa no âmagô — fulgurante, vibrante e deliquescida — e percebeu que queria sentir a pele dele contra a sua.

Roman quebrou o beijo, os olhos vidrados quando se cruzaram fugazmente com os dela. Encostou a boca ao seu pescoço, como se estivesse a beber o cheiro da sua pele. Os dedos abarcavam as costas

da mulher que amava, num amplexo forte; o seu hálito quente na garganta dela.

— Casa comigo, Iris Elizabeth Winnow — sussurrou, recuando para a encarar. — Quero passar todos os meus dias e todas as minhas noites contigo. Casa comigo. — Iris, com o coração ardente, emoldurou o rosto dele com as mãos. Nunca tinha estado tão perto de alguém, mas sentia-se segura com Roman. E não se sentia segura há tanto tempo. — Iris... Iris, diz qualquer coisa — suplicou.

— Sim, eu caso contigo, Roman Carver Kitt.

Roman recuperou a confiança e sorriu. Ela viu isso nos seus olhos, como estrelas que refulgiam ao anoitecer; sentiu isso no seu corpo, com o dissipar da tensão. Ele entrelaçou os dedos no seu cabelo comprido e rebelde e disse:

— Pensei que nunca mais dizias que sim, Winnow. — Tinham passado meros segundos.

Ela riu-se outra vez. As suas bocas uniram-se, calando o som.

Com o sangue a pulsar, ela terminou o beijo para perguntar:

— Quando vamos casar?

— Esta tarde — respondeu ele, sem hesitar. — Disseste-o há pouco: a qualquer momento pode cair uma bomba. Não sabemos o que o amanhã nos reserva.

Ela acenou com a cabeça, em concordância. Mas os seus pensamentos viraram-se para o anoitecer. Se trocassem votos hoje, estariam a partilhar a cama juntos nessa mesma noite. E embora já tivesse imaginado estar com ele... era virgem.

— Kitt, eu nunca dormi com ninguém.

— Nem eu. — Arrumou-lhe uma madeixa de cabelo solto atrás da orelha. — Mas se não te sentes preparada, então podemos esperar.

As palavras dela eram quase inaudíveis, enquanto lhe acariciava o rosto.

— Eu não quero esperar. Quero experienciar isto contigo. — Inclinou-se para o beijar.

— Achas que tenho de pedir autorização à Marisol para casar contigo? — inquiriu ele, com os lábios encostados nos dela. Iris sorriu.

— Não sei. Achas que sim?

— Sim. Também preciso da aprovação da Attie.

Parece que iam mesmo fazer aquilo. Assim que Marisol e Attie

regressassem da enfermaria, ela ia casar-se com Roman. Estava prestes a acrescentar qualquer coisa quando os ramos das árvores farfalharam por cima deles. Ouviu o portão do quintal a abrir-se, num ranger de dobradiças ferrugentas. Ouviu o espanta-espíritos que Marisol tinha pendurados no terraço, num emaranhado de notas prateadas.

Iris soube que era o vento ocidental, uma explosão surpreendente de poder, que soprava da linha da frente. Uma sensação de mal-estar apoderou-se dela. Quase parecia que ela e Roman estavam a ser observados, e Iris franziu o sobrolho, ao contemplar o jardim.

— O que foi? — perguntou Roman, a preocupação bem audível na sua voz.

— Tenho muitas coisas na cabeça — disse ela, voltando a sua atenção para ele. — Há tanta coisa a acontecer neste momento. E ainda nem comecei a trabalhar no meu artigo. — Roman riu-se. Ela adorava aquele som e quase o roubou da boca dele, mas resistiu, esboçando uma careta trocista. — Qual é a graça, Kitt?

— Tu e a tua ética de trabalho, Winnow.

— Se bem me lembro, eras uma das últimas pessoas a sair do *Gazette* todas as noites.

— Pois era. E acabaste de me dar uma ideia.

— Ai sim?

Ele acenou com a cabeça.

— Porque não abrimos as portas duplas e trazemos as nossas máquinas de escrever para a cozinha? Podemos escrever à mesa e desfrutar deste ar quente enquanto esperamos pelo regresso da Marisol e da Attie.

Iris estreitou os olhos.

— Estás a dizer o que eu penso que estás a dizer, Kitt?

— Sim. — Roman traçou o canto da boca dela com a ponta do dedo. — Vamos trabalhar juntos.

O CRIME DA ALEGRIA

Sentaram-se frente a frente na mesa da cozinha, com as máquinas de escrever quase a tocar-se. Os seus blocos de notas estavam abertos, papéis perdidos com pensamentos, esboços e fragmentos espalhados sobre a madeira. Era mais difícil do que Iris previra, olhar para os apontamentos que tinha recolhido na frente. Histórias de soldados que sabia estarem agora mortos.

— Tens alguma ideia sobre por onde começar? — perguntou Roman, como se estivesse a sentir a mesma relutância.

Por vezes, ela ainda sonhava com aquela tarde. Por vezes, sonhava que estava a correr sem parar pelas trincheiras, sem conseguir encontrar a saída, com a boca cheia de sangue.

Iris aclarou a garganta e passou para a página seguinte.

— Não.

— Suponho que podemos abordar isto de duas maneiras diferentes — disse ele, deixando cair o bloco de notas em cima da mesa. — Podíamos escrever sobre as nossas experiências e a cronologia do ataque. Ou podemos editar as histórias que recolhemos sobre soldados individuais.

Iris refletiu, e concluiu que Roman tinha razão.

— Lembras-te de muita coisa, Kitt? Após o rebentamento da granada?

Roman passou a mão pelo cabelo, despenteando-o ainda mais do que já estava.

— De algumas coisas, sim. Acho que a dor me deixou bastante atordoado, mas lembro-me muito bem de ti, Iris.

— Então, lembras-te de como foste teimoso? De como insistias para que eu pegasse na tua mochila e te deixasse.

— Lembro-me de sentir que estava prestes a morrer e que queria que soubesses quem eu era — disse ele, fixando o seu olhar.

Iris ficou em silêncio, entretida a puxar um fio solto da manga.

— Não estava disposta a deixar-te morrer.

— Eu sei — disse Roman, e um sorriso surgiu no seu rosto. — E sim. Teimoso é o meu nome do meio. Não sabias?

— Acho que esse nome já foi escolhido, *Carver*.

— Sabes o que é que caía mesmo bem agora ao Carver? Um chá.

— Prepara o teu próprio chá, preguiçoso — reclamou Iris, mas já se estava a levantar da cadeira, grata por ele lhe ter dado algo para fazer; por se poder afastar das recordações que inundavam a sua mente.

Enquanto preparava duas chávenas, Roman começou a transcrever as histórias dos soldados. Iris decidiu que seria melhor escrever sobre o ataque em si, já que tinha estado lúcida o tempo todo.

Colocou uma folha nova na máquina de escrever e ficou a olhar para a sua alvura durante longos instantes, enquanto desfrutava do chá. Era estranhamente reconfortante ouvir Roman a bater nas teclas. Quase se riu quando se lembrou de como isso a tinha irritado, saber que as palavras dele estavam a fluir enquanto ela trabalhava nos classificados e obituários.

Precisava de quebrar o gelo.

Os seus dedos tocaram nas teclas, primeiro timidamente. Como se estivessem ainda a lembrar-se do seu objetivo.

Começou a escrever e, no início, as palavras saíam lentas e densas. Mas depressa entrou no ritmo de Roman, e as suas teclas começaram a subir e a descer, acompanhando as dele, como se estivessem a criar uma melodia metálica em conjunto.

Apanhou-o a sorrir algumas vezes, como se ele estivesse à espera de ouvir as suas palavras a fluir.

O chá arrefeceu.

Iris parou para servir mais chá. Reparou que o vento continuava a soprar. De vez em quando, uma aragem entrava, sorrateira, na cozinha, agitando os papéis sobre a mesa. A brisa cheirava a terra quente, a musgo e a relva acabada de cortar, e ela deixou-se ficar a ver o jardim a dançar com ela.

Prosseguiu com a escrita do artigo, editando as suas recordações e apontando-as no papel. Chegou ao momento em que a granada explodira e fez uma pausa, olhando para Roman. Ele tinha tendência a fazer uma careta enquanto escrevia, e Iris reparou num sulco profundo entre as suas sobrancelhas. Pelo contrário, os seus olhos brilhavam e os lábios estavam apertados numa linha fina. Roman inclinou a cabeça

para o lado, para afastar o cabelo dos olhos.

— Vês alguma coisa de que gostes? — perguntou ele, sem perder o ritmo. O olhar não se desviara do papel, e as pontas dos dedos voavam sobre as teclas.

— Estás a distrair-me, Kitt. — Iris franziu o sobrolho.

— Fico contente por ouvir isso. Agora, já sabes como me senti este tempo todo, Iris.

— Se eu era uma distração para ti... devias ter feito alguma coisa. — Sem dizer palavra, Roman pegou num pedaço de papel e amassou-o numa bola, arremessando-o por cima da mesa. Iris bloqueou-o, com os olhos a brilhar. — E pensar que te fiz *duas* chávenas de chá perfeitas! — gritou, amarrotando a sua própria folha para lha atirar de volta.

Roman apanhou-a como se fosse uma bola de basebol, com os olhos ainda no papel, enquanto uma mão continuava a escrever.

— Achas que há alguma hipótese de haver uma terceira?

— Talvez. Mas isso terá um preço.

— Pago o que quiseres. — Parou de escrever para olhar para ela. — Faz o teu preço.

Iris mordeu o lábio, imaginando o que deveria pedir.

— Tens a certeza, Kitt? E se eu quiser que me laves a roupa até ao final da guerra? E se quiser que me massajes os pés todas as noites? E se quiser que me faças uma chávena de chá de hora a hora?

— Posso fazer tudo isso e muito mais, se quiseres — disse ele, muito sério. — Basta dizeres-me o que queres.

Ela respirou, lenta e profundamente, tentando apagar o fogo que parecia ansioso para arder dentro dela. Aquela incandescência que Roman despertava. Ele ficou a observá-la, à espera, e Iris baixou os olhos para a frase que deixara pendurada na página.

A explosão. A mão dele a ser arrancada da dela. O fumo que os rodeara. Porque tinha *ela* saído ilesa, ao contrário de tantos outros? Homens e mulheres que tinham dado muito mais do que ela, que nunca regressariam a casa, às suas famílias, aos seus amantes. Que não veriam o seu próximo aniversário, ou beijariam a pessoa que menos esperavam, ou envelheceriam a ver as flores a desabrochar no seu jardim.

— Eu não mereço isto — sussurrou. Sentia que estava a trair o irmão. O tenente Lark. O Pelotão Plátano. — Não mereço ser assim tão feliz. Não quando há tanta dor, terror e perda no mundo.

— Porque dizes isso? — respondeu Roman, o tom de voz brando, mas urgente. — Achas que seríamos capazes de viver num mundo feito só dessas coisas? Morte, dor e horror? Perda e agonia? Não é crime sentir alegria, mesmo quando as coisas parecem não ter solução. Iris, olha para mim. Mereces toda a felicidade do mundo. E eu tenciono fazer com que a tenhas.

Queria acreditar nele, mas o seu medo ensombrava-a. Ele podia morrer. Podia voltar a ser ferido. Podia decidir abandoná-la, como Forest. Não estava preparada para outro golpe como aquele.

Pestanejou para afastar as lágrimas, contando que Roman não as visse. Pigarreou e disse:

— Isso não parece ser tarefa fácil.

— Iris — tornou Roman —, és digna de ser amada. És digna de sentir alegria, mesmo num tempo de trevas. E caso tenhas dúvidas... não vou a lado nenhum, a não ser que me peças para partir e, mesmo assim, talvez seja preciso alguma negociação.

Ela acenou com a cabeça. Precisava de *confiar* nele. Já tinha duvidado de Roman, e ele tinha provado que ela estava errada. Vezes sem conta.

Iris esboçou um sorriso. Sentia um peso no peito, mas queria aquilo. Queria estar com ele.

— Uma chávena de chá — disse, por fim. — É o meu preço de hoje.

Roman retribuiu o sorriso, levantando-se da mesa.

— Uma chávena de hora a hora, suponho?

— Isso depende da tua mestria a fazer chá.

— Desafio aceite, Winnow.

Ficou a vê-lo coxear até ao fogão e a encher a chaleira na torneira. Roman não gostava de usar a muleta em casa, mas parecia que ainda precisava dela. Ela não disse nada, enquanto admirava a forma como a luz iluminava o movimento gracioso das suas mãos.

Roman estava a servir-lhe uma chávena de chá perfeita quando a sirene se fez ouvir. Iris retesou os músculos ao ouvir o lamento distante que aumentava e diminuía, aumentava e diminuía. Uma e outra vez, como uma criatura nos estertores da morte.

— *Eithrals*? — inquiriu Roman, pousando a chaleira com estrondo.

— Não — disse Iris, levantando-se. O seu olhar estava posto no jardim, na brisa que o varria. — Não, esta é a sirene de evacuação.

Nunca a tinha escutado, mas já tinha pensado muitas vezes na possibilidade de isso acontecer. Os seus pés ficaram pregados ao chão enquanto a sirene continuava a tocar.

— Iris? — A voz de Roman despertou-a. Estava ao lado dela, observando atentamente o seu rosto.

— Kitt. — Pegou na mão dele quando o chão começou a tremer. Perguntou-se se seriam as réplicas de uma bomba distante, mas o estrondo só se tornou mais intenso, como se algo estivesse a aproximar-se.

Iris ouviu um estampido alto e encolheu-se imediatamente, com os dentes cerrados. Roman puxou-a de novo para cima, apertando-a contra o peito. Sentiu a sua voz quente no cabelo, enquanto sussurrava:

— É só um camião. Foi só um estrondo do tubo de escape. Estamos seguros aqui. Estás segura comigo.

Fechou os olhos, mas ouviu o bater do coração dele e os sons que os rodeavam. Roman tinha razão; o barulho que ela ouvia era o de um camião a passar pela casa. O suor gelado ainda lhe picava as palmas das mãos e a nuca, mas conseguiu acalmar nos braços dele.

Não podia ser só um, tinham de ser vários camiões, porque a sirene continuava a tocar e o chão continuava a tremer. Abriu os olhos, sentindo uma súbita vontade de olhar para ele.

— Kitt, achas que...?

Roman limitou-se a encará-la, mas havia um brilho assombrado no seu olhar.

Achas que são os soldados de Dacre? Achas que isto é o fim?

Ele não sabia, e Iris apercebeu-se disso enquanto ele lhe acariciava o rosto. Tocou-lhe da mesma forma que sempre fizera, como se quisesse saborear. Como se pudesse ser a última vez.

A porta da rua abriu-se de rompante.

Iris ficou em sobressalto, mas Roman manteve os braços à volta dela. Alguém tinha entrado dentro de casa, e caminhava pelo corredor com um passo pesado. Foi então que se ouviu uma voz desconhecida, mas penetrante.

— *Marisol!*

Uma mulher apareceu na cozinha. Uma soldada alta, com uma farda verde-azeitona manchada de sangue. Trazia uma espingarda às costas e granadas no cinto. Tinha uma estrela dourada presa sobre o

coração, revelando o seu estatuto de capitã. O cabelo louro estava cortado curto, e algumas madeixas brilhavam à luz por baixo do capacete. O rosto era magro, como se não se tivesse alimentado bem nos últimos meses, mas os olhos castanhos continuavam vivos, atravessando a cozinha até onde estavam Iris e Roman, abraçados.

Iris conheceu-a de imediato. Tinha estado ajoelhada na horta daquela mulher, a prepará-la para o seu regresso.

— Keegan?

— Sim. Onde está a minha mulher? — perguntou Keegan. Sem dar a Iris tempo de responder virou-se para trás, desaparecendo pelo corredor. — Mari? *Marisol!*

Iris soltou-se dos braços de Roman, correndo atrás dela.

— Ela não está aqui.

Keegan deu a volta no hall de entrada.

— Onde é que ela está?

— Na enfermaria. O que se passa? A vila vai ser evacuada?

— Sim. — O olhar de Keegan passou para além dela, para onde Roman tinha entrado a coxear no corredor, atrás delas. — Um de vocês tem de preparar as armas. O outro, vem comigo.

Recuou para a claridade do pátio da frente, e Iris virou-se para Roman.

— A Marisol tem os kits de emergência na despensa — explicou. — Devem ser quatro, um para cada um de nós. Trata disso e encontramo-nos aqui daqui a uns minutos.

— Iris, *Iris*, espera. — Ele agarrou-lhe a manga e puxou-a para si, e Iris pensou que ele ia contestar, até que a boca dele se juntou à sua.

Ainda estava sem fôlego por causa do beijo um minuto depois, enquanto corria atrás de Keegan pelas ruas caóticas. Havia camiões estacionados por todo o lado, e soldados a sair do seu interior, preparando-se para a batalha.

— Keegan? — chamou Iris, apressando-se a acompanhar o ritmo da mulher de Marisol. — O que aconteceu?

— Dacre está prestes a atacar Clover Hill — respondeu a capitã, contornando um homem que corria para casa com três cabras e um cesto cheio de legumes. — É uma vila a poucos quilómetros daqui. Acho que não vamos conseguir aguentar muito tempo, por isso contamos que Dacre ataque Avalon Bluff a seguir, dentro de um dia ou dois.

As palavras atravessaram Iris como balas. Sentiu uma dor no peito, mas depois ficou entorpecida pelo choque. *Isto não pode estar a acontecer*, pensou, mesmo quando viu como os habitantes de Avalon Bluff saíam a correr das suas casas com malas e mochilas, obedecendo às ordens dos soldados que lhes diziam para entrarem nos camiões de transporte.

Havia uma família que tinha arrastado um enorme retrato emoldurado para fora de casa e para o seu quintal. Um soldado abanou a cabeça e disse:

— Não, só o essencial. Deixem tudo o resto para trás.

— Os habitantes vão ser transferidos por camião? — perguntou Iris.

— Sim — respondeu Keegan, com os olhos fixos na distância, enquanto continuavam a percorrer a rua apinhada de gente. — Vão ser levados para a próxima vila a leste daqui. Mas estou a pedir a todos os residentes que queiram lutar e defender Avalon que fiquem para trás e ajudem. Espero que alguns se ofereçam como voluntários. — Iris engoliu em seco. A sua boca era um deserto e o coração batia forte na garganta. Queria ficar e ajudar, mas naquele momento sabia que ela e Roman deveriam sair dali. — Não me disseste o teu nome — disse Keegan, olhando de relance para ela.

— Iris Winnow.

Keegan arregalou os olhos. Tropeçou numa pedra solta, mas a reação ao nome de Iris foi rapidamente abafada, o que fez com que Iris ficasse na dúvida se teria sido fruto da sua imaginação. Embora fosse assombrada por uma pergunta não proferida...

Será que a Keegan já ouviu falar de mim?

Por fim, a enfermaria ficou à vista. Iris reparou que as passadas de Keegan se alongaram até ela estar quase a correr. O pátio estava repleto de enfermeiras e médicos que ajudavam os doentes feridos a entrar nos camiões.

O que faço? Devo ficar ou ir-me embora? Os pensamentos de Iris surgiam em catadupa, tal como a sirene que continuava a tocar.

Keegan enfrentou o fluxo de tráfego na enfermaria, com Iris no seu encalço. A maioria das camas já estava vazia. Os passos ressoavam no teto alto. A luz do sol continuava a entrar pelas janelas, iluminando os riscos no chão.

O ar cheirava a sal, iodo e sopa de cebola entornada. Keegan parou abruptamente, como se tivesse embatido numa parede. Iris olhou para além dela e viu Marisol, a alguns passos de distância. A luz do sol

envolveu-a de tons dourados quando se baixou para pegar num cesto de cobertores, com Attie a seu lado.

Iris susteve a respiração, à espera. Porque Keegan ficara paralisada, como uma estátua, a observar a mulher.

Por fim, Marisol olhou para cima. Abriu a boca, apanhada de surpresa, e deixou cair o cesto que tinha nas mãos. Correu para Keegan com um grito, a chorar e a rir, e saltou para os seus braços.

Iris sentiu a vista turva ao vê-las reunidas. Afastou as lágrimas, mas não sem antes cruzar o olhar com Attie.

Keegan? Murmurou Attie, com um sorriso.

Iris sorriu e acenou com a cabeça. E pensou: *Mesmo quando o mundo parece parar e ameaça desmoronar-se, e quando a sirene anuncia a chegada das trevas... não é crime sentir alegria.*

*

— Quero que saias daqui, Mari. Vais com um dos meus sargentos, que tomarão bem conta de ti.

— Não. *Não*, nem pensar!

— Marisol, querida, ouve-me...

— Não, Keegan. Ouve-me *tu*. Não te vou deixar. Não vou deixar a nossa casa.

Iris e Attie estavam no pátio da enfermaria, a ouvir, encavacadas, a discussão de Marisol e Keegan, que era feita entre beijos.

Keegan olhou para Iris e Attie, acenando-lhes com a mão.

— E as tuas raparigas, Mari? As tuas correspondentes?

Marisol fez uma pausa. Uma expressão condoída tomou conta do seu rosto quando olhou para Iris e Attie.

— Eu quero ficar — disse Attie. — Posso ajudar no que for preciso.

Iris hesitou.

— Eu também quero ficar, mas com o ferimento do Kitt...

— É melhor ires com ele — disse Marisol com delicadeza. — Mantém-no em segurança.

Iris acenou com a cabeça, dividida. Não queria deixar Attie e Marisol. Queria ficar e ajudar na luta, na defesa do lugar que se tornara um lar para ela. Mas não suportava deixar Roman.

Keegan quebrou o momento de tensão e disse à mulher:

— Tu podes dizer que queres que a Iris e o Kitt estejam a salvo, mas não admites que eu diga o mesmo em relação a ti?

— Eu sou velha, Keegan — argumentou Marisol. — Eles ainda são jovens.

— Marisol! — gritou Attie. — Só tem 33anos!

Marisol suspirou. Olhou para Keegan e disse com firmeza:

— Não me vou embora. As minhas meninas podem fazer o que acharem melhor.

— Muito bem — cedeu Keegan, esfregando a sobancelha. — Sei que é impossível discutir contigo.

Marisol limitou-se a sorrir.

— Presumo que eu e o Kitt devemos apanhar boleia num dos camiões? — disse Iris, com as palavras a saírem-lhe densas pela boca. A sua culpa aumentou quando olhou para as mãos, cobertas de terra e sujas da tinta das fitas.

— Sim — confirmou Keegan, num tom grave. — Mas antes de ires, tenho uma coisa para ti.

Iris ficou a ver, fascinada, a capitã levar a mão ao bolso e tirar o que parecia ser uma carta. Keegan estendeu-lhe o envelope e, por instantes, tudo o que Iris conseguiu fazer foi olhar para ele. Uma carta, dirigida a ela, enrugada pela guerra.

— O que é isto? — perguntou, em surdina. Mas o seu coração sabia, e batia com pavor. Era a resposta de que ela estava à espera. Uma informação atualizada sobre o irmão.

— Ficou misturada no meu correio — explicou Keegan. — Acho que foi porque a tua morada era Avalon Bluff. Ia enviá-la juntamente com a minha carta para a Marisol, mas depois tivemos de avançar e não consegui enviá-la mais cedo, desculpa.

Entorpecida, Iris aceitou a carta. Ficou a olhar para ela — o seu nome rabiscado a tinta escura por cima do envelope. Não era a letra de Forest e, subitamente, Iris sentiu vontade de vomitar.

Afastou-se das amigas, sem saber se devia ler a carta na presença delas ou procurar um sítio privado. Deu quatro passos e achou que os joelhos iam ceder, por isso parou. As suas mãos estavam geladas, mesmo quando semicerrou os olhos contra o sol forte, até que finalmente abriu o envelope. Leu:

Prezada Iris,

o seu irmão estava, de facto, a combater no Segundo Batalhão E, Quinta Companhia de Landover, ao comando da capitã Rena G. Griss.

Infelizmente, foi ferido na Batalha do Rio Lucia e transportado para uma enfermaria na cidade de Meriah. Como o seu oficial de comando foi uma das baixas, esta notícia não chegou até si.

Quinze dias depois, Meriah foi alvo de bombardeamentos, mas o soldado Winnow foi transferido a tempo. Como os seus ferimentos já tinham alguns meses e toda a sua companhia pereceu no Rio Lucia, ele foi incorporado numa nova força auxiliar e está a lutar bravamente pela causa de Enva. Se me chegarem notícias sobre o seu atual posto, terei todo o gosto em fazê-las chegar até si.

Tenente Ralph Fowler

Assistente do Oficial de Comando da Brigada E

— Iris?

Ela virou-se e pestanejou para afastar as lágrimas, quando Marisol lhe tocou no ombro.

— O meu irmão — sussurrou Iris, cheia de esperança. — Ele foi ferido, mas está vivo, Marisol. Foi por isso que nunca tive notícias dele, durante todos estes meses.

Marisol arquejou, puxando Iris para um abraço. Iris agarrou-se a ela, lutando contra o soluço de alívio que ameaçava rasgar-lhe o peito.

— Boas notícias? — perguntou Keegan.

Iris acenou com a cabeça, desfazendo o abraço.

— A que distância fica Meriah? — perguntou a Keegan.

Uma sombra passou pelo rosto da capitã. Devia estar a lembrar-se das batalhas, do derramamento de sangue, dos soldados que haviam morrido.

— Cerca de 80 quilómetros — respondeu Keegan. — A sudoeste daqui.

— Não é longe — sussurrou Iris, delineando os contornos da boca com os dedos. Forest fora incorporado noutra companhia, que poderia estar perto de Avalon Bluff.

— Iris? — chamou Attie, quebrando o seu raciocínio. — Isso significa que vais ficar? — Iris abriu a boca para responder, mas as palavras ficaram penduradas na garganta. Alternou o olhar entre Attie, Keegan e Marisol, e depois disse:

— Tenho de falar com o Kitt.

— É melhor despachares-te — aconselhou Keegan. — O último camião vai partir em breve.

Aquele anúncio provocou uma onda de choque em Iris. Acenou com a cabeça e virou-se, correndo pela rua. A vila continuava caótica,

mas os camiões com os residentes começavam a afastar-se, dirigindo-se para leste. Iris saltou por cima de uma mala de viagem, de um saco de batatas, de um caixote de legumes enlatados.

A rua principal estava surpreendentemente calma. A maioria dos residentes já tinha sido transportada, mas quando Iris se aproximou da pensão, viu a porta da rua aberta.

— Isto deve chegar, Kitt. Obrigado, rapaz.

Iris abrandou o passo e os seus olhos seguiram a voz. Era Peter, o vizinho do lado. Ele e Roman estavam a carregar os pertences para a parte de trás do seu pequeno camião.

— É um prazer ajudar, senhor — disse Roman, prendendo o caixote. Quando Iris se aproximou, reparou no macacão molhado de suor. Ato reflexo, inspecionou-lhe a perna direita, preocupada com a possibilidade de voltar a encontrar sangue a escorrer pelo tecido.

— Kitt — disse ela, e ele virou-se. Percebeu que a tensão na sua postura se aliviou assim que a viu. Roman pegou na sua mão, puxando-a para mais perto.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Sim. — Mas as palavras pareciam faltar-lhe e Iris entregou-lhe a carta em silêncio.

Ele franziu o sobrolho, confuso, até começar a ler. Quando voltou a olhar para Iris, os seus olhos brilhavam com lágrimas.

— *Iris.*

— Eu sei — disse ela, e sorriu. — O Forest está vivo, e está noutra companhia. — Iris engoliu em seco. Não podia acreditar que estava prestes a dizer aquelas palavras. Não podia acreditar que estava num momento como aquele, que poderia selar o seu destino. — Estava a pensar em sair daqui contigo, porém, depois desta carta, tenho de ficar aqui. Tornei-me correspondente por causa do Forest. Ele é o último da minha família, e viajei para oeste na esperança de que os nossos caminhos se cruzassem. E agora que sei que ele pode estar a vir para cá para defender Avalon Bluff contra Dacre... tenho de ficar e ajudar.

O braço de Roman apertou-se à volta dela enquanto a ouvia. Os seus olhos tão azuis quase a perfuraram até aos ossos, e Iris imaginou que expressão estaria estampada na sua cara. O que será que ele via nela? Parecer-lhe-ia determinada, assustada, preocupada ou corajosa?

— Não te vou pedir que fiques aqui comigo — continuou Iris, com a voz vacilante. — Na verdade, sei que é melhor partires, porque

ainda estás a recuperar e, acima de tudo, porque quero que estejas em segurança.

— Vim aqui por ti, Iris — disse Roman. — Se ficares, eu também fico. Não te vou deixar.

Ela suspirou, surpresa com o alívio que sentiu ao ouvir a decisão dele — ele não ia abandoná-la, acontecesse o que acontecesse no dia seguinte — e abraçou-o pela cintura. No entanto, não conseguiu deixar de olhar para a perna dele.

— Posso dar-vos boleia? — perguntou Peter. — A minha mulher vai na cabina, mas se quiserem sentar-se na parte de atrás, há espaço.

— Não, mas obrigado, Mr. Peter — respondeu Roman. — Vamos ficar aqui para ajudar.

Iris ficou a ver Peter e a mulher afastarem-se no meio de uma nuvem de fumo de escape. Sentiu um vazio no estômago e perguntou-se se estaria a cometer um grande erro, se viria a arrepender-se da sua decisão. Resistir a fugir para o Oriente com Roman quando ainda tinha a oportunidade.

A rua ficou silenciosa, à exceção de alguns soldados que passavam. Um jornal esvoaçou sobre as pedras da calçada. Um pássaro trinou nas sebes.

Iris começou a caminhar de volta para a pensão, de mão dada com Roman. Pensou no casamento que tinham estado tão perto de realizar; em como tinham estado a poucas horas de juntar as suas vidas; em como tudo havia mudado, num mundo que parecia virado do avesso.

Mas o Forest está vivo.

Agarrou-se à esperança de o ver, de os seus caminhos acabarem por se cruzar a qualquer momento. Mesmo que isso parecesse improvável no caos que já se adivinhava.

Em silêncio, Iris e Roman voltaram para a cozinha. As máquinas de escrever continuavam em cima da mesa e as portas duplas que davam para o terraço permaneciam abertas, tal como as tinham deixado. Uma brisa tinha entrado na sala e soprado alguns papéis soltos para o chão.

Iris, sem saber o que fazer enquanto esperava por Keegan, Marisol e Attie, ajoelhou-se e começou a limpar a confusão. Roman estava a dizer qualquer coisa, mas a sua atenção foi atraída por um dos papéis que estavam no chão. Tinha uma marca de bota enlameada.

Segurou no papel contra a luz, estudando a marca.

— O que foi, Winnow? — perguntou Roman.

— Passaste por cima destes papéis com as botas sujas, Kitt?

— Não. Os papéis estavam sobre a mesa quando saí para ajudar o Peter. Deixa-me ver.

Ela entregou-lhe a folha e percebeu que havia outra folha no chão com uma marca de bota. Iris levantou-se, com os olhos a desviarem-se para as portas abertas. Seguiu a luz até ao terraço e ficou na soleira, a observar o quintal.

O portão estava aberto, e rangia ao vento. Os ramos das árvores restolhavam. Os sinos dobravam. E havia marcas de botas na horta. Alguém tinha passado por cima dela, por cima das fileiras bem cuidadas e das plantas que brotavam.

Iris cerrou o maxilar, enquanto olhava para a horta. Tanto trabalho árduo, devoção e labuta. Alguém o tinha pisoteado sem pensar duas vezes.

Sentiu o calor de Roman quando este se aproximou por trás dela. Sentiu a sua respiração no cabelo quando ele avaliou os estragos.

— Alguém entrou dentro de casa — murmurou ele.

Ela não sabia o que dizer, o que pensar. Tinha sido o caos absoluto com a chegada da infantaria nos camiões. Os residentes tinham tido apenas alguns minutos para evacuar a vila. Qualquer pessoa podia ter entrado no quintal.

Iris ajoelhou-se e rapidamente começou a alisar as pegadas, arranjando a horta antes de Keegan chegar. Queria que ficasse perfeito para ela. Queria que Marisol ficasse orgulhosa.

A sirene de Clover Hill calou-se finalmente.



A VÉSPERA DO DIA DE ENVA

— Onde estão os outros kits de emergência? — perguntou Marisol. Foi a primeira coisa que procurou quando regressou à pensão com Attie e Keegan. Pegou nos dois sacos de serapilheira que estavam em cima da bancada da cozinha e fitou Iris e Roman, que estavam a retirar tudo da mesa.

Roman fez uma pausa.

— Deve estar tudo aí, Marisol. Fui buscar quatro.

— Que estranho — disse Marisol, com um esgar. — Só vejo dois.

Iris observou Marisol a vasculhar a cozinha, com a pulsação a cair.

— Marisol? Acho que alguém os roubou.

— Roubou? — repetiu Marisol, como se a ideia de alguém roubar alguma coisa em Avalon Bluff fosse inédita. — O que te faz pensar isso, Iris?

— Porque havia pegadas na horta, que levavam à casa.

— Horta? — inquiriu Keegan, olhando de relance para a mulher.
— Chegaste a plantar uma horta, Mari?

— Claro que sim! Disse-te que o faria. Mas não teria sido possível sem uma ajudinha.

— Mostra-me.

Attie estava mais perto das portas; abriu caminho para a luz da tarde. Era estranho como o mundo estava calmo agora. Até o vento tinha amainado, reparou Iris, enquanto seguia os outros até ao terraço.

Keegan soltou um assobio baixo.

— Tem bom aspeto. Desta vez, lembraste-te de a regar, Marisol.

Marisol bateu ao de leve no braço de Keegan.

— Bem, não teria sido possível sem a Iris e a Attie.

— De facto. E percebo o que estavas a dizer, Iris. — Keegan dirigiu-se a uma das fileiras, agachando-se para passar a mão pelo alto

no solo. — Tapaste as pegadas?

— Sim, porque queria que visse a horta bonita — atalhou Iris. — Mas tenho uma impressão perfeita da bota. — Mostrou o papel com a marca a Keegan, que a estudou com um olhar de reprovação.

— Uma bota de soldado. Deve ter entrado na casa durante a evacuação e levado dois kits. Muito me espanta. A minha companhia não faz isso. Nunca roubam a civis.

— Não há problema — disse Marisol. — Quem quer que tenha sido, devia estar a precisar de recursos, e fico contente por ter suprido as suas necessidades. Posso facilmente preparar mais três kits. Até vou fazer isso agora mesmo.

— Mais três? — disse Keegan, agarrando gentilmente no braço de Marisol para a impedir. — Só precisas de preparar dois, querida.

— Sim, e um para ti também — respondeu Marisol com um sorriso. — Já que agora estás aqui connosco.

— Claro. — Keegan soltou-lhe o braço e Marisol retirou-se para a cozinha. Mas Iris viu a tristeza que cintilou nos olhos da capitã quando voltou a olhar para a horta. Como se pressentisse que aquela poderia ser a última vez que a via.

*

Tudo estava a mudar.

Iris sentia o sabor no ar, como se a estação se tivesse desfeito como uma página antiga, saltando o verão e o outono para dar lugar ao frio do inverno. Os soldados estavam espalhados por todo o lado, com fardas e capacetes verde-azeitona, afadigando-se a preparar a vila para a batalha iminente. Havia barricadas nas ruas, feitas de sacas de areia, móveis desencontrados retirados das casas dos habitantes e tudo o que pudesse proporcionar cobertura.

A vila já não parecia um refúgio, mas sim uma armadilha, como se estivessem à espera de apanhar um monstro.

Como se o próprio Dacre pudesse entrar em Avalon Bluff.

E se entrasse? Qual seria o seu aspeto? Iris reconhecê-lo-ia se os seus caminhos se cruzassem?

Pensou em Enva e na sua harpa. No poder da sua música, nas profundezas da terra.

Enva, onde estás? Vais ajudar-nos?

Iris tentou ser útil a Marisol, atarefada a cozinhar para os pelotões, e a Keegan, que erigia o maior número possível de barricadas

estratégicas nas ruas, mas houve um momento de silêncio em que se lembrou da mãe e das suas cinzas, guardadas numa urna em cima da secretária.

Se morrer amanhã, as cinzas da minha mãe nunca vão encontrar um local para repousar.

As palavras eram contundentes, tornando cada minuto que passava agonizante. Acima de tudo, Iris queria ver a mãe livre.

Pegou na urna e aproximou-se de Keegan. Os seus soldados tinham montado um perímetro à volta da vila e ninguém podia entrar ou sair sem autorização especial.

— Quanto tempo temos? — perguntou à capitã. — Até à chegada de Dacre.

Keegan ficou em silêncio, de olhos postos no Ocidente.

— Vai passar o resto do dia a saquear Clover Hill. Deve marchar sobre Avalon Bluff amanhã de manhã. — Iris soltou um suspiro trémulo. Um último dia para fazer as coisas que queria, precisava, *ansiava* realizar. Era uma loucura imaginar aquilo; o período de horas douradas que restava. Decidiu que faria tudo o que pudesse para tornar aquele dia o mais preenchido possível. Surpreendida pelo silêncio, Keegan olhou finalmente para Iris, reparando no recipiente que tinha nas mãos. — Porque perguntas?

— Gostava de espalhar as cinzas da minha mãe antes disso.

— Então, deves fazê-lo agora. Mas leva o teu rapaz contigo — disse Keegan.

Iris pediu a Roman e a Attie que a acompanhassem à seara dourada.

Uma ligeira brisa soprava de leste.

Iris fechou os olhos.

Não há muito tempo, tinha chegado a este lugar cheia de mágoa, culpa e medo. E, embora essas coisas continuassem a habitar nela, já não eram tão prementes como antes.

Espero que me vejas, mãe. Espero que estejas orgulhosa de mim.

Abriu a tampa e virou a urna.

Observou as cinzas da mãe a serem levadas pelo vento, até à dança dourada das ervas.

*

— Algum de vocês sabe conduzir um camião? — perguntou

Keegan, meia hora depois.

Iris e Attie trocaram um olhar duvidoso. Tinham acabado de levar uma mesa da casa de Peter para a rua.

— Não — disse Iris, limpando o suor da testa.

— Então, venham daí. Vou ensinar-vos às duas.

Iris olhou por cima do ombro, para a pensão onde Marisol continuava atarefada a cozinhar. Roman tinha sido destacado para a ajudar, e Iris sentiu-se grata por saber que Marisol o tinha posto a descascar batatas na mesa da cozinha.

Provavelmente, isso não foi do seu agrado, mas ele precisava de descansar a perna.

Iris seguiu Attie e Keegan quando estas contornaram as barricadas no limite leste da vila, onde vários camiões tinham sido estacionados. Keegan escolheu um veículo que estava na parte da frente do parque, com um caminho livre para a estrada que seguia para Oriente.

— Quem quer ser a primeira? — perguntou Keegan, abrindo a porta do condutor.

— Posso ser eu — disse Attie, antes que Iris pudesse sequer respirar. Subiu para o lugar do condutor, enquanto Iris e Keegan se acomodavam no outro lado da cabina. Alguns soldados destacados naquela parte da vila tiveram de abrir um portão improvisado, mas depois disso não havia mais obstáculos, apenas uma estrada aberta diante delas.

— Roda a chave — disse Keegan. Iris memorizou a forma como Attie ligava o motor. O camião ganhou vida. — Sabes como funciona uma embraiagem?

— Sim. — Attie pareceu um pouco hesitante, mas tinha as mãos no volante e os olhos fizeram um inventário rápido do painel de instrumentos e das alavancas.

— Ótimo. Põe o pé no pedal e pressiona.

Iris observou Attie a seguir cada instrução de Keegan. Pouco depois já avançavam estrada fora. Avalon Bluff não era mais do que uma nuvem de pó atrás delas. Primeira, segunda, terceira. Attie era capaz de engrenar as mudanças sem problemas, e quando já seguiam a uma velocidade que fazia os dentes de Iris chocalhar, Attie soltou um grito triunfante.

— Muito bem. Agora, volta a pôr o camião em ponto morto e estaciona — disse Keegan.

Attie assim fez, e depois foi a vez de Iris.

Tinha as palmas das mãos húmidas quando pegou no volante. Mal conseguia tocar com o pé no pedal do acelerador, quanto mais na embraiagem que tinha de pressionar para baixo.

Foi... desastroso.

Quase guinou o camião duas vezes para fora da estrada, deixou o motor ir abaixo pelo menos quatro vezes e proferiu uma série de palavrões quando Keegan assumiu o comando.

— Com mais alguma prática, a coisa faz-se — disse a capitã. — Já percebeste a ideia geral, e isso é o mais importante.

Iris deslizou para o banco do passageiro com Attie, e ambas ficaram em silêncio enquanto Keegan as levava de volta à vila. O portão improvisado fechou-se atrás delas, e pouco depois já o camião estava estacionado no mesmo sítio, com a dianteira a apontar para leste.

Keegan desligou o motor, mas não se mexeu. Olhou para o para-brisas coberto de poeira e disse:

— Se as coisas correrem mal aqui, quero que peguem na Marisol e no Kitt e fujam neste camião. Se tiverem de passar por este portão para sair, não hesitem em abalroá-lo. E não parem por nada. Conduzam para leste até estarem em segurança. — Keegan fez uma pausa, fixando o seu olhar sombrio nas raparigas. — A Marisol tem uma irmã que vive numa vila chamada River Down, a cerca de 50 quilómetros a oeste de Oath. Vão para lá primeiro. Fiquem juntas e preparem-se para o pior. Mas têm de tirar a Marisol daqui por mim. Prometem?

A boca de Iris ficou subitamente seca. Olhou para a capitã — para os contornos duros do seu rosto e para as cicatrizes nas suas mãos — e odiou aquela guerra. Odiou que estivesse a causar a morte prematura a boas pessoas e a destruir as vidas e os sonhos a outras.

Mas acenou com a cabeça e disse, em uníssonos com Attie:

— Prometo.

*

Depois disso, foram destacadas como estafetas.

Attie e Iris corriam pelas ruas sinuosas de Avalon Bluff, entregando refeições, mensagens e tudo o que Marisol ou Keegan precisassem. Iris conhecia a vila como a palma da sua mão, e fazia muitas vezes os mesmos percursos que tinha feito com Roman quando treinavam juntos. Quando corriam ao amanhecer. Ficou satisfeita ao perceber o

quanto a sua resistência tinha melhorado desde aquela primeira corrida.

Só desejava que ele pudesse correr ao seu lado.

O pelotão destacado na colina precisava de refeições, e Iris e Attie trataram de as entregar. As nuvens vespertinas tornaram-se mais densas, bloqueando a luz do sol, e Iris sentiu o cheiro a fumo no vento. Descobriu o porquê quando chegou ao cume da colina.

Ao longe, Clover Hill estava a arder.

Entregou as cestas de comida aos soldados, estudando cada um dos rostos para ver se Forest estava entre eles. Não estava, mas a sua esperança não esmoreceu, nem sequer quando se pôs a observar as volutas de fumo ao longe. Perguntou-se se haveria algum sobrevivente em Clover Hill, ou se Dacre massacrara toda a vila.

— Quanto tempo achas que falta para Dacre vir atrás de nós? — perguntou Attie, parando ao lado dela. O território que se estendia entre elas e Clover Hill era pacífico, idílico. A sua inocência era enganadora.

— A Keegan disse que seria amanhã de manhã — respondeu Iris. O dia ainda tinha quatro horas de luz solar, e depois chegaria a noite. Para além disso, Iris não sabia.

De certa forma, este período de espera durante a acalmia era mais difícil de suportar. Horas e horas a pensar, a preparar e a antecipar. Quem iria morrer? Quem viveria? Seriam eles capazes de defender a vila? Dacre arrasá-la-ia pelo fogo, como fizera com Clover Hill?

— Se as coisas correrem mal e tivermos de cumprir o que prometemos à Keegan — começou Attie — eu agarro na Marisol. Tu agarras no Roman. Encontramo-nos no camião.

— Como saberemos que as coisas estão *suficientemente* complicadas? — perguntou Iris, humedecendo os lábios. Sentia o sabor do sal do seu suor. — Qual será a altura de fugir? — Queria fazer essa pergunta a Keegan, mas engoliu-a rapidamente, temendo que a capitã a achasse desnecessária. *Não deveríamos saber quando as coisas estão suficientemente más?*

— Não tenho a certeza, Iris — respondeu Attie, com o semblante fechado. — Mas acho que na altura... *saberemos*.

Iris sentiu algo a roçar-lhe o tornozelo. Assustou-se ao ouvir um miado triste, e viu um gato a esfregar-se nas suas pernas.

— Vejam só! — gritou Attie, pegando no gato, deliciada. — Um amuleto da sorte!

— Não sabia que os gatos davam sorte — disse Iris, mas sorriu ao ver Attie a acariciar o felino.

— De quem será? — perguntou Attie. — Achas que é vadia?

— Acho que é um dos gatos dos O'Brien. Eles tinham uns sete. Acho que esta foi deixada para trás durante a evacuação.

Parecia-se muito com o gato que tinha estado no colo de Roman no dia anterior. Iris estendeu a mão e coçou-lhe as orelhas, desejosa de tocar em algo macio e delicado.

— Bem, ela vem para casa comigo. Não vens, Lilás? — Attie começou a descer a colina, com a gata a ronronar nos braços.

— Lilás? — repetiu Iris, seguindo-a. Passou pelo quintal dos O'Brien. A grade onde Roman esperara por ela já tinha desaparecido há muito tempo, tendo sido usada para as barricadas. Era tão estranho, perceber o quanto tudo podia mudar num dia.

— Sim. A minha flor preferida — disse Attie, olhando de relance para Iris. — A seguir à íris, claro.

Iris sorriu e abanou a cabeça. Mas a sua felicidade esmoreceu quando percorreu o caminho de volta à pensão, contornando barricadas e colunas de soldados. Enquanto via Attie a falar carinhosamente com a gata.

Era mais uma coisa que teriam de levar se tudo desmoronasse.

*

— Trouxeram um *gato*? — exclamou Roman. Estava sentado à mesa da cozinha, a descascar uma montanha de batatas. Os olhos dele passaram de Attie para a gata e, finalmente, pousaram em Iris, examinando-lhe o corpo de alto a baixo, como se estivesse à procura de novas mazelas.

Iris ficou corada quando percebeu que estava a fazer o mesmo com ele — procurando em cada curva do seu corpo se ele estava bem. Sentiu o calor a percorrê-la quando os seus olhares se cruzaram.

— Sim — disse Attie, abraçando Lilás com mais força. A gata emitiu um miado queixoso. — A pobrezinha estava sozinha na colina.

— Caso não saibas, sou alérgico a gatos — disse Roman.

— A Lilás fica no meu quarto. Prometo.

— E se ficares com o macacão cheio de pelos, eu lavo-o — disponibilizou-se Iris. Se os gatos fossem realmente amuletos da sorte, era mesmo do que eles precisavam.

— Mas assim não teria *nada* para vestir — constatou Roman,

voltando a concentrar-se na batata que tinha na mão. — Porque o meu segundo macacão desapareceu.

— O quê? — exalou Iris. — Como assim, Kitt?

— Estava pendurado no meu roupeiro hoje de manhã e agora desapareceu.

Ela continuou a estudá-lo, apercebendo-se de que o seu cabelo escuro estava húmido, penteado para trás, como nos velhos tempos da redação. A cara estava barbeada, as unhas limpas. Sentiu um leve cheiro a perfume e o seu coração disparou.

— Estiveste a *tomar banho*, Kitt? — Era a coisa mais ridícula que poderia ter perguntado, mas parecia-lhe tão estranho que ele se lavasse a meio do dia, quando tudo estava prestes a desmoronar-se. Embora talvez isso não devesse surpreendê-la. Ele sempre gostara de estar no seu melhor. Porque é que o fim do mundo haveria de mudar isso?

Roman olhou para ela. Não disse nada, mas as suas faces estavam coradas e, antes que Iris pudesse dizer mais alguma coisa, Marisol entrou na cozinha e pôs um cesto pesado de cenouras nas suas mãos.

— Descasca-as e corta-as para mim, por favor, Iris.

Isso pôs fim às entregas, à construção de barricadas, às corridas pelas ruas e à imagem de Roman Kitt no duche. Quando o sol começou a pôr-se, trabalharam todos juntos para fazer várias panelas de sopa de legumes e pão fresco para os soldados.

O estômago de Iris já estava a dar horas quando Marisol disse:

— Attie? Porque não vais ver se a Iris te pode ajudar com aquele assunto lá em cima?

— Certo — disse Attie, levantando-se da cadeira. — Vamos, Iris.

Iris franziu o sobrolho, mas levantou-se.

— Para que precisas da minha ajuda?

— É difícil explicar, por isso segue-me — disse Attie, fazendo-lhe sinal com as mãos. Mas olhou por cima do ombro de Iris e arregalou os olhos, e esta virou-se mesmo a tempo de ver Roman baixar o olhar.

— O que se passa, Attie? — perguntou Iris, seguindo-a pelas escadas. Estava quase a anoitecer.

— Entra — disse Attie, abrindo caminho para a casa de banho. — Iris ficou na soleira da porta, confusa, enquanto Attie abria a torneira. — Porque não tomas um duche enquanto eu vou procurar...

— *Duche*? — perguntou Iris. — Porque haveria de tomar um duche

numa altura destas?

— Porque passaste o dia a correr colina acima e colina abaixo e a cortar cenouras, chervias e cebolas e o teu macacão cheira a fumo de escape de camião — disse Attie. — Confia em mim, Iris. Usa o champô que está ali, naquela lata.

Fechou a porta e deixou Iris na casa de banho cheia de vapor.

Iris despiu o macacão e entrou no chuveiro. Ia tomar um banho rápido, porque ainda havia muito para fazer. Mas depois viu a sujidade debaixo das unhas e pensou em Roman. Um sentimento de curiosidade apoderou-se dela, provocando-lhe um arrepio.

Lavou-se com calma, até que todos os vestígios de cebola, fumo de escape, suor e sujidade tivessem desaparecido, e ela cheirasse a gardénias com um toque de lavanda. Estava a secar o cabelo quando Attie bateu à porta.

— Tenho um macacão lavado para ti.

Iris abriu a porta e deu com Attie de pé com um macacão engomado numa mão e uma coroa de flores na outra.

— Pronto — disse Iris, com o olhar fixo nas flores. — O que se passa?

— Toma, veste-te. Tenho de entrançar o teu cabelo. — Attie entrou na casa de banho, fechando a porta atrás de si.

Iris tencionava protestar, mas Attie arqueou uma sobrancelha, por isso, vestiu docilmente o macacão e abotoou-o. Sentou-se num banco para Attie lhe domar o cabelo em duas tranças grossas, que prendeu no topo da cabeça com ganchos com uma pérola nas pontas. Era assim que Marisol costumava usar o cabelo, e Iris pensou que parecia mais velha, quando se viu refletida no espelho.

— Agora, a melhor parte — disse Attie, pegando nas flores. Estavam acabadas de cortar, entrelaçadas. Margaridas, violetas e dentes-de-leão. Flores que cresciam à vontade no jardim. Iris susteve a respiração quando Attie colocou as flores sobre as suas tranças. — Pronto. Estás linda, Iris.

— Attie, o que se passa?

Attie sorriu, apertando as mãos de Iris.

— Ele pediu a minha autorização. Comecei por lhe dizer que não tinha a certeza se poderia dar-lha, uma vez que tu estavas apaixonada por um rapaz chamado Carver que te escrevia cartas encantadoras e comoventes, e como é que o Kitt se poderia comparar com ele? Ao que ele me informou que ele é o Carver e mostrou-me a prova. E que mais

poderia eu dizer senão que sim, que ele estava mais do que autorizado?

Iris respirou, lenta e profundamente. Mas o seu coração dançava ao som de uma música inebriante que pulsava no seu sangue.

— Quando? — inquiriu, ofegante. — Quando é que ele falou contigo?

— Quando estávamos a entregar comida. A certa altura, passaste a correr à minha frente, lembras-te? E sim, ele já pediu a autorização à Marisol. Até à Keegan. É muito meticoloso, este teu Kitt.

Iris fechou os olhos, mal conseguindo acreditar.

— Achas que isto é uma loucura? Com Dacre a caminho? Que eu esteja a festejar quando a morte está a chegar?

— Iris — tranquilizou-a Attie —, isso só torna tudo ainda mais bonito. Vocês os dois encontraram-se contra todas as probabilidades. E se esta for a vossa primeira e única noite juntos, então aproveitem-na.

Iris olhou fixamente para Attie.

— Estás a dizer-me...?

Attie sorriu e puxou-a pela mão.

— Estou a dizer-te que o Roman Carver Kitt está no jardim, à espera, para casar contigo.

VOTOS TROCADOS NA ESCURIDÃO

Roman estava com Keegan e Marisol à entrada da horta, enquanto a luz do sol se desvanecia. Keegan avisara-o de que os votos teriam de ser rápidos, o que lhe pareceu perfeitamente compreensível. Tinha ficado chocado com o apoio e o entusiasmo com que toda a gente tinha encarado os seus planos. Pensou que de certeza uma delas iria dizer: *Não, há coisas mais importantes, Roman. Olha à tua volta! Não há tempo para casamentos.*

Mas acontecera o contrário, como se Attie, Marisol e Keegan estivessem ansiosas por algo que lhes levantasse o ânimo.

Continuou à espera de Iris, sem saber com o que contar, mas no momento em que a viu passar pelas portas com o cabelo apanhado, enfeitada com flores... sentiu uma onda de orgulho. Uma alegria imensa, tão profunda que parecia não ter fim, nem forma de ser medida. A emoção abriu-lhe um sorriso largo no rosto, roubou-lhe um batimento do coração.

Attie trouxe-a até ele pelo caminho de pedra, e Iris caminhava com um brilho que ele nunca tinha visto nos olhos da mulher que amava. Era como se estivesse há horas à espera dela e, no entanto, sentiu que só tinha passado o tempo de um suspiro, quando Iris pegou na sua mão.

Estava quente, corada do banho. A palma da sua mão parecia seda na dele.

Roman estudou-lhe o rosto. Queria memorizar os seus contornos no crepúsculo. *Vamos mesmo fazer isto*, pensou ele com um arrepio. Iam casar de macacão, na véspera da batalha, a 600 quilómetros de casa.

Roman não sabia porque é que ela começou, subitamente, a ficar desfocada. Porque é que os seus contornos se esbateram diante dele, como uma aparição. Um sonho prestes a desvanecer-se. Só se deu conta quando pestanejou e as lágrimas escorregaram pelo seu rosto.

Há anos que não chorava. Não chorava desde Del. Tinha mantido os seus sentimentos bem trancados desde então, como se fosse errado libertá-los. Como se fossem uma fraqueza, destinada a causar a sua

ruína.

Mas agora que as lágrimas estavam a cair, era como se uma barragem se tivesse rompido. Bastou uma fenda para aqueles velhos sentimentos de culpa fluírem. Tentou travá-los; não queria trazer toda aquela bagagem emocional para o seu casamento com Iris. Mas não sabia como se libertar disso, e percebeu que ela simplesmente teria de o aceitar, tal como era.

— Roman — sussurrou Iris, com ternura. Pôs-se em bicos de pés e afagou o seu rosto. Enxugou-lhe as lágrimas, e ele deixou-as cair até conseguir vê-la novamente, agora de forma mais nítida.

E pensou: *O que me fizeste?*

— Estamos prontos? — inquiriu Keegan.

Roman quase se esquecera de Keegan, com o seu pequeno livro de votos, de Marisol, com as duas alianças e de Attie, com o cesto de flores.

Mas as estrelas começaram a despontar no céu. O sol tinha-se escondido atrás da colina; as nuvens estavam douradas. Estava quase a escurecer.

— Sim — sussurrou ele, sem tirar os olhos de Iris.

— Peguem nas mãos um do outro — disse Keegan. — E repitam depois de mim.

Iris deixou as suas mãos deslizarem de volta para as dele. Ainda tinha os dedos húmidos das suas lágrimas.

Os votos que trocaram um com o outro eram antigos. Palavras esculpidas na pedra numa época em que todos os deuses viviam e vagueavam pela terra.

Rezo para que os meus dias sejam longos ao teu lado. Quero satisfazer todos os desejos da tua alma. Que a tua mão esteja na minha, ao sol e à lua. Que as nossas respirações se entrelacem e o nosso sangue se torne um só, até que os nossos ossos voltem a ser pó. E mesmo então, que eu encontre a tua alma ainda jurada à minha.

— Lindo — disse Keegan, virando-se para a sua mulher. — Agora, as alianças.

Marisol tinha encontrado aquelas alianças na sua caixa de joias. Tinha dito a Roman que a aliança de prata que havia sido da sua tia serviria a Iris. E que o anel de cobre era para ele, para usar no seu dedo mais pequeno, até conseguirem arranjar alianças iguais.

As sobrancelhas de Iris ergueram-se de surpresa quando Marisol

lhe deu o anel de cobre. É óbvio que não estava à espera que se casassem naquele dia, quanto mais que tivessem anéis para trocar, e colocou-o no dedo mindinho dele. Roman rapidamente retribuiu o gesto, colocando a aliança de prata no dedo dela. Ficava-lhe larga, mas por enquanto teria de servir.

Gostou de a ver na mão delicada, a brilhar à luz.

— E agora, para concluir a cerimónia — disse Keegan, fechando o livro —, selem os vossos votos com um beijo.

— *Até que enfim* — disse Roman, apesar de os votos terem demorado apenas meio minuto.

Iris riu-se. Pelos deuses, como adorava aquele som. Puxou-a para si e beijou-a profundamente, numa batalha de línguas, deliciado pelo leve suspiro que ela soltou.

O seu sangue latejava, mas ainda faltava o jantar. Marisol tinha insistido. E como tal, ele quebrou o beijo.

Attie aplaudiu e atirou-lhes flores. Roman viu as pétalas caírem sobre eles como neve, prendendo-se nos seus cabelos. Iris sorriu, entrelaçando os seus dedos nos dele.

Pensou em quem tinha sido antes de a conhecer. Antes de ela ter entrado no *Gazette*. Antes de a carta dela ter passado pela porta do seu roupeiro. Pensou em quem queria ser agora que a mão dela estava na sua.

Estaria para sempre grato pela decisão que tomara numa certa noite, não há muito tempo. A noite em que decidira escrever-lhe uma resposta.

*

Marisol sentou-os, lado a lado, à mesa. Iris estava com fome, mas também estava tão excitada e nervosa que não tinha a certeza de conseguir comer.

— Esta noite, sopa e pão — disse Marisol, pondo duas tigelas à frente deles. — Uma comida simples, que espero seja suficiente.

— Está perfeito, Marisol — disse Iris. — Obrigada.

Pouco depois, os soldados começaram a entrar, participando numa refeição rápida antes de regressarem aos seus postos. A pensão ficou quente e cheia de gente, preenchida pela luz das velas e por murmúrios baixos. Iris continuou sentada ao lado de Roman, com a mão na dele, pousada na sua coxa.

— Ouvi dizer que alguém casou esta noite — disse um dos

soldados com um sorriso.

Iris corou quando Roman ergueu a mão.

— Sou eu o sortudo.

O anúncio desencadeou uma salva de palmas e, surpresa, Iris percebeu que isto lhe parecia normal, como se fosse uma noite qualquer. No entanto, amanhã era o Dia de Enva, o fim da semana e tudo podia acontecer. Apesar disso, a noiva tentou enterrar as suas preocupações. Queria simplesmente aproveitar o presente. *Aquela* era a vida que desejava — plácida, fácil e vibrante, rodeada de pessoas que amava.

Se ao menos pudesse cristalizar aquele momento. Se ao menos pudesse beber dele nos dias vindouros, para se lembrar daquele sentimento de calor, plenitude e alegria. Como se todas as suas partes se tivessem juntado de novo, muito mais fortes agora do que quando se partiram.

Percebeu que aquela era agora a sua família. Que havia laços mais fortes do que o sangue.

A pensão não tardou a ficar mergulhada no silêncio.

Os soldados tinham chegado e partido. A última sopa e o último pão tinham sido devorados, e os pratos colocados no lava-loiça. Na mesa da cozinha ardiam velas; a luz cintilava no rosto de Roman, que se aproximou de Iris, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Estás pronta para nos irmos deitar?

— Sim — disse ela, e o seu coração bateu mais forte. — Mas talvez devêssemos lavar a loiça primeiro?

— Isso é que era bom! — gritou Marisol, horrorizada. — Vão-se deitar e aproveitem a vossa noite.

— Mas, Marisol... — Iris começou a protestar quando Roman se levantou, puxando-a para cima.

— Não digas disparates, Iris — tornou Marisol.

— Concordo — disse Attie, cruzando os braços. — E, além disso, o quarto do Roman está preparado para vocês.

— O quê? — disse Iris, ofegante.

Attie limitou-se a piscar o olho antes de se virar para o lava-loiça. Marisol empurrou-os para o corredor, onde passaram por Keegan que regressava de uma tarefa rápida.

A capitã acenou-lhes com a cabeça e sorriu, e Iris deu por si a suar quando começou a subir as escadas com Roman.

— Desculpa, sou muito lento — disse ele, encolhendo-se quando deu mais um passo.

Iris segurou-lhe a mão, à espera que ele a apanhasse.

— Os teus ferimentos ainda doem? — perguntou.

— Não muito — respondeu ele. — Só não quero romper outro ponto.

Aquela resposta preocupou-a. Tinha a sensação de que ele estava a esconder o quanto a perna o incomodava, e decidiu que teriam de ter cuidado naquela noite.

Chegaram ao quarto de Roman. Iris preparou-se, sem saber o que iria encontrar. Entrou no quarto e suspirou.

Havia várias velas acesas, que enchiam o quarto com uma luz romântica. Havia flores espalhadas pelo chão e sobre a cama, que ainda era apenas um estrado, pois o colchão continuava na enfermaria. Mas parecia que Attie tinha acrescentado mais alguns cobertores à pilha, criando uma base macia para se deitarem.

— Lindo — sussurrou Iris.

— E muito bem-vindo — acrescentou Roman, fechando a porta. — Infelizmente, o mérito não é meu. Foi tudo obra da Attie.

— Então, terei de lhe agradecer amanhã — disse Iris, virando-se para encarar Roman.

O olhar dele já estava fixo nela.

Iris engoliu em seco, sentindo-se estranha. Não sabia se devia despir-se, ou se talvez quisesse ser ele a despi-la. Às vezes, era difícil ler-lhe as expressões, como se usasse uma máscara, e antes de ela tocar no primeiro botão do macacão, ele disse:

— Tenho um pedido a fazer, Winnow.

— Pelos deuses, Kitt — disse ela sem se conter. — O que foi agora?

O canto da boca dele levantou-se, divertido.

— Vem sentar-te ao meu lado na nossa cama. — Passou por ela e ajoelhou-se sobre a pilha de cobertores, ajeitando a perna enquanto se colocava de costas para a parede.

Iris seguiu-o, mas desapertou e descalçou as botas antes de pisar os cobertores. Ajudou Roman a descalçar-se também. Foi a primeira peça a ser retirada entre eles. O calçado.

Instalou-se ao lado dele. O calor de Roman começou a passar para o seu lado e ela percebeu que seria maravilhoso dormir ao lado dele

todas as noites. Nunca mais teria frio.

— Muito bem, Kitt — disse ela. — Qual é o teu pedido?

— Gostava que me lesse uma coisa.

— Ai sim? E que *coisa* é essa?

— Uma das tuas cartas.

Aquilo apanhou-a de surpresa. Ela estalou os nós dos dedos, mas achou que era justo retribuir-lhe o favor.

— Está bem. Mas só uma. Por isso, escolhe bem. — Ele sorriu-lhe e estendeu a mão para o chão ao lado do estrado. — Guardas as minhas cartas à tua cabeceira?

— Releio a maioria todas as noites.

— Lês?

— Sim. Aqui está ela. É esta — disse ele, entregando-lhe um pedaço de papel muito amarrotado.

Iris alisou os vincos da carta, passando os olhos por algumas linhas. Ah, sim. *Esta*. Iris aclarou a garganta, mas relanceou Roman antes de começar. Ele observava-a atentamente.

— Há uma condição, Kitt.

— Não posso olhar para ti enquanto lêes — adivinhou ele, lembrando-se do seu próprio dilema. Iris acenou com a cabeça e ele fechou os olhos, encostando a cabeça à parede.

Ela voltou a olhar para o papel. Começou a ler, numa voz profunda e esfumada, como se estivesse a puxar as palavras do passado. De uma noite em que estava sentada no chão do seu quarto.

Penso que todos usamos armadura. Aqueles que não o fazem são tolos; arriscam a dor de serem feridos pelos golpes duros do mundo, uma e outra vez. Mas se aprendi alguma coisa com esses tolos, é que ser vulnerável é uma força que a maioria de nós teme. É preciso coragem para despir a armadura, para deixar que as pessoas nos vejam tal como somos. Por vezes, sinto o mesmo que tu: não posso correr o risco de as pessoas me verem como sou. Mas há também uma vozinha no fundo da minha mente, que diz, «Vais perder muito por seres tão reservada».

Fez uma pausa, com a emoção a provocar-lhe um nó na garganta. Não se atreveu a olhar para Roman. Não sabia se os seus olhos estavam abertos ou fechados, mas prosseguiu até ao fim.

Pronto, já deixei as palavras transbordarem. Suponho que te dei uma peça de armadura. Mas julgo que não te vais importar.

Iris terminou a leitura e voltou a dobrar a carta.

— Pronto. Estás satisfeito, Kitt?

Ele recolheu a carta.

— Sim. Embora haja outra que gostaria que lesse. Onde é que a pus...?

— Outra? Nesse caso, também quero que me leias uma segunda carta.

— Aceito essas condições. Esta é curta, e talvez seja a minha favorita.

Encontrou-a, segurando o papel entre eles.

Iris estava curiosa. Aceitou-a e estava prestes a dar uma vista de olhos quando uma pancada firme na porta os assustou aos dois. Sentiu um arrepio no estômago quando imaginou todas as razões pelas quais alguém poderia estar a interrompê-los. *Dacre foi avistado. Está na altura de retirar. É o princípio do fim.*

Fixou o olhar de Roman. Viu o mesmo pavor no seu semblante: o seu tempo tinha sido encurtado. Tinham conseguido trocar votos, mas não tiveram a oportunidade de os consumir.

— Roman? Iris? — A voz de Marisol chamou através da madeira. — Peço desculpa por interromper, mas a Keegan decretou um apagão na cidade. Temos de apagar todas as luzes, elétricas ou velas, até ao fim da noite.

Roman ficou paralisado durante um segundo. E depois disse:

— Sim, claro! Não há problema, Marisol.

Iris levantou-se e apagou as inúmeras velas que Attie tinha acendido para eles. As chamas apagaram-se, uma a uma, até só restar uma vela acesa, segura na mão de Roman.

Iris voltou para a cama deles. Desta vez, sentou-se de frente para ele, com a carta ainda nos dedos.

— Lê-me depressa, Iris — pediu ele.

Um arrepio percorreu-a. Sentia-se como o açúcar que derrete no chá. Baixou o olhar para a carta e leu suavemente:

O mais certo é voltar quando a guerra acabar. Quero ver-te. Quero ouvir a tua voz.

Voltou a olhar para Roman. Sem desviarem os olhos, ele extinguiu a luz da vela, deixando-os envoltos pela escuridão. No entanto, Iris nunca tinha visto tantas coisas.

Sussurrou:

— Quero tocar-te.

— Isso não estava na carta — disse ele, com ironia. — Se estivesse, tê-la-ia emoldurado e pendurado na parede.

— Bem que queria escrevê-lo na altura. Não o fiz porque tive medo.

Ele ficou calado por um instante.

— De que tinhas medo?

— Dos meus sentimentos por ti. Das coisas que eu queria.

— E agora?

Ela estendeu a mão e encontrou o tornozelo dele. Lentamente, os seus dedos foram subindo até ao joelho. Sentiu as ligaduras sob o macacão; imaginou as feridas na sua mente, a forma como ficariam cicatrizadas. E disse:

— Acho que me tornaste corajosa, Kitt.

Ele ficou sem fôlego; um ténue suspiro que parecia ter sustido durante anos por ela.

— Minha Iris — disse ele —, não há dúvida de que és corajosa. Escreveste-me durante semanas antes de eu ter coragem de escrever de volta. Entraste no *Gazette* e enfrentaste-me a mim e ao meu ego sem pestanejar. Foste tu que vieste para a linha da frente, sem medo de encarar o esgar horrendo da guerra, muito antes de mim. Não sei quem seria sem ti, mas tu tornaste-me, em todos os aspetos, melhor do que alguma vez fui ou poderia ter esperado ser.

— Acho que tu e eu somos simplesmente melhores juntos, Kitt — disse ela, e a sua mão viajou até à coxa dele.

— Tiraste-me as palavras da boca — respondeu ele, com um ligeiro suspiro. Ela sentiu-o mudar de posição; os cobertores puxados para os joelhos. Pensou que ele estava a afastar-se dela, até que ele disse — Aproxima-te, Iris.

Ela avançou. As mãos dele encontraram-na finalmente, tocando-lhe no rosto, na inclinação dos ombros. Puxou-a para si e, depois de ela ter ficado com o pé preso num dos cobertores, sentou-se ao colo dele.

Beijá-lo no escuro era completamente diferente de o beijar à luz. Quando o sol os tinha dourado há várias horas, eles tinham sido ávidos, desajeitados e famintos. Mas agora, nas sombras da noite, eram lânguidos, minuciosos e curiosos.

Iris era ousada na escuridão. Passou os lábios pelo maxilar dele;

pressionou a boca contra a sua garganta e sentiu os batimentos desenfreados do seu coração. Bebeu o cheiro da sua pele; deslizou a língua pela dele, saboreando os seus suspiros. Reparou como ele a tocava em troca — com reverência, com atenção. As mãos dele repousavam na parte da frente das suas costelas, com os dedos abertos, como se ansiassem por mais sem, porém, se atreverem a subir ou a descer.

Iris *queria* o seu toque. Não percebia porque é que ele hesitava, até que sentiu os dedos dele encontrarem o botão de cima do macacão, e ele sussurrou:

— Posso?

— Sim, Kitt — disse ela, estremecendo quando ele começou a desabotoá-los, um a um, no escuro. Sentiu o ar fresco a inundá-la quando ele lhe despiu o macacão pelos ombros. Sentiu o tecido pela cintura e esperou. Esperou que lhe tocasse, mas ele demorou-se, traçando a curva da clavícula, a curva das costas nuas, as alças do sutiã. As mãos dele voltaram a pousar-lhe nas costelas. Iris tremia com a antecipação.

— Estás bem, Iris? — perguntou.

— Sim — disse ela, e fechou os olhos quando as suas mãos começaram a aprender os contornos do seu corpo.

Nunca ninguém a tinha venerado assim. Sentiu a respiração dele na sua pele, os lábios dele a pairar sobre o seu coração. Ele beijou-a uma, duas vezes, suavemente e depois com força, e ela despojou-se das flores, das pérolas e das tranças. O cabelo caiu-lhe pelas costas, em longas ondas, ainda húmido e perfumado, e os dedos de Roman entrelaçaram-se nele.

— És linda, Iris — disse.

Ela começou a despertar-lhe o macacão, desesperada por sentir a pele dele contra a sua. Um dos botões soltou-se, caindo sobre os cobertores, pela altura dos joelhos.

Roman riu-se.

— Cuidado. Este é o único macacão que tenho.

— Amanhã coso-te o botão — prometeu Iris, apesar de não saber o que viria ao nascer do sol. Decidiu pôr todas as preocupações de lado, enquanto despia Roman.

Ambos estavam ansiosos por se libertarem das vestes que os tinham sustentado ao longo de inúmeros problemas. Uma vez libertados, atiraram as roupas para o outro lado do quarto com um

riso abafado. E o mundo derreteu-se em algo novo e fundido.

Iris não o via com os olhos, mas via-o com as mãos. Com as pontas dos dedos e com os lábios. Explorou todos os recantos do seu corpo, reclamando-o como seu.

Ele é meu, pensou, e aquelas palavras foram um choque agradável para a sua alma. *Eu sou dele*.

Iris deitou-o por baixo de si, tendo em atenção a sua perna, apesar de ele jurar que não tinha dores. Não sabia bem o que esperar — nem ele — e foi estranho por um momento, até que as mãos de Roman lhe tocaram, uma segurança quente nas suas ancas, e ela susteve a respiração no fundo do peito enquanto se movia. O desconforto aumentou, mas logo diminuiu, transformando-se em algo luminoso quando se uniram por completo, emaranhados nos lençóis; quando encontraram um ritmo próprio, um ritmo que só eles podiam conhecer. Sentiu-se segura com ele, pele com pele. Sentiu-se plena e completa; sentiu a plenitude na escuridão, este entrelaçamento de votos, corpo e escolha.

— *Iris* — sussurrou ele, quando ela estava quase a chegar ao fim de si mesma.

Era uma agonia, uma bênção.

Mal conseguia respirar enquanto se entregava às duas.

Eu sou dele, pensou quando ele se sentou de repente para a abraçar, com os seus corações alinhados. Sentiu como ele tremia nos seus braços.

— Roman. — Ela disse o seu nome como uma promessa, os dedos perdidos no cabelo dele.

Ele emitiu um som. Poderia ter sido um soluço ou um suspiro. Iris queria ver o rosto dele, mas não havia luz, a não ser o fogo que ardia debaixo da sua pele.

— *Roman* — repetiu.

Ele beijou-a, e ela sentiu o sabor do sal nos seus lábios. A onda começou a diminuir; o prazer tornou-se chumbo, deixando os seus membros pesados.

Ela abraçou-o enquanto o calor se desvanecia. Os seus pensamentos eram nítidos e iluminavam a escuridão.

E ele é meu.

Ficaram entrelaçados durante muito tempo, com os dedos de

Roman a traçar as ondas selvagens do cabelo dela. Iris nunca tinha desfrutado tanto de um silêncio. O seu ouvido estava encostado ao peito dele; ela escutava o bater do seu coração. Uma canção interminável e fiel.

Os dedos dele acabaram por descer pelo braço dela até encontrar a sua mão, deixando um rasto de arrepios.

— Amanhã — disse Roman, entrelaçando os dedos nos dela —, quero que a tua mão esteja na minha, aconteça o que acontecer. Assim mesmo. Nós temos de ficar juntos, Iris.

— Não te preocupes — disse-lhe. Mal sabia ele que ela já tinha planeado aquilo. Ficar perto dele. Estava pronta para suportar o seu peso até ao camião, se ele precisasse de ajuda. Para o manter vivo. Ela abriu os olhos para a noite e disse — Vai ser muito difícil livrares-te de mim agora, Kitt.

O riso de Roman era lindo no escuro.

ACORDAR NOUTRO MUNDO

Iris foi despertada pelo toque ténue da madrugada, com a face encostada ao peito de Roman. O braço dele envolvia-a e a sua respiração subia e descia lentamente durante o sono. Depois de ter ultrapassado o choque de sentir o corpo dele contra o seu, apercebeu-se de que a sua cara e as suas mãos pareciam gelo, apesar de estarem tapadas pelos cobertores e de Roman estar quente como uma fornalha.

Iris pensou que estava demasiado frio para o fim da primavera e levantou-se cuidadosamente.

Dirigiu-se à janela de Roman e correu a cortina para espreitar para lá dos vidros. Não conseguiu ver nenhum dos soldados que deviam estar a guardar este lado da cidade. O mundo parecia cinzento, murcho e vazio, como se tivesse caído uma geada.

— Kitt? — disse Iris, com urgência. — Kitt, levanta-te.

Ele gemeu, e Iris ouviu-o sentar-se.

— Iris?

— Há algo de errado. — Mal as palavras saíram da sua boca, ouviu uma gritaria distante vinda de fora. Dali não conseguia ver o que estava a causar aquela agitação, por isso, instou Roman. — Temos de nos vestir e descer, para vermos se a Marisol sabe de alguma coisa. Ouviste, Kitt? — Ele fitava-a, meio atordoado. Ela estava nua diante dele, apenas com a luz da manhã sobre a pele. — Temos de nos vestir! — repetiu ela, apressando-se a juntar as suas roupas, espalhadas por todo o quarto.

Ele continuou sentado na cama, a observar cada movimento dela. Parecia paralisado, como se ela lhe tivesse lançado um feitiço. Iris trouxe-lhe o cinto e o macacão. Pô-lo de pé, e os cobertores caíram-lhe da cintura.

Ele era perfeito, pensou Iris com uma inspiração forte. Roman viu-a a estudar o seu corpo, e corou. E quando o olhar dela finalmente voltou para o dele, sussurrou:

— Temos tempo?

— Não sei, Kitt.

Ele acenou com a cabeça, desiludido, enquanto pegava no macacão. Iris ajudou-o a vestir-se. Os seus dedos abotoaram rapidamente o macacão, com o cinto a rematar. Desejou que tivessem mais tempo. Queria ter acordado com vagar. As suas mãos tremiam enquanto se esforçava para prender o sutiã. Roman deu um passo em frente para a ajudar, com os dedos quentes nas suas costas. Estava a apertar os botões do macacão dela quando alguém bateu à porta.

— Iris? Roman? — chamou Attie. — A Marisol está a pedir para irmos até à cozinha. Não mexam nas cortinas. Os *eithrals* foram vistos a dirigir-se para a vila.

— Sim, vamos já descer — disse Iris, com o sangue gelado.

Não tinha havido nenhuma sirene. Mas depois lembrou-se que Clover Hill tinha desaparecido. Um arrepio percorreu-a enquanto Roman acabava de abotoar a roupa e de apertar o cinto. Rapidamente ataram as botas.

— Vamos — disse ele, e parecia tão calmo que os receios de Iris se acalmaram.

Ele entrelaçou os dedos nos dela e conduziu-a pelas escadas abaixo. Iris reparou que a perna dele ainda o incomodava, mesmo quando tentava disfarçar a dor. Coxeava ligeiramente quando entraram na cozinha. Iris ponderou se ele seria capaz de correr pelas ruas e passar por cima das barricadas, mas afastou esses pensamentos quando se juntaram a Attie à mesa.

— Bom dia — disse ela, com Lilás a ronronar nos seus braços. — Espero que os dois pombinhos tenham tido uma boa noite de descanso.

Iris acenou com a cabeça. Estava prestes a agradecer a Attie pela ajuda no dia anterior quando a casa abanou até aos alicerces. Um estrondo abalou as paredes e o chão, e Iris caiu de joelhos, com as mãos a tapar os ouvidos. Nem sequer se lembrava de ter largado os dedos de Roman. Só quando ele se ajoelhou atrás dela no chão da cozinha e a puxou para os seus braços, apertando-a contra o peito.

Roman estava a dizer qualquer coisa. A voz dele era baixa, mas suave no seu ouvido.

— Vamos ultrapassar isto. Respira, Iris. Estou aqui e nós vamos ultrapassar isto. *Respira*.

Ela tentou acalmar a respiração, mas os pulmões pareciam estar presos numa gaiola de ferro. As mãos e os pés formigavam-lhe; o coração batia com tanta força que pensou que ia saltar pela boca. Mas, aos poucos, foi tomando consciência de Roman. Sentia o peito dele

contra o seu — uma inspiração calma e profunda. Lentamente, começou a imitar o padrão dele, até que as estrelas que dançavam nas orlas do seu campo de visão começaram a desaparecer.

Attie. Marisol. Os seus nomes atravessaram a mente de Iris como faíscas, e ela levantou o queixo, perscrutando a cozinha.

Attie estava de joelhos diante deles, com a boca apertada; Lilás miava de medo. Tudo estava a tremer. Os quadros caíam das paredes. O suporte para panelas abanava. As ervas começaram a cair em cascata. As chávenas de chá estilhaçaram-se no chão.

— Marisol — disse Iris, ofegante, enquanto pegava na mão de Attie. — Onde está a Mari...?

Caiu outra bomba. Um troar alto não muito longe, porque a casa tremeu ainda mais, de alto a baixo. As vigas de madeira por cima da casa gemiam. O gesso do teto começou a cair em pedaços à volta deles.

A pensão ia desabar. Iam ser enterrados vivos.

O medo queimava Iris como um carvão. Estava assustada, mas respirava quando Roman respirava, e agarrava-se com força à mão de Attie. Fechou os olhos, imaginando a noite anterior. Um casamento no jardim. Flores no seu cabelo. Um jantar à luz de velas, risos e comida reconfortante. Aquela sensação de calor, como se tivesse finalmente encontrado a sua família. Um lugar onde pertencia. Um lar que estava prestes a desmoronar-se.

Iris abriu os olhos.

Marisol estava a alguns passos de distância. Trazia o revólver no coldre, à cintura, e os kits de emergência nas mãos. O seu vestido vermelho contrastava com os longos cabelos pretos. Estava como uma estátua, a olhar para a distância, quando a casa abanou pela terceira vez.

A poeira caía do teto. As janelas estalavam. As mesas e as cadeiras arrastavam-se pelo chão como se um gigante estivesse a bater na terra.

Mas Marisol não se mexeu.

Deve ter sentido o olhar de Iris. Através do caos e da devastação, os seus olhos cruzaram-se. Marisol ajoelhou-se lentamente ao lado de Roman e Attie, formando um triângulo ali no chão da cozinha.

— Tenham fé — disse ela, tocando no rosto de Iris. — Esta casa não vai cair. Não enquanto eu estiver dentro dela.

Nova explosão. Mas foi como Marisol prometeu: a pensão tremeu, mas não se desfez.

Iris voltou a fechar os olhos. Tinha o maxilar cerrado, mas imaginou a horta, a vida que nela crescia. Pequena e aparentemente frágil, mas que florescia mais e mais a cada dia que passava. Imaginou a casa com as suas muitas divisões e as inúmeras pessoas que tinham encontrado ali consolo. O amor que tinha tomado conta desta terra. A porta verde do castelo que tinha visto cercos de uma era mais antiga. A forma como as estrelas brilhavam, vistas do telhado.

O mundo começava a ficar silencioso mais uma vez.

Um silêncio pesado, carregado de pó, que fez Iris perceber que o ar estava mais quente. A luz brilhava com mais intensidade através das juntas das paredes.

Abriu os olhos. Marisol estava no meio dos escombros, a olhar para o relógio de pulso. O tempo parecia distorcido, os segundos a escorrerem pelos dedos, como areia.

— Fiquem aqui — disse ela, depois do que poderiam ter sido dois minutos ou uma hora. Olhou para os três; um fogo negro brilhava nos seus olhos. — Eu não demoro.

Iris estava demasiado chocada para falar. Attie e Roman deviam sentir o mesmo, porque ficaram calados quando Marisol se foi embora.

— Iris — disse Attie, alguns instantes depois, com a voz tensa. — Iris, não podemos... temos de...

Não podiam perder Marisol de vista. Tinham sido incumbidas de a proteger, de garantir que era levada para um lugar seguro no camião. Tinham feito uma promessa vinculativa.

— Devíamos ir atrás dela — disse Iris. Agora que tinha uma tarefa, uma missão em que se concentrar, podia assumir o controlo dos seus pensamentos. Levantou-se, permitindo que Roman a ajudasse quando tropeçava. Sentindo os joelhos molhados, respirou fundo algumas vezes. — Onde achas que devemos procurar primeiro?

Attie levantou-se, afagando uma Lilás descontente.

— A Keegan estava destacada na colina, não estava?

— Sim.

— Então, vamos começar por aí. Mas deixa-me pôr a Lilás num sítio seguro.

Iris e Roman esperaram na entrada enquanto Attie fechava a gata num dos quartos do andar de baixo. Um feixe de luz passou por uma fenda na argamassa, atravessando o peito de Iris. A porta da rua estava torta nas dobradiças; abriu-se com um rangido sob o peso da mão de Roman.

Iris não sabia o que a esperava para lá da soleira. Mas entrou num mundo fumegante e iluminado pelo sol. A maioria dos edifícios da rua principal estava intacta, apenas as janelas tinham sido estilhaçadas. Contudo, à medida que Iris, Roman e Attie avançavam pela vila, começaram a ver o rasto de destruição das bombas. As casas estavam arrasadas, amontoadas em pilhas de pedra, tijolo e vidro brilhante. Algumas estavam a arder, e as chamas lambiam a madeira e a palha.

Não parecia real. Pareciam as cores tremeluzentes de um sonho.

Iris contornou as barricadas e os soldados que se mantinham firmes nos seus postos ou que se apressavam a apagar as chamas. Ficou a ver aquele cenário através das nuvens de fumo, com o coração entorpecido, até Roman a conduzir até ao sopé da colina. A sua colina.

Sentiu a mão dele apertar a sua, e olhou para o que restava.

A colina tinha sido bombardeada.

*

Havia uma cratera na rua. Os edifícios estavam reduzidos a escombros. A fumaça subia em línguas compridas, manchando as nuvens e ocultando a luz do sol com uma névoa suja.

Desde a colina que dava para Avalon parecia haver um padrão de destruição, como se Dacre tivesse lançado uma teia de devastação. Quanto mais Iris olhava para as linhas divisórias de casas incólumes e destroçadas, mais estranha a visão parecia ser. Esforçou-se por perceber como é que uma casa estava de pé enquanto a vizinha do lado tinha sido arrasada. Semicerrou os olhos e quase conseguiu ver caminhos. Trilhos que estavam protegidos das bombas. A pensão de Marisol ficava num desses trilhos.

Iris teve de se afastar daquela estranha visão. Largou a mão de Roman para ajudar os feridos.

Eram mais do que ela conseguia contar, deitados nas pedras da calçada. Feridos e a gemer de dor. Sentiu a garganta embargada, acometida por um momento de pânico. Mas então viu Keegan mais adiante na estrada. A mexer-se e a sangrar de uma ferida na cara, mas milagrosamente viva. Iris sentiu que recuperava a determinação. Ajoelhou-se ao lado do soldado mais próximo, pressionando as pontas dos dedos contra o seu pescoço. Os olhos dele estavam abertos, fixos no céu. O sangue jorrava de uma ferida no peito, manchando a rua. Estava morto.

Iris engoliu em seco, movendo-se sobre as pedras soltas da calçada para chegar ao soldado seguinte.

Era uma mulher, e estava viva, mas com uma das pernas partida

abaixo do joelho. Esforçava-se para se pôr de pé, como se não sentisse a dor.

— Deita-te um pouco — disse Iris, pegando-lhe na mão.

A soldada soltou um suspiro trémulo.

— As minhas pernas. Não as sinto.

— Estás ferida, mas a ajuda está a chegar.

Iris olhou novamente para cima e viu Keegan e algumas enfermeiras a depositar um soldado numa maca. Depois vislumbrou o vestido vermelho de Marisol enquanto esta ajudava um médico de bata branca com outro soldado ferido. Viu ainda Attie, a subir a colina a correr para ajudar uma enfermeira que gritava por ela, e Roman, a alguns passos de distância, a limpar ternamente a sujidade e o sangue da cara de um soldado.

Não estava à espera daquilo.

Iris estava à espera de um cerco ou de um ataque. Contava com tiros nas ruas e com o clarão das granadas. Não acreditara que Dacre enviasse os seus *eithrals* e as suas bombas.

Uma guerra com os deuses não é o que se espera.

— As minhas pernas — gritou a soldada.

Iris apertou a mão da rapariga.

— Os médicos e as enfermeiras estão a chegar. Aguenta, só mais um bocadinho. Estão quase a chegar. — Mas uma barricada e inúmeros corpos interpunham-se entre elas e a ajuda médica, que avançava metodicamente pela rua.

— Ela está a perder muito sangue — sussurrou-lhe Roman ao ouvido.

Iris virou-se para dar com ele ajoelhado ao lado dela, com o olhar fixo na perna mutilada da rapariga. Roman aproximou-se da soldada, tirou o cinto e apertou-o com força na coxa.

Iris sentiu um arrepio na espinha. As mãos e os pés voltaram a ficar frios. Receou que estivesse a entrar em choque.

— Vou ver se arranjo uma maca para ela — disse Iris, levantando-se. — Ficas com ela, Kitt?

Os lábios de Roman entreabriram-se, como se ele quisesse discutir. Ela sabia o que estava a pensar, a razão pela qual franzia o sobrolho. Não queria que nenhum tipo de distância se interpusesse entre eles. Mas a soldada gemeu e começou a debater-se, e ele rapidamente voltou a sua atenção para ela, falando-lhe num tom suave. Pegou na

mão dela para a ajudar a ultrapassar as ondas de dor.

Iris virou-se e subiu a colina aos tropeções. Precisava de uma maca. Podia até ser uma tábua de madeira. Qualquer coisa que ela e Roman pudessem usar para transportar a soldada até à enfermaria.

Seria sensato procurar alguma coisa nos escombros? Arrancar uma tábua da barricada? Parou diante dela, cheia de incertezas, mesmo quando os seus pensamentos lhe diziam para se *despachar*.

Pelo canto do olho, viu um soldado ferido curvado, a chorar pela mãe. Iris sentiu a sua agonia penetrá-la como uma agulha, e decidiu pegar numa tábua de madeira da barricada. Não havia tempo para ir atrás das enfermeiras ou dos médicos, que já estavam sobrecarregados. Não havia tempo para encontrar uma maca. Começou a abanar a estrutura, determinada a libertar uma tábua.

Não sentiu as sombras nem o frio que permeavam o fumo. Estava tão empenhada em libertar aquele pedaço de madeira que não se apercebeu de que o vento tinha parado e de que a geada tinha salpicado as pedras da calçada aos seus pés.

— Para baixo, para baixo, *para baixo*!

A ordem cortou a azáfama como uma lâmina.

Iris ficou paralisada, levantando os olhos para o céu agitado. Primeiro, pensou que as nuvens se estavam a mover; que se formava uma tempestade. Mas depois viu as asas, longas e pontiagudas, transparentes à luz que se desvanecia. Viu os monstruosos corpos brancos emergirem à medida que se aproximavam a voar, já quase sobre a vila.

Ela nunca tinha visto um *eithral*. Nunca tinha estado tão próxima de um. Nem deitada no campo, ao lado de Roman, estivera tão perto, a ponto de sentir o sabor da podridão e da morte nas suas garras e o bater das suas asas.

— Para baixo e aguentem! — Nova voz de comando. Era a voz de Keegan, rouca e desgastada, mas poderosa o suficiente para pôr todos em sentido.

Iris virou-se, desesperada, à procura de Roman.

Deu com ele a cinco passos de distância, paralisado, mas era evidente que tinha ido ter com ela. Havia soldados feridos e escombros entre eles. Não havia uma rota definida, e os seus olhos estavam arregalados, o rosto pálido. Nunca lhe tinha parecido tão assustado e Iris teve de resistir à tentação de correr para ele.

Não te mexas, Iris, murmurou-lhe.

Respirou fundo. As suas mãos contorciam-se junto ao corpo à medida que as criaturas se aproximavam. A qualquer momento. A qualquer momento, estariam por cima dela.

— Mãe — gemeu o soldado ao seu lado, balançando-se sobre os calcanhares. — *Mãe!*

Iris olhou para ele, alarmada. Roman também, com uma veia a pulsar-lhe na têmpora.

— Silêncio — disse ela ao soldado. — Tens de parar de te mexer.

— Preciso de encontrar a minha mãe — chorou o rapaz, começando a rastejar sobre as ruínas. — Preciso de ir para casa.

— Não te levantes! — gritou Iris, mas ele não estava a ouvir. Conseguia ver a sua própria respiração; conseguia sentir o coração a bater-lhe nos ouvidos. — Por favor, não te mexas!

Uma sombra de asas abateu-se sobre ela. O fedor a podridão permeou o ar frio.

É o fim, pensou Iris. Olhou para Roman, a cinco passos de distância.

Ele estava tão perto, mas demasiado longe para o alcançar.

Imaginou o futuro de ambos. Todas as coisas que queria fazer com ele. Experimentar com ele. Todas as coisas que nunca iriam partilhar.

— Kitt — sussurrou. Não pensava que ele pudesse ouvi-la, mas esperava que pudesse sentir a força do seu sussurro no seu peito; a profundidade do seu amor por ele.

Algo pequeno e brilhante começou a cair das nuvens, mas Iris não permitiu que isso a fizesse desviar os olhos de Roman.

Manteve o olhar fixo nele, na expectativa de que a bomba caísse no chão entre ambos.

A TUA MÃO NA MINHA

Ela viu a avó. Era o aniversário de Iris — o dia mais quente do verão. As janelas estavam abertas, o gelado tinha deixado uma nódoa pegajosa no chão da cozinha e a avó entregava a máquina de escrever a Iris com um sorriso no rosto.

— Isto é mesmo para *mim*? — gritou a neta, balançando nas pontas dos pés. Estava tão entusiasmada que parecia que o seu coração ia rebentar.

— Sim — disse a avó, com a sua voz rouca, beijando-lhe o cabelo. — Escreve-me uma história, Iris.

Ela viu o irmão. Forest estava junto dela, na margem do rio, e tinha algo pequeno nas mãos. Aquele era um dos seus lugares preferidos em Oath; quase parecia que não estavam na cidade, mas sim no meio do campo. A correnteza do rio disfarçava o barulho das ruas movimentadas.

— Fecha os olhos e estende as mãos, Pequena Flor — disse ele.

— Porquê? — perguntou Iris, sem surpresa. Ela perguntava sempre *porquê*. E sabia que fazia demasiadas perguntas, mas sentia-se muitas vezes assolada pelas dúvidas. Forest, que a conhecia bem, sorriu.

— Confia em mim. — Ela confiava nele. Era como um deus para ela. Iris fechou os olhos e estendeu as mãos, sujas de explorar o musgo e as pedras do rio. Forest colocou algo frio e viscoso na palma da mão da irmã. — Já podes olhar. — Iris abriu os olhos e viu um caracol. Riu-se, encantada, e Forest tocou-lhe ao de leve no nariz. — Que nome lhe vais dar, Pequena Flor?

— Que tal Morgie?

Ela viu a mãe. Às vezes, Aster trabalhava até tarde no Revel Diner, e Forest levava Iris até lá depois da escola, para jantarem.

Sentava-se ao balcão, a ver a mãe entregar pratos e bebidas aos clientes. Iris tinha o caderno aberto à sua frente, desesperada por escrever uma história. Por alguma razão, as palavras eram como gelo.

— Estás a fazer os deveres, Iris? — perguntou a mãe, pousando um copo de limonada à sua frente.

— Não, já despachei os trabalhos de casa todos — respondeu ela, com um suspiro. — Estou a tentar escrever uma história para a avó, mas ainda não tenho um tema.

Aster encostou-se ao balcão. Franziu os lábios e olhou para a folha em branco do caderno de Iris.

— Então, estás no sítio ideal.

— No sítio ideal? Como assim?

— Olha à tua volta. Há aqui muitas pessoas sobre as quais podias escrever uma história.

Os olhos de Iris varreram o restaurante, observando pormenores em que nunca tinha reparado. Quando a mãe se afastou para tratar de um pedido, pegou no lápis e começou a escrever.

Ela viu Roman. Estavam novamente sozinhos na horta, mas não em Avalon Bluff. Era um lugar que Iris nunca tinha visto, e ela estava de gatas, a arrancar ervas daninhas. Roman devia estar a ajudá-la, mas era apenas uma distração.

Atirou-lhe um torrão de terra.

— Como é que te atreves? — disse ela, encarando-o. Estava a sorrir, e Iris sentiu-se a corar. Nunca conseguia ficar zangada com ele durante muito tempo. — Acabei de lavar este vestido!

— Eu sei que sim. De qualquer forma, ficas melhor sem ele.

— Kitt! — Atirou-lhe outro torrão de terra. E mais outro, até que ela não teve alternativa senão abandonar a sua tarefa para o enfrentar. — És impossível — disse-lhe, sentando-se no colo dele. — Ganho eu esta ronda.

Roman limitou-se a sorrir e a percorrer as pernas dela com as mãos.

— Rendo-me. Qual será o meu castigo desta vez?

Ficou à espera do rebentamento da bomba. Esperou pelo fim, e a sua mente encheu-se de recordações arrancadas ao passado à velocidade da luz. Pessoas que amava. Momentos que a tinham moldado. Viu um vislumbre de algo que estava por vir, e foi aí que ficaram os seus pensamentos. Em Roman e na horta que tinham plantado juntos, e no facto de ele estar agora a cinco passos dela, observando-a como se visse o mesmo futuro.

Por fim, a bomba caiu no chão.

Com um ruído metálico rolou sobre as pedras da calçada, acabando por se deter na curva do cadáver de um soldado.

Iris olhou para ela, incrédula. Estudou a forma como a luz incidia sobre a bomba. Um recipiente de metal.

Os seus pensamentos corriam lentos e densos, ainda presos *ao que poderia ter sido*, mas o presente atingiu-a como uma bofetada na cara, despertando-a.

Aquilo não era uma bomba.

Aquilo era... Ela não fazia a menor ideia do que aquilo era. E isso assustava-a ainda mais.

Os *eithrals* voavam por cima deles. As suas asas batiam no ar frio e podre e as suas garras lançavam lata após lata, ao longo da rua. Começaram a ouvir-se vozes de pânico. As enfermeiras, os médicos e os soldados que estavam parados começaram a mexer-se freneticamente.

— *Iris!* — gritou Roman, tropeçando nos escombros para eliminar a distância entre eles. — Iris, pega na minha mão!

Estava a agarrar Roman quando o gás sibilou, lançando uma nuvem verde da botija. Atingiu-a como um punho, e Iris tossiu, afastando-se dele. O nariz ardia-lhe, os olhos ardiam-lhe. Não conseguia ver e parecia que o chão estava a tremer debaixo dela.

— *Kitt! Kitt!* — gritou, mas sentiu a voz a picar-lhe a garganta.

Só precisava de ar puro. Precisava de se afastar da nuvem e avançou freneticamente, com os olhos fechados e as mãos estendidas, sem saber para onde devia ir.

As lágrimas caíam-lhe pela cara. O nariz escorria. Iris tossiu e sentiu o sabor a sangue na boca.

Caiu de joelhos. Puxou a gola do macacão para cima para tapar o nariz e rastejou por cima de pedaços de metal retorcido, cacos de vidro e escombros de casas, por cima de cadáveres de soldados. Tinha de se manter em movimento; tinha de se manter agachada.

— *Kitt!* — tentou chamá-lo novamente, sabendo que devia estar por perto. Mas a sua voz estava embargada. Mal conseguia respirar, quanto mais gritar.

Encontra ar puro. Depois podes ir procurá-lo, a ele, à Attie e à Marisol.

Continuou a rastejar, ofegante, com sangue e baba a pingarem-lhe dos lábios. A temperatura estava a ficar mais elevada. Através das pálpebras, conseguiu ver a luz a ficar mais nítida e seguiu nessa direção.

Testou o ar, respirando mais fundo. Os seus pulmões ardiam

quando tossia, mas sabia que tinha escapado ao gás.

Iris parou, atrevendo-se a abrir os olhos. Os olhos estavam rasos de água, mas pestanejou e deixou as lágrimas escorrerem pelas faces. Tossiu novamente e cuspiu sangue para o chão, sentando-se sobre os calcanhares.

Tinha rastejado até uma rua lateral.

Olhou para trás e viu a nuvem de gás e as pessoas a rastejarem para fora dela, tal como ela tinha feito.

Eu devia estar a ajudá-los, pensou.

Assim que começou a levantar-se, o mundo girou. Sentiu o estômago a revolver-se e vomitou sobre as pedras da calçada. Não tinha muita coisa no estômago, e não teve alternativa senão sentar-se, encostada a uma pilha de escombros de pedra.

— Continua a andar — disse-lhe um soldado que passava a rastejar.

Ela achava que não conseguia. Sentia um formigueiro nos membros e um sabor estranho na boca. Mas então levantou-se vento e foi com horror que percebeu que a brisa estava a empurrar o gás na sua direção, pela sinuosa rua lateral.

Iris pôs-se de pé e correu. Conseguiu dar alguns passos antes de os joelhos cederem, e rastejou até sentir que podia ficar novamente de pé. Seguiu um grupo de soldados que descia a colina. Pensou que estaria segura na parte baixa da vila, mas havia mais gás a subir pela rua principal, e acabou por dar meia volta e correr em direção ao mercado, onde o ar parecia limpo.

— Iris!

Ouviu alguém chamar o seu nome. Virou-se e sondou a multidão que se tinha juntado à sua volta, à procura de Roman, Attie, Marisol e Keegan. Estava na altura de baterem em retirada. Sentiu-o nas entranhas e lembrou-se do que Attie lhe dissera no dia anterior.

Eu agarro na Marisol. Tu agarras no Roman. Encontramo-nos no camião.

— Kitt! — gritou.

Estava no meio de um mar de fardas cor de azeitona, um mar de sangue salpicado, tosse e botas a ranger nas pedras. Alguns soldados usavam agora máscaras de gás, que lhes escondiam completamente o rosto, enquanto corriam de volta para as ruas mortíferas. Por instantes, receou ser espezinhada se tivesse a infelicidade de cair.

Viu um lampejo de vermelho pelo canto do olho e virou-se mesmo a tempo de ver Marisol e Attie no meio da multidão. Não a tinham visto; estavam a afastar-se da sua posição para o lado leste da vila, e ela sabia que se dirigiam para o camião.

Sentiu-se aliviada por saber que estavam bem. Mas depois foi novamente acometida por um pavor tão incisivo que lhe roubou o ar dos pulmões. Tinha de encontrar Roman. Não podia partir sem ele, e começou a abrir caminho por entre a multidão, gritando o seu nome até ficar rouca.

Precisava de subir a uma das barricadas. Ele nunca a veria assim, à deriva no meio daquele mar de gente.

Iris começou a dirigir-se para uma das estruturas, estremecendo quando finalmente se separou do caos. Parou por um instante para se apoiar nos joelhos e respirar fundo.

Uma mão firme agarrou-lhe o braço, com tanta força que ela teve a certeza de que ia deixar uma nódoa negra.

Gritou e virou-se, assustada quando viu que se tratava de um indivíduo com uma máscara. O rosto estava totalmente tapado por uma máscara de gás feita de tecido, duas lentes âmbar redondas e um dispositivo cilíndrico para respirar ar puro. Não conseguia ver o rosto, mas ouvia-o a inspirar e a expirar. Usava também um capacete, que lhe escondia o cabelo, e os seus olhos viajaram para baixo, para o macacão que o indivíduo envergava.

— Kitt! Oh, pelos deuses, *Kitt!* — Iris abraçou-o com toda a sua força.

O braço dele afrouxou, mas só por um instante. Criou alguma distância entre eles, e Iris franziu o sobrolho, confusa, até que ele disse:

— Põe isto.

A sua voz estava distorcida pela máscara, o que a fez estremecer. Parecia um robô, como se fosse feito de peças de metal e engrenagens. Mas percebeu que ele tinha uma máscara para ela e deslizou as tiras de couro sobre a cabeça.

Era como estar numa bolha. A máscara afetou-lhe todos os sentidos e o mundo adquiriu tons de âmbar, tornando-se ligeiramente desfocado. Ao princípio achou a visão deslumbrante, mas depois sentiu o pânico a aumentar. Sentia-se como se estivesse prestes a sufocar.

Arranhou as bordas da máscara. Roman estendeu-lhe a mão e rodou o cilindro que estava junto ao queixo. O ar fresco começou a

fluir.

— Respira fundo — instruiu.

Ela acenou com a cabeça, com o suor a escorrer-lhe pelas costas. Respirou e acalmou a onda de pânico. Agora, conseguia controlá-la, porque o tinha consigo. Ficariam a salvo.

— Kitt — disse, imaginando como seria o som da sua voz, se soaria como se fosse composta de arestas afiadas e aço frio. — Kitt, nós...

Ele pegou-lhe na mão. O seu aperto era novamente firme, quase punitivo, quando os seus dedos se entrelaçaram. *Quero que a tua mão esteja na minha, aconteça o que acontecer.*

— Temos de ir — disse ele, mas Iris pressentiu que não estava a olhar para ela, mas sim para algo além dela. Talvez tivesse avistado Keegan, que lhe fazia sinal para fugirem. Quando Iris começou a virar-se para ver com os próprios olhos, Roman puxou-lhe o braço. — Vem comigo. Vamos mais depressa se não olhares para trás.

Contornaram a barricada, em direção às sombras de uma rua lateral mais tranquila. Embora zonzas, concentrou-se na respiração de Roman e seguiu-o. A sua audição não era tão apurada com a máscara, mas conseguiu ouvir as botas a bater na rua e um grito distante.

Roman fez uma pausa no cruzamento. Pensou que estava a recuperar o fôlego, até que ele olhou novamente para trás e se apressou a impeli-la para a frente, para uma rua cheia de gás. Iris estremeceu quando o seguiu para dentro da nuvem, à espera de sentir a picada nos pulmões e nos olhos. Mas a máscara protegeu-a, filtrando o ar, e ambos saíram do outro lado da rua principal.

Roman voltou a hesitar, como se estivesse perdido.

Iris orientou-se finalmente. Estavam longe do camião, e sentiu um frio na nuca. Algo não batia certo.

— Kitt? Temos de ir para leste. A Attie e a Marisol estão à nossa espera. Por aqui.

Começou a guiá-lo na direção certa, mas ele puxou-a de volta para o seu lado.

— Eu guio-nos, Iris. Este caminho é mais rápido.

Puxou-a para a frente sem a deixar protestar. Iris tropeçou nas botas, tentando acompanhar o seu ritmo. Devia estar assustado, mas mesmo assim pareceu-lhe estranho. Não estava a agir normalmente. Tentou estudá-lo enquanto corriam, mas a máscara suavizava tudo, e o esforço fazia-lhe doer os olhos.

— Onde arranjaste as máscaras? — inquiriu. — Não devíamos estar a usá-las para ajudar aqueles que estão presos no gás?

Ele não respondeu. Limitou-se a avançar num passo mais acelerado.

Por fim, teve noção quando chegaram aos limites da vila. A sua mente tornou-se mais lúcida quando corriam para o campo dourado. Roman não estava a coxear. Estava a correr como antes de ser ferido.

Não conseguia recuperar o fôlego enquanto o via correr por entre as ervas; possante e forte, arrastando-a na sua esteira. O vento começou a soprar nas suas costas, como se os empurrasse para a frente.

— Kitt... Kitt, *espera*. Tenho de parar. — Puxou a mão dele, que continuava a apertar a dela como um torno.

— Ainda não é seguro, Iris. Temos de continuar a andar — insistiu ele, mas foi abrandando o passo.

Estavam quase a chegar ao local onde tinham colidido. Onde Iris tinha tapado o corpo dele com o seu, desesperada para o manter vivo.

Já não queria ser arrastada daquela maneira. Algo não batia certo.

Abrandou até começar a caminhar, o que o obrigou a abrandar também. Olhou-a de relance, e Iris desejou poder ver-lhe o rosto. Queria perceber para onde estava ele a olhar, porque a sua mão apertou a dela.

— Temos de nos despachar, Iris. Não é seguro. — Porque teimava ele em dizer aquelas palavras?

Teve uma vontade irresistível de olhar para trás. E cedeu à vontade, inclinando o corpo para poder olhar por cima do ombro. A máscara tornava tudo estranho, mas viu algo no campo. Uma sombra em movimento, como se alguém os perseguisse.

Ele puxou-a pelo braço.

— Não olhes para trás.

— *Espera*. — Cravou os calcanhares no solo e virou-se totalmente para a vila. Os seus olhos focaram-se naquela estranha sombra, que ela percebeu ser um homem. Um homem alto, de cabelo escuro, que corria atrás dela com um passo hesitante.

Arrancou a máscara de gás, desesperada por ver sem a distorção da lente cor de âmbar. O mundo inundou-se à sua volta, brilhante e nítido. Amarelo, verde e cinzento. Tinha o cabelo emaranhado na cara.

Viu o seu perseguidor com um detalhe chocante, mesmo com 20 metros de ervas douradas entre eles.

Era Roman.

— Iris! — gritou ele.

O seu coração parou. O sangue transformou-se em gelo ao vê-lo correr, com o semblante angustiado. O sangue manchava a parte da frente do macacão. Tropeçou como se a perna lhe estivesse a doer, mas recuperou o equilíbrio, esforçando-se por avançar. Para diminuir a distância entre eles.

Mas se aquele era Roman, *quem era a pessoa com quem estava?* Quem lhe segurava a mão, arrastando-a através do campo em direção ao bosque distante?

Iris olhou para o estranho mascarado com os olhos arregalados de medo. O peito dele estava a arfar e falava-lhe naquele tom distorcido.

— Iris? Fica comigo. Estou a tentar ajudar-te. *Iris!*

Ela soltou a mão do seu aperto e virou-se, correndo em direção a Roman.

Deu três passos antes de os braços do estranho a envolverem, puxando-a para trás. A sua raiva ardeu como fogo, e ela debateu-se ferozmente. Deu pontapés, balançou os cotovelos e bateu com a nuca na máscara dele, suscitando grunhidos e maldições.

— O que queres de mim? Solta-me! *Solta-me!* — Cravou as unhas nas mãos dele até fazer sangue. Estava furiosa, e não tirava os olhos de Roman, que desfalecera sobre as ervas.

Estava apenas a 15 metros de distância.

O vento soprava o gás na sua direção. Ficou paralisada quando Avalon Bluff se transformou numa parede verde, que se aproximava deles.

Roman tinha de se levantar. *Levanta-te, levanta-te!*, gritou o seu coração, e ele assim fez, coxeando até ela.

— Corre, Kitt! — gritou de viva voz, rouca e desgastada pelo terror.

O homem que a segurava virou-a e sacudiu-lhe os ombros. Sentiu um estalo no pescoço e os seus pensamentos escaparam-lhe, como berlindes a rolar.

— Para de lutar comigo! — exigiu o homem, mas deve ter visto o medo que brilhava dentro dela, porque suavizou o tom. — Para de lutar comigo, Pequena Flor.

E o mundo de Iris partiu-se em dois.

No entanto... não era aquilo que ela queria?

Descobriu o nome do irmão, enterrado no fundo do seu coração. Um nome que lhe queimava a garganta.

— Forest?

— *Sim*— disse ele. — Sim, sou eu. E estou aqui para te manter a salvo. Por isso, para de lutar comigo e anda. — A mão dele voltou a apertar a da irmã. Puxou-a, na esperança de ser seguido de bom grado agora. Contudo, ela retesou os músculos e recuou.

— Temos de ir buscar o Kitt.

— Não há tempo para isso. Vamos, temos de nos apressar...

— Como assim, não há tempo? — vociferou. — Ele está mesmo ali!

Virou-se, desesperada para voltar a vê-lo. Mas só viu a dança das ervas, vergadas pelo vento, e o turbilhão do gás que se aproximava.

Ele devia ter caído. Devia estar de joelhos.

Não posso deixá-lo assim.

A fúria de Iris voltou, desesperada que estava para se libertar do domínio de Forest.

— Chega! — rosnou o irmão. — É demasiado tarde para o ajudar, Iris.

— Não posso deixá-lo para trás — disse, desesperada. — Ele é o meu *marido*! Não posso deixá-lo para trás. Forest, larga-me. *Larga-me!*

Forest não ligou às suas súplicas, firme na intenção de não a libertar. Embora tivesse a sensação de que estava prestes a fraturar os dedos, Iris lutou contra ele. Puxou e puxou e não se importou de partir todos os ossos da mão. Finalmente, libertou-se do irmão.

Estava livre. O gás estava mais perto; ela correu na sua direção, desafiadora.

— KITT! — gritou enquanto corria, com os olhos perscrutantes sobre as ervas.

Onde estás?

Pareceu-lhe ver uma sombra a mover-se entre os caules, a poucos passos de distância. A esperança encheu-lhe o peito, até que a mão de Forest encontrou o seu pescoço, puxando-a de volta para ele. O polegar e os restantes dedos pressionaram com força a garganta dela. Estrelas começaram a brilhar no seu campo de visão.

— Forest — sibilou, tentando livrar-se daquele aperto implacável.
— Forest, *por favor*.

Uma pontada fria de terror percorreu-lhe o corpo. Era um medo que ela nunca havia sentido antes, e as suas mãos e pés começaram a ficar dormentes.

O meu irmão vai matar-me.

Aquelas palavras reverberaram através dela. Ecoaram pelos seus braços e pernas enquanto se debatia contra ele.

A luz diminuiu. As cores começaram a esbater-se. Mas ela viu Roman a levantar-se do chão. Ele estava a apenas cinco metros de distância. Já não conseguia correr; mal conseguia andar. O seu coração partiu-se quando percebeu que ele tinha *rastejado* através do campo dourado para chegar até ela.

O sangue escorria-lhe do queixo.

O vento varria-lhe o cabelo escuro da testa.

Os seus olhos ardiam, abrindo caminho até ela. Nunca tinha visto tal fogo dentro dele, e isso alimentou um fogo no seu sangue.

— Iris — disse ele, com a mão estendida.

Quatro metros. Estava quase a alcançá-la, e ela reuniu as suas últimas forças.

A sua mão estava a tremer, magoada e dormente. Mas estendeu a mão, e a aliança de prata que tinha no dedo captou a luz. O anel que a ligava a ele. Pensou: *Estou tão perto. Só mais um bocadinho...*

De repente, foi puxada para trás. Forest praguejou quando o vento soprou mais forte contra eles. O ar começou a picar-lhe os olhos, os pulmões. A distância entre ela e Roman aumentou novamente.

Tentou chamar por ele, mas a sua voz tinha desaparecido.

Ela estava a desvanecer-se.

A última coisa que se lembrava de ter visto era a nuvem verde a avançar pelo campo e a engolir Roman Kitt.

TUDO AQUILO QUE NUNCA DISSE

Iris acordou com uma dor de cabeça lancinante.

Abriu os olhos; a luz do fim de tarde brincava no seu rosto. Os ramos balançavam com a brisa por cima dela. Observou-os por instantes antes de perceber que estava rodeada de árvores e que o ar cheirava a folhas verdes, musgo e terra húmida.

Não fazia ideia de onde estava, e estendeu as mãos tocando em agulhas de pinheiro e folhas. E no tecido manchado do seu macacão.

— Kitt? — chamou, numa voz rouca. Custava-lhe falar e tentou engolir a farpa que tinha na garganta. — Attie?

Ouviu alguém a mexer-se ali perto; alguém que entrou no seu campo de visão, pairando sobre ela.

Pestanejou, reconhecendo o cabelo castanho ondulado, os olhos cor de avelã, o pontilhado das sardas. Tudo tão parecido com as suas próprias feições. Podiam ser gémeos.

— Forest — sussurrou, e ele pegou na mão dela, ajudando-a gentilmente a sentar-se. — Onde estamos?

O irmão ficou em silêncio, como se não soubesse o que dizer. Mas depois levou-lhe um cantil à boca.

— Bebe, Iris.

Ela bebeu uns goles. À medida que a água a inundava, começou a recordar. Lembrou-se de ter confundido o irmão com Roman e da sua determinação em arrastá-la para longe da vila.

— O Kitt — disse, empurrando o cantil para o lado. Estava preocupada, sedenta de respostas. — Onde é que ele está? Onde está o meu marido?

Forest desviou o olhar.

— Não sei, Iris.

Iris precisou de todas as suas forças para *manter a calma, manter a calma* enquanto dizia entre dentes:

— Viste-o no mercado. Ele estava a gritar por mim, não estava?

— Sim. — O tom de voz de Forest era neutro. Fixou os olhos dela, sem expressão.

— Porque não me disseste quem eras, Forest? Porque não esperaste pelo Kitt?

— Era demasiado arriscado, Iris. O meu único plano era tirar-te de lá em segurança. — Ela começou a levantar-se. As pernas tremiam-lhe. — Senta-te, Pequena Flor. Precisas de descansar.

— Não me chames isso! — rosnou, estendendo a mão para o pinheiro mais próximo para se equilibrar. Pestanejou e estudou o que via à sua volta. O bosque estendia-se a perder de vista, e a luz parecia mais antiga, mais rica. Devia ser fim de tarde. Deu um passo em direção a oeste.

— Onde pensas que vais? — perguntou Forest, levantando-se.

— Vou voltar ao campo para encontrar o Kitt.

— Não, não vais. Iris, para com isso! — Estendeu a mão para lhe agarrar o braço e Iris afastou-se.

— Não me toques. — Lançou-lhe um olhar fulminante. Forest deixou cair a mão.

— Não podes voltar para lá, minha irmã.

— E não posso abandoná-lo. Ele ainda pode estar no campo.

— O mais provável é que não esteja. Ouve-me, Iris. Dacre já deve ter entrado em Avalon Bluff. Se nos vir, faz-nos prisioneiros. Estás a ouvir-me?

Ela caminhou para oeste. O seu coração batia forte, sofrendo com as possibilidades, quando tropeçou em algo macio. Fez uma pausa e olhou para baixo. Dois kits de emergência. Os dois que tinham faltado a Marisol.

Então tinha sido ele. O seu irmão tinha rondado o quintal e invadido a pensão, roubando dois dos kits e o macacão de Roman. Sentiu-se traída. Estava tão zangada que só lhe apetecia bater-lhe, gritar com ele.

Ele apareceu diante dela, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

— Muito bem, fazemos um acordo — começou ele. — Eu levo-te de volta ao campo para procurares o Kitt. Mas não podemos ir mais além; não nos podemos desviar para a vila. É demasiado perigoso. E depois de vasculharmos o campo, vais concordar em deixar-me levar-te para um sítio seguro. Vais seguir-me até casa. — Iris ficou em

silêncio, mas a sua mente estava a mil. — Concordas com as minhas condições, Iris? — perguntou Forest.

Ela acenou com a cabeça. Acreditava que Roman ainda estava no campo, à espera dela.

— Sim. Leva-me lá. Agora.

*

Chegaram ao campo ao anoitecer. Forest tinha razão; as forças de Dacre controlavam Avalon Bluff. Iris agachou-se entre as ervas, de olhos postos na vila. Havia fogueiras acesas e a música jorrava como uma torrente. O fumo ainda se erguia das cinzas, mas Dacre estava a festejar. A sua bandeira branca com o olho vermelho de *eithral* estava hasteada, agitando-se ao vento.

O gás já se tinha esfumado há muito. Como se nunca tivesse existido.

— Vamos ter de rastejar pelas ervas — disse Forest, com as palavras carregadas de tensão. — Parece que Dacre não está à espera de retaliação por parte das forças de Enva. Não vejo nenhuma sentinela, mas isso não quer dizer que não tenham posicionado atiradores furtivos. Avança muito devagar e mantém-te agachada. Estás a ouvir?

Ela acenou com a cabeça. Não olhou para o irmão. Estava demasiado concentrada no balançar das ervas batidas pelo vento. No lugar onde acreditava que Roman estaria.

Iam rastejando lado a lado. Iris avançava rapidamente pelo campo, mas sem fazer movimentos bruscos, como o irmão instruíra. Não estremeceu quando os caules lhe cortaram as mãos. Parecia ter passado um ano quando chegou ao lugar onde se tinha debatido com o irmão, horas antes. Reconheceu-o facilmente. As ervas estavam partidas, pisadas pelas suas botas.

Conteve a tentação de chamar por Roman. Permaneceu agachada, rastejando de barriga para baixo. As estrelas começavam a brilhar no céu. A música de Avalon Bluff continuava a ecoar, uma agressiva batida de tambores.

A luz estava quase a desaparecer. Iris semicerrou os olhos e procurou por ele entre as ervas.

Roman!

A sua respiração era superficial e dolorosa. O suor escorria-lhe da testa, mesmo depois de a temperatura descer. Procurou por ele, certa de que tinha sido ali que o vira pela última vez. Procurou, mas não

havia vestígios dele. Apenas o seu sangue, que manchava as ervas.

— Temos de ir, Iris — sussurrou Forest.

— Espera — implorou. — Eu sei que ele tem de estar aqui.

— Mas não está. Olha.

O irmão apontou para algo. Ela firmou a vista para o estudar: era um anel desenhado a toda a volta deles, que se tinham imobilizado na terra, ainda de rastos.

— O que é isto, Forest? — perguntou, ao descobrir mais manchas de sangue de Roman no chão. Parecia tinta derramada na luz escura.

— Temos de ir. *Agora* — sibilou ele, agarrando-a pelo pulso.

Ela não queria que ele lhe tocasse e afastou-se. A mão ainda lhe doía, tal como o pescoço. Tudo por causa dele.

— Só mais um minuto, Forest — suplicou. — Por favor.

— Ele não está aqui, Iris. Tens de confiar em mim. Eu sei mais do que tu.

— Como assim? — Mas ela tinha um pressentimento terrível. O seu coração batia como um colibri na sua garganta. — Achas que ele está em Avalon Bluff?

Tiros disparados ao longe. Iris assustou-se e coseu-se ainda mais à terra. Nova salva de tiros, e depois as gargalhadas.

— Não, ele não está lá — disse Forest, com os olhos a varrer a área circundante. — Garanto-te. Mas está na altura de irmos, como concordaste, minha irmã.

Ela olhou para as ervas uma última vez. A lua brilhava no céu, observando-a enquanto rastejava de volta para o bosque com o irmão. As estrelas continuavam a refulgir, indiferentes ao facto de a sua esperança se ter transformado em desespero.

*

Forest decidiu que acampariam no meio do bosque, onde a névoa se enrolava à volta das árvores. Iris arrepiou-se com a atmosfera envolvente e nunca saiu de perto da pequena fogueira que ele acendera.

Apesar de terem colocado vários quilómetros entre eles e Avalon Bluff, Forest ainda estava nervoso, como se esperasse que as forças de Dacre surgissem das sombras a qualquer momento.

Iris tinha inúmeras perguntas para lhe fazer, mas o ambiente entre eles estava tenso, por isso, mordeu a língua e aceitou a comida que ele

lhe deu — comida da cozinha de Marisol — apesar de ter um nó na garganta.

— Onde está o Kitt? — perguntou. — Disseste que sabias mais do que eu. Onde posso encontrá-lo?

— Não é seguro falar sobre isso aqui — disse Forest de forma concisa. — Devias comer e dormir. Amanhã temos uma longa caminhada pela frente.

Iris ficou calada, mas depois murmurou:

— Devias tê-lo deixado vir connosco.

— Estamos em *guerra*, Iris! — gritou Forest. — Isto não é um jogo. Não é um romance com um final feliz. Salvei-te, porque só tu é que me interessas e era só a ti que podia salvar. Entendes?

As palavras dele trespassaram-na. Tentou permanecer firme e reservada, mas sentia-se extremamente frágil naquele momento. A imagem de Roman a levantar-se do chão e a olhar para ela, assombrava-a.

Um soluço entrecortou-lhe a respiração. Enroscou-se e começou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos sujas. Tentou conter tudo dentro de si, empurrá-lo para o seu âmago, onde poderia lidar com tudo aquilo em privado. Mas era como se algo se tivesse partido dentro de si e as emoções comesçassem a jorrar.

Forest estava sentado à sua frente, num silêncio absoluto. Não a consolou; não a abraçou. Não lhe disse palavras ternas. Tudo coisas que teria feito no passado. Mas ficou perto dela e testemunhou a sua dor. E por entre as lágrimas, Iris só conseguia pensar: *Ele é como um estranho para mim agora.*

*

Forest estava paranoico com alguma coisa. No dia seguinte, obrigou Iris a levantar-se e a começar a andar bem cedo e, pela inclinação do sol, ela calculou que estavam a viajar para leste.

— Podíamos ir para a estrada — sugeriu ela. — Podíamos apanhar boleia de um dos camiões.

Acima de tudo, queria encontrar Attie e Marisol. Continuar a sua busca por Roman.

— Não. — A resposta de Forest foi brusca. Estugou o passo, olhando para trás para se certificar de que Iris ainda estava a segui-lo. Os galhos estalavam sob as suas botas. Iris notou que o macacão lhe assentava mal e perguntou-se como é que o facto lhe tinha passado despercebido até então.

— Então, vamos caminhar até Oath? — perguntou, um pouco trocista.

— Sim. Até ser seguro apanhar um comboio.

As horas seguintes foram passadas em silêncio, até o irmão estar pronto para acampar.

Talvez fosse ali que Forest lhe ia oferecer uma explicação.

Esperou em vão, porque o irmão permaneceu calado, sentado do outro lado da fogueira. Ela observou as sombras dançarem sobre o seu rosto magro e sardento.

Por fim, não aguentou mais.

— Onde está a tua companhia, Forest? O teu pelotão? Um tenente escreveu-me, a explicar que te juntaste a outra força auxiliar.

Forest ficou a olhar para as chamas, como se não a tivesse ouvido.

Onde está a tua farda?, acrescentou para si mesma, perguntando-se porque é que ele se tinha dado a tanto trabalho para roubar um dos macacões de Roman. Embora fosse cada vez mais evidente que o seu irmão era um desertor.

— Morreram — respondeu ele, de repente. — Todos. — Atirou outro galho para a fogueira antes de se deitar de lado. — Podes fazer a primeira vigília.

Ela sentou-se em silêncio, com a mente acelerada. Estaria a falar da Quinta Companhia de Landover? A que tinha sido massacrada em Lucia River?

Não achou que fosse correto pressioná-lo para que esclarecesse a questão, por isso pensou noutras coisas.

Attie e Marisol provavelmente tinham fugido no camião. Deviam estar a seguir para leste. Iris sabia que acabaria por as encontrar em River Down, com a irmã de Marisol.

Mas não tinha a certeza sobre o destino de Keegan.

Não tinha a certeza sobre o destino de Roman.

Doía-lhe o estômago. Tudo dentro de si doía.

A fogueira começou a apagar-se.

Iris levantou-se e limpou as agulhas de pinheiro das costas, à procura de mais lenha para juntar à fogueira. Encontrou um galho nos limites da escuridão, e um arrepio percorreu-lhe a espinha quando regressou ao acampamento para alimentar o fogo.

Forest estava acordado, e olhava para ela por cima das faíscas.

Ao princípio, o seu olhar assustou-a, até que ela voltou a sentar-se. O irmão fechou os olhos. Percebeu que ele pensava que ela estava a tentar fugir.

Querido Kitt,

voltei ao campo à tua procura. Rastejei pelo manto dourado, senti as ervas a cortarem-me as mãos. Esforcei os olhos para te ver e só encontrei vestígios do teu sangue e um círculo na terra que não consigo explicar.

Estás a salvo? Estás bem?

Não sei o que aconteceu depois de o meu irmão me ter levado para longe de Avalon Bluff. Não sei se sobreviveste ao gás, e embora pareça impossível, sinto que sobreviveste. Sinto que estás sentado num lugar seguro, enrolado num cobertor a bebericar uma tigela de sopa, e o teu cabelo está ainda mais emaranhado do que antes, quase selvagem. Mas estás a respirar debaixo da mesma lua, das mesmas estrelas, do mesmo sol que eu, mesmo que os quilómetros cresçam entre nós.

Apesar de toda a esperança, o meu medo é mais agudo. É uma faca nos meus pulmões, que me corta um pouco mais, um pouco mais fundo a cada respiração. Tenho medo de nunca mais te ver. Tenho medo de não ter a oportunidade de te dizer tudo o que nunca te disse.

Não tenho a minha máquina de escrever. Nem sequer tenho papel e caneta. Mas tenho os meus pensamentos, as minhas palavras. Elas já me ligaram a ti, e rezo para que te alcancem agora. Seja de que maneira for. Um velho traço de magia no vento.

Encontrar-te-ei quando puder.

Tua,

Iris

No quarto dia de viagem com Forest, a estrada surgiu à sua frente. Iris tentou conter o entusiasmo, mas deve ter sido evidente quando sugeriu que a percorressem.

— Vai ser mais rápido, Forest — disse.

Ele limitou-se a abanar a cabeça, como se não quisesse ser visto por mais ninguém para além dela. Fez questão de se embrenhar ainda mais no bosque. E embora conseguissem ouvir os camiões a passar, Iris não os conseguia ver.

Attie e Marisol.

Os seus nomes percorreram-na como uma promessa. Contava que Attie não tivesse esperado demasiado tempo por ela, que tivesse pressentido a terrível verdade — que ela e Roman não vinham —

quando os minutos continuaram a passar sem que eles aparecessem. Ou talvez Attie tivesse encontrado Roman, e estivessem todos juntos.

Encontramo-nos em River Down, pensou Iris, enquanto via o vento a sussurrar por entre as árvores. *Segue em frente, Attie. Não abrandes por minha causa. Não te preocupes comigo.*

Naquela noite, Forest moveu-se lentamente enquanto acendia a fogueira, como se estivesse ferido, e quando manchas de sangue começaram a surgir no peito do macacão, Iris deu um salto.

— Forest... estás a sangrar.

Ele olhou para baixo, para as manchas vermelhas. Estremeceu, mas fez-lhe sinal para não se preocupar.

— Não é nada, Iris. Come o jantar.

Ela aproximou-se dele, com a consternação a eclipsar-lhe os pensamentos.

— Deixa-me ajudar-te.

— Não, está tudo bem, Iris.

— Não me parece *bem*.

— Já vai passar.

Ela mordeu a língua, quando o viu tocar no sangue.

— Não sabia que estavas ferido. Devias ter-me dito.

Forest fez uma careta.

— São feridas antigas. Nada de preocupante. — Mas a sua voz estava entrecortada, e ela ficou muito preocupada com ele.

— Senta-te — disse-lhe. — Vou preparar o teu jantar.

Para seu alívio, Forest deu-lhe ouvidos. Acomodou-se perto da fogueira, com os ombros curvados como se estivesse a tentar controlar a dor.

Iris abriu uma lata de feijão e pegou numa fatia de queijo do kit. Lembrou-se de Marisol, e os seus olhos ardiam quando entregou a comida ao irmão.

— Toma. Come isto, Forest.

Ele aceitou a oferta. Os seus movimentos eram agitados, como se a dor no peito fosse avassaladora. O olhar de Iris dirigiu-se para a garganta do irmão, para a gola aberta do macacão. Conseguiu ver um brilho de ouro à volta do pescoço dele.

Fez uma pausa. Os seus olhos estreitaram-se, observando o fio a

brilhar à luz da lareira.

Era o medalhão da mãe. O que Iris usava desde a sua morte.

— Forest — disse, num sussurro. — Onde o encontraste? — Estendeu a mão para tocar no fio, mas Forest recuou para longe dela, com o rosto pálido.

Não disse nada, limitando-se a olhar fixamente para ela.

Iris perdera-o nas trincheiras. Quando a explosão da granada a atirara ao chão.

Perdera-o nas trincheiras, o que significava que Forest tinha estado lá. Tinha-o encontrado depois de ela ter batido em retirada, e a verdade revelou-se com um golpe brutal e frio nas costelas.

Iris desafiou o olhar raiado de sangue do irmão.

Por fim, compreendeu a sua hesitação em ser visto pelo exército de Enva, a sua preocupação constante. O porquê de ter roubado o macacão de Roman. O porquê de andar fugido. O porquê de nunca lhe tinha escrito.

Ele estivera a lutar por Dacre.

— Forest — sussurrou. — *Porquê?* Porquê Dacre?

Ele levantou-se a tremer.

Ela permaneceu de joelhos, a olhar para o irmão, incrédula.

— Tu não compreendes, Iris — disse ele.

— Então, ajuda-me! — gritou, abrindo os braços. — Ajuda-me a compreender, Forest!

Mas ele virou costas sem dizer mais nada.

Iris ficou a vê-lo fundir-se com a noite.

A sua respiração tornou-se irregular quando se deitou de bruços no chão.

*

Ele virou costas, mas não tardou a voltar para ela.

Iris estava deitada junto à fogueira quando ele regressou ao acampamento. Tinha os olhos fechados, mas ouviu-o a acomodar-se para dormir do outro lado das chamas.

Suspirou.

Iris tentou imaginar o que o irmão tinha suportado. Perguntou-se que outras feridas estaria ele a esconder.

Querido Kitt,

devia ter percebido que o meu irmão não eras tu. Devia ter percebido assim que ele pegou no meu braço. O seu toque era demasiado duro, demasiado firme. Como se tivesse medo que eu lhe escapasse por entre os dedos. Não devia ter aceitado a máscara. Devia ter insistido para que as dêssemos aos soldados que realmente precisavam delas, usando-as para retirar os sobreviventes do gás. Devia ter insistido para que o meu irmão parasse com a sua corrida frenética. Devia ter olhado para trás.

Estou destroçada, cheia de contradições.

Gostava de ser corajosa, mas tenho tanto medo, Kitt.

*

Apanharam um comboio, mas não sem antes Forest ter tirado um dia para lavar o macacão num rio. Iris viu o seu peito nu enquanto esfregava o sangue da roupa. Viu as cicatrizes na sua pele. Pareciam ferimentos antigos, apesar de terem sangrado na outra noite. Contou três, sem conseguir sequer imaginar qual teria sido a sensação de ser alvejado por aquelas balas.

Quando o macacão ficou limpo e seco, entraram numa vila do outro lado do bosque. Para qualquer observador eram apenas dois correspondentes de guerra de regresso a Oath. Forest segurou-lhe a mão, com a palma pegajosa. Iris teve uma sensação arrepiante de que ele temia que ela fugisse.

Mas ela não fugiu.

Tinha-lhe dado a sua palavra, e ele devia-lhe mais respostas.

Sentou-se à frente dele no compartimento do comboio. E enquanto olhava pela janela, vendo a paisagem a passar num borrão... pensou nas cicatrizes de Forest. Uma logo abaixo do coração. Uma na zona do fígado. Uma ainda mais abaixo, nos intestinos.

Tinham sido feridas fatais.

Ele deveria estar morto.

Não devia estar aqui com ela, a respirar o mesmo ar.

Iris não sabia como é que ele tinha sobrevivido.

Querido Kitt,

nunca te disse como fiquei aliviada ao descobrir que eras o Carver.

Nunca te disse o quanto adorava aquelas corridas matinais contigo.

Nunca te disse o quanto gostava de te ouvir dizer o meu nome.

Nunca te disse quantas vezes reli as tuas cartas, e como agora me sinto

agoniada por saber que estão perdidas, espalhadas algures na pensão da Marisol.

Nunca te disse que te tenho em grande consideração, que quero ler mais das tuas palavras, que acho que devias escrever um livro e publicá-lo.

Nunca te agradei por teres ido para a linha da frente comigo. Por te teres colocado entre mim e a granada.

Nunca te disse que te amava. E arrependo-me disso, acima de tudo.

*

Oath estava exatamente como ela a tinha deixado.

As ruas estavam cheias de gente, o pavimento brilhava com a chuva recente. Os elétricos faziam o seu percurso, com os sinos a tocar. Os edifícios eram altos e as sombras frias. O ar cheirava a caixote do lixo e a bolos quentes.

A guerra parecia distante, não mais do que um sonho.

Iris seguiu o irmão até ao apartamento.

Estava exausta. Há dias que viajavam quase em silêncio, e isso tinha-a desgastado. Ainda não lhe tinha falado da mãe. De repente, as palavras reverberaram-lhe no peito, ansiosas por sair.

— Forest. — Agarrou-lhe na manga, obrigando-o a parar no passeio em frente ao prédio. — Preciso de te dizer uma coisa. — Ele esperou, com os olhos postos no rosto dela. Começou a cair uma chuva miúda. A névoa espalhava-se nos seus cabelos, acumulava-se nos seus ombros. Era fim de tarde e os candeeiros começaram a acender-se. — A mãe não está aqui.

— Onde é que ela está?

— Ela faleceu, há algumas semanas. Foi por isso que deixei Oath. Foi por isso que me tornei correspondente. Não havia mais nada para mim aqui.

Forest ficou em silêncio. Iris atreveu-se a olhar para o seu rosto. Receava encontrar culpa nos seus olhos, mas o irmão limitou-se a suspirar e a puxá-la para si. Rígida, deixou que os braços dele a envolvessem num amplexo caloroso. Ele pousou o queixo na cabeça dela e ficaram entrelaçados até a última luz desaparecer.

— Vamos — disse ele, largando-a quando a sentiu tremer. — Vamos para casa.

Iris encontrou a chave suplente, escondida atrás de uma pedra solta no lintel. Estava relutante em ser a primeira a entrar na escuridão vazia do apartamento. Deu essa honra a Forest, que

imediatamente levou a mão ao interruptor da luz.

— Não há luz — murmurou ele.

— Há velas no aparador. À tua esquerda — disse Iris, fechando a porta atrás deles.

O irmão tateou no escuro e encontrou fósforos num dos kits de emergência. Riscou um e acendeu uma série de velas. A luz era fraca, mas suficiente.

Iris olhou para a sala.

O apartamento estava como ela se lembrava, só que mais poeirento. Havia mais teias de aranha penduradas nos cantos e cheirava a mofo e a tristeza, a papel estragado, a lã encharcada e a memórias em decomposição.

A caixa com os pertences da mãe ainda estava sobre a mesa de chá. Forest reparou, mas não lhe tocou e não disse nada quando se deixou cair no sofá com um gemido.

Iris permaneceu de pé, sentindo-se estranhamente deslocada.

— Queres sentar-te? — perguntou Forest.

Ela entendeu que era um convite para falarem finalmente, e atravessou a sala para se sentar ao lado dele.

O silêncio era estranho. Iris estalou os nós dos dedos, sem saber o que dizer. Ainda tinha as mãos cobertas de pequenas lacerações, de quando rastejara pelos escombros de Avalon Bluff e pelas ervas do campo.

Olhou para a sua aliança de prata. De uma forma terrível, sentiu que Roman não passava de um sonho febril. Aquela aliança era a única prova que tinha, a única coisa tangível que lhe sussurrava: *Sim, aconteceu, e ele amava-te.*

Forest, felizmente, quebrou o silêncio.

— Encontrei o medalhão nas trincheiras — começou. — Integrava as forças de Dacre. Estávamos a avançar e quase passei por cima dele. O brilho do ouro chamou-me a atenção no último instante, e parei para ver o que era. — Fez uma pausa, puxando um fio solto da manga. — Assim que o reconheci, soube que o tinhas usado, Iris. Isso causou-me uma dor inimaginável. Estava decidido a encontrar-te e a escaparmos os dois da guerra. Estava... Estava *tão* cansado e exausto. Precisei de todas as minhas forças para me libertar do comando de Dacre. Se não fosse o medalhão, acho que não teria conseguido.

Iris manteve-se em silêncio. Observava atentamente o irmão à luz

das velas. A emoção que ele tinha enterrado durante vários dias começava a despertar. Conseguia ouvi-la na sua voz, via-a nas rugas profundas da sua testa.

— A minha missão era encontrar-te — prosseguiu Forest, em surdina. — Foi surpreendentemente fácil. Depois de desertar, fugi para Avalon Bluff. Ouvi dizer que era onde estavam os correspondentes e foi então que me apercebi. Não estavas a lutar como soldado, mas como repórter. Mas não podia simplesmente chegar ao pé de ti e anunciar-me. Sabia que teria de esperar pela melhor oportunidade; que muito provavelmente teria de esperar até a situação piorar, quando Dacre tentasse tomar a vila. E foi isso que fiz. Deixei-me ficar pelas redondezas, mas sempre vigilante. Vi-te naquela tarde, no quintal, com o Kitt.

Iris corou. O irmão tinha-a visto ao colo de Roman, a beijá-lo. Não sabia o que pensar disso.

— Sei que ele é muito importante para ti, Iris — sussurrou Forest. — E sinto muito, Pequena Flor. Lamento não ter podido salvá-lo como te salvei. Mas preciso que entendas que precisei de *cada* fibra do meu ser para abandonar, para desafiar o comando de Dacre. Precisei de todas as minhas forças para te levar para um lugar seguro.

Forest olhou para a irmã, que desviou o olhar, incapaz de suportar a dor nos olhos dele.

— Não foi por vontade própria que lutaste por Dacre? — perguntou.

— Não.

— Eu... não entendo, Forest. Recebi notícias de que tinhas sido ferido, mas retirado a tempo. Que estavas a lutar com outra companhia de Enva.

— Em parte, isso é verdade — respondeu Forest. — Fui ferido em Lucia River, e fiquei em estado tão grave que era suposto morrer na enfermaria de Meriah. Aguentei durante dias, demasiado fraco para ser retirado, e quando Dacre entrou em Meriah... curou-me, quando eu estava às portas da morte. Mas obrigou-me a pagar a dívida da minha vida, e não tive opção senão combater por ele.

Aquelas palavras deixaram-na gelada. De repente, suscitaram pensamentos estranhos na sua mente. Imagens de Roman, ferido. A lutar para respirar na nuvem de gás que o tinha invadido no campo. Preferia-o morto ou levado pelo inimigo?

— Eu fiz coisas, Iris — continuou Forest, trazendo-a de volta ao presente. — Fiz coisas com as quais mal consigo viver. E sei que podes

querer deixar-me. Vejo-o nos teus olhos; queres encontrar o Kitt e as tuas amigas. Mas eu preciso de ti. Estou a pedir-te que fiques aqui comigo, onde é seguro.

Ela acenou com a cabeça, embora sentisse um vazio no coração.

— Não te vou deixar, Forest.

Ele fechou os olhos, aliviado.

Parecia ter envelhecido uma década. Iris teve um vislumbre fugaz dele como um homem velho, desgastado e sombrio.

— Dorme um pouco, meu irmão — disse. — Podemos continuar a falar amanhã.

Levantou-se e deixou Forest no sofá. No mesmo sítio onde ele dormia antes da guerra, quando era aprendiz de relojoeiro, com olhos brilhantes, um riso fácil e abraços de urso que faziam sempre com que Iris se sentisse melhor depois de um dia difícil.

Pegou numa vela e retirou-se para o seu quarto, encostando-se à porta por instantes. Tinha de pôr de lado os medos de ver Roman capturado. Roman morto. Roman a sofrer. Precisava de ter fé e precisava de dormir. Precisava de ter a mente alerta e o corpo descansado para poder delinear um novo plano para chegar até ele.

Absorveu a verdade desolada de que estava de volta ao ponto de partida. Embora estivesse «em casa», sentia-se como uma estranha entre aquelas paredes. Sentia-se uma pessoa completamente diferente. Iris fechou os olhos e ficou a ouvir a chuva a bater na janela.

Lentamente, observou o seu antigo quarto.

Os cobertores da cama estavam amarrotados. Os livros estavam espalhados por cima da secretária, que estava coberta de tecido. A porta do roupeiro estava aberta, revelando um vislumbre das roupas que ela tinha deixado para trás.

E ali, no chão, estava um pedaço de papel.

Iris ficou paralisada, a olhar para ele.

Tinha-o deixado ali, intocado. Tinha optado por não o ler há meses, receando que Carver alterasse o rumo que ela estava determinada a seguir.

Aproximou-se do papel dobrado. Baixou-se e apanhou-o do chão, levando-o consigo para a cama. Pôs a vela de lado, com a luz a tremeluzir à sua volta.

Iris olhou para o papel, e pensou em aproximá-lo da chama para o queimar. Não sabia se tinha forças suficientes para o abrir. Receava

que a leitura das suas palavras a arrasasse por completo.

No final, não conseguiu resistir.

O papel desdobrou-se como asas nas suas mãos.

As palavras cortaram-na como uma lâmina.

Curvou-se sobre elas.

Iris! Iris, sou eu, o Kitt.

EPÍLOGO

DACRE

Dacre esperou que os seus *eithrals* se retirassem pela segunda vez antes de iniciar a sua aproximação a Avalon Bluff. As criaturas regressaram ao seu lugar de repouso subterrâneo, e ele caminhou pelo vale luxuriante, cheio de esperança.

O gás ascendeu, iluminando a vila de verde. Verde como as montanhas, como as esmeraldas que ele usava nos dedos. Verde como os olhos de Enva, que ele ainda via nalgumas das noites que dormia no reino inferior.

Os mortais tinham feito um bom trabalho ao criar aquela arma. Decidiu que não iria queimar a vila, porque tinha outros planos em mente.

Com um movimento gracioso dos dedos, deu o comando para os seus soldados se apressarem a saquear a vila. Às vezes, conseguiam encontrar bons candidatos. Outras, tinham menos sorte, e ele tinha de se contentar com seres desprovidos de ânimo.

O segredo era o seguinte: a força de vontade tinha de estar ainda presente no espírito. Normalmente, brilhava mais intensamente antes da morte. Os mortais eram frios ou quentes, as suas almas gelo ou fogo. Descobrira há muito que o gelo o servia melhor, mas de vez em quando o fogo conseguia surpreendê-lo.

Dacre optou por dar um longo passeio pela vila. O vento começava a soprar o gás para longe e seguiu no seu encalço até um campo dourado. Sentiu a alma cambaleante e ofegante antes de a ver. Era feita de gelo — um espírito frio e profundo como o Mar do Norte.

A alma atraía-o para mais perto dela. Os seus pés não produziam qualquer som, não deixavam qualquer pegada na terra, enquanto caminhava em busca do mortal moribundo.

Por fim, Dacre encontrou-o.

Um jovem de cabelo escuro rastejava pelas ervas. Dacre estava sobre ele, avaliando o que restava. O mortal tinha um minuto e 13 segundos até que os seus pulmões se enchessem de sangue e ele morresse. Havia também ferimentos na sua perna direita.

Dacre estava de bom humor. Caso contrário, poderia ter deixado aquele gelo derreter-se.

— Meu senhor? — Val, o mais forte dos seus servos, perfilava-se na sua sombra. — Meu senhor, estamos quase a controlar a vila, mas alguns dos camiões escaparam.

A notícia deveria ter enfurecido Dacre, e Val, claramente preparado para isso, encolheu-se quando o deus o encarou.

— Que assim seja — disse Dacre, de olhos postos no mortal ofegante no chão. O sangue escorria-lhe do queixo quando levantou a cabeça, de olhos fechados. Devia sentir a presença de Dacre. — Este aqui.

— Que devemos fazer com ele, meu senhor?

Dacre ficou em silêncio a observar o homem, que continuava a rastejar. O que procurava ele? Porque não se deitava e aceitava a morte? A sua alma estava tão angustiada, quase partida ao meio. Dacre estremeceu.

Mas podia sarar aquelas feridas. Afinal, era um deus misericordioso. O deus da cura. Este mortal, uma vez curado, iria enquadrar-se na perfeição no seu exército. Porque Dacre percebeu subitamente, deleitado, que aquele não era um soldado, mas um correspondente de guerra. E Dacre nunca tinha tido um daqueles.

— Leva-o para baixo.

Val curvou-se antes de desenhar um anel no chão, cercando o mortal. Uma maneira rápida de abrir um portal para o reino inferior.

Satisfeito, Dacre pôs os olhos no Oriente, no caminho que o levaria a Enva.



AGRADECIMENTOS

«Uma rapariga que escreve cartas ao irmão desaparecido e o rapaz que as lê.» Escrevi esta frase no meu diário de ideias a 20 de novembro de 2020, sem saber onde me levaria. Se este mote aliciante teria magia suficiente para ganhar asas e se tornar um romance. E aqui estamos nós, Iris e Roman. Sempre acreditei que os livros certos nos encontram nos momentos certos, enquanto leitores e enquanto escritores, e nunca me vou esquecer disso.

Que viagem tem sido este romance, desde as suas origens como uma ideia perdida no meu diário até ao produto final que agora têm nas vossas mãos, ou que ouvem ou que veem num ecrã. São inúmeras as pessoas que investiram o seu tempo, amor e experiência nesta história e em mim como escritora, e quero realçá-las nestas páginas.

Em primeiro lugar, ao Ben, a minha cara-metade. Estiveste comigo em todas as etapas deste romance, e estaria em falta se não reconhecesse aqui que me escreveste cartas de amor enternecedoras quando namorávamos. Quando eu estava nas montanhas do Colorado e tu nos campos dourados da Georgia. Não tínhamos máquinas de escrever encantadas, mas tínhamos papel, canetas e selos, e isso era toda a magia de que eu precisava. E mesmo agora, anos volvidos, continuas a deixar-me bilhetes aqui e ali que eu vou descobrindo pela casa. Amo-te.

À Sierra, por ser o melhor cão de guarda e por se certificar de que me levanto da secretária para ir passear. E ainda por se ter aninhado ao meu lado no sofá enquanto revia este livro.

Ao meu Pai Celestial, que continua a pegar nestes meus pequenos sonhos e a potenciá-los para além de tudo o que possa imaginar. Que me ama tal como sou, e que sempre me amou. Continuas a ser a força e a porção do meu coração.

À Isabel Ibañez, minha alma gémea e parceira de crítica. Leste este livro enquanto o escrevia, e as tuas ideias e notas transformaram a história de um rascunho confuso em algo de que hoje me orgulho imenso. Obrigada por todas as horas que dedicaste às minhas histórias e por me dares uma segunda casa em Asheville. És mesmo a maior.

À minha agente, Suzie Townsend. Não tenho palavras para

descrever o quanto estou grata por ti e por tudo o que fazes para tornar os meus sonhos realidade. Por seres a minha paladina e a minha rocha no oceano que é a publicação. Às fantásticas Sophia Ramos e Kendra Coet — obrigada por lerem os meus rascunhos e pelas vossas notas e incentivo, bem como por me manterem organizada. Um sincero agradecimento à Joanna Volpe e à Dani Segelbaum, que estiveram presentes para me orientar quando apresentei este livro. À Veronica Grijalva e à Victoria Hendersen, a minha equipa de direitos autorais, que ajudaram os meus livros a encontrar os melhores parceiros no estrangeiro. À Kate Sullivan, que leu este livro na preparação para a apresentação, e que tem sempre as melhores notas. À fantástica equipa da New Leaf — é uma honra para mim ser um dos vossos autores.

À Eileen Rothschild, a minha inigualável editora. É um enorme prazer trabalhar contigo nesta série e estou muito grata por teres adorado a história do Roman e da Iris. Obrigada por me ajudares a tornar esta história a melhor possível. À incrível equipa da Wednesday Books, com quem foi um prazer absoluto trabalhar nesta «duologia»: Lisa Bonvissuto, Alexis Neuville, Brant Janeway, Meghan Harrington, Melanie Sanders, Lena Shekhter, Michelle McMillian, Kerri Resnick. A minha eterna gratidão a Olga Grlic por ter desenhado uma belíssima capa. E um enorme agradecimento ao Angus Johnston pela revisão de texto.

À Natasha Bardon e à Vicky Leech — é uma honra para mim que esta história faça parte da Magpie Books, no Reino Unido. Trabalhar convosco e com a vossa equipa é um sonho tornado realidade.

Ao Leo Teti, que tem advogado pelos meus livros no mercado espanhol. Obrigada por ajudares as minhas histórias a encontrar leitores no estrangeiro e por me convidares a participar em tantas viagens fantásticas.

A Adalyn Grace, Isabel Ibañez, Shelby Mahurin, Rachel Griffin, Ayana Gray e Valia Lind, por terem tirado algum tempo das vossas agendas ocupadas para lerem uma cópia antecipada e fornecerem comentários fantásticos. À Adrienne Young e à Kristin Dwyer, por me terem incentivado inúmeras vezes e por me terem apoiado quando vos falei pela primeira vez deste livro.

Às livrarias locais independentes que foram e continuam a ser parte integrante do sucesso dos meus livros: Avid Bookshop em Athens, Little Shop of Stories em Decatur, The Story Shop em Monroe e The Inside Story em Hoschton. Obrigada por serem luz e magia nas nossas comunidades.

Dois livros foram extremamente úteis na minha pesquisa sobre a

guerra das trincheiras: *Warrior* de R. G. Grant e *World War I* de H. P. Willmott. Também quero agradecer a dois filmes que considerei profundamente comoventes, desoladores e atmosféricos: *1917* e *Testament of Youth*.

À minha família: a minha mãe, o meu pai e todos os meus irmãos. Aos meus avós, que continuam a inspirar-me diariamente, e aos clãs Ross, Wilson e Deaton. São vocês que me mantêm una e me tornam mais forte.

E aos meus leitores, por todo o amor e apoio que me têm dado a mim e aos meus livros. Sinto-me muito honrada por as minhas histórias fazerem parte das vossas vidas. Obrigada por embarcarem nesta viagem comigo.

NOTA EDITORIAL

Olá Seekers,

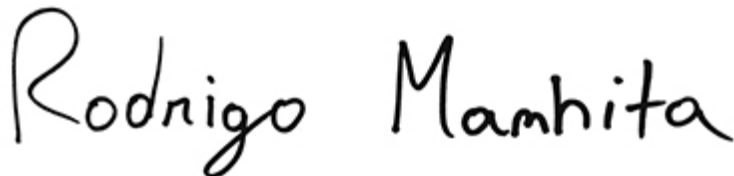
SIM! O livro do ano está entre nós. Como eu já disse mil vezes no meu Instagram e no escritório da Penguin: «Esta é a melhor contratação da minha carreira»!

Agora a sério, *Rivals Divinos* tornou-se o livro do momento por todo o mundo e eu não podia estar mais emocionado por ele se juntar ao catálogo da Secret Society. Este livro é uma prova da grandiosidade que temos planeada para este selo editorial e da importância do YA no cenário da literatura.

É tão bom ver uma história tão bonita e bem escrita, como a da Iris e do Roman, a chegar a tanta gente. Até porque existe um detalhe especial: as trocas mágicas de cartas são um pouco como estas notas editoriais, e os livros da Secret Society. Uma troca fantástica entre pessoas apaixonadas por livros.

P.S. O Roman é o nosso Roman Empire!

Com amor,

A handwritten signature in black ink that reads "Rodrigo Mamhita". The script is fluid and cursive, with the first letter of each name being capitalized and prominent.

O editor da Secret Society

RODRIGO MANHITA

Headmaster of the Secret Society

Diretor Criativo

RODRIGO MANHITA

Seeker in chief

Editor

INÊS MARTINS

Executive Seeker

Assistente Editorial

PEDRO PÓVOA

Specialist Seeker of Translation

Tradutor

MANUELA DUARTE

Expert of Mistake Seeking

Revisora

ÁGATA VENTURA

Manager of Format Seeking

Paginadora



SEEK THE BUTTERFLY



SABE TUDO EM:

seekthebutterfly.pt

O QUE É A SECRET SOCIETY?

E se houvesse um lugar que te servisse de refúgio quando o mundo te desilude? Arriscarias tudo para o descobrir?

Conseguirias partir numa aventura e esquecer tudo aquilo que pensas ser? Terias a coragem de te aventurares em novos mundos e te transformares no que quiseses? Pertenceres a uma nova sociedade?

Shhhh!
Txuuu-tss Txuuu-tss

Ouves este som?

É o bater das asas de uma borboleta, um animal delicado e corajoso, que desafia a gravidade e escolhe perfurar o vento.

Prepara-te. Chegou o teu momento. Larga tudo. Esquece o que te prende e corre. Voa pela imensidão do mundo e procura as borboletas.

Permite-te entrar noutros universos. Descobrir lugares só teus, onde podes ficar o tempo que desejares, como desejares. As borboletas são a tua passagem para novos mundos.

Entra na Secret Society e arrisca-te a ser Seeker!



A Secret Society é o selo editorial YA (Young Adult) da Penguin Random House Grupo Editorial em Portugal. É a casa de nomes magníficos como Adam Silvera, Holly Black, Nina LaCour, Tahereh Mafi e mais.

Somos uma marca distinta, inovadora, diversa. Temos uma narrativa única e um universo em constante expansão, onde queremos que te aventures, percas e descubras vezes sem conta.

Mas não queremos ser só isso.
Não somos apenas a casa de livros incríveis.

SOMOS A TUA CASA.

SOBRE ESTE LIVRO

NENHUM DEUS OU GUERRA PODE METER-SE ENTRE ELES.

Dois rivais. Duas histórias. Dois corações. Centenas de cartas. Uma conexão mágica. Um só destino.

Um épico enemies to lovers, com toques de fantasia, e um amor que promete sobreviver a tudo... incluindo, a deuses em guerra.

«Um romance intenso e uma angustiante exploração dos horrores da guerra...

Com uma construção de mundo engenhosa, personagens complexas e uma narrativa plena de tensão.»

Publishers Weekly

SOBRE A AUTORA

Rebecca Ross é autora de romances de fantasia para jovens e adultos. Vive na Georgia (EUA) com o seu marido, um cão Pastor Australiano e muitas pilhas de livros. Quando não está a escrever, está a ler ou a passar tempo no seu jardim, onde nascem flores e ideias para novas histórias. Encontra-a em [@beccajross](#).